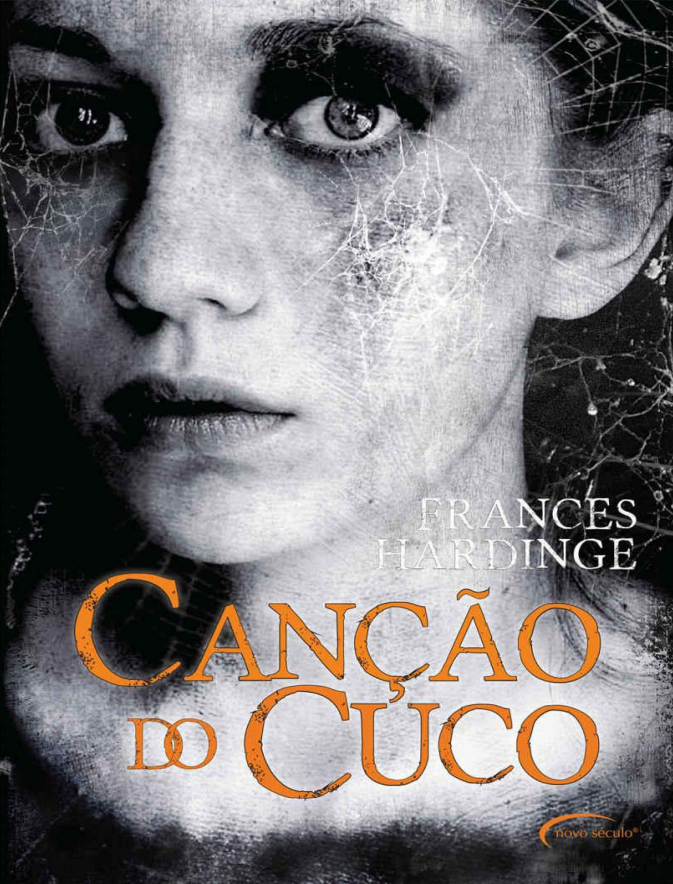




FRANCES
HARDINGE

CANÇÃO
DO CÚCO

novo século®

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





FRANCES
HARDINGE

CANÇÃO DO CUCO

tradução
Caio Pereira



Canção do Cuco (Cuckoo Song)

Copyright © 2014 by Frances Hardinge

First published 2014 by MacMillan Children's Books, a division of MacMillan Publishers Limited

GERENTE EDITORIAL
Lindsay Gois

Vitor Donofrio

EDITORIAL
João Paulo Putini
Nair Ferraz
Rebeca Lacerda

GERENTE DE AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale
ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES
Acácio Alves

TRADUÇÃO
Caio Pereira

PREPARAÇÃO
Samuel Vidilli

DIAGRAMAÇÃO
Vitor Donofrio

REVISÃO
Gabriel Patez Silva

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Vitor Donofrio

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hardinge, Frances
Canção do cuco
Frances Hardinge; [tradução Caio Pereira]
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

Título original: Cuckoo song

1. Ficção de suspense 2. Ficção inglesa 3. Literatura juvenil I. Título.

15-06057

CDD-8238

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense: Literatura Inglesa 823

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

E-ISBN: 978-85-428-0633-5



A Dylan, meu sobrinho e afilhado.
Que você possa sempre relevar a insensatez
deste mundo com a mesma calma e doçura.

A cabeça doía. Um som moía sua mente, um raspar sem melodia, como o farfalhar de papel. Alguém pegara uma risada, amassara-a numa grande bola irregular e usara para rechear o crânio dela. Sete dias, dizia rindo. Sete dias.

– Para – ela resmungou.

E parou. O som desvaneceu, até que mesmo as palavras que ela pensava ter ouvido sumiram de sua mente feito vapor no vidro.

– Triss? – Ouviu outra voz, que soou muito mais alta e próxima do que a dela, a voz de uma mulher. – Ah, Triss, meu amor, tá tudo bem. Eu estou aqui.

Acontecia alguma coisa. Duas mãos quentinhas envolveram a dela, como um ninho.

– Não deixe que riam de mim – ela sussurrou.

Engoliu saliva e sentiu a garganta seca e rugosa.

– Não tem ninguém rindo de você, querida – disse a mulher, sua voz tão sussurrada e gentil que era mais um suspiro.

Ouviu murmúrios de preocupação um pouco mais distantes. As vozes de dois homens.

– Ela continua delirando? Doutor, pensei que você tinha dito que...

– Só um sonho interrompido, acho. Veremos como está Theresa quando ela acordar de vez.

Theresa. Meu nome é Theresa. Sim, ela sabia, mas era como uma palavra comum. Ela não parecia saber o que significava. Meu nome é Triss. Esse soava um pouco mais natural, como um livro aberto numa página familiar. A garota conseguiu abrir um pouco os olhos; ardeu de leve por causa da luz. Estava numa cama, apoiada num monte de travesseiros. Sentiu como se fosse muito ampla, coberta de rochas pesadas, e foi uma surpresa ver-se esticada em seu tamanho normal sob a colcha e a coberta.

A mulher sentada ao seu lado segurava sua mão com carinho. Seus cabelos negros eram curtos e ajustados à cabeça, moldados em ondas firmes, brilhantes. Um floreado sutil de pó cobria suas bochechas, abafando as linhas cansadas dos cantos dos olhos. As contas azuis de vidro do colar da mulher captavam a luz que atravessava a janela, cintilando pequenos diamantes na pele branca do pescoço e embaixo do queixo.

Cada centímetro daquela mulher era dolorosamente familiar e, entretanto, desconhecido, como um mapa para o lar já quase esquecido. Uma palavra desceu, vagando de algum lugar, e a mente entorpecida de Triss conseguiu capturá-la.

– Ma... – ela começou.

– Isso mesmo, a mamãe tá aqui, Triss.

Mamãe. Mãe.

– Ma... ma... – Só consegui verter um resmungo. – Eu... não...

Triss perdeu a frase, incapaz. Não sabia o que não, mas receava a intensidade desse não.

– Tudo bem, fofinha. – A mãe apertou-lhe de leve a mão e sorriu gentilmente. – Você andou doente de novo, só isso. Teve febre, então é normal se sentir cansada e meio confusa. Lembra-se do que aconteceu ontem?

– Não.

O dia anterior era um imenso buraco negro, e Triss sentiu um assomo de pânico. Será que conseguiria lembrar-se de alguma coisa?

– Você chegou em casa encharcada. Lembra-se disso?

A cama rangeu quando um homem veio e sentou-se do outro lado. Tinha um rosto comprido, forte, com rugas entre as sobrancelhas, como se sempre se concentrasse em tudo com muito afinho, e os cabelos eram loiros-claros. A voz era gentil, no entanto, e Triss sabia que partia dele um olhar todo especial, o qual apenas ela recebia. Pai.

– Achamos que você caiu no Grimmer.

A palavra “Grimmer” fez Theresa sentir-se fria e trêmula, como se alguém houvesse esfregado pele de sapo em seu pescoço.

– Eu... não me lembro.

Ela queria mesmo era fugir desse pensamento.

– Não a pressione. – Havia outro homem em pé, aos pés da cama. Era mais velho, tinha uma mecha de cabelo sem cor penteada curva um centímetro acima da pele rosada, e sobrancelhas grisalhas espalhadas para todo canto. As veias das mãos tinham o aspecto inchado e gosmento que evidenciava idade avançada. – As crianças brincam perto da água; sempre fazem isso. Deus sabe que eu vivia perto dos riachos quando era pequeno. Agora, mocinha, você deixou seus pais muito preocupados, passou a noite toda com febre alta, não sabia quem eles eram. Suponho que agora já saiba muito bem quem eles são.

Triss hesitou e fez que sim com a cabeça pesada. Reconhecia o cheiro. Cinza de cachimbo e pó de arroz.

O médico assentiu sabiamente, e tamborilou os dedos na beirada da cama.

– Como se chama o rei? – disparou, ávido.

Triss deu um pulo, e ficou exasperada por um instante. Então lembranças das cantigas escolares infantis nadaram obedientes para dentro de sua mente. Um senhor é rei, um rei é George, um George é Quinto...

– George Quinto – ela respondeu.

– Muito bem. Onde estamos agora?

– Na antiga casa de pedra, em Lower Bentling – Triss respondeu, com crescente confiança. – Perto do lago de pesca do rei. – Reconheceu o cheiro do lugar: paredes úmidas, mais o perfume delicado de três gerações de gatos velhos e doentes. – Estamos aqui de férias. Nós... nós vimos aqui todo ano.

– Quantos anos você tem?

– Onze.

– E onde mora?

– The Beeches, Praça Luther, Ellchester.

– Muito bem. Melhorou bastante. – O homem abriu um sorriso amplo, caloroso, como se tivesse genuíno orgulho dela. – Veja, você andou bastante doente, por isso imagino que está sentindo a cabeça como se estivesse cheia de algodão, não está? Bom, fique tranquila. Ao longo dos próximos dias, seu bom humor vai voltar para a casa, digamos, com o rabinho entre as pernas. Já está se sentindo melhor, não está?

Triss fez que sim, lentamente. Não tinha mais ninguém rindo dentro da cabeça dela. Havia ainda um delicado farfalhar, mas bastou olhar para o outro lado do cômodo, para a janela oposta, para facilmente deduzir quem era o culpado. Um galho mais baixo estava prensado no batente, pesado devido aos montes de maçãs verdes, suas folhas afagando o vidro toda vez que o vento o chacoalhava.

A luz entrava entrecortada, vacilante, partida em mosaico pela folhagem. O cômodo em si estava tão verde quanto as folhas. Coberta verde sobre a cama, paredes verdes cheias de pequenos diamantes cor de creme, toalhas quadradas de um verde espalhafatoso sobre as mesas de madeira escura. Não havia gás aceso; as lamparinas brancas redondas da parede não mostravam sinal de vida.

E foi somente então que, ao olhar ao redor com mais minúcia, que a garota percebeu que havia uma quinta pessoa no quarto, espreitando junto à porta. Era outra menina, mais nova que Triss, cabelo escuro frisado, quase uma versão em miniatura da mãe. Contudo, havia algo de muito especial em seus olhos, frios e rígidos como os de um sapo. Ela segurava a maçaneta da porta como se quisesse girá-la, e o maxilar estreito não parava no lugar, fazendo ranger os dentes.

A mãe olhou para trás, para acompanhar o olhar de Triss.

– Ah, olha, a Penny veio ver você. Pobre Pen... Não comeu quase nada desde que você ficou doente, de tanta preocupação. Entre, Pen, vem aqui sentar perto da sua irmã...

– Não! – gritou Penny, tão subitamente que todos deram um pulo de susto. – Ela tá fingindo! Vocês não veem? É *fingimento*! Ninguém vê a diferença?

O olhar da menina estava fixado no rosto de Triss com uma expressão de estilhaçar rocha.

– Pen. – Havia um tom de admoestação na voz do pai. – Entre aqui agora e...

– NÃO!

Pen parecia estar louca, desesperada, os olhos escancarados como se estivesse pronta para morder alguém. Saiu às pressas porta afora. Os passos rápidos foram ecoando, sumindo na distância.

– Não vá atrás – sugeriu o pai gentilmente à mãe, que começara a levantar-se. – Assim você a “recompensa” dando atenção, lembra do que disseram?

A mãe suspirou, cansada, mas tornou a sentar-se, obediente. Notou que Triss apoiara-se nos cotovelos, quase tampando os ouvidos, fitando a porta aberta.

– Não liga pra ela – disse gentilmente, acariciando a mão da filha. – Sabe como ela é.

Sei mesmo? Se como ela é?

É a minha irmã, Penny. Pen. Tem nove anos. Costumava ter amigdalite. O primeiro dente de leite caiu quando ela foi morder alguém. Têve um periquito, mas esqueceu de limpar a gaiola, e ele morreu.

Ela mente. Ela rouba. Ela grita e atira coisas. E... e ela me odeia. Odeia de verdade. Posso ver nos olhos dela. E não sei por quê.

Por um momento, a mãe ficou ao lado da cama e fez Triss ajudá-la a cortar moldes para um vestido com uma enorme tesoura de cabo de casco de tartaruga que retirara de uma caixa de costura que insistia em trazer nas férias. As tesouras deslizavam com um barulhinho baixo e gutural, como se apreciassem cada centímetro.

Triss sabia que adorava aplicar padrões ao tecido, cortá-lo para então ver os pedaços de fazenda lentamente comporem uma forma, eriçados de alfinete e guarnecidos de bainhas de beirada irregular. Os modelos vinham com fotos de moças em tom pastel, algumas de casaco comprido e chapéus de belo formato, outras com turbantes e vestidos longos que caíam retos feito pendões. Todas jaziam lânguidas, como se fossem bocejar do modo mais elegante possível. Sabia

que era um regalo poder ajudar a mãe na costura. Era a diversão usual, notara, para quando ficava doente.

Naquele dia, contudo, suas mãos estavam bobas e estabanadas. As grandes tesouras pareciam impossivelmente pesadas e vacilavam na mão dela, quase como se dançassem, rebeldes, entre seus dedos. Depois da segunda vez em que quase pegara os próprios nós dos dedos entre as lâminas, a mãe as pegou de volta.

– Ainda não está muito bem, não é, querida? Por que não lê uma revistinha?

Havia cópias intactas de Sunbeam e Golden Penny na mesa de cabeceira.

Entretanto, Triss não conseguiu concentrar-se nas páginas à sua frente. Ficara doente outras vezes, sabia disso. Muitas, muitas vezes. Porém sabia que jamais acordara com essa terrível vagueza.

O que tem de errado com as minhas mãos? O que tem de errado com a minha cabeça? Ela queria gritar alto. Mãe, me ajuda, por favor, me ajuda, tá tudo esquisito, tudo errado, e parece que a minha cabeça é feita de pedaços e alguns estão faltando...

Mas quando ela pensou em tentar descrever essa sensação esquisita, sua mente fugiu da ideia. Se eu contar aos meus pais, pensou ela irracionalmente, eles vão ficar preocupados, e se ficarem preocupados é porque a coisa é feia. Se não ficarem, vão ficar me dizendo que está tudo bem, e então quem sabe fique tudo bem mesmo.

– Mãe... – A voz de Triss saiu muito baixinha. Ela olhava para a pilha de pedaços de tecido espalhados sobre a cama. Feridos, flácidos e abandonados. – Eu... tá tudo bem comigo, né? Não é ruim... que eu não me lembre de uns detalhes do feriado, é?

A mãe examinou o rosto da filha com atenção, e Triss assustou-se com quão azuis eram os olhos dela, assim como as contas de vidro que circulavam seu pescoço. Claros e frágeis também, como as contas. Era um olhar bondoso e brilhante que bastava a mudança mais sutil para passar a demonstrar medo.

– Ah, querida, tenho certeza de que logo você vai se lembrar. O médico disse isso, não foi? – A mãe terminou de atar um nó na costura, sorriu e levantou-se. – Escuta. Tenho uma ideia. Por que você não dá uma olhada no seu diário? Talvez isso te ajude a lembrar.

De debaixo da cama, a mãe de Triss retirou uma pequena valise de couro vermelho gasto com as letras “TC” gravadas num canto, e colocou no colo da menina.

Presente de aniversário. Sei que adoro essa valise e a levo pra todo lugar. Mas não me lembro de como faz pra abrir. Bastou fuçar um pouco, contudo, para a caixinha abrir-se num clique.

Lá dentro havia mais coisas que cutucaram suas memórias de volta à vida, mais pedaços do que era ser Triss. Roupas. Luvas. Mais luvas, caso fizesse ainda mais frio. Uma cópia de *Peacock pie*, coleção de poemas. Um estojinho igual ao da mãe, só que menor, com espelho no tampo, mas sem pó de arroz. E no meio disso tudo um livro embalado em couro azul.

Triss retirou o diário, abriu-o e soltou uma delicada exclamação de choque. Metade das páginas havia sido preenchida com sua caligrafia cuidadosa, porém desajeitada. Ela sabia disso. Mas todas essas folhas tinham sido arrancadas, deixando uma borda de papel rasgado, ainda marcada por um ou outro traço ou rabisco das palavras perdidas. Logo em seguida, páginas em branco confrontavam a menina. A mãe aproximou-se, invocada pela exclamação, e simplesmente ficou olhando por alguns segundos.

– Não acredito nisso – sussurrou finalmente a mãe de Triss. – Depois de tantas brincadeiras bobas, maldosas... Essa passou dos limites. – Ela marchou para fora do quarto. – Pen? PEN!

Triss ouviu a mãe subir às pressas os degraus, depois veio o som da maçaneta sacudida e da porta tremendo nas dobradiças.

– Que foi? – inquiriu a voz do pai, no topo das escadas.

– Foi a Pen de novo. Agora ela rasgou metade do diário da Triss. E não abre a porta. Acho que colocou algum móvel na frente.

– Se ela quer ficar presa, deixe que fique – foi a resposta do pai. – Ela terá que sair e enfrentar a situação uma hora ou outra. E ela sabe isso.

Tudo isso foi dito em alto e bom som, presumivelmente para que a sitiada pudesse escutar.

A mãe de Triss entrou novamente no quarto da doente.

– Ah, fofinha, sinto muito. Bom... talvez ela só tenha escondido as folhas, e a gente vai poder colar de volta quando encontrar. – Ela se sentou na cama ao lado de Triss, suspirou e fitou dentro da valise. – Ah, querida... é melhor confirmarmos se não tem mais nada faltando.

Havia mais coisas faltando, foi o que se constatou, afinal. Faltava a escova de cabelo de Triss, assim como uma fotografia dela andando de burro na praia, e um lenço no qual havia orgulhosamente costurado seu nome.

– Eu sei que algumas coisas estavam aqui até ontem à tarde, antes do acidente – murmurou a mãe de Triss. – Você escrevia no diário. Eu a ajudei a escovar o cabelo. Ah, Pen! Não sei por que ela te importuna, meu amor.

Ver o diário rasgado preenchera o interior de Triss com a mesma sensação gelada e pegajosa na boca do estômago que lhe causara a menção do Grimmer.

Ficara muito assustada, e não sabia por que, nem queria pensar nisso. Não tem problema, ela disse a si mesma. Foi só a Pen querendo ser boba e cruel.

Triss supôs que deveria ficar irritada com a atitude da irmã, mas na verdade havia algo de familiar e confortante nos pais ficarem irritados por ela. Era como ser aninhada dentro da semente do castanheiro-da-índia, protegida pelo seu interior suave e aveludado, enquanto todos os espinhos apontavam para fora. Era essa, sussurravam suas lembranças, a ordem natural das coisas.

Agora, se ela entortava a boquinha como se fosse chorar, toda a residência girava a seu redor na tentativa de fazê-la se animar... e mesmo sem querer muito, a menina sentiu o rosto começando a formar um biquinho tristonho.

– Ah, Triss! – A mãe a abraçou. – Quer alguma coisa pra comer? Tem sopa de cogumelo, da que você gosta, e tem torta de carne, se conseguir comer um pouco. E que tal uma geleinha? E pera em calda?

A sensação de contração no estômago se intensificou ao pensar em comida, e Triss reparou que estava esfomeada.

A menina fez que sim.

A mãe de Triss subiu as escadas e bateu na porta de Pen, na tentativa de atrair a menina para almoçar. Mesmo distante, em seu quarto, Triss pôde ouvir os gritos estridentes e incoerentes de Pen, recusando-se.

– ... não vou sair... não é verdade... vocês são todos uns idiotas...

A mãe de Triss retornou com um ligeiro franzido de desespero na sobrancelha.

– Mas quanta teimosia! Mesmo sendo a Pen. Nunca a vi recusar comida. – Ela fitou Triss e abriu um sorrisinho cansado. – Bom, pelo menos você não tem essa teimosia da sua irmã.

Acabou que Triss conseguiu comer, e muito. Assim que viu a primeira tigela de sopa chegar, com pãezinhos crocantes ao lado, na bandeja, suas mãos começaram a tremer. O quarto ao redor já não importava mais. Quando a bandeja pousou no colo da menina, ela não conseguiu se controlar e passou a rasgar os pães, espalhando migalhas, e os meteu dentro da boca, onde o chumaço de pão rolou, seco, contra a língua e os dentes que trituravam. A sopa acabou tão rápido quanto ela pôde pôr para dentro, quase não notando que o caldo quente escaldava-lhe a boca. Torta, batatas e cenouras foram demolidas num frenesi, seguidas de perto por geleia, peras e uma fatia grossa de bolo de amêndoas. Quando ela foi passar para o restante do bolo, a mãe a segurou pelo pulso.

– Triss, Triss! Querida, que bom que você está com apetite, mas desse jeito vai passar mal!

Triss fitou a mãe com olhos brilhantes e admirados, e gradualmente o quarto ao redor foi retomando o foco. Não estava nem um pouco mal. Achava que seria capaz de comer uma fatia de bolo do tamanho de um hipopótamo. As mãos sujas de migalhas continuavam tremendo, mas ela se forçou a limpá-las no guardanapo e as guardou no colo para evitar que atacassem mais alguma coisa. No mesmo instante, o pai apareceu à porta e seu olhar encontrou o da mãe.

– Celeste. – Sua voz soou deliberadamente calma e suave. – Posso falar com você um instante?

Ele olhou de relance para Triss e abriu um sorriso curto e terno.

A mãe arrumou Triss na cama, pegou a bandeja e deixou o quarto para acompanhar o pai, levando consigo seu calor, o conforto e o cheirinho de pó de arroz. Nos segundos que a porta levou para se fechar, Triss sentiu pontadas de um pânico assustador retornando. Alguma coisa no tom de voz do pai mexera com os instintos da menina.

Posso falar com você um instante? Fora do quarto, assim a Triss não vai escutar?

Insistente, ela puxou as cobertas de lado e deslizou para fora da cama. Suas pernas estavam enferrujadas, mas não tão fracas quanto ela imaginara, então ela foi nas pontas dos pés até a porta do quarto e abriu devagarinho. Dali dava para escutar as vozes na sala.

– ... e o inspetor prometeu que vai perguntar na vila, caso alguém saiba como ela veio a cair na água. – A voz do pai era grave e agradável, com um toque de rouquidão que fazia Triss pensar numa densa pelugem de animal. – Ele acabou de passar pra falar comigo. Parece que um casal de moradores estava passando perto do vilarejo no fim da tarde de ontem. Eles não viram sinal algum da Triss perto do Grimmer, mas chegaram a ver dois homens na beira da água. Um baixinho de chapéu-coco e um mais alto, de casaco cinza. E na estrada perto do mato tinha um carro parado, Celeste.

– Que tipo de carro? – questionou a mãe, com o tom apressado de quem já sabe a resposta.

– Um Daimler preto grande.

Houve uma longa pausa.

– Não pode ser ele. – Agora a mãe falou rápido, num tom agudo, como se suas tesouras de tecido tivessem picotado suas palavras até ficarem curtas e assustadiças. – Talvez seja apenas coincidência... não existe só um Daimler no mundo...

– Aqui? Devem ter só uns dois carros na vila. Quem tem dinheiro pra ter um Daimler?

– Você disse que tinha acabado tudo! – Havia algo de alarmante no tom crescente da voz da mãe, como o apito de uma chaleira que começa a ferver. – Você disse que tinha resolvido todos os detalhes com ele...

– Eu disse que *eu* tinha me resolvido com *ele*, e ele já deve saber disso se leu os jornais desta semana. Mas vai ver *ele* não se resolveu comigo ainda.

Ouvindo movimento na sala, Triss fechou a porta cuidadosamente e correu de volta à cama, a mente zumbindo feito um propulsor.

Eles acham que alguém me atacou. Será que foi isso que aconteceu? Mais uma vez a menina tentou forçar a memória a retornar ao Grimmer, e mais uma vez não aconteceu nada, apenas um tremor e um hesitar no interior.

Quem seria esse “ele” que os pais mencionaram, com quem o pai tinha “se resolvido”? Se “ele” era assim tão terrível, por que o pai teria “detalhes” a acertar com ele, afinal?

A história toda parecia retirada de um dos filmes de mistério dos quais Pen tanto gostava, do tipo no qual homens bons e honestos se metiam com gangsters e malfeitores. Mas certamente o pai não estava envolvido com nada disso! Triss sentiu o peito apertado só de pensar. Acima de qualquer outra coisa, tinha orgulho do pai. Adorava o modo impressionado com o qual as pessoas erguiam as sobrancelhas quando eram apresentadas a ele.

St. Piers Crescent? O engenheiro civil que projetou as Três Amazonas e o Monte Estação? Que honra conhecê-lo, senhor. Você fez coisas maravilhosas para a nossa cidade.

Ter como pai um grande engenheiro civil significava ver mapas de estradas planejadas na mesa do café. Significava ver o pai abrindo cartas enviadas pelo escritório do prefeito sobre a construção de uma ponte e locais para novos prédios públicos. Os projetos do pai estavam mudando a cara de Ellchester.

Triss deu um pulinho quando a porta abriu-se e a mãe entrou no quarto. Havia um toque a mais de pó nas bochechas dela, sinal claro de que ela tinha parado para se acalmar e ajeitar a aparência.

– Estava conversando com o seu pai – declarou ela com calma indiferença –, e achamos que devíamos encurtar as férias e voltar amanhã de manhã. Um lugar familiar... é disso que você precisa pra melhorar.

– Mãe... – Triss hesitou, relutante em admitir que os espionara, mas resolveu entregar-se. – Você deixou a porta aberta, e entrou um friozinho, então eu fui fechar, e quando cheguei perto... ouvi o pai te contando que tinha mais alguém no Grimmer ontem à tarde. – Triss segurou a manga da camisa da mãe. – Quem era?

A mãe conteve as mãos por um segundo, depois continuou desamassando os vincos do travesseiro.

– Ah, não era ninguém, filhinha! Só uns ciganos. Nada com que se preocupar. Ciganos? *De chapéu-coco e Daimler?*

Talvez fosse um pouco do desconforto o que aparecia no rosto de Triss, pois a mãe sentou-se na beirada da cama, pegou as duas mãos da filha e a olhou bem nos olhos, finalmente.

– Ninguém ia querer te fazer mal, fofinha – disse ela, muito séria –, e mesmo que quisesse, seu pai e eu nunca, nunca deixaríamos que algo ruim te acontecesse.

E isso teria sido confortante não fosse o brilho exagerado nos olhos de cristal azul. Toda vez que via essa frágil intensidade no rosto da mãe, Triss sabia que ela estava pensando em Sebastian.

Ele fora convocado em fevereiro de 1918, pouco depois do aniversário de seis anos de Triss. Ela se lembrava de que quando a guerra terminou naquele ano houve toda uma comemoração com bandeiras e grandes chapéus, e que não sabia ao certo como aquilo mudaria tudo, sabia somente que Sebastian ia voltar para casa. Então chegou a notícia de que Sebastian não voltaria mais, e a menina ficou pensando por um tempo, de um modo confuso, perplexo, que a primeira notícia fora equivocada, que a guerra não havia terminado.

De certo modo, ela tinha razão. A guerra se fora de fato, mas persistia. Continuava presente em todo lugar. Com Sebastian foi o mesmo. Ele se fora, mas persistia. Sua morte deixara escombros invisíveis. Sua ausência era um grande buraco que sugava tudo para si. Até mesmo Pen, que mal se lembrava dele, circulava com cautela a beirada desse buraco.

Triss começou a ficar doente pouco depois do final da guerra, e entendia, um tanto confusa, que isso tinha a ver com Sebastian. Era seu dever ficar doente. Era seu dever ser protegida. E, naquele momento, era seu dever concordar.

Então ela concordou.

– É assim que eu gosto – disse a mãe, acariciando a bochecha de Triss.

A menina tentou sorrir. A conversa que escutara continuava cutucando sua mente.

– Mãe? Eu... já li todas as minhas revistas e os livros umas cem vezes. Posso... posso ler o jornal do pai?

A mãe foi pedir permissão ao pai, e depois retornou com uma cópia do *Ellchester Watchman*. Acendeu as lâmpadas – e cada globo soltou um barulhinho confortante ao começar a brilhar –, depois deixou Triss à vontade.

A menina desdobrou o jornal cautelosamente, sentindo-se traiçoeira por ter enganado a mãe. O que foi mesmo que o pai dissera?

Eu disse que eu tinha me resolvido com ele, e ele já deve saber disso se leu os jomais desta semana.

No jornal, portanto, devia haver algo pelo qual esse misterioso “ele” compreenderia que o pai dela não queria mais ter envolvimento. Fosse esse o caso, ela poderia descobri-lo.

O jornal já tinha sido lido e manuseado o suficiente para apresentar um borrão de tinta aqui e acolá, como a mente de Triss, avariada pela febre. Sua atenção deslizava por linha atrás de linha, assimilando tão pouco que era preciso ler as coisas várias vezes para que fizessem sentido. A maioria era insossa. Artigos sobre os novos ônibus que seriam implantados em Ellchester de acordo com o modelo de Londres. Uma fotografia de uma longa fileira de homens desempregados com bonés chatos puxados por cima dos rostos inchados, macilentos. Um baile de carteado para angariar dinheiro para o hospital local. E na quinta página, um comentário sobre Piers Crescent, pai de Triss.

Não era muito interessante. Descrevia o Meadowsweet, novo subúrbio no qual o pai trabalhara, fora de Ellchester, mas de fácil acesso pela linha de trem. Havia até diagramas mostrando como seria o bairro, com todas as casas enfileiradas ao longo do morro, do lado oposto ao estuário de Ell. O pai de Triss ajudava a projetar as vias, o novo lago e o “terraço” da encosta. O artigo afirmava tratar-se de “um desvio” para um engenheiro “mais conhecido por construções grandiosas e inovadoras”. Contudo, nada se dizia sobre Piers Crescent envolvido com gângsteres, e logo ocorreu à menina que, se dissesse, a história provavelmente teria ganhado uma das primeiras páginas.

Quem sabe eu não escutei direito. Vai ver eu imaginei a coisa toda. Talvez... talvez eu não esteja bem.

À noite, Triss ficou acordada, observando o cintilar fraco das luzes baixas e as aranhas cor de chocolate zanzando pelo teto. Toda vez que fechava os olhos sentia sonhos esperando na beirada de sua mente, como na toca de um ratinho, prontos para pegá-la em suas bocas de gato para levá-la a algum lugar aonde ela não queria ir.

Subitamente, o mundo encheu-se de segredos, e a menina os sentia com um nó no estômago. Estava com medo. Estava confusa. E estava com fome, fome demais para dormir. Com fome demais, com o passar do tempo, para pensar ou se preocupar com qualquer outra coisa. Diversas vezes ela estendeu a mão para o sino, mas logo se lembrava do rosto preocupado da mãe vendo Triss devorar o jantar, esfomeada feito um bicho, como estivera no almoço. Agora chega, fofinha. Agora só o café da manhã, tá bem?

Mas estava faminta! Como poderia dormir desse jeito? Pensou em ir de fininho até a cozinha atacar a despensa. Sentiriam falta da comida, mas por um instante desprezível de desespero ela pensou em pôr a culpa em Pen. Não, Triss implorara tanto por mais comida que os pais certamente suspeitariam dela.

O que fazer então? A menina sentou-se, roendo as unhas, e deu um pulo quando a folhagem lá fora, balançada pelo vento, cutucou o vidro da janela. Em sua mente, ela viu o galho da árvore lotado de folhas e cheio de maçãs...

A janela não tinha sido aberta em anos, mas Triss deu um empurrão desvirado na madeira e esta sacudiu para cima, cuspido um jorro fino de poeira e flocos de tinta. Um ar frio entrou, soprando as páginas do jornal que jazia no criado-mudo, mas a menina não pensava em nada além das maçãs verdes penduradas entre as folhas, brilhando com a luz fraca das lâmpadas de gás. Ela as atacou, arrancando-as dos brotos, metendo na boca uma por uma, sentindo os dentes mergulhando na polpa com um alívio de estremecer. Estavam tão verdes e azedas que a língua ficou dormente, mas a menina não se importava. Em pouco tempo tudo o que via eram hastes partidas, e a fome continuava trovejando sua demanda, um abismo profundo em seu cerne.

O quarto ficava no andar térreo, e não havia nada mais natural, mais necessário, do que escalar para se sentar no peitoril e superar a pequena distância que dava para o chão. A grama estava pálida e aveludada, coberta de orvalho. O frio pinicou a pele dos pés da menina, mas ela não pareceu ligar.

Poucos galhos eram baixos o bastante para que ela lhes arrancasse o fruto, mas quando estes estavam nus ela ficava de joelhos e farfalhava o solo em busca dos que já tinham caído. Alguns eram recentes, pouco salpicados de podridão, outros já estavam amarelados e moles, cheios de buraquinhos de inseto. A polpa espremia por entre os dedos da menina conforme ela os pegava e enfiava dentro da boca. Estavam doces e amargos e melequentos, pouco apropriados para comer, mas ela não ligava.

Somente quando já não havia mais maçãs podres a serem encontradas na grama o frenesi começou a passar, de modo que Triss ficou ciente de que tremia, que tinha esfolado os joelhos e sentia um gosto ruim na boca. Ela se sentou, tossindo, respirando fundo, sem saber se vomitava ou soluçava, usando as mãos trêmulas para limpar o grude azedo das bochechas, do queixo e da língua. Nem ousou fitar o que restava das frutas com as quais se empanturrara, com receio de ver criaturinhas esbranquiçadas contorcendo-se no meio da polpa.

O que tem de errado comigo? Mesmo depois desse acesso selvagem de gluttonia, a menina sabia que outro assomo de fome avultava-se em algum lugar feito uma

onda, só esperando pela chance de vir para cima dela.

Passos inseguros a levaram ao muro do jardim. Estava desmoronando, era antigo, e fácil demais para escalar e nele se sentar, com os joelhos esticando a fina camisola. À frente a menina viu a estrada de cascalho que cruzava a casa de campo, que, seguindo com os olhos, dava para ver virando e sumindo pelo morro íngreme e cheio de moitas até alcançar a vila distante, que para ela não passava de um conjunto de luzes. Antes dela, contudo, a menina avistava o matagal em triângulo, agora pintado numa coloração acinzentada pelo luar. Logo após palpitava um carpete delicado de salgueiros pelados, e atrás... uma faixa estreita de escuridão profunda, como uma costura aberta.

O Grimmer.

A sensação foi de ser despedaçada. Todos os remendos e pedaços do que é ser Triss, que ela vinha cuidadosamente unindo ao longo do dia, estavam se soltando de novo, todos de uma vez.

Aconteceu alguma coisa comigo no Grimmer. Tenho que ver. Tenho que lembrar.

Triss pegou o atalho morro abaixo, por entre as moitas, em vez de pegar o serpentear comprido da estrada. Brotos duros e cardos pinicavam as solas dos pés dela e os tornozelos conforme ela descia a encosta irregular, mas não conseguia pensar em nada a não ser no Grimmer.

A cada passo o Grimmer ficava mais próximo e visível, negro como a perdição e estreito feito um olho semicerrado. Os joelhos fraquejaram, mas agora a encosta íngreme parecia carregá-la para a frente por conta própria. O Grimmer foi crescendo, e quando ela alcançou o matagal, não era mais um mero rasgo na terra, mas um lago esguio, comprido o bastante para engolir quatro ônibus de uma vez só. Sobre suas águas, os salgueiros deitavam seus cabelos compridos, sacudindo com o soprar do vento como se soluçassem. Contra a superfície escura, a menina enxergou os botões branquinhos dos lírios, como mãozinhas erguidas de debaixo da superfície.

Ouvia cliques e farfalhos ocasionais dentro do gramado. Pássaros. Com certeza pássaros. Com certeza não eram possíveis atacantes esperando por ela entre as moitas, sabendo que ela não teria opção senão retornar...

Passos trêmulos a levaram pelo matagal até a beira da água, onde ela parou e sentiu de fato o frio pela primeira vez. Foi ali que afogaram bruxas, centenas de anos antes. Era ali que os suicidas costumavam se afogar também.

Num certo ponto da margem a lama estava pisoteada, tufo de grama foram arrancados, a terra, mexida. Foi por aqui que eu escapei. Mas por que caí na água?

A menina esperava que, caso encontrasse lembranças ali, sentiria o solo firme sob seus pés, finalmente. Mas quando a memória veio, não trouxe conforto algum. Somente medo e pesar.

Triss lembrou-se de uma escuridão gelada, água fria entrando pelo nariz, pela boca e pela garganta. Parecia lembrar-se também de enxergar por entre um negrume amarronzado, enquanto brandia os membros lentamente, e de ver duas formas sombrias acima dela, cujos contornos ondulavam e oscilavam com o movimento da água. Duas figuras paradas na margem acima, uma mais alta que a outra. Contudo, havia outra memória tentando submergir, algo que acontecera imediatamente antes de...

Aconteceu algo de ruim aqui, algo que não podia ter acontecido nunca.

Mudei de ideia. Não quero mais me lembrar.

Porém, era tarde demais, ela estava ali e o Grimmer a observava com seu olhar vasto e sem luz, como se fosse abrir-se para encará-la a qualquer momento. Então, quando o pânico sublevou-se, a mente da menina fechou-se feito um livro e o instinto tomou conta. Ela deu meia-volta e saiu correndo, fugindo da água, disparou pelo matagal e escalou o morro até chegar à casinha com toda a velocidade e pânico de uma lebre perseguida.

Seis dias, disse o riso. Seis dias, relinchou feito papel antigo num esboço. Quando Triss acordou, contudo, as palavras tornaram a se derreter e passaram a ser nada mais que o sussurro das folhas contra a janela.

Triss abriu os olhos. Alguma coisa áspera tocava sua bochecha. Ela ergueu a mão, retirou a folha morta do cabelo e a fitou. Uma por uma, foi recordando as ações da noite anterior. Tinha mesmo saído pela janela, devorado frutas podres e parado às margens do Grimmer, sentindo que o lago fosse falar com ela? Ela foi abrindo caminho entre as memórias com descrença, como uma dona de casa fuçando no lixo espalhado por raposas durante a noite.

Havia mais folhas mortas no cabelo, então ela correu tirá-las e as jogou para fora pela janela. Os pés enlameados, ela os limpou com um lenço. A camisola estava encardida e cheia de grama, mas talvez ela conseguisse passá-la para dentro da lavanderia sem que ninguém reparasse.

Ninguém me viu. Ninguém sabe o que eu fiz. Então, se eu não contar pra ninguém, é como se nada tivesse acontecido. E não vou fazer de novo – estou melhor agora. Vou me vestir e descer para o café, e todo mundo vai dizer que estou com uma cara bem melhor hoje... e então vai ser verdade.

Como era de se esperar, quando a menina desceu pelas escadas, foi recebida pela mãe com alívio e alegria na voz.

– Triss! Você se levantou! Ah, que bom ver você melhor...

A fome tinha finalmente tirado Pen da clausura. Ela arrastou a cadeira o mais longe possível do restante da família, e manteve o rosto metido no prato, ressentida. Comeu com todo o bom humor de um presidiário.

Ovos frescos da fazenda foram trazidos e cozidos, e agora jaziam nos potinhos ao lado das travessas de torradas. O bando de lobos que parecia ter tomado controle do estômago de Triss continuava uivando por comida, mas ela conseguiu comer lenta e continuamente, e parou quando terminou sua porção.

Pronto. Viu? Estou melhor hoje.

Voltariam para casa logo após o café. Tudo voltaria ao normal assim que chegassem em casa.

De volta ao quarto, Triss empilhou rapidamente suas posses na pequena valise vermelha de viagem e, por fim, parou para pegar Angelina, sua boneca. Angelina

era uma bela e grande boneca alemã do tamanho de um bebê humano. A pele bege não era brilhante como porcelana, mas tinha um brilho fraco de pele de verdade, e tinha cílios e sobrancelhas curvas cuidadosamente pintados. Os cabelos encaracolados eram marrom-claros, como os de Triss, e ela usava vestido verde e branco com estampa de hera.

A mente de Triss deu um giro inusitado e ela pareceu enxergar suas posses como o faria um estranho. Uma ideia pouco familiar escondia-se em sua mente. *É como se eu ainda tivesse seis anos de idade. Como se tivesse a mesma idade de quando Sebastian morreu.*

Ela fitou Angelina com um contorcer sutil no estômago, uma minhoquinha de vergonha e assombro.

– O que está fazendo aqui? – perguntou baixinho. – Tenho onze anos! Por que continuo carregando uma boneca por aí?

E foi quando essas palavras ainda flutuavam pelo ar que a boneca se mexeu nas mãos dela.

As primeiras coisas que mexeram foram os olhos, os lindos olhos de vidro verde. Foram virando lentamente, até que o olhar da boneca pousou no rosto de Triss. Então a boquinha se mexeu, abrindo-se para falar.

– O que você está fazendo aqui? – Um eco das palavras de Triss, expresso num tom de ultraje e surpresa, e numa voz fria e musical como o tilintar de xícaras. – Quem você pensa que é? Essa família é minha.

A boneca se moveu nas mãos da menina, agarrou as mangas da camiseta com as mãozinhas delicadas e se endireitou, esticando a cabeça para a frente para fixar a dona mais de perto. Seus olhos vidrados pareceram ganhar mais foco, então a boneca piscou e começou a tremer. Sua boca abriu-se e emitiu um miado grave de horror e medo.

– Não – resmungou ela, e começou a se debater, elevando a voz para um quase choro. – Não tá certo! Não me toque! Socorro! Socorro! Tirem ela de mim!

A boneca brandiu os punhos de porcelana contra a menina, e o grito passou para uma única nota sombria que ecoou sem parar feito uma sirene. Pela janela, Triss viu os martinets num acesso de horror em seus ninhos no beiral, e o gesso da parede crepitou sutilmente, espirrando poeira no ar. O queixo da boneca pendeu ainda mais, e o grito ficou ensurdecedor, até que Triss teve certeza de que todos na casa e além deviam estar assustados.

– Para! Para! – Ela chacoalhou a boneca, mas não adiantou nada. – Por favor!

Em pânico, ela tentou sufocar o rostinho gritante com um xale de lã, mas conseguiu apenas abafar um pouco o som. Finalmente, em puro desespero, a

menina arremessou a boneca para longe o mais forte que pôde. Ela atingiu a parede de cabeça com um baque seco feito um tiro de revólver, e o grito foi cortado, deixando um silêncio gelado.

Triss foi até Angelina. Tum, tum, tum fez seu coração, como um policial batendo na porta de um criminoso. Ela virou a boneca com o pé. O rosto de Angelina estava rachado de um lado ao outro. A boca continuava aberta, assim como os olhos.

Triss ficou de joelhos.

– Desculpe – sussurrou, inutilmente. – Eu... eu não queria...

Estava acorçada ao lado da boneca feito um assassino sobre um cadáver. Em pânico, retirou um par de toras da cesta perto da lareira, enfiou a boneca no fundo da cesta e empilhou a madeira de volta, por cima. Talvez ninguém a encontrasse até que a família tivesse partido.

Inesperadamente, a porta abriu-se, no mesmo instante em que Triss terminava de se endireitar. Ela deu meia-volta, culpada, a boca seca. Alguém tinha vindo investigar a terrível gritaria, claro que sim. Que explicação ela poderia dar?

– Já está pronta? – Era o pai, de casaco e luvas de dirigir.

Triss fez que sim, muda.

Ele olhou para a janela.

– Os pássaros fizeram uma barulheira esta manhã, não?

Lá fora, sob a luz do sol, esperando enquanto o pai trazia o carro, Triss manteve as mãos enfiadas no fundo dos bolsos para que ninguém as visse tremendo.

Estava cercada de amor por todos os lados, e jamais se sentira tão sozinha. Não podia contar a ninguém o que acabara de acontecer. De fato, quanto mais permanecia em silêncio, mais difícil ficava falar. E o que poderia dizer, afinal?

Angelina se mexeu e falou e gritou. E eu a matei.

Não aconteceu não aconteceu não aconteceu...

Mas se não... então foi coisa da minha cabeça. O que significa que tem alguma coisa errada comigo. Significa que estou muito, muito doente.

Doença comum era algo tranquilo, até confortante. Mas aquela doença era do tipo errado. Ela não queria ficar doente da cabeça. Só pensar nisso era como olhar dentro de águas sombrias sem fundo. Se ela corresse para os pais com a cabeça doente, eles não reagiriam com bondade e revistinhas e novos remédios e “não se esgote enquanto não ficar mais forte”. Ficariam sérios e preocupados e deixariam os médicos dizerem o que fazer. Não quero ser levada embora nem hipnotizada nem ter buracos furados na cabeça...

Então Triss ficou em silêncio no carro, aninhada sob a luz dourada da manhã, sentindo-se um verdadeiro monstro. Toda vez que os pais entravam na casa para buscar um último item, ela ficava tensa. *Por favor, não olhem dentro da cesta. Vamos embora logo, por favor, vamos embora...*

Ela quase pulou para fora do próprio corpo quando escutou um berro vindo de dentro da casa.

– Encontrei! – Era a voz do pai, parecendo muito estressado, à beira de perder os nervos. O coração de Triss deu um solavanco. Contudo, não foi Angelina quem o pai trouxe para a luz do dia. Era Pen, soluçando, resmungando e fazendo o máximo para dar com o salto do sapato nos joelhos dele. – Ela tentou se esconder no sótão.

– Eu não vou! – Estava difícil entender o que Pen dizia. Seus ataques em geral consistiam em fazer bico e bater os pés. Mas dessa vez ela gritava até a rouquidão, umas poucas palavras semicompreensíveis perdidas no tornado que era sua cólera. – ... ela tá mentindo... não vai me fazer sentar perto dela... eu odeio vocês!

Triss deslizou para o banco de trás por uma porta, e Pen foi enfiada para dentro perto dela pela porta oposta. Uma vez sentada, Pen encaracolou-se numa bola apertada e hostil, prensada na porta no intuito de ficar o mais longe possível de Triss.

Ela acha que estou fingindo estar doente, Triss pensou vagamente. *Fingindo pra ter a atenção de todo mundo. A atenção que ela quer pra si. Queria que fosse verdade.* O pai de Triss acomodou-se no assento de motorista e apertou o botão para ligar o motor. Houve um zumbido, depois o motor principal cacarejou e ronronou. Finalmente, até que enfim, estavam a caminho.

O carro da família era um Sunbeam cor de menta com um brilho de folha úmida, motor que ronronava e faróis que mais pareciam olhos redondos e expectantes. O dia estava tão claro que a capota foi aberta, deixando a família toda exposta ao sol e ao céu. Com alívio quase doloroso, Triss viu a casinha diminuindo atrás do carro, e logo estavam zunindo, travessa após travessa, a morosos 50 quilômetros por hora. Os cabelos de Triss chicoteavam seu rosto, e conforme a cena do crime recuava atrás dela, os nós no estômago começavam a afrouxar. Quem sabe as doenças podiam ser deixadas para trás, tanto quanto pequenos corpos de porcelana mal escondidos.

Montes erguiam-se debaixo deles feito burrinhos de praia de temperamento difícil, e a estrada serpenteava como se quisesse expulsá-los. Muros de pedra sinuosos subiam e desciam ao longo dos dois lados. Então uma placa branca

passou por eles. Para lá, Oxford, 136 quilômetros; para cá, Ellchester, 32 quilômetros.

Triss encostou a bochecha no frio painel de madeira do interior da porta do carro, valendo-se da sensação de familiaridade.

Estou salva. Estou indo para casa, para Ellchester.

A primeira coisa que se reparava ao se aproximar da cidade eram as Três Amazonas.

A mais impressionante do trio de pontes cobria toda a extensão do estuário de Ell num único longo passo. Seu arco suave e a pintura cor de areia dourada eram visíveis por quilômetros contra o azul brilhante da água. A segunda ponte cortava uma linha sublime por cima da própria cidade, suportada por três dos oito morros de Ellchester, sendo um deles encimado por um prédio em forma de pirâmide feito de pedra rosa-clara, a estação de trem da cidade, em vias de ser finalizada. A última se esticava até encontrar a encosta íngreme do vale, do outro lado. Entre elas, suspensa, ficava a linha de trem recém-construída.

Todos concordavam que, antes de as Três Amazonas serem construídas, Ellchester andava em “declínio”, num lento e miserável colapso, como um castelo de areia sob a chuva.

Então Piers Crescent chegou com seu planejamento para as Três Amazonas, e mostrou que, apesar do estuário no meio e as montanhas esquisitas, a linha de trem poderia ser trazida a Ellchester. Todo mundo chamava as pontes de “um milagre da engenharia”. Elas mudaram tudo e trouxeram dinheiro à cidade, e agora o nome dele era um dos mais famosos e bem falados de Ellchester.

Triss nunca vira as Três Amazonas surgirem à vista sem sentir um assomo de orgulho. Quando o Sunbeam entrou na ampla estrada que percorria a expansão reluzente do Ell na direção da massa corcunda de tijolos cinza que era Ellchester, a menina esticou-se para a frente até conseguir divisar o arco da ponte deitada sobre o rio. Naquele dia, contudo, o assomo de calor foi seguido por um sabor residual amargo, pois ela se recordou da conversa que escutara e do artigo de jornal. Se havia alguém tentando mesmo assustar seu pai, será que tinha alguma coisa a ver com o trabalho dele?

O pai de Triss não entrou no efervescente coração irregular de Ellchester, com seu labirinto de pontes e degraus em ziguezague. Em vez disso, seguiu para os distritos mais quietos, onde grandes casas de três andares arranjavam-se em quarteirões, cada uma com uma pracinha no centro. O Sunbeam entrou numa dessas praças, em frente a uma dessas casas, e no banco de trás Triss foi soltando o ar lentamente. *Meu lar.*

Acompanhando o restante da família ao cruzar a porta da frente, Triss sentiu o coração afundar. Esperava que tudo ficasse normal num clique, assim que ela chegasse em casa. O cabideiro apinhado, o piso de taco encerado e o papel de parede amarelo-claro de estilo chinês eram familiares, pelo menos para ela deviam ser, mas o clique não aconteceu.

– Ora, quem foi que fez isso? – A mãe de Triss apontava para uns floquinhos de terra no chão limpo e liso. – Quem de vocês se esqueceu de limpar os pés? Pen?

– Por que tá olhando pra mim? – Pen explodiu. Seu olhar de raiva incandescente, contudo, ela o lançou para Triss, não para a mãe. – Por que, para todo mundo, sempre sou eu?

A menina disparou escada acima, depois ouviram uma porta sendo batida com muita força.

A mãe suspirou.

– Porque é sempre você, Pen – ela murmurou, cansada, tocando com os dedos a ponte do nariz.

– A Margaret vai limpar o chão quando vier amanhã – disse o marido, repousando a mão no ombro da esposa para confortá-la.

Margaret era a “faz-tudo” dos Crescents; vinha limpar a casa todas as manhãs e lá ficava por algumas horas.

– Ah, preciso avisá-la de que voltamos mais cedo – disse a mãe com ar de exaustão. – E encontrar a Cook e dizer que estamos em casa e vamos precisar dela. Eu tinha dito que ela podia tirar uns dias de folga enquanto estivéssemos fora... se ela foi ver a irmã em Chesterfield, não sei como vamos fazer. Preciso me certificar de que aquela tal de Donovan tenha se mudado, e enviar cartar à agência de recrutamento, pedir outra governanta. E se eu não mandar pedidos ao açougueiro e ao padeiro, não chegará entrega alguma amanhã.

As lembranças de Triss se remexeram. A “tal de Donovan” era Miss Donovan, a última governanta das filhas dos Crescents, que havia acabado de ser recusada por ser “avoadá”. A mãe de Triss já tinha reclamado de governantas anteriores por ser “boba e insolente”, por ser “confiante demais” ou por levar as meninas a museus ou parques nos quais Triss podia pegar um resfriado. A menina já não dava mais muita bola para as governantas. Quando se permitia afeiçoar-se a elas, ou prestar atenção às lições que davam, era sempre difícil quando iam embora.

– Celeste – murmurou o pai de Triss num tom baixo e deliberadamente calmo –, talvez você pudesse, antes de mais nada, ver se chegou alguma carta pra nós enquanto estivemos fora.

A mãe de Triss lançou um olhar desconfiado para o cesto vazio no qual ficava sempre a correspondência da família, e então a compreensão pareceu deitar-se sobre seus olhos azuis-primaveras. Ela umedeceu os lábios, depois se voltou para Triss com um sorriso cálido e suave.

– Querida, por que não corre lá pra cima, desfaz sua mala e se deita um pouquinho?

Um verdadeiro exemplo de docilidade, Triss fez que sim e foi para o andar de cima. Ao cruzar o topo das escadas e escapar do campo de visão dos pais, contudo, ela parou. Estava acontecendo de novo. Esperavam para ter uma conversa sem que ela escutasse.

Mordendo o lábio, ela abriu a porta mais próxima e fechou, para que soasse como se ela tivesse ido se retirar em seu quarto. Encostada na parede, a menina esperou, e em muito pouco tempo foi recompensada pelo som das vozes.

– Piers, refere-se àquelas cartas? Pensei que tivéssemos concordado em não ler mais nada enviado por aquele homem...

– Eu sei, mas agora precisamos descobrir se foi ele quem atacou Triss. Se ele estiver mesmo tentando me perturbar, então talvez chegue uma carta do próprio, em vez do que sempre acontece. Se ele nos escreveu com demandas ou ameaças, pelo menos vamos saber.

Ouvindo passos na escada, Triss virou-se para fugir, e sentiu o pânico rastejando para dentro de sua alma feito água fria encharcando as meias.

Qual é o meu quarto?

Não havia tempo a perder, contudo. Os passos alcançavam o topo da escada. Triss abriu com tudo a porta mais próxima e deslizou para dentro, fechando-a com pressa, mas sem fazer ruído.

O quarto estava escuro, iluminado somente pela grossa luz solar que encharcava as espessas cortinas cor de âmbar. O ar tinha um cheiro saturado, como o de roupas guardadas para uma ocasião especial que nunca veio a ocorrer.

Triss prendeu a respiração e pregou a orelha na porta. Lá fora ela escutou passos no topo da escada, passos pesados que ela facilmente identificou como sendo do pai. Pouco depois, escutou os sons abafados dele falando no escritório, usando sua voz de telefonema, clara e cuidadosa. O telefone era uma aquisição relativamente recente da casa, e ainda incomodava pela novidade, com aquela campainha impetuosa e insistente. Às vezes parecia que o pai de Triss achava que tinha que dominar o aparelho com força de personalidade, caso ele desenvolvesse vontade própria e quisesse tomar posse da casa.

Triss sentiu uma onda suave de alívio. *Ele não me escutou. Mas onde estou? Este não é o meu quarto. É grande demais pra ser o meu quarto.*

Seus olhos foram lentamente se ajustando à escuridão, e com um disparo de alarme ela compreendeu quão equivocada estava.

Oh, não! Aqui não! Eu não devia estar aqui!

Reconhecia o quarto, é claro. Nada mudara desde a última vez que o vira. Nada tinha sido removido.

A cama estava feita, com lençóis limpos. A superfície rugosa da escrivaninha tinha sido limpa e polida. Um telescópio jazia num canto, com as três pernas dobradas para dentro feito as de um pernilongo morto. A estante de cima guardava livros sobre exploração do Ártico, astronomia e aviões de combate, mais um conjunto de novelas de mistério de capa verde e amarela meio gasta no final. Na estante de baixo, uma série de fotografias fora arranjada cuidadosamente de uma ponta à outra. Num passar dos olhos, o menino se tornava rapaz, aparecendo na última foto em uniforme militar, o rosto exibindo a expressão um tanto tensa de quem espera pelo momento de perguntar algo muito importante.

Sebastian.

Ocasionalmente, Triss fora trazida para ver o quarto dele, como se fosse um parente doente. Entrar sem permissão, por outro lado, seria a pior das transgressões, quase uma blasfêmia.

Triss sabia que devia sair no mesmo instante, mas foi tomada por um fascínio culpado. E foi entrando mais ainda no quarto.

Era como entrar numa igreja. Dava para ver que o local era sagrado, cheio de regras a serem quebradas sem querer. Sebastian era muito como uma igreja, com todo mundo muito ciente do que devia sentir e quando.

Agora nós teremos piedade. Agora nós teremos compaixão pelos pobres. Agora nós perdoaremos nossos inimigos.

Todos amávamos muito Sebastian. Estamos todos muito tristes por ele ter partido. Todos nos lembraremos dele diariamente.

Mas e eu? Triss passou o dedo, curiosa, por cima do vidro da foto, a do uniforme. Não sentiu nem um pouquinho de poeira na pele. Eu o amo? Estou triste? *Lembro dele?*

Triss tinha, de fato, uma forte sensação meio desfocada de que tudo fora melhor um dia, e de que todos um dia tinham sido mais felizes. Sebastian estava atado, na mente dela, a esse melhor, essa felicidade.

Ela se lembrava de rir. Sebastian dizia o tipo de coisa que ninguém mais ousava dizer, e a fazia rir.

Agora, contudo, Sebastian era o outro irmão especial, o que precisava ter suas posses carregadas para ele mais do que ela. O que não dizia nada nas discussões da família, mas cuja ausência deixava rebites e rebarbas no que os outros diziam.

Se Triss fosse encontrada ali, até mesmo ela estaria em apuros. Podia ter privilégios por transitar perto da porta da morte, mas Sebastian passara por esta, portanto tinha vantagem.

A atmosfera era tão sobrepujante que Triss levou um segundo para perceber que ouvia o caminhar distinto, ligeiro, da mãe subindo as escadas. O piso logo atrás da porta rangeu, e para seu horror, Triss viu a maçaneta girando.

Minha mãe vai entrar aqui!

Havia somente um local para se esconder. Triss foi ao chão e rastejou para debaixo da cama assim que a porta se abriu.

Não sou de fazer coisas desse tipo, Triss pensou, desconsolada, quando os tornozelos da mãe escondidos por detrás da meia-calça e os sapatos afivelados entraram em seu campo de visão. *Não entro de fininho nos lugares e me escondo e espio*. E, entretanto, lá ficou ela, imóvel feito um ratinho, vendo a mãe acender a lâmpada a gás, sentar-se na escrivaninha e destrancar uma gaveta.

Espiando por debaixo dos fios da coberta, Triss enxergou a mãe cuidadosamente abrindo a gaveta só um pouquinho. Imediatamente, da abertura brotaram pontas de papel, como se um monte de envelopes tivesse sido metido ali à força e se apressassem agora para sair. A mãe apertou os lábios, e sua mão fez um movimento nervoso, como se os envelopes estivessem quentes e ela tivesse medo de tocá-los. Então ficou muito séria, arrancou um dos envelopes e o rasgou para abrir.

Não aconteceu nada no rosto dela. Nada mesmo, mas Triss teve a sensação de que manter a expressão vazia estava demandando grande esforço.

A menina estava longe demais para enxergar as palavras da carta, mas ficou intrigada com a brancura do papel. Parecia limpo, fresco e novo, num quarto onde nada era para ser limpo, fresco nem novo.

As mãos da mãe tremiam. Finalmente, ela soltou um ruído de miséria absoluta, algo entre um gemido e um soluço, e meteu ambos, carta e envelope, junto dos companheiros, depois forçou a gaveta para fechá-la e a trancou, trêmula.

Cartas. A escrivaninha de Sebastian estava cheia de cartas recém-chegadas. A mãe tinha ido ver se chegara alguma nova. Mas por que elas apareciam ali, na escrivaninha de Sebastian? E como conseguiam entrar de fininho na casa para se enfiar dentro de uma gaveta trancada?

A cena parecia mais um sonho; sem sentido, mas emanava significado ominoso e insondável, cheio de um familiar tornado estranho. Muito subitamente, o mundo todo pareceu transformar-se no tipo errado de doença.

Havia algo de terrível e desconfortável em ouvir a mãe soluçando.

Foi um alívio quando finalmente a mãe de Triss fungou e se recompôs, limpando as lágrimas cuidadosamente com as pontinhas de dois dedos, no intuito de não borrar a maquiagem. Ela tornou a trancar a gaveta e pôs a chave no bolso, depois se levantou e deixou o quarto, fechando a porta cuidadosamente, como se houvesse um doente dormindo na cama vazia.

Triss permaneceu onde estava, escutando os passos da mãe se afastando no corredor.

Uma porta distante se fechou, e por detrás dela veio um murmurar baixo de vozes. Finalmente Triss ousou rastejar de debaixo da cama. A gaveta trancada a provocava, e a menina deu no puxador um tranco rápido e fútil, mas a gaveta não pretendia ceder.

Respirando fundo, ela abriu suavemente a porta e deslizou para fora, fechando-a logo em seguida. O corredor estava vazio, e Triss deu graças, sem fazer som, enquanto passava para porta oposta.

Por favor, me deixe acertar dessa vez... Para seu alívio, a porta deu para um quartinho que ela reconheceu de imediato. Coberta de *patchwork* na cama, o livro novo das Fadas das Flores na mesa de cabeceira, papel de parede de prímula... sim, era o quarto dela. Tinha um odor fraco de óleo de fígado de bacalhau e do *pot-pouri* das gavetas. Uma antiga mancha de chocolate em pó em forma de língua, que nunca fora totalmente removida do carpete, dava uma sensação familiar de aspereza embaixo do pé.

Uma onda de alívio quebrou-se em cima da menina, até perder sua borbulhante inércia e retroceder, deixando-a no frio da incerteza. Até mesmo ali, em seu pequeno reino, ela não sentia conforto nem segurança.

A mãe disse que as cartas são daquele homem, com quem estão preocupados. Eles acham que ele me atacou, então correram me trazer pra casa, onde estarei segura. Mas se ele deixou cartas na escrivaninha do Sebastian, então deve ter entrado no quarto de algum jeito.

Não estou segura em casa. Seja quem for, esse homem tem como entrar aqui.

O armário agigantava-se contra ela do canto do quarto. A imaginação de Triss instantaneamente o apinhou de medonhos assassinos. Quando ela abriu a porta com tudo, porém, nada além de vestidos inofensivos a encarou de volta.

Por impulso, a menina passou os dedos sobre golas de renda e túnicas de algodão, tentando provocar as memórias. Sua mão parou num pequeno blazer cor de creme, com um chapéu de palha pendurado por cima do mesmo cabide. Isso sim atçou uma lembrança, mas também um emaranhado doloroso de sentimentos.

Dois anos antes, Triss usara esse uniforme durante a curta estadia na Escola Preparatória da Santa Brígida. Adorava ir à escola, mas ela a deixava doente.

Triss não notara quando começara a ficar doente. Na verdade, achava que estava melhorando, estava mais radiante e feliz. Após passar tanto tempo numa única casa, deixá-la todas as manhãs a preenchia de uma excitação quase dolorosa. Os pais mudaram, contudo, parecendo descontentes e de pavio curto. Tudo se tornara equivocado e azedo, e a menina sentia interiormente que era tudo culpa dela. Volta e meia os pais reparavam no comportamento dela à mesa do café e concluíam que ela estava empolgada demais e a mantinham em casa. Diariamente os dois a interrogavam sobre a escola, e declaravam que as professoras haviam sido negligentes de algum modo que a menina não reparara.

Certo dia, Triss foi pega fofocando no meio da aula e ficou de detenção. Foram apenas dez minutos, mas seus pais aprontaram um furdunço. Após amargas recriminações, os Crescents retiraram as filhas da escola. Triss implorara ao pai que a permitisse continuar frequentando, o que o deixou agitado como ela jamais vira. Ele estava fazendo tudo aquilo por ela. Estava defendendo a filha. Por que ela estava tentando dar as costas ao lar? A menina chorara e chorara por horas depois disso, até sentir o estômago doer e a cabeça arder. Então, claro, ela entendeu que devia mesmo estar doente, e que seus pais estiveram o tempo todo com a razão.

Saber que o uniforme não servia mais preencheu Triss com um desejo entristecido, junto de uma fagulha de culpa por senti-lo. Ela fechou a porta do armário para não ver mais. Ao fazê-lo, pensou ter visto um lampejo de movimento na visão periférica. Ficou tensa e olhou ao redor do quarto, com os sentidos formigando.

Tudo ao redor estava imóvel, mas sua visão retornara. Da penteadeira e da mesa de cabeceira, as bonecas de pano que a mãe costurara a fitavam, junto da bebezinha francesa de boca vermelha como cereja e uma bailarina de porcelana que o pai lhe dera depois da primeira febre mais séria, quase como por consolação. Em qualquer outro dia, a presença delas teria sido confortante, mas ao vê-las naquele momento, Triss só conseguia pensar no rosto trincado de Angelina.

As bonecas não se mexiam, nada além de montes mudos e molengas de tecido e porcelana. Ou talvez estivessem rígidas, observando-a, esperando que ela desviasse o olhar para poderem tornar a se mexer...

Parem de olhar pra mim.

A menina não suportava pensar que todas as bonecas poderiam lentamente virar suas cabeças para olhar para ela, emanando palavrinhas de porcelana, ou começar a gritar. Triss saiu da cama toda atabalhoada e pegou uma fronha de travesseiro. Às pressas, pescou todas as bonecas e as meteu dentro da fronha, e deu um nó na abertura. Procurou por algum lugar para esconder a trouxa, então abriu uma gaveta e congelou, olhando lá dentro.

No interior da gaveta ela viu os diários que tinha escrito por anos a fio, cada um com sua capa diferente de couro ou tecido. Estavam todos abertos, com uma franja de papel rasgado mostrando de onde todas as páginas haviam sido arrancadas. Havia sido arrancadas do mesmo modo como as do diário que ela havia levado consigo na viagem.

Isso mudou tudo. Um diário destruído num ato de despeito impulsivo era o tipo de coisa que Pen com certeza faria se tivesse a chance. A destruição de sete diários em dois locais diferentes sugeria método e planejamento. Seria Pen tão organizada assim?

Talvez não tivesse sido ela. Talvez o inimigo misterioso do pai tivesse entrado no quarto de Triss e mexido nas coisas dela.

– Mãe...

Era para ter chamado a mãe, mas em vez disso a palavra saiu num gemido, não tinha força na voz. No momento seguinte, Triss sentiu-se acanhada e envergonhada perante os livros torturados e correu fechar a gaveta, feliz de ninguém ter ouvido nada.

A menina acabou arremessando a fronha de bonecas dentro do armário, e mergulhou de volta na cama. Por um bom tempo ficou perfeitamente imóvel, procurando escutar algum som vindo de dentro. Não ouviu nada além do silêncio.

Até mesmo em seu forte acolchoado, os perfumes da cozinha a perseguiam. Evidentemente, a Sra. Basset, a cozinheira, fora encontrada afinal. Apesar de Triss se empenhar em entender tudo o que acontecera, sua mente logo se tornou escrava do estômago, e sua atenção fixou-se no bocejo vazio que se abriu dentro dela.

Quando foi chamada para o almoço, a menina teve que usar de toda a sua força de vontade para descer as escadas devagar, em vez de correr. Os pais, felizmente, estavam distraídos e não pareceram notar a refeição desaparecendo

logo após ter sido posta na frente dela, nem a flagraram servindo-se de novo muito discretamente.

Triss não entendia como eles conseguiam ficar sentados à mesa tão mansos e calmos, e falar sobre banalidades do dia a dia como se tivessem importância. A mãe reclamava que a cozinheira pedira a terça-feira toda de folga, para compensar as férias que lhe haviam sido prometidas.

Mais uma vez, Pen não desceu para almoçar, e Triss foi torturada pela visão da comida da irmã gradualmente esfriando e congelando na mesa. Somente apertando as mãos unidas com muita força no colo ela conseguiu se conter e não a atacou.

– Ela vai acabar ficando fraca desse jeito – suspirou a mãe. – Triss, poderia, por favor, levar o prato lá no quarto dela? Se ela não atender, deixe em frente à porta.

– Posso!

Triss lutou para conter a ansiedade enquanto a mãe buscava uma bandeja.

Ela levou o almoço de Pen para cima, e conseguiu esperar até não estar mais sendo observada para furtivamente cutucar a comida. *Só uma batata – ela não vai dar falta. E... esse pedacinho de bacon. E uma cenoura.* Foi preciso muito autocontrole para parar por aí, e Triss passou para o quarto de Pen com pressa, para poder tirar o restante da refeição do caminho da tentativa.

– Pen? – ela chamou baixinho, batendo na que acreditava e torcia que fosse a porta de Pen. – Seu almoço está aqui fora! – Não teve resposta. Triss imaginou se Pen estava sentada lá dentro, taciturna, ignorando a irmã, ou se a menina teria pulado pela janela e fugido em mais um surto de vadiagem. Deixou a bandeja no chão. – Pen, vou deixar aqui em frente à porta.

Por favor, venha até a porta e pegue a comida, Pen. Por favor. Acho que não consigo resistir se você não vier.

Pen não apareceu. O vapor perfumado do prato entrava pelo nariz de Triss, e mesmo quando a menina fechava os olhos podia ainda ver a casquinha dourada da torta com seu molho brilhante, e os pontinhos pretos de pimenta na polpa cremosa das batatas...

Foi demais para ela. Com um solucinho de desespero, Triss caiu de joelhos e pescou o garfo. A comida de Pen estava ainda mais gostosa do que a dela, melhor do que tudo. Ela tentou fazer cada garfada durar mais, mas não conseguiu. Tentou parar, mas não pôde.

E enquanto lambia o prato, trêmula, escutou um som fraco de voz no escritório do pai, o escritório que deveria estar vazio.

Triss baixou o prato vazio na bandeja, e se aproximou cautelosamente do escritório. Quando colocou o ouvido na porta escutou uma voz muito similar à de Pen, falando num tom baixo, contínuo e furtivo. Quando olhou pelo buraco da fechadura, Triss viu Pen, de fato. A menina estava de costas, mas dava para ver exatamente o que estava fazendo. Estava tendo liberdades com o mais augusto e sacrossanto dos objetos: o telefone. Triss sentiu que suas sobrancelhas erguiam-se. Não poderia ter ficado mais surpresa se tivesse pegado a irmã surrupiando emprestado o carro da família.

Era um telefone castiçal preto alto, fixado à parede para facilitar o uso, de modo que era preciso somente uma mão para usá-lo, em vez de duas. Encontrava-se em altura conveniente para o pai de Triss, mas Pen erguia-se nas pontas dos pés, sobre uma cadeira, para nivelar o rosto ao bocal do aparelho. A mão direita sustentava o pequeno fone cônico no ouvido.

Triss não compreendia as palavras que a irmã murmurava. Pen era um verdadeiro disparate empoleirada ali feito uma criancinha brincando de ser o pai num faz de conta. Somente suas palavras sussurradas tornavam o assunto um pouco mais sério.

Com a irmã assistindo à cena toda, Pen pendurou o fone de volta no gancho e desceu. Triss endireitou-se, e poucos segundos depois Pen abriu a porta do escritório. Vendo-se face a face com a irmã, a menina congelou. O rosto, uma máscara de horror e culpa.

– Com quem estava falando, Pen? – perguntou Triss.

Pen respirou fundo, mas não encontrou palavras. O rosto ficou vermelho e contorcido, e Triss quase viu na mente da irmã o ponderar apressado de uma variedade de mentiras e negações, para ver se algum serviria. Então os olhos de Pen pousaram no prato vazio perto da porta, e quando retornaram ao rosto da irmã, o horror foi substituído por ultraje e incredulidade.

– Você comeu meu almoço! – a voz saiu-lhe tão estridente que foi mais um guincho. – Você comeu, não foi? Comeu, sim! Roubou meu almoço!

– Você não veio pegar! – Triss protestou, sentindo os pelinhos da nuca eriçando na atitude defensiva. – Eu bati, tentei te entregar...

– Eu... eu vou contar pro pai e pra mãe. – Pen respirava meio ofegante, como se fosse explodir a qualquer momento.

– Eles não vão acreditar em você.

Triss não queria ter dito isso. Pensara nas palavras, mas não tinha intenção de permitir que as palavras saíssem da cabeça. Era verdade, no entanto, e dava para

ver a mesma compreensão refletida na frustração e na raiva evidentes no rosto de Pen.

– Você acha que pode fazer o que quiser, né? – ralhou Pen numa vozinha tensa e amarga. – Acha que já ganhou. Mas não ganhou.

– Pen... – Triss esforçou-se para reverter o dano –, desculpe por ter comido sua comida. Eu vou... – Ela juntou forças para prometer à irmã parte do seu prato no jantar, mas sabia que era uma promessa que não poderia cumprir. – Vou te recompensar. Por favor, vamos parar com isso? Por que você me odeia tanto?

Naquele instante, Triss sentia que não poderia mais suportar a animosidade incansável da irmã além de tudo mais.

– Acha que tá enganando alguém? – O rosto de Pen era um mapa de incredulidade. Ela se inclinou para olhar bem no fundo dos olhos de Triss, pronta para a briga. – Eu sei de você. Sei o que você é. Eu vi quando você saiu do Grimmer. Eu estava lá.

– Você estava lá? – Triss deu um passo à frente, apenas para ver a irmã recuar. – Pen, você tem que me falar tudo o que viu! Você me viu cair? O que aconteceu?

– Ah, para com isso! – Pen ralhou. – Você se acha muito esperta, né? – A menina ficou muito séria e fechou a cara como se não houvesse nada que quisesse mais do que morder alguém. – Quer saber? Você não é tão esperta quanto pensa. Você anda fazendo tudo um pouquinho errado. Tudo. O tempo todo. E logo, logo eles vão reparar. Vão ver.

No rosto de Pen, Triss via nada além de uma declaração de guerra. As palavras incompreensíveis da irmã mais nova ferviam e se agitavam na mente de Triss feito um cardume de piranhas, até que o desespero foi suavemente trocado por uma inundação de frustração e ressentimento. Ela queria ter se desculpado por ter comido o almoço de Pen, queria ter resolvido, conversado, mas todos esses sentimentos foram engolidos pela amargura e por uma sensação perene de injustiça. Era sempre assim, ela começava a recordar. Ela tentava se aproximar, apenas para ser empurrada de volta pelo ódio engenhoso e inexorável de Pen.

– Você tá mentindo, não é? – Triss sibilou. – Você não viu nada. Só tá tentando me assustar. Mentirosa!

Triss foi tomada por um desejo ardente de contra-atacar, e com um lampejo adocicado de poder reparou que, se quisesse, poderia colocar a irmã em apuros sem muito esforço. Posso contar pra eles que ela gritou comigo e me deixou com dor de cabeça. Conforme a ideia lhe passou pela mente, não é que a cabeça pareceu começar a doer de fato? Parecia mesmo que Pen a fazia sentir-se doente de

verdade. E posso dizer que ela viu alguma coisa no dia em que eu caí no Grimmer; eles vão obrigá-la a contar.

– Meninas? – A mãe apareceu no topo da escada. – Meninas... estão brigando aí?

As duas meninas congelaram, e involuntariamente se entreolharam, mais como conspiradoras do que oponentes. Se não houvesse contenda, nenhuma das duas estaria em apuros. Por outro lado, se alguma delas quisesse abrir o berreiro, a outra teria que fazer o mesmo, mais alto e mais forte. Quem teria mais a perder com uma cascata de culpa?

Triss estivera prestes a gritar escada abaixo para os pais, para contar o que Pen dissera e relatar o uso ilícito do telefone. Ali, contudo, faltou-lhe a coragem. Apesar da raiva, havia também o medo arrepiante de que talvez a irmã realmente soubesse algo terrível sobre ela, algo que Triss não ia querer que os pais soubessem.

– Não – respondeu Pen, carrancuda. – Não estamos brigando. Eu só estava... falando pra Triss uma coisa que eu acho que ela devia fazer. Falando alto.

– É mesmo? – A mãe pareceu muito intrigada.

– É. Sabe... – Pen olhou a irmã de soslaio – Triss trouxe o prato pra mim, mas eu disse que não estava com fome. E... ela estava. Então eu disse pra ela comer. E ela comeu.

A mãe olhou para Triss, mais intrigada ainda. A boca da menina estava uma secura só. Ela esperava que Pen a acusasse de roubar comida. Contudo, sem motivo aparente, Pen parecia querer tirá-la da linha de fogo. Sentindo como se tivessem lhe oferecido as pazes com um tapa na cara, Triss concordou com a cabeça, lentamente, confirmando a história da irmã.

– Ah, Triss! – disse a mãe, parecendo metade escandalizada, metade preocupada.

– Sabe... ela vive morrendo de fome – prosseguiu Pen, franzindo o cenho para os sapatos gastos. – Morrendo de fome. E eu acabei de dizer que ela devia te contar, talvez por ainda estar doente, só que ela não quis, pra não te preocupar.

– Triss! Querida! – A mãe caiu de joelhos e deu um abraço forte, mas curto, na filha. – Você tinha que ter falado! Você sempre tem que me contar o que te preocupa, fofinha!

– Mãe – Pen perguntou na mais baixinha das vozes –, a Triss vai ficar bem? – As sobrancelhas dela entortaram ligeiramente, e a boca fechou num biquinho, como se fosse uma criança bem mais nova, com medo do escuro. – Ela ainda tá

doente? É que... eu fiquei com muito medo ontem à noite. Quando eu vi a Triss no jardim. Ela tava tão esquisita!

O sangue de Triss congelou. Essa *cobrinha*. Ela me viu embaixo da macieira ontem à noite. Deve ter visto da janela dela.

A mãe tornou a fitar Triss, sem desconfiança ou acusação no olhar, somente o precursor de um sorriso admirado.

– No jardim?

– Não faço a menor ideia do que ela está falando.

Triss admirou-se com o modo como manteve a voz tão reta, tão convincentemente estupefata.

– É... essa é a parte que dá medo – Pen murmurou. Ela estendeu a mão e enrolou o dedinho na bainha da saia da mãe, como se buscasse conforto. – Acho que ela não lembra de nada mesmo. Mas eu vi, e ela ficou um tempão engatinhando na lama, no meio das maçãs estragadas. Parecia maluca, e a camisola estava toda suja...

– Triss, querida. – A voz da mãe chegou muito macia, e com o coração afundando, Triss soube o que ela ia perguntar. – Pode ir pegar sua camisola? Faça o favor.

Dentro do quarto, Triss tentou raspar fora um pouco da lama e das marcas de grama com as unhas, mas não deu muito certo. Não tinha outra camisola com a qual trocar. Sentiu o rosto e o pescoço esquentando ao levar o embrulho encardido e amassado para a mãe, que o desdobrou e analisou em silêncio.

Por um segundo, Triss pegou a irmã lançando-lhe um olhar duro e calculista. A conversa toda não passara de uma cilada. Triss enxergava a realidade somente quando o abismo já abria sua enorme boca na frente dela.

– Pen estava usando o telefone do pai.

As palavras caíram da boca de Triss feito pedras, duras, frias e amargas.

– Não use! – O rosto de Pen assumiu uma expressão de simples e plena incompreensão, tão realista que por um momento Triss chegou a acreditar nela. – Mãe... por que a Triss tá dizendo isso?

– É mentira! – Triss protestou. – Ela mente o tempo todo!

Pela primeira vez, contudo, a menina viu a gangorra da mãe balançar e ameaçar pender para um lado diferente.

– Eu não use! – Pen parecia estar prestes a chorar. – A Triss disse que ouviu gente falando no escritório quando subiu, e disse que parecia alguém usando o telefone, mas não tinha ninguém! E não tinha nenhuma voz! Mãe... tô ficando com medo!

– Meninas, quero que esperem aqui.

A mãe foi andando, quase correndo para as escadas e retornou instantes depois com o pai, que lhes ofereceu um sorriso breve e distraído que não incluía o olhar. Ele entrou no escritório, e então Triss escutou-o falando alto com a telefonista, perguntando quais chamadas tinham sido feitas no dia anterior.

Quando retornou, ajoelhou perante Triss, suspirou e olhou bem nos olhos dela.

– Pense direitinho, Triss. Quando foi que pensou ter visto Pen usando o telefone?

– Agora mesmo – ela sussurrou.

As palavras dele já tinham dito tudo o que ela precisava saber, contudo. Não queriam dizer “quando foi que você viu Pen usando o telefone?”, mas “quando foi que pensou ter visto Pen usando o telefone?”.

A telefonista devia ter dito que não houvera ligação nenhuma feita da casa. O que isso significava? Talvez Pen tivesse fingido que estava ao telefone. Teria ela encenado tudo para fazer a irmã parecer maluca? Ou... seria possível que Pen jamais tivesse entrado no escritório, e Triss tivesse mesmo imaginado tudo?

A mãe envolveu Triss com os braços.

– Você não fez nada de errado – disse, muito, muito gentilmente.

Triss sentiu o sangue congelar nas veias.

Os pais de Triss foram bondosos. Até demais. Explicaram tudo para ela no quarto da frente, depois do pai ter ligado para o médico e marcado consulta para o dia seguinte. Não havia nada com que se preocupar, disseram-lhe. Ela não tinha feito nada de errado. Era apenas um restinho bobo da doença, mas eles a levariam ao médico e ele resolveria tudo.

O médico enxergaria através dela, ela tinha certeza. Seria capaz de dizer, à primeira vista, quão doente ela estava. Do tipo que vê coisas. Do tipo que mata bonecas. Do tipo que come fruta podre. Só que nenhuma das estratégias de Triss funcionou. Não quero ir ao médico, não tô a fim, vai me fazer ter dor de cabeça, a sala dele tem cheiro esquisito, eu tenho medo dele...

No fim das contas, o que a fez parar de tentar escapar da linha de fogo foi a expressão no rosto do pai. Mostrava dor e tristeza de um jeito que ela nunca tinha visto, e o fazia parecer mais velho. Ela não suportava a ideia de fazer o pai parecer mais velho.

– Triss, não tem por que ter medo. – Ele a puxou para perto, colocou-a no colo e a abraçou. A jaqueta dele era toda cheia de aromas sérios de pai, como fumo de cachimbo, creme de cabelo, e um cheiro cálido de couro que parecia pertencer somente a ele. Sentiu-se um pouco mais segura. – Vai dar tudo certo no médico. Você vai ser muito corajosa, e vou ter muito orgulho de você, como sempre. Sei que está com medo, confusa, mas não vai acontecer nada de ruim. Confia em mim, né?

Triss fez que sim, muda, a bochecha contra a lapela da jaqueta dele. Ao fazer isso, entretanto, a lembrança das estranhas conversas que escutara a atingiram, uma lasca esquecida fincada na pele, cutucada agora pelo gesto de carinho. Ela fez que sim, mas mentiu. Não confiava, não conseguia confiar nele totalmente.

– E se você for bem boazinha e bem corajosa, depois de vermos o doutor vamos te levar à rua Marley pra comprar uma camisola nova. E um vestido de festa também. Não seria legal?

Triss hesitou, depois fez que sim mais uma vez, lentamente. Um vestido de festa novo significava que ele ainda a amava e que ela continuava sendo Triss aos olhos dele. Vestidos de festa remetiam a festas, o que significava não ser trancafiada num hospital psiquiátrico.

Triss sentiu a mão da mãe acariciando sua cabeça, e com um assomo de alívio a menina sentiu um pouco do próprio poder retornando para ela. Estavam preocupados com ela, mas continuavam do lado dela. Ainda fariam tudo o que pudessem para resolver qualquer coisa que fizesse os lábios dela tremere. A sensação de segurança foi efêmera, contudo. Pen não ficaria satisfeita com a mais recente investida. Pen ficaria planejando alguma coisa nova, e Triss sentiu sua raiva e seus recursos se reunindo e se preparando para a batalha.

Triss teve uma longa noite de insônia, mantida acordada pelos pensamentos e pelo cair constante da chuva. Mesmo quando ela mergulhou no sono, foi um sono raso feito poça e raiado de sonhos. Sonhou que estava numa costureira para tomarem suas medidas, mas quando retirou a túnica para provar a nova roupa descobriu que tinha outro vestido por baixo. Tirou esse também, apenas para descobrir mais um vestido embaixo desse. Vestido após vestido, ela os removeu, ficando cada vez mais fina no processo, até lhe ocorrer que no final não restaria nada dela, a não ser uma pilha de roupas descartadas e um grito desencarnado.

Mas a costureira continuava obrigando-a a tirar vestido atrás de vestido, e sorria muito o tempo todo, rindo um riso como o farfalhar das folhas.

– Cinco – disse, rouca, tremendo de alegria. – Só mais cinco e acabou.

Triss acordou dando um pulo. O coração martelava uma tatuagem horrenda no interior do peito, até que ela compreendeu onde estava e se certificou de que seus membros não eram feitos de tecido.

– Triss! Pen! Venham tomar café!

Escutando a mãe chamando lá de baixo, Triss reuniu forças, saiu da cama e correu vestir-se. Enquanto passava uma escova pelos cabelos, contudo, pequenos fragmentos de alguma coisa caíram de um dos cachos. Com um pressentimento súbito, Triss olhou no espelho de seu pequeno toucador. Seus dedos trêmulos tocaram um enrugado objeto marrom em seus cabelos. Era uma folha morta.

– Mas... mas eu não saí ontem à noite! – ela exclamou, desconsolada. – Dessa vez não! Não saí! Não saí! Isso... isso não é justo!

Sua visão borrou e seus olhos arderam, mas as lágrimas não vieram. Piscar provou-se difícil e doloroso.

Não posso ter saído ontem à noite sem me lembrar... posso?

Não havia marcas de grama na camisola descartada, mas quando Triss examinou o chão encontrou pedacinhos de mato e pequenos grumos do que parecia ser lama seca. Talvez não fosse nada. Talvez os tivesse trazido para dentro nos sapatos, no dia anterior. Quando ela abriu a janela, a madeira estava muito

pesada, para seu conforto, e cedeu somente com um lascar de tinta, sugerindo que não tinha sido aberta por muito tempo.

Na praça, lá embaixo, ela viu as folhas das árvores do parque balançando sob a investida da chuva. No pavimento negro e liso ela viu a centelha pálida de cada gota de chuva invisível retornando ao lar.

Choveu a noite toda. Eu ouvi a chuva toda vez que acordei. Então, se eu tivesse saído, meu cabelo e minha camisola estariam molhados. E haveria lama úmida no chão, não seca. Não é possível que eu tenha saído.

Sua mente lutou contra a imagem dela saltando pela janela feito uma louca para atacar jardim após jardim, sorvendo tutano de ossos e fuçando em latas de lixo como um gato esfomeado. Agora outra imagem viera à mente, a de Pen entrando no quarto dela com as mãos cheias de terra e folhas mortas, no intuito de polvilhar ambos sobre o chão e sobre os cabelos de Triss.

Ela seria capaz disso?

Pen me odeia. Ela adoraria me ver agora descendo as escadas chorando, soluçando por ter encontrado folhas secas no cabelo. Ela quer que eu pareça louca, pra que me mandem embora, me coloquem num hospício. Assim ela teria toda a atenção que sempre quis. Ela faria qualquer coisa pra que isso acontecesse.

Mas eu não vou deixar que se livre de mim. Não vou deixá-la ganhar. Vou ao médico, e vou fazer o que ele mandar, e vou mostrar pra todo mundo que ele me ajudou a melhorar. E não vou deixá-la ver que fiquei com medo.

Triss penteou o cabelo com muito cuidado, limpou a terra do chão e desceu a escada com toda a calma que pôde simular. Tinha uma batalha para travar.

No fim da tarde, o pai a levou à cidade. A chuva tilintava sobre a cobertura de lona do carro. Toda vez que paravam num cruzamento, esperando pelo aceno dos policiais de luvas brancas que organizam o tráfego, um bando de meninos e meninas em roupas muito gastas se reuniam à beira da via para admirar, boquiabertos, o Sunbeam.

Toda vez, Triss ficava parada feito pedra, como se não os tivesse visto, olhando para o horizonte enquanto a chuva pintava o vidro do para-brisa. Era algo de que se lembrava, apreciava a sensação de que as outras crianças ficavam imaginando quem andava naquele carrão. O vidro embaçado que os separava era uma janela mágica que dava para outro mundo, como uma tela de cinema. Na cabeça deles, ela podia ser uma princesa ou uma estrela de cinema.

Mas naquele dia Triss não conseguiu se sentir muito glamourosa e não queria ser especial nem misteriosa. Sentia-se ínfima e miserável, e naquela manhã o mundo lá fora parecia imenso, alarmante e onírico. A via estava um caos.

Bicicletas cortavam e costuravam a massa do tráfego maior, os pneus desenhavam linhas finas sobre o asfalto molhado. Carroças voavam, e os flancos dos cavalos reluziam feito verniz. Bondes tinham e tremiam ao longo de seus trilhos brilhantes, e os rostos lá dentro eram como carrancudas bolhas de sabão amontoadas.

Elchester era a cidade das pontes, e já o era desde antes da construção das Três Amazonas. Seus morros tortuosos o demandavam, para que as estradas mais compridas não tivessem que mergulhar, escalar ou dar saltos, mas sim velejassem serenas de cume a cume. As ruas mais baixas costuravam seu caminho por entre os arcos das pontes, talhados em paredes antigas inchadas feito massa de pão, enquanto acima delas se esticavam arrojadas pontes vitorianas com a crista da cidade cravejada dos dois lados. As pessoas ficavam sempre olhando para cima e para baixo, vendo as ruas que se entrecruzavam por cima e por baixo. Naquele dia, todos os arcos exibiam uma cortina prateada de gotas que caíam.

O consultório do Dr. Mellows ficava numa rua íngreme ao norte da cidade, cheia de casas altas de tijolo marrom-escuro com janelas enormes, compridas. O pai de Triss estacionou cuidadosamente, girando as grandes rodas, de modo que encostaram no meio-fio, e pisou firme no freio para que o carro não rolasse morro abaixo.

A entrada e a recepção eram pintadas de verde e cor-de-rosa, e exalavam limpeza. A recepcionista de cabelos cacheados pendentes sobre um dos olhos lembrou-se de Triss, e abriu um enorme sorriso escarlate.

– Sim, o Dr. Mellows está te esperando. Quer entrar já?

– Eu gostaria de falar com o Dr. Mellows primeiro, se não tiver problema – correu dizer o pai de Triss.

A menina foi deixada na sala de espera, onde se sentou, sentindo muita náusea.

Cinco minutos depois o pai saiu, abriu aquele sorriso especial e acariciou os cabelos da filha.

– O Dr. Mellows vai te ver agora. Vou esperar aqui.

Triss foi encaminhada à sala do médico e encontrou o Dr. Mellows sentado à mesa. Era um homem alto, grisalho, de cinquenta e poucos anos, com uma confortante voz grave e ronronante que parecia sair de algum ponto no fundo da caixa torácica. A menina o vira tanto ao longo dos anos que ele era quase como mais um tio que aparecia somente em ocasiões especiais.

– Então. Como vai minha guerreira? Como vai minha soldadinha? – Era assim que ele costumava cumprimentá-la. Os olhos muito vivos, com a mistura usual de

brilho e estima. A única diferença é que havia três livros imensos em cima da mesa, um deles aberto. – Ei, não faça essa cara de amedrontada! Nada de remédio nem agulha hoje. Não precisa se preocupar. Vamos só conversar um pouco. Sente-se.

Triss sentou-se numa cadeira confortável do outro lado da mesa, passando os olhos rapidamente pelos livros prostrados em frente ao médico. O título ao longo da lombada de um dos fechados dizia *Estudos sobre histeria*. O que estava aberto mostrava as palavras “O ego e o id” no topo de cada página.

– Bom, ouvi dizer que você teve uma baita duma febre. Como está se sentindo agora?

– Ah, bem melhor. – Triss fez voz de quem estava muito bem.

– Mas... melhor mesmo? Parece que algumas coisas ainda não estão bem, né?

– O Dr. Mellows a observava com aquele mesmo brilho firme, sem piscar os olhos, com o dedão roçando num canto de página. – Que tal me falar mais sobre isso?

Triss então falou. Contou que se sentia muito bem, mas tinha mais apetite do que de costume. Contou que achava que tinha sonambulado na casa de campo, o que a assustava um pouco. Quando ele perguntou se havia algo mais que a preocupava, ela passou alguns momentos com a cabeça de lado, como se forcesse o cérebro, depois fez que não, muito jovial.

Quando o Dr. Mellows perguntou sobre ela ter afirmado que ouviu Pen falando ao telefone no dia anterior, Triss franziu o cenho, parecendo arrependida e relutante em falar.

– Você... você não vai fazer todo mundo ficar bravo com a Pen, né? É que... eu acho que deve ter sido... uma brincadeira. Acho que ela deve ter fingido que estava falando ao telefone, pra eu contar para as pessoas e me fazer de boba. Ela... faz coisas assim às vezes. Mas você não vai falar nada, vai? Não vai colocar a Pen em apuros, certo?

A menina mordeu o lábio e fitou o médico, e pôde ver no rosto dele como ele a via. Corajosa, porém presa, a vítima que sofria fazia muito tempo nas mãos da irmã maldosa.

– E você tem medo de que, se ela entrar em apuros, vai descontar em você, imagino. – O médico suspirou. – Sim, eu entendo. Não se preocupe, pode deixar comigo.

Triss soltou o ar lentamente, tentando não mostrar como o coração batia forte. Também sei jogar como você, Pen.

– Bom, certo, certo.

O Dr. Mellows sorriu para Triss, e, apesar do que ele dissera, a menina ficou pensando se não havia um pontinho de desapontamento no olhar do homem.

– Tem como me fazer parar de andar dormindo? – ela perguntou, com cautela. – É que todo mundo parece ficar muito preocupado comigo, e não quero chatear ninguém.

– Claro que não chateia. – Ele sorriu para ela, muito bondoso. – Bom, vamos ver o que podemos fazer. Minha jovem Theresa, seu pai me contou que antes de adoecer você caiu numa espécie de lagoa, e que não se lembra disso... não se lembra de nada desse dia, na verdade. É isso mesmo?

Triss fez que sim.

– Bem, como posso explicar? – O médico abriu um sorriso cálido e gentil. – Imagine que um dia você engoliu uma bolinha de gude das grandes. Não que eu esteja dizendo que uma mocinha crescida como você faria uma coisinha boba dessas. Bom, depois de ter acontecido isso, a bolinha de gude causaria todo tipo de problema em você até ser retirada de dentro. Você não ia poder ver, talvez não soubesse o que estava causando o problema, mas teria uma bela duma dor de barriga. O engraçado é que, às vezes, as lembranças podem agir assim. Se acontece alguma coisa que assusta a gente, ou que não queremos lembrar, a gente engole a lembrança feito uma bolinha de gude. – O médico passou a falar calma e cuidadosamente. – Não podemos mais ver a lembrança, mas ela está lá, dentro de nós, criando problemas. Acho que é isso que te faz andar dormindo. É como... uma dor de barriga da cabeça.

Parecia tudo tão inofensivo quando o médico explicou daquele jeito; de fato bastante banal e modesto. Contudo, a menina reparara em algo no tom de voz dele. Os adultos só falam desse jeito quando sabem que a gente ficaria muito triste ou preocupada se entendesse o que queriam mesmo dizer.

– Então... eu só preciso cuspir fora a bolinha de gude?

– Isso. – O médico fez que sim, entusiasmado. – Exato. O negócio é se lembrar. Trazer a bolinha de volta para a luz do dia. Daí ela não vai mais te incomodar.

– Mas ter essa bolinha em mim não quer dizer que fiquei louca, né? – A pergunta escapou-lhe antes que ela a pudesse conter.

O médico fitou a menina, surpreso, depois soltou um risinho curto.

– Não, não! Um monte de gente anda por aí dormindo, principalmente os mais novinhos, como você. Não se preocupe com isso. Quem vê pensa que você andou vendo fadas no seu pote de mingau!

Vendo coisas! Vendo coisas! Ele sabe! Ele sabia o tempo todo!

Não havia provocação nem escrutínio nos olhos do médico, todavia, quando ele sorriu e fechou o livro.

Não. Não, ele não sabe de nada. Disse isso só pra eu me sentir melhor.

– Agora, suba ali na balança, e depois disso está liberada.

Triss obedeceu, e mal reparou no modo como as sobrancelhas do médico ergueram-se quando a agulha passou voando pelos numerais pintados.

Ao acompanhar o pai porta afora do consultório do médico, Triss sentiu uma onda cálida de alívio, seguida por uma corrente fria de profunda ansiedade e autodesprezo.

Bem feito, Triss, murmurou uma vozinha nas profundezas de suas vísceras. Enganou a pessoa que ia tentar te ajudar. Agora ele não vai mais.

A rua Marley era uma das maiores vias públicas de Ellchester, e passara a ser iluminada por eletricidade no lugar do gás. Colchetes de ferro foram grampeados no topo dos postes para sustentar os cabos dos bondes, e deles emanava uma luz de brilho e brancura quase etéreos, feito luar destilado. Ela transformava a rua e tornava tudo maior, mais alto, mais vívido e empolgante, como se todos os passantes estivessem num palco e soubessem disso. Em comparação, a luz fraca das lâmpadas de gás nas ruas laterais deixavam tudo lá parecendo melancólico e um pouco desbotado.

– Na Lambent's, como sempre? – perguntou o pai.

Era a loja favorita de Triss. A menina levou um instante confuso para se lembrar disso. Todos os vestidos mais amados foram comprados lá, após crises de doença. O de seda azul pós-tosse. O de algodão com estampa primaveril pós-febre-de-três-dias.

Pararam em frente à Lambent's. As letras douradas diziam “Lambent & Filhas”, reluzentes acima da vitrine perante a luz das lâmpadas da rua. Enquanto o pai dava-lhe as costas para fechar o guarda-chuva, Triss apertou-se contra a enorme e brilhante vitrine, evitando assim o gotejar do toldo estreito acima. Atrás do vidro posavam cinco esguias manequins de gesso de pele muito pálida. Eram lânguidas e sobrenaturalmente magras, conforme o estilo mais recente, e seus rostos não demonstravam afeto algum.

Triss estava admirando os vestidos franjados de tons pastel quando todas as cinco figuras se mexeram. Muito lentamente, viraram os rostos sem olhos para fitar a menina, e então penderam os ombros levemente e inclinaram para a frente, comportando-se com intenso interesse.

– Não! – Triss deu um pulo para trás, entrando na chuva. O pai voltou-se para ela, surpreso. A menina ficou muito tensa e evitou ao máximo olhar para a vitrine. Se o pai a visse olhando, poderia virar-se para investigar. E se ele as visse se mexendo? Ou se não visse nada de estranho? – Podemos ir pra outro lugar dessa vez? Ouvi dizer que tem uma loja melhor no... pra lá.

Ela apontou às cegas para um dos sentidos da rua, torcendo para encontrar uma costureira nessa direção e garantir credibilidade à história.

– É mesmo? Bom, o que você preferir. – O pai tornou a abrir o guarda-chuva.
– Como se chama essa outra costureira?

– Eu... não estou lembrando agora – disse Triss, simplesmente aliviada por encontrar-se caminhando para longe dos ominosos manequins bisbilhoteiros. Ela foi andando sem olhar para trás, o coração pulando dentro do peito. – O nome era algo... como... é esse aqui! – Para seu deleite e alívio, a menina reparou que estavam passando por uma loja com uma enorme tesoura de metal suspensa acima da porta, presa a uma fina corrente, sinal certo de que se tratava de um alfaiate ou uma costureira. Boa parte das roupas que vestiam os moldes de arame na vitrine parecia ser masculina, mas havia roupas para mulheres também. Os olhos de Triss passaram velozes pelas letras azul-celeste encaracoladas acima da porta. – Grace & Scarp. Isso mesmo!

– Tá certo. – O pai alisou os cabelos úmidos da filha. – Vamos ver o que eles têm de bom.

Somente quando subia pelos degraus da loja Triss sentiu uma pontadinha de inquietação. Não era bem medo, só um ligeiro desconforto, como se ela tivesse se esquecido de algo muito importante. Um pensamento passou voando por sua mente, mas não foi ruim, só estranho. Lembrou-se de ter brigado com a tesoura da mãe na manhã após a febre; a ferramenta parecia tão relutante na mão dela.

Quando Triss abriu a porta da loja houve um baque alto e súbito. Alguma coisa caiu no chão, bem aos pés dela. Era a enorme tesoura de ferro pendurada acima da porta.

O pai mantinha o guarda-chuva aberto acima dos dois, e somente isso impediu que as lâminas caíssem bem em cima da cabeça dela. O mundo ao redor de Triss pareceu perder a cor, e por alguns momentos ela perdeu a capacidade de compreendê-lo. A enorme tesoura aos seus pés era a única coisa real. Havia todo um rebuliço ao redor dela, e parecia que o pai era o principal responsável. Os demais pareciam pedir muitas desculpas.

– Não sei como a corrente foi partir... colocamos não tem nem um ano...

Triss e o pai foram sugados às pressas para a cintilante loja, e alguém se esforçou muito para remover as gotas de chuva dos ombros da menina com um lenço, como se isso fosse compensar o ataque da tesoura.

– Minha filha – declarava o pai em tons de raiva incandescente – está num estado delicado de saúde. Os nervos dela não suportam um choque desses!

Um homem corpulento conseguiu erguer a voz acima do coral de desculpas.

– Senhor, sentimos muito, profundamente. Não tem como nos desculpar pelo acidente, mas quem sabe não podemos compensar de algum modo. Quem sabe um vestido para a sua filha por conta da casa... e talvez um terno para o senhor com um bom desconto?

O pai de Triss hesitou, a tampa tilintando por cima da panela fervente que estavam os nervos dele. Então ajoelhou ao lado dela.

– Triss, como você está? O que quer fazer? Quer ficar aqui e ver como são os vestidos ou quer ir a outro lugar?

– Não precisa – Triss soltou. – Podemos ficar aqui.

Era verdade mesmo. Estava assustada, mas não fora afetada fisicamente pelo choque do modo como o pai receava. Triss sentia até um pouco de culpa pelo incidente, como se após a fala do pai ela fosse obrigada a parecer mais magoada.

– Se você prefere assim. – O pai olhou brevemente para o homem que tinha oferecido o vestido e o terno com desconto. – Triss, preciso conversar umas coisinhas com o gerente ali. Se eu te deixar aqui pra pegar medidas, vai ficar tudo bem?

– Mas eu já sei as minhas medidas! – Triss exclamou, surpresa.

– Acho que seria bom te medir de novo, linda – o pai disse baixinho, mas com firmeza, e novamente Triss sentiu o fantasma da ansiedade passar sorrateiro por detrás do sorriso do pai. – O Dr. Mellows disse... que você pode ter perdido um pouco de peso.

Perdido peso? Perdido peso? Com incredulidade, Triss lembrou-se de toda a comida que devorara ao longo dos três dias anteriores. Como poderia ter perdido peso? Pensando bem, agora, no entanto, o médico pareceu mesmo bastante admirado quando ela subiu na balança.

Ainda lidando com o acontecido na mente, Triss foi levada por uma porta na qual se dizia “Reservado para Clientes Especiais de Grace & Scarp”. O quarto do outro lado era pequeno, mas bem maior que a entrada da loja e totalmente vazio de gente. As paredes eram padronizadas numa soturna combinação de azul-escuro e cinza-prateado, e a mobília era em geral cromada com couro brilhante. De estantes ao longo da parede pendiam tubos de tecido preto, marrom e azul-marinho. Tudo era muito sério e cavalheiresco, e fez Triss sentir-se boba e deslocada feito uma mancha de geleia numa folha de jornal.

– Por favor, sente-se. – O homem que a levava à sala puxou uma grande cadeira de couro em frente à menina. – Essa é nossa sala VIP, reservada para a realeza, aos mais extravagantes e àqueles que atacamos com tesouras.

À primeira vista, Triss pensara que o homem era bastante jovem. O cabelo besuntado de óleo emanava um brilho doce de glamour. O sorriso era também jovial, curto e humorado. Contudo, prestando mais atenção nele, a menina notou linhas horizontais cruzando a testa e um toque de velhice nas bochechas. Os movimentos dele tinham também um toque de rigidez, por isso ela supôs que ele

devia ser mais velho que seu pai. Os modos eram brincalhões, mas eram somente a ludicidade de um cão velho que não mais corre atrás de qualquer bola. Quando ele cruzou a sala, andou com um ligeiro mancar, embora o tenha escondido quase totalmente nos passos muito acertados.

– Meu nome é Joseph Grace – ele prosseguiu –, e já que meu parceiro vai cuidar do modelo do seu pai, cuidarei do seu.

Triss sentou-se naquela cadeira que mais parecia um trono. Tendo a porta sido fechada depois que ela passou, cortando o balbuciar de vozes na loja, ela começou a escutar música. Era uma peça cadenciada de violino, tão clara que Triss olhou ao redor, só para o caso de haver músicos de verdade como nas casas de chá Lyons, mas em vez disso seus olhos encontraram um gramofone num canto, o disco girando, a boca do tubo curvo apontando para a sala.

– Bom – continuou o Sr. Grace –, o que vai querer? Chá com bolo? Limonada? Coquetel com ostras?

Triss soltou um risinho muito surpreso.

– Chá, só chá, por favor. E... bolo.

– Claro.

O Sr. Grace chamou alguém numa porta, e pouco depois uma mocinha de terninho azul elegante tropeçou sala adentro com um prato lotado de pedaços de bolo e chá numa xícara de porcelana.

Triss sorriu, esquecendo-se da tarefa de parecer acabrunhada. Talvez a sala parecesse surpresa de encontrar uma serelepe menina de onze anos lá dentro, mas o Sr. Grace não a tratava com cortesia nervosa e sofrida, como se ela fosse uma fedelha insegura que pudesse pôr-se às convulsões e aos ataques a qualquer momento. O homem sorria para ela, gentil e tranquilo, como se fossem velhos amigos que tivessem inesperadamente se encontrado na rua. Ele pôs um livro de modelos nas mãos de Triss, cheio de moldes e retalhos de tecido. Ele virou infinitas páginas com homens elegantes e retângulos de enfadonhos tecidos para terno até alcançar as coloridas páginas das mulheres no final. Triss foi virando as páginas, sentindo um fervilhar de poder ao fazer escolhas.

Uma mocinha esperta de cabelos dourados de cachos firmes levou Triss a uma sala de provas e tirou as medidas dela. Depois disso, Triss foi acompanhada de volta à sala VIP, onde rolos de tecido foram trazidos aos pés dela. A encenação toda fez a menina se sentir uma verdadeira rainha.

Ela nem reparou em quão rapidamente desapareciam os pedaços de bolo ao lado, até que sua ávida mão encontrou o prato vazio.

– Oh! Sinto muito. – Triss reparou que estava sendo muito rude.

– Não se preocupe com isso. – O alfaiate fez um aceno compreensivo. – Os VIPs podem comer bolo à vontade. Você... quer mais um pouco?

Triss fez que sim, e viu, hipnotizada, mais dois pratos chegando, empilhados de bolo de frutas cobertos com glacê real. Quando conseguiu desgrudar os olhos de tal visão, reparou que o alfaiate a estudava meio de esguelha, um ar de especulação nos sérios olhos castanhos.

– Recobrando as forças depois de ter ficado doente, não? – ele perguntou baixinho.

– Isso... – Triss reparou que ter massacrado o prato de bolo não ajudava muito a sustentar a figura de delicadeza pintada pelo pai. – Perdi peso – ela declarou, defensiva.

– Um bolinho é o melhor remédio. – O homem abriu um sorriso confiante. – Lembro muito bem que um médico me disse isso uma vez. Particularmente, eu sempre uso bolo pra minha dor na perna. – Ele olhou, pesaroso, para a perna esquerda, a que não era boa. – E se um dos nossos clientes VIP resolver comer uns seis pratos ou mais, se depender de mim, ninguém vai ficar sabendo.

Triss livrou os pratos recém-chegados de seu conteúdo em minutos, e outros três pratos foram trazidos quase imediatamente, lotados de muffins. A menina atacou-os sem hesitar. Foi tão grande o alívio de não ter que se conter que ela quis gritar. Se eu puder comer o suficiente aqui, sem a minha família saber, talvez eu não precise de mais do que o jantar de sempre. E vou poder parecer normal.

– A sua perna... foi por causa da guerra? – Triss não tinha muita intenção de fazer essa pergunta, mas acabou escapando.

– Foi – disse calmamente o Sr. Grace. – Uma lembrancinha da França.

Triss pensou em Sebastian. Imaginou como seria a vida se ele tivesse voltado da guerra para casa, triste e manco, mas ainda bondoso e esperto. Pensar nele a fez sentir, de repente, uma dor de vazio bem no meio do peito. Concluiu que gostava do Sr. Grace.

Enquanto concluía, reparou pela primeira vez que o alfaiate usava uma faixa de seda preta no braço, quase camuflada contra a manga da camisa escura. Parecia coisa de quem está de luto. O Sr. Grace notou para onde ela olhava.

– Ah. – Ele tocou a seda com a pontinha do dedo. – Outro ferimento antigo. Anterior à guerra, na verdade.

– Então faz bastante tempo.

Triss não ouvia falar de alguém que usasse uma faixa de luto fazia muito tempo.

– Uma pessoa que eu amava se foi porque eu coloquei minha fé num médico que me disse para eu não me preocupar – disse o Sr. Grace baixinho. – Uso para me lembrar de que a confiança cega tem consequências. – Ele olhou através de Triss por um ou dois segundos, depois abriu um sorriso tristonho. – Me perdoe... e deixe-me encontrar o antídoto pra um assunto melancólico desses.

O alfaiate foi até o gramofone e delicadamente ergueu a agulha, interrompendo os violinos em plena melodia. Ele removeu o disco e o guardou dentro da luva, depois sacou outro disco e o posicionou na mesa. Quando a agulha foi baixada sobre o disco, soltou uma tossezinha de estática, como se limpasse a garganta, e então começou a tocar música.

Mas que música mais esquisita! Todos os instrumentos entraram em cena ao mesmo tempo, como se fossem uma festa surpresa e o aniversariante acabasse de abrir a porta. Cadê a melodia? Estava em algum lugar ali no meio, mas os instrumentos brigavam por ela, jogando-a um para o outro, derrubando e pisoteando, faziam outra coisa, depois pegavam de novo e lançavam para o ar quando você menos esperasse.

Havia trompetes e trompas, mas não soavam solenes como faziam quando explodiam por cima de um cenário de silêncio para lembrar a todos dos mortos. Pelo contrário, estavam barulhentos e irreprimíveis, como animais na fazenda – ganiam, grasnavam, mugiam e não se importavam com o que as pessoas achavam. Às vezes soltavam barulhos atrevidos e secos feito uma framboesa explodindo, noutras, rabiscos agudos e frívolos de som pelo simples prazer da música.

E nada parava e ninguém respirava e não havia um uni-duni-tê cadenciado e em vez disso era um entrelaçar de ruídos em fios que se enrolavam pelo meio e por cima uns dos outros e ela ficou exausta só de ouvir e teve a sensação de que nunca mais ficaria exausta de novo.

E Triss sabia o que era. Escutara o rádio cuspidor os primeiros acordes de tão selvagem e gritante música, apenas para o pai vir correndo desligar.

Aquilo era jazz.

– Gosta disso? – perguntou o Sr. Grace.

Triss mal pôde responder, e reparou que os calcanhares tamborilavam contra as pernas da cadeira, num empolgante dançar sentado. A menina imaginou se ficar bêbada dava a mesma sensação. Quem sabe ela não estava bêbada? Bêbada de tanto bolo.

Estava se divertindo. Quando foi a última vez que se divertira? Deleites, mimos, proteção, oh sim, ela tinha todas essas coisas em abundância. Mas e diversão?

Jazz não era música de respeito. Ela não devia escutar, e ninguém podia tocar para ela ouvir. A menina tinha certeza de que o Sr. Grace sabia disso, e o fitou com grande satisfação. Os pés dele não se agitavam, ela reparou. Ele estava simplesmente parado ao lado do gramofone, observando-a e sorrindo.

Uma das vendedoras da loja meteu a cabeça pela porta, e o Sr. Grace correu tirar a agulha do disco.

– O pai da mocinha já quer levá-la pra casa – disse ela.

Triss sentiu uma pontada de decepção. O Sr. Grace pegou uma escova de roupas e a ajudou a limpar as migalhas de bolo, parando por um momento a fim de pescar um fio de cabelo preso na manga da blusa dela.

Quando Triss foi levada de volta ao pai, sabia que seus olhos deviam ainda estar brilhando, e o rosto rosado de cobertura de bolo e jazz. O pai a examinou brevemente, pareceu um tanto incomodado e a tocou rapidamente na testa com os dedos, para checar a temperatura. Sem querer, Triss sentiu um pinguinho de ressentimento. Ela não podia ficar feliz que já era sinal de que estava com febre?

– Se puder trazer Theresa de volta daqui uma semana para a primeira prova...

Ouvindo essas palavras, os lábios da menina curvaram para cima. Ela ia voltar. No mesmo instante, foi preenchida por uma enxurrada de culposa alegria.

Somente quando estava saindo seus ânimos se acalmaram. Por sobre o balcão da recepção ela viu a tesoura que quase caíra em cima dela. Um tecido claro tinha sido jogado por cima do utensílio, mas as pontas das lâminas brotavam para fora. O ferro gasto era enegrecido e impiedoso, e as pontas pareciam afiadas.

Triss foi para casa com jazz nas veias. Mais de uma vez flagrou-se tentando cantarolar, de boca fechada, uma das estranhas melodias pulantes, mas só saíam murmúrios desconexos. A menina estava tomada pela sensação vibrante de que tudo era possível.

Chegando perto de casa, contudo, essa esquisita e nova confiança enfraqueceu. Sua antiga persona abraçou-a mais uma vez, como faixas úmidas, frias e muito apertadas. No instante em que a casa adentrou seu campo de visão, a última bolhinha de entusiasmo estourou.

Sua mente estava tão abarrotada de pensamentos, que por um instante ela não soube dizer por que a casa parecia diferente do normal. Então percebeu que havia uma mancha escura estendida em frente à porta da garagem. Uma motocicleta fora estacionada ali em posição insolente, bloqueando a entrada tranquila do Sunbeam na vaga que lhe pertencia.

– Mas será possível! – exclamou o pai, parando bruscamente o carro no meio-fio.

A motocicleta era uma criatura esguia e negra com corpo forte e carrinho lateral. Estava suja de lama, e parecia tão inadequada para a delicada e empotecada pracinha como uma pegada numa toalha de mesa bordada. Havia algo de ousado e repulsivo no modo como permitia que se visse o interior de suas peças metálicas. Tinha a impetuosidade de um cachorro de rua com os pelos eriçados ao rosnar.

Ao vê-la, Triss sentiu os ânimos afundarem ainda mais, embora levasse um momento para se lembrar por quê. Já tinha visto a motocicleta antes, e sua presença significava problemas. Significava os pais dela irritados e chateados.

Enquanto o pai dava um show estacionando laboriosamente o carro à beira da calçada, Triss avistou o dono da motocicleta, parado com as mãos nos quadris e um ar de impaciência. A figura alta e esguia usava sobretudo longo, cor de terra, de colarinho erguido, luvas grossas de couro e um quepe de couro preto costurado com lã. Por baixo do casaco, contudo, dava para ver os culotes, e o cabelo até o queixo escapava por debaixo do quepe. As pernas estavam visíveis até os joelhos, e brilhavam em nylon. Era, sem dúvida, uma mulher, uma mulher de rosto comprido e pálido e um queixo proeminente. Quando a intrusa protegeu os olhos para enxergar por entre a luz dos faróis do Sunbeam, Triss a reconheceu.

Era Violet Parish. Violet Parish, que era noiva de Sebastian quando ele foi para a guerra. Antes, ela era apenas “Violet”. Depois que Sebastian partiu, passara a ser “pobre Violet”. E então, por algum motivo, ao longo dos anos desde que ele morrera, o nome dela enegrecera e se manchara junto à família de Triss, como uma fruta deixada para apodrecer, até ser jogada fora e ser impedida de entrar na casa.

– Fique no carro – murmurou o pai de Triss, depois abriu a porta do carro e saiu. Ela ficou olhando pelo para-brisa, contraindo o estômago como se preparada para impacto.

– Sr. Crescent! – disse Violet quando ele se aproximou. A voz da moça tinha um arrastar londrino muito cauteloso, mas também um ardido subjacente de raiva. – Sabia que sua esposa está me deixando plantada aqui na porta faz mais de uma hora?

– Srta. Parish, o que veio fazer aqui? – O pai de Triss tentava claramente moderar o tom para que a filha não escutasse, mas não estava tendo muito sucesso. – Eu lhe disse que fosse ao meu escritório semana que vem pra discutir esse seu sofrimento. Como ousa vir aqui incomodar a minha família?

– Sim, você me disse mesmo que não poderia me ver até a semana que vem... algo sobre a família toda estar viajando de férias, não? – A fala morosa de Violet foi rachando feito tinta velha, mostrando por baixo o metal firme do sotaque de Ellchester. – E daí hoje eu vi seu carro na cidade. Sei quando estão mentindo pra mim, Sr. Crescent.

– Se quer saber, Theresa ficou doente, então voltamos mais cedo.

O olhar sombrio de Violet passou para o carro, e Triss afundou-se no banco de trás. Num ato de lealdade instintiva ao pai, a menina franziu o cenho e conjurou pensamentos doentios, desolados. Uma expressão de desprezo impaciente iluminou o rosto de Violet; Triss não sabia dizer se o alvo do desdém era ela ou as palavras do pai.

– É mesmo? E qual vai ser a desculpa da semana que vem? Durante anos você se recusou a falar comigo sobre o que eu pedi, ou admitir que tudo que era do Sebastian foi trazido pra cá, pra vocês. E agora que você não consegue mais negar, evita a qualquer custo falar comigo. Eu vim até aqui porque assim você não vai poder me ignorar.

– Ah, eu acho que posso sim – rebateu o pai de Triss. – O que a fez pensar que podia aparecer aqui a essa hora da noite, naquela coisa, e entrar na minha casa? Talvez esse horário seja razoável pra uma visita entre o seu pessoal, mas

ninguém com o mínimo de consideração nem sonharia em aparecer tão tarde, sem avisar, sem ser convidado, achando que ia entrar.

– Só quero o que é meu – Violet continuou, falando entredentes –, e nunca mais vai ter que me ver. Só as coisas que Sebastian disse na carta que queria me dar se morresse: o relógio de pulso, a cigarreira e a aliança dele.

– Pra você poder vender, como vendeu a sua aliança, os livros do meu filho e tudo mais em que conseguiu pôr as mãos? – O pai de Triss estava agora amargamente irritado, chegava a tremer. A menina ficou horrorizada e viu seus pensamentos fugirem feito coelhinhos. – Pra nós, todas essas coisas são mais do que preciosas, porque eram dele. Pra você, não valem mais do que o preço na loja. Eu te dei dinheiro no final da guerra para te ajudar a se encaminhar, e desde então tudo o que faz é pedir mais coisas. Não te devemos nada.

– Quem é você pra me dizer se posso vender aquilo que é meu? O Sebastian queria que eu ficasse com essas coisas!

– Porque ele se enganou e achou que você daria valor. Ele não fazia ideia do abutre frio que você é.

– Acha que me ofende me chamando assim? – Violet gritou. – Acha que eu ligo para o que pensa de mim?

Ela não parecia não ligar. Na verdade, nesse momento, ela era como sua motocicleta, com todas as engrenagens interiores expostas, irritadas e sujas, visíveis ao olhar.

– Não, acho que você não liga para os sentimentos de ninguém. Eu vou respeitar os desejos do meu filho, e sei que ele ia querer que as coisas dele ficassem com quem realmente dá valor.

O pai de Triss deu um passo para trás como se encerrasse a discussão.

– Ah, de novo? – Violet disparou, e se avultou como se preparada para cair na pancadaria. – É, eu sei por que você o ama tanto. Ele é o filho perfeito agora, né? Não pode discutir mais. Você pode fazê-lo concordar com tudo o que disser, pra sempre...

Essa foi demais para o pai de Triss. Ele deu as costas abruptamente para Violet Parish, marchou de volta ao carro e abriu a porta de trás.

– Vem, Triss – disse ele, a voz acesa por uma raiva que sabia que não era com ela, mas mesmo assim fez algo em seu estômago tremelicar feito uma pétala sob a nevasca. Ela saiu rapidinho. A atmosfera fora do carro mostrou-se glacial em mais de um sentido. Fazia um frio fora de época, e um frescor mentolado ardia no ar. Triss pôde ver o vapor saindo de sua boca.

– Não me deixa falando sozinha... – começou Violet, mas parou abruptamente assim que o pai de Triss bateu a porta do carro. Olhando além do pai, Triss reparou que Violet não estava olhando para eles. Na verdade, seus olhos acompanhavam uma coisinha pequena, branca e cheia de penas que flutuara do alto e pousara entre as pontas dos sapatos de couro. Violet fugiu, como se fosse uma brasa que pudesse queimá-la.

– Essa conversa acabou – anunciou o homem, guiando Triss secamente até a porta de entrada da casa. – Se eu a vir aqui de novo, vou chamar a polícia.

Mas Violet não parecia mais estar escutando. Mesmo antes de ser expressa a última ameaça, a moça já colocava o protetor sobre os olhos, depois correu abotoar o casaco. Enquanto entrava com o pai na casa, Triss viu Violet montando às pressas na moto. A porta se fechou, e então veio o som do motor ligando, algo entre um rugido e uma saraivada alta e morosa de arma de fogo.

A mãe de Triss esperava lá dentro, as mãos enroladas em nó.

– Aquela menina *horrorosa* – ela logo começou, a voz aguda de tensão. – Eu disse que você não estava, mas ela não quis ir embora... Acho que não acreditou em mim. Piers, eu... não sabia o que fazer! Mas achei que você não ia querer que ela entrasse em casa. Afinal, ia dar motivo...

– Você fez muito bem. – O homem tocou a mão da esposa. – Comportamento mais impensado. Não podemos permitir esse tipo de coisa.

Aquela menina horrorosa. Esse era o único modo permitido de se referir a Violet Parish na casa dos Crescents. A natureza de tal horror jamais fora discutida na frente de Triss, mas ela juntara as peças do pouco que pescava dos comentários velados dos pais. Uma palavra que usavam bastante era “rápida”, e Triss não achava que eles se referiam à motocicleta. Violet parecia mesmo ser rápida, Triss refletiu, esguia como a moto, descascada até o mais básico, despida da maciez que poderia conter-lhe a velocidade. Até mesmo os cabelos cacheados tinham arestas aparadas.

– Não acredito em como ela é fria – disse a mãe de Triss, espiando com receio pela janela. – Nem parece a mesma garota de antes.

Depois da morte de Sebastian, a família Crescent preparou-se para receber a “pobre Violet” em seus braços receptivos e nutritores, mas a moça falhara em retroceder e cair neles. Em vez de mergulhar num sofrimento adequado, decente, ela cortara os cabelos, e começara a fumar e a usar vestidos que deixavam os homens verem suas panturrilhas. A mãe de Triss sempre fazia cara feia e murmurava sobre o dinheiro gasto em coquetéis e “vida boa”.

Triss deixou a mão pousar no interior da porta de entrada, quase esperando que estivesse fria ao toque. Violet parecera-lhe, de fato, fria – fria, egoísta e repulsiva. Sua visita abrira um buraco na frágil calmaria da casa, feito o arranhar de uma unha descuidada sobre um lenço de papel. Tinha arrancado fora os últimos fios da breve sensação de alegria de Triss. Ela se enxergara através dos olhos de Violet, uma pálida e afetada cúmplice das alegações do pai.

Quando se é muito frio, o mundo ao redor toma-se frio também, quem sabe...

O pai de Triss não dera sinal algum de ter reparado na coisinha branca que flutuara para pousar aos pés de Violet. Entretanto, Triss tinha quase certeza de que o frágil lampejo de brancura que caíra daquele céu limpo de setembro era um solitário floco de neve.

Quando Pen apareceu no topo da escada, Triss não pôde impedir que um discreto sorriso se abrisse no rosto. A menina pareceu enfurecer-se, decepcionada, ao ver Triss ali no hall de entrada. Talvez tivesse achado que o médico mandaria a irmã ser imediatamente levada numa camisa de força, permitindo que o pai voltasse sozinho para casa.

As primeiras palavras dela, contudo, não demonstraram nada disso.

– Cadê a Violet? – ela perguntou. – Era a Violet lá fora, não era?

– Quieta, Pen – respondeu firmemente a mãe. – Era sim, e já foi embora, felizmente.

– Por que ela não entrou?

A pergunta de Pen não mereceu resposta de ninguém, então a menina saiu pisando duro no corredor. Esse era um dos pequenos atos de rebelião de Pen, a ocasional insistência perversa em gostar de Violet. Triss tinha quase certeza de que a irmã dizia isso para chocar, como quando afirmou ter bebido gim ou visto um cadáver.

– Que coisa – murmurou a mãe – ... essa menina. – Ela passou os dedos de leve sobre as têmporas. – Às vezes eu não consigo... – Ela não chegou a dizer o que não conseguia, mas havia sinais de cansaço extremo em sua voz.

Triss torcera para que o frenesi com os pedaços de bolo acalmasse o ápice de seu apetite, mas quando o aroma do jantar alcançou seu nariz, ela foi novamente tomada por ondas estonteantes de fome. Uma surpresa agradável esperava por ela, no entanto.

– O Dr. Mellows disse que você perdeu um pouco de peso, então é melhor deixarmos você comer o quanto quiser por enquanto – a mãe lhe disse, empilhando torta de carne no prato da filha.

Pen fitou com ódio peçonhento sua porção mais escassa, mas Triss não tinha pensamento algum para a irmã. Queria chorar de tão aliviada, e mentalmente mandou centenas de obrigados ao Dr. Mellows. Nos primeiros minutos ficou incapaz de pensar, tão completamente submersa que estava na alegria, na perda, na compulsão que era a tarefa de comer. Torta, batata, pastinaca, ervilha na manteiga, pão com manteiga, frutas, bolo com geleia, banana, cereja em conserva...

Apenas aos poucos o êxtase do banquete começou a ganhar um quê de amargo. Havia algo de onírico naquilo, um contínuo ritual de decepção. A menina tinha a sensação de que sempre que buscava uma tigela encontrava-a vazia. Tinha a vaga noção de que pratos cheios eram trazidos para substituir os vazios, mas não chegavam rápido o bastante, e finalmente ela chegou à aborrecida e horrenda conclusão de que a chegada de vasilhas carregadas chegara ao fim.

A menina ficou olhando para todos aqueles pratos vazios à sua frente, ofegando. Qual é o problema? Por que pararam de trazer comida? Ela olhou ao redor, ciente pela primeira vez de que todos os sons de jantar tinham cessado em toda a mesa, que o restante da família estava muda, observando-a raspando de cada vasilha as migalhas e os traços de molho.

– Já comeu bastante, Triss – a mãe disse gentilmente, com um toquezinho de pânico na voz. – Isso tem que ser o bastante.

Bastante? Triss mal entendia a palavra. Era como se perguntassem se ela tinha inalado ar o bastante e estivesse pronta para parar de respirar.

– Mas eu ainda tenho fome! – ela exclamou. Não havia nada em sua mente a não ser essa necessidade, e ela ficou irritada, aterrorizada e subitamente infantil. – Você disse que eu podia comer o quanto quisesse! Ainda estou com fome! – A voz saiu mais alta do que ela queria, mas por que não?

Estava desesperada. E tinha lhe sido prometida toda a comida que quisesse! Se a amavam, por que não chegava mais comida?

– Querida – disse a mãe, gentilmente, um tanto abalada –, você comeu metade da despensa. Agora, a não ser que queira comer aveia pura ou farinha...

– Aveia... pode ser mingau! Mingau!

– Não! – a mãe protestou, depois fechou os olhos e alisou os cabelos. – Não – acrescentou, mais gentilmente. – Você... você já comeu bastante mesmo, Triss.

– Você prometeu! – O grito saiu rasgando pela garganta quando a menina pulou e ficou de pé. – Você prometeu que eu podia comer o quanto quisesse!

Sentia-se incredivelmente irritada, como se tivesse sido levada enganosamente a conceder liberdade total ao apetite. O prato, ela o segurava firme nas mãos, e parecia possível que a qualquer momento ela o arrebentaria na mesa, para ver a cena chinesa pintada em azul e branco estilhaçar em pedacinhos. Por que seus pais a matavam de fome? Qual era o problema deles?

– Triss! – veio a voz do pai, forte o bastante para penetrar a fúria e o desespero que a haviam envolvido.

E veio num tom que ele jamais usara com ela, atingindo-a de imediato. Triss acordou abruptamente para como se encontrava, em pé em frente à cadeira

tombada, agarrada a um prato como à própria vida. A mãe levava uma das mãos à garganta, na defensiva, sinal de que estava especialmente nervosa ou chocada. Pen batalhava para não deixar reinar no rosto uma expressão de zombaria, os olhos vívidos, cintilantes de fascinação e triunfo.

O prato sacudiu quando Triss correu devolvê-lo à mesa. A boca estava seca demais para formar palavras. Fugiu muda da sala de jantar.

De volta ao quarto, Triss deitou-se na cama e ali ficou feito um caracol.

Quando bateram na porta, ela ergueu a cabeça, mas não quis enfrentar a porta que se abria.

– Triss? – Era a voz do pai.

Mais gentil do que antes, mas Triss não quis ver o rosto dele, caso mostrasse a firmeza e a decepção que ela costumava ver ali quando ele olhava para Pen.

– Eu... me desculpe – ela murmurou.

A porta abriu-se. O pai entrou, e não parecia bravo. Estava cansado e triste, o que fez Triss se sentir pior ainda.

– Esse tipo de comportamento não é algo que espero da minha Triss – ele disse baixinho. – Minha Triss é uma menina doce, calma e bem comportada. Ela não bate o pé nem grita na mesa do jantar.

– Eu sinto muito – Triss sussurrou. – Não consegui... – *Não consegui evitar, acho que fiquei meio louca, achei que vocês estavam querendo me matar de fome e que eu ia morrer, e que vocês me odiavam e eu odiava vocês.* – Acho que... estou com um pouco de febre.

Essa era fácil de inventar, o passaporte muito solicitado para o perdão, e Triss se sentiu mal assim que disse as palavras.

– Ê. – Algo da sóbria tensão deixou a postura do pai, e ele veio se sentar na cama, ao lado dela. – Ê, deve estar. – Ele tocou a testa da filha com as costas da mão, e pareceu satisfeito. – Foi um dia longo, né? Muitos choques também.

Ele a envolveu com o braço, e ela jogou os dela em torno dele, prendendo-se ali como se, do contrário, fosse afundar, o rosto enterrado no sobretudo.

Me ajuda me ajuda me ajuda...

– O que você precisa – disse o pai finalmente – é dormir cedo. Vai se sentir bem melhor depois de descansar bastante.

Ele a apertou e se levantou, parando para fitá-la com carinho. Triss conseguiu abrir um sorriso forçado e fez que sim.

O pai saiu e fechou a porta, e Triss ficou sozinha, à mercê de seus pensamentos.

Pen dissera-lhe que ela estava fazendo tudo um pouquinho errado. É verdade, ela refletiu. Estou fazendo tudo errado. Menti para o médico que queria me ajudar, e isso não ajudou em nada – se eu continuar gritando com todo mundo, vão conduir que estou louca mesmo.

Então, o que posso fazer? Tenho que melhorar sem a ajuda do médico. Tenho que melhorar, e muito rápido, antes que percebam como estou doente. Não posso continuar assim.

Ela tinha que melhorar. Talvez tudo se resumisse a força de vontade. Talvez ela pudesse forçar-se a não comer tudo que tinha na casa. Talvez pudesse forçar-se a parar de ver coisas estranhas que não podiam ser reais.

Talvez quando Angelina começara a gritar, ela devesse ter simplesmente ignorado e continuado a fazer a mala. Talvez se ela tivesse desviado o olhar dos manequins da loja em vez de fugido, eles teriam voltado a seu decente estado inanimado. Talvez ela não tivesse mesmo visto, em sua visão periférica, as bonecas do quarto se mexendo...

Seu olhar passou para o armário onde ela enfiara às pressas todas as bonecas, e se sentou, irresoluta, mordendo o lábio.

Elas não vão se mexer, disse a si mesma, aproximando-se, acanhada, da porta. E mesmo que se mexam, vou saber que não é real. Vou ficar olhando e olhando até que voltem ao normal.

Quando ela abriu a porta do armário, a trouxa amassada lá dentro não se mostrou inclinada a se debater nem lutar. Com o pé, Triss deu uma cutucada rápida, e correu voltar o pé ao chão. O saco escorregou e se abriu, e uma única boneca caiu pela abertura. Era uma boneca de porcelana com um topete brilhante, vestido azul de cintura fina e almofada de alfinetes no lugar do corpo.

Muito lenta e deliberadamente, Triss agachou perto da fronha e pegou a boneca. O corpinho era pequeno o bastante para caber na mão aberta da menina; a cabeça de porcelana, o pescoço e o tronco deviam somar uns dez centímetros. A boneca tinha os olhos baixos para parecer que dormia, e as mãozinhas delicadas repousavam na renda do pescoço e na rosa do corpete, como se arrumasse o vestido.

Você é só uma boneca. Você é só uma boneca. Você é só...

O primeiro movimento foi muito sutil. Uma mãozinha, delicada feito barbatana de vairão, trocou de posição na renda da porcelana. Lenta e furtivamente, foi estendida para a mão de Triss, e esta sentiu dedinhos finos e gelados apertarem de leve a pele macia do seu dedão. A boneca não virou o rosto. Os olhos continuavam fechados, e ela mexia as mãos feito uma criaturinha cega, tateando.

Triss teve de reunir toda a sua força de vontade para não sair correndo. Havia algo de horrível na ideia de esmagar a boneca, contudo; imagine o pescocinho elegante partindo feito um graveto. Sua mão tremia, mas ela procurou focar toda a sua atenção na ideia de que o que estava vendo não era real.

Por fim, os dedinhos curiosos encostaram num dos alfinetes da almofadinha e envolveram a bolha de vidro branca que era a cabeça dele. Antes que Triss pudesse reagir, a boneca agarrou o alfinete com as duas mãos, arrancou-o da almofada e o mergulhou no dedão dela.

– Ai!

Triss puxou a mão, mas conseguiu não largar a boneca. *Não é real*, ela tentou dizer a si mesma, mesmo quando uma bolinha de sangue começou a inchar para fora do furinho. *Essa dor não pode ser real, não pode*. Um instante depois ela sofreu mais dor irreal, quando a boneca ergueu o alfinete bem no alto e meteu mais uma vez no dedão dela.

– Ai! Para com isso!

Apesar de todas as resoluções, Triss teve que usar a mão livre para arrancar o alfinete das mãos de sua pequena atacante. *Eu não devia ter feito isso, não é real, não é real*. Mas forçar a mente sobre a matéria é muito mais fácil quando a matéria não esfaqueia a pessoa.

Triss reparou que a boneca fazia um barulhinho fraco e musical, como o som de uma xícara chacoalhando em cima do pires. A mandíbula dela se movia rapidamente, mas não dava para dizer se ela queria rir, ranger os dentes ou se tentava falar. As mãos apalpavam a superfície da almofadinha, em busca de outra arma.

– Para com isso! – Triss sibilou. Ela sacudiu a boneca e sentiu seu sangue esfriar ao ver o modo como a cabeça dela balançava para a frente e para trás. – Para com isso, ou... – Um jorro de pânico a dominou, e junto ele a maré de fome que tinha sido contida, mas não derrotada. – Para ou eu vou... vou te *devorar*!

A vizinha da boneca passou para um rosnado mais grave. Um poço negro de medo engoliu Triss. Ela fechou os olhos e abriu muito a boca, e mais ainda.

A porcelana deslizou por sua língua feito sorvete. A almofada foi mais difícil, e por um momento alarmante ficou entalada na boca, preenchendo todo o espaço, passando o sabor rançoso e poeirento do veludo antigo. Então Triss fez uma coisa que a fez sentir toda a garganta arrepiar, e no momento seguinte ela engolia a almofada. Por um ou dois segundos deu para sentir as bolinhas geladas das cabeças dos alfinetes roçando lá dentro ao viajar goela abaixo.

Depois Triss ficou sentada por um bom tempo, olhando para as mãos vazias.

Não é possível que eu tenha feito isso.

Caindo em si, a menina bateu a porta do armário com as mãos tremendo. Depois se levantou, meio tonta, foi até a penteadeira e se largou na cadeira. Vendo-se no espelho, abriu a boca o máximo que pôde, fechou-a, abriu, fechou.

Ver bonecas se mexendo era maluquice. Já engolir bonecas era impossível. Não era possível ela ter conseguido abrir a boca o bastante para caber uma boneca inteira lá dentro, muito menos forçá-la goela abaixo. A menina viu o rosto no espelho enrugar-se de confusão, medo e tormento, mas as lágrimas não vinham.

Foi muito lentamente que ela reparou que a vociferante areia movediça que tinha no estômago caíra em silêncio. Por ora, não sentia mais fome.

Horas se passaram, e finalmente Triss admitiu para si mesma que não dava jeito de dormir. Ficou deitada na cama, olhando para o teto, enquanto os pensamentos traçavam desenhos negros pela superfície. *Tô doente, tô maluca, tô horrorosa. Tenho que melhorar.*

O que o médico dissera mesmo? Lembrando-se das palavras dele, Triss sentiu uma pontinha de esperança. E se ele tivesse razão, e a doença dela fosse apenas causada por uma lembrança que ela tinha engolido, feito uma bolinha de gude? E se toda essa bizarrice fosse mesmo apenas uma “dor de barriga da cabeça”? E se ela pudesse melhorar apenas lembrando daquilo de que tinha se esquecido?

Se sim, então a lembrança “engolida” tinha de ser a do dia em que ela se perdera, o dia em que caíra no Grimmer. Antes desse dia tudo estava normal, ela tinha quase certeza disso – nada de estranhas alucinações, nada dessa fome horrenda. Triss focou toda a sua energia na tentativa de se lembrar desse dia sumido, mas foi em vão. Ela se sentou e apertou os calcanhares das mãos contra as pálpebras até que pequenas flores vermelhas começaram a explodir contra a escuridão. Ela tentou recapturar a sensação de certeza e iminente recordar que sentira nas margens noturnas do Grimmer, a lembrança da água gelada e nebulosa, mas não deu certo.

Triss não sabia quase nada do misterioso “ele” sobre quem os pais discutiram, mas sabia uma coisa. Ele enviara dezenas de cartas à família, e todas tinham, de algum modo, encontrado seu caminho até a gaveta da escrivaninha do quarto de Sebastian.

O mais quieta possível, Triss saiu da cama. Depois de pegar uma pinça da penteadeira, abriu a porta do quarto devagarinho e apurou os ouvidos.

As casas respiram quando dormem, tanto quanto seus donos, e os únicos ruídos no silêncio eram tíques suaves e rangidos delicados. O resto da família tinha

ido para a cama fazia muito tempo, e Triss não ouvia som algum de movimento vindo dos quartos deles. Não havia mais ninguém na casa além da cozinheira, cujo quarto ficava no porão. Geralmente, a governanta ocupava um quarto perto da família, mas no momento eles não contavam com uma.

Triss foi andando cuidadosamente pelo corredor, alerta para qualquer barulho vindo dos outros quartos, qualquer ranger de colchões ou murmurar de quem acorda. A porta de Sebastian abriu suavemente, e mais uma vez Triss entrou, furtiva, no quarto proibido.

Ela não ousou acender as lâmpadas, mas seus olhos haviam conseguido se adaptar bem ao escuro, e ela seguiu para a escrivaninha sem trombar em nada. A menina ficou de joelhos, passou os dedos pelas faces frontais das gavetas, sentindo os ornados puxadores de metais frios ao toque. Sim, era *essa* aqui, e ela sabia que estava quase explodindo de cartas, tantas que deu para ver algumas pulando pela abertura da gaveta.

Ela descobriu que a pinça cabia no buraco apenas se virada de lado. Tentar pegar um canto de envelope somente usando os dedos mostrou-se difícil e frustrante. De novo e de novo a menina sentiu a pinça agarrar meio sem jeito uma pontinha de papel, apenas para deixá-la escorregar novamente.

Enquanto se ocupava disso, escutou o barulhinho fraco, porém cheio de si, do relógio da lareira contando doze badaladas lá embaixo. A última nota desvaneceu, mas para Triss pareceu continuar cantarolando no silêncio, como cócegas no ouvido.

Foi enquanto essa nota silenciosa ainda badalava, que Triss escutou outro som vindo do corredor. A menina reagiu por reflexo, engatinhando até o esconderijo prévio e rolou para debaixo da cama. Somente quando estava encaracolada por detrás das franjas da coberta ela reparou que o som atrás da porta não era de passos coisa nenhuma.

Era um farfalhar seco e delicado, como o barulho de uma mosca moribunda debatendo-se contra o vidro da janela, só que mais alto. Foi chegando mais e mais perto, até Triss ter certeza de que a coisa que o fazia estava logo atrás da porta, e se preparou para ouvir a maçaneta sacudir ou girar. Contudo, esta permaneceu imóvel. Em vez disso, o ruído furtivo tornou-se abruptamente muito mais claro. A porta não fora aberta, mas o intruso invisível não estava mais no corredor. Estava dentro do quarto, com Triss.

Espiando por detrás da coberta pendente, a menina conseguiu enxergar o intruso, e viu o bastante para ter certeza de que definitivamente tratava-se de uma coisa, não de uma pessoa. A coisa voou traçando arcos pesados e atabalhoados ao

redor do quarto, roçando as paredes com o que a menina julgou serem asas, trombando gentilmente na mobília, parando aqui e ali para se empoleirar.

Era difícil ver o intruso, e não somente por causa do escuro. Toda vez que ele parava por um instante e a menina conseguia fitá-lo diretamente, ele parecia derreter perante o olhar. Quando voava daqui pra lá, contudo, deixava rastros escuros feito fumaça pelo ar.

Finalmente, ele foi descansar no puxador da gaveta cheia de cartas, e Triss escutou um farfalhar de papel. Do nada, a criatura produziu algo comprido, pálido e fino. Apertando os olhos, Triss viu o obscuro e invisível intruso inclinar-se para trás e suavemente deslizar o envelope pela abertura no topo da gaveta, para se unir às demais cartas.

Olhou ao redor uma vez, e Triss pensou ter visto um rosto pálido, menor que um ovo, com fagulhas no lugar dos olhos. Depois ouviu um sopro de ar e um rápido bater de asas, feito uma bandeira ao vento, e o intruso se foi.

Muito tempo depois de findo o barulho das asas, Triss continuava deitada, imóvel, sentindo o carpete áspero roçar-lhe o queixo. Estava, mais uma vez, vendo o impossível. Por algum motivo, contudo, sozinha ali, à meia-noite, no quarto escuro do irmão falecido, o impossível era mais fácil de lidar.

Com a boca seca, a menina engatinhou de volta à gaveta. Um cantinho da última entrega estava visível, brotando pela fenda. Ela a puxou para fora usando a pinça, depois correu de volta ao seu quarto, onde abriu o envelope e retirou a carta. Era datada do mesmo dia, e a escrita manual era dolorosamente familiar.

Queridos pai, mãe, Triss, Pen,

Estou escrevendo de novo, mesmo sabendo que não adianta nada. Não acredito mais que alguma dessas cartas tem alcançado vocês, muito menos que algum dia receberei resposta. Não posso me conter, contudo. Escrever essas cartas é tudo o que me resta, ainda que agora seja apenas uma brincadeira de faz de conta que mantenho apenas para tomar o frio menos amargo.

Mesmo que eu achasse que vocês realmente veriam esta carta, não tenho mais forças para me mostrar corajoso para vocês. Neste lugar, toda a coragem foi subjugada.

O inverno não acaba nunca. Nem me lembro de quando começou. Parece-me que venho enfrentando os mesmos céus cinzentos e tristes nevascas há anos. Talvez seja o mesmo dia, esticado adiante, para sempre, feito arame farpado. Perdi a noção de tudo. Meus amigos estão todos mortos. Os homens junto dos quais combato,

não os conheço; sempre morrem antes que eu possa descobrir seus nomes. Seus rostos não passam de um borrão em minha mente.

Minhas mãos e pés são uma agonia por causa do frio, mas pelo menos a dor é melhor que o pensamento. Sou algo estilhaçado agora, sei disso. Sinto minha alma espetando para fora em ângulos retorcidos como um membro quebrado. Torço apenas pelo torpor e por um fim.

Perdoem-me.

Sebastian

– Sebastian... – Triss mal percebeu que sussurrara o nome em voz alta.

O que ela esperava, afinal? Uma lista de demandas do misterioso “ele”, talvez. Não estava preparada para aquilo.

Triss segurava a carta de Sebastian com as mãos trêmulas, aturdida por lembrar-se tanto e, ao mesmo tempo, tão pouco dele. Sabia que houvera dias especiais em que se divertiram muito, como no aniversário em que ele a ajudou a se vestir de rainha egípcia, e um piquenique em que ele a carregou nos ombros por horas. Era todo um folclore familiar, recitado pelos pais num ritual fino e solene nas poucas ocasiões em que sentiam ser apropriado mencionar o filho que se fora. Ao longo dos anos, os pais arrebanharam as lembranças vagas de Triss sob o escrever apurado de suas histórias, até que ela não soube mais de que realmente se lembrava.

Aquilo era diferente. Era chocante, como o calor de uma lágrima caindo sobre a pele. Subitamente Sebastian era uma pessoa, uma pessoa perdida, assustada, desesperada, que sofria. A carta causou-lhe uma dor profunda de compadecido terror, e ela reparou que amava mesmo o irmão falecido, apesar da bruma dos anos.

Mas ele está morto.

Sebastian morrera cinco anos antes, durante um amargo inverno. Chegara uma carta de seu comandante, falando sobre uma detonação ocorrida no lado dele da trincheira, oferecendo seus mais profundos sentimentos, que não havia possibilidade de alguém ter sobrevivido. Não havia dúvida.

Triss não compreendia o comportamento dos pais. A gaveta estava abarrotada de envelopes. Fazia meses, ou talvez anos, que as mensagens de Sebastian vinham chegando, e os pais dela sabiam disso. Trocavam palavras solenes sobre o filho há muito perdido, e o tempo todo vinham trancafiando as sentidas cartas dele numa gaveta e fingindo que elas não existiam. Aquele sofrimento digno era uma mentira. Era tudo mentira.

Os pais comentaram sobre as cartas terem sido enviadas por “aquele homem”, o misterioso “ele” que pensavam ter atacado Triss. Entretanto, pensando melhor agora, ocorreu-lhe que eles não chegaram a dizer que “ele” as havia escrito. De fato, o pai afirmara que receber a carta “do próprio” seria diferente do “que acontece sempre”.

Como Sebastian poderia ainda estar combatendo numa guerra que acabara fazia cinco anos, e como poderia escrever cartas de além-túmulo? Se os pais não eram mentirosos cruéis e hábeis, e se Sebastian realmente escrevera a desesperada carta, então ele precisava de ajuda. De um jeito ou de outro, era preciso solucionar o mistério das cartas.

O esboço de uma ideia começou a se formar na mente de Triss. A gaveta estava abarrotada a ponto de explodir. Com que frequência a esquisita criatura esvoaçante vinha invadindo a casa dos Crescents para entregar cartas? Todo mês? Toda semana? Ou toda noite?

Seja o que for, é estranho e assustador, mas também é menor do que eu. Então, se ele vier de novo amanhã à noite, talvez eu consiga capturá-lo.

Chovia muito forte, e as gotas de chuva caíam bem em cima da casa, pousando no carpete e na mobília, e Triss compreendeu que eram na verdade folhas mortas. Pousavam sobre os ombros da família, sentada à mesa do café, todos tentando fingir que nada acontecia.

— Foi a Triss! — Pen gritava, estridente e radiante. — Olha!

A menina apontou para o teto, e quando Triss olhou para o alto reparou, horrorizada, que buracos imensos tinham sido abertos nas lajes e no telhado, de modo que o brilho acinzentado do céu atravessava por ali. Triss pôde até identificar as marcas de seus dentes em algumas vigas.

Não fui eu, tentou protestar. Mas era mentira, e ela sabia disso. Estava muda, soltava apenas um farfalhar como o caminhar de alguém na floresta.

— A Triss comeu o teto! — Pen gritou. — A Triss comeu o teto! Só restaram quatro, agora! Só quatro!

Triss acordou com um susto e passou um longo minuto ofegando e esperando que o coração se acalmasse. Era sonho, apenas um sonho. A menina rolou de lado, e seu rosto amassou alguma coisa áspera que fez um estalo ao ser pressionada. Ela se sentou num pulo.

Havia folhas secas sobre o travesseiro, muitas delas. Lentamente, ela passou os dedos pelos cabelos, e sua mão voltou com um punhado de mais folhas marrons partidas. Os olhos foram até a cadeira que ela posicionara contra a porta, e seu coração afundou no peito. Somente então ela percebeu o quanto torcera para que a maliciosa Pen fosse a responsável pelo misterioso aparecimento das folhas.

Triss sentou-se com cautela e puxou as cobertas. Havia mais folhas no lençol ao redor, algumas dentro da camisola, e alguns gravetinhos e tufo de feno.

Com a boca seca, a menina limpou os detritos mais uma vez, depois se aproximou da penteadeira, em busca da escova de cabelos. Para sua surpresa,

encontrou floquinhos de folhas secas presos às cerdas, apesar do fato de ter certeza de ter removido tudo, exceto uns poucos fios de cabelo. Fitando o objeto, contudo, uma suspeita terrível adentrou sua mente feito uma aranha.

Não. Não pode ser.

Ela tinha que confirmar. Depois de sacudir fora todos os fragmentos de folhas, Triss arrancou uns fiozinhos de cabelo da própria cabeça e os entrelaçou na escova. Depois se forçou a desviar o olhar por um tempo – contou bem baixinho até trezentos. Quando tornou a olhar, seus ânimos afundaram feito uma pedra. Não havia mais cabelo por entre as cerdas da escova. Em vez disso havia um pedaço esquelético de folha, seco feito asa de mariposa morta e mais frágil que qualquer renda.

As folhas do meu cabelo, a terra no chão – eu não trouxe lá de fora. E a Pen não as espalhou pelo quarto.

Saíram de mim.

– A Triss tá pálida. Não acham que ela tá pálida? – badalava a voz de Pen repetidamente na mesa do café. – Tá tudo bem com ela? O que o médico falou? Ela vai ter que voltar nele de novo?

Sentada, cuidadosamente dissecando um ovo, Triss reparou que estava quase com ódio da irmã. Estava tudo similar demais ao sonho do qual ela batalhara para se desvencilhar. Pelo menos não tinha mais aquela fome voraz, mas era difícil sentir-se aliviada por isso quando se lembrava de ter comido a boneca. Queria chorar, mas as lágrimas pareciam presas numa massa grudenta atrás dos olhos. Não conseguia parar de pensar nas folhas na escova de cabelo, e na carta de Sebastian, agora escondida sobre o colchão.

Muito confusa, a menina conseguiu acompanhar um pouco da conversa dos pais. O pai tinha que retornar finalmente ao trabalho naquele dia, e ia para Ellchester. A nova estação que projetara estava quase terminada. Tinha forma de pirâmide, seguindo o frenesi por tudo o que era do Egito que se seguira à descoberta da tumba de Tutancâmon no ano anterior. Dez anos antes era somente história debaixo de terra, mas qualquer coisa relativa ao Antigo Egito passara a ser a coisa mais moderna que existia.

– Acabaram-se as férias, pelo visto – suspirou o pai de Triss. – Querem que eu vá à construção aprovar as coisas, o que significa que, caso algo dê errado depois, vão poder botar a culpa do que fizeram em mim. E claro que, assim que estiver completa a estrutura principal, vão querer que eu esteja presente na Cerimônia de Inauguração para que a imprensa possa tirar fotos.

A “Cerimônia de Inauguração” envolvia usar um guindaste para baixar a pontinha no topo da pirâmide, simbolizando a conclusão da obra.

– Mais algazarra – murmurou a mãe de Triss, num tom de martírio combinado com orgulho.

– Eu sei, eu sei. – O pai de Triss abriu um sorriso discreto. – Mas só faltam quatro dias. Só mais quatro e acabou.

Triss sacudiu violentamente, e começou a tremer. As palavras eram similares demais às que ouvira no pesadelo, e por algum motivo a preencheram com horror incontrolável.

– Triss! O que foi?

A mãe foi estender a mão para a filha, mas esta se retraiu.

– Dor de cabeça! – conseguiu soltar, e fugiu da sala.

O armário de remédios foi assaltado em busca de todas as suas tropas de emergência. Agora havia uma fileira de frascos alinhados na mesa de cabeceira de Triss. Deitada chafurdada até o queixo, de pijamas, a menina inspecionava os ranques, sem sentir muita segurança. Algum daqueles vidrinhos poderia impedir que ela se desfizesse em folhas? E que tal xarope de figo para resgatar Sebastian? Pelo visto, não. Ela também não esperava grandes efeitos da cânfora na vasilha de água quente colocada ao lado da cama, nem da flanela úmida esticada sobre a testa.

Teria que passar o dia todo na cama. Sabia disso no instante em que aceitou. Ver o passar das horas era uma tortura. O que ela estava fazendo? Esperando que se desfizesse ou ficasse maluca? Quatro dias, quatro dias, quatro dias... Por que essas palavras ficavam martelando a cabeça dela? Não dava para entender como ela conseguia ficar ali deitada na cama, ficando cada vez mais pálida e fraca, enquanto o mundo girava sem ela.

Triss ouviu uma porta de carro batendo. Havia um pequeno Morris azul estacionado do outro lado da pracinha, ela reparou, e alguém acabara de sair, mas a silhueta foi tampada pelas árvores do canteiro central.

Quando a pessoa chegou mais perto, Triss a reconheceu. Era o Sr. Grace, o alfaiate que colocara jazz para ela e a deixara comer bolo no dia anterior. Ela o observou subindo os degraus até alcançar a porta de entrada da casa dos Crescents, e um instante depois a campainha tocou.

A euforia inicial passou para angústia um momento depois. Por que ele viera? E se os pais o tivessem encontrado e descoberto que ele era do tipo que curtia jazz? Talvez não mais permitissem que ela voltasse à loja.

O que ele foi fazer lá?

Com sua *persona* furtiva, que já estava se tornando uma segunda natureza, Triss saiu de fininho do quarto e parou no topo da escada. Uma vez que Margaret já tinha encerrado seu expediente, foi a mãe quem atendera à porta. A cozinheira era notoriamente surda e alegava que nunca escutava a campainha. Triss não ousou espiar pelo canto, por medo de ser flagrada, mas permaneceu onde estava, escutando.

– ... sinto muito por incomodar. – Quase não dava para ouvir o alfaiate. – Sra. Piers Crescent? Meu nome é Jacob Grace, da Grace & Scarp. Seu marido e sua filha visitaram nosso estabelecimento ontem.

– Ah, é da costureira? – A mãe de Triss parecia perplexa e um pouco vexada. – Mas... eu entendi que a primeira prova ficou para a semana que vem...

– Sim, exato. Mas receio que sua filha tenha esquecido as luvas dela na nossa sala VIP, e como eu estava passando por perto, resolvi entregar.

– Ah, entendo! Que gentil. – Pausa. – Hã... Sinto muito, Sr. Grace, mas estas luvas não são da Triss.

– É mesmo? – O alfaiate pareceu surpreso. – Ah. Nossa, que bobeira que eu dei. Elas são tão pequenas que achei que fossem dela. Nesse caso, minhas sinceras desculpas por incomodar.

– Uma pena o senhor ter perdido a viagem. – O tom da mãe perdeu um pouquinho do gelo.

– Ah, não tem problema, fico feliz por ter a chance de perguntar como vai a mocinha hoje, em todo caso.

– A Theresa está... bem, acho que ela já se recuperou do choque que levou na sua loja, se é a isso que se refere.

– Na verdade, não era a isso que eu me referia. – Pela primeira vez o Sr. Grace falou com mais seriedade, e um tanto hesitante. – Sra. Crescent, eu tive a sorte de passar um tempinho com a sua filha durante a visita à nossa loja, e notei alguns... sintomas. Sintomas que me preocuparam porque... me lembraram de outro caso. Mas se a sua filha está bem hoje e já se recobrou, então posso tirar a preocupação da cabeça.

– Sr. Grace – a mãe de Triss perguntou com firmeza, um pouco nervosa –, do que está falando?

Houve uma longa pausa.

– Por favor, peço mil desculpas – veio a resposta, tão suave que Triss teve dificuldade de compreender as palavras. – Sinto muito mesmo, Sra. Crescent. Não cabe a mim fazer quaisquer comentários sobre a saúde da sua filha. Vocês são, obviamente, pais amorosos, e sem dúvida oferecem a melhor ajuda médica para

ela. Não sou médico nem amigo da família. Por favor, me desculpe, e passe minhas felicitações à jovem Theresa.

– Pare! Espere! – A voz da mãe ficou mais distante e com menos eco, como se ela tivesse seguido o alfaiate, que partia, um ou dois passos porta afora. – Minha filha... não está totalmente bem ainda. Se você reconhece os sintomas dela, e tem alguma ideia do que pode tê-los causado...

– Você não ficaria grata, Sra. Crescent. – Um suspiro, e mais uma pausa, durante a qual Triss pensou ter ouvido o raspar de caneta no papel. – Olha. A loja tem telefone: se você ou seu marido precisarem, liguem para esse número e peçam para me chamar. Mas, Sra. Crescent, contate-me apenas quando estiver desesperada. Não antes.

Triss ouviu os passos do alfaiate indo embora, e um pouco depois, a porta fechando. Voltou furtiva para o quarto, a mente num tumulto só.

O que significava tudo aquilo? O que o Sr. Grace tinha ido fazer ali? Devia ter visto a menina colocando as próprias luvas ao sair. Será que ele fingiu achar que as luvas perdidas eram dela para ter desculpa para aparecer?

Ele queria falar com a minha mãe sobre mim. A primeira sensação foi de ter sido traída. Tivera certeza de que ela e o Sr. Grace criaram um laço de confiança, e que ele não contaria a ninguém sobre os seis pratos de bolo. De que outro sintoma ele poderia estar falando? Enfim, os adultos são assim, às vezes. Eles decidem que as promessas que fazem a uma criança não importam, contanto que pensem que estão fazendo algo pelo bem da criança.

A segunda sensação foi uma gotinha trêmula de esperança. E se o Sr. Grace soubesse mesmo o que tinha de errado com ela? E se pudesse fazer algo para ela melhorar?

Ouvindo passos fazendo ranger os degraus e o taco do corredor, Triss saltou para debaixo das cobertas, rapidamente ajeitando o paninho úmido em cima da testa e pondo uma expressão sonolenta na cara.

Quando a porta abriu e a mãe olhou ao redor, a garota soltou murmúrios arrastados, como se tivesse acabado de acordar.

– Desculpe, querida, não vou te importunar muito. Eu... só queria perguntar uma coisa. Você conversou com algum vendedor na costureira, um Sr. Grace?

Triss hesitou por alguns instantes, depois fez que sim.

– Sobre o que conversaram? – A mãe hesitou um pouco, e umedeceu o lábio superior com a pontinha da língua. – Digo, ele pareceu...? – Hesitou de novo, como se não soubesse bem o que queria saber.

– Ele foi gentil – Triss respondeu, torcendo para não ter soado muito confiante. – Falamos sobre vestidos e tal. Eu disse que andei doente e estava melhorando. Ele pareceu preocupado. Ele pareceu...

O que preciso dizer pra que você ligue pra ele?

– Bem peculiar – murmurou a mãe de Triss, e o coração dela afundou.

Triss imediatamente compreendeu que tinha jogado as cartas erradas. Devia ter dito que o Sr. Grace era esperto e sensível. Não devia ter admitido ter gostado dele. Era o mesmo, disse-lhe uma incômoda e pegajosa voz em sua mente, que acontecia com as governantas. Não era para ela gostar delas. Mostrar que gostava de uma governanta ou qualquer outro empregado era garantia de demissão.

A mãe suspirou e gentilmente afagou as têmporas.

– Fofinha, a mamãe está ficando com dor de cabeça também, então vou tomar um remédio e dormir um pouquinho. Mas se precisar de mim, vou estar no meu quarto.

Triss sabia o que isso queria dizer. O armário de remédios da família era quase inteiramente dedicado à guerra contra as doenças de Triss, mas havia sempre alguns vidrinhos do “remédio” da mãe lá dentro também. Tinham “Wincarnis” escrito no rótulo, e o desenho de uma mulher robusta de chapéu vermelho erguendo uma taça. Fora explicado para Triss que vinho tônico era completamente diferente de vinho comum, mesmo que tivesse o mesmo cheiro. Um médico, certa vez, prescrevera-o para os nervos da mãe depois que Pen nasceu. Desde então, a mãe recorria a ele quando se sentia especialmente agitada.

– Vou ficar bem – disse Triss, e conseguiu manter o tom de voz suave, sonolento e despreocupado. Uma ideia havia aberto caminho para dentro de sua mente, e pusera seu coração em taquicardia.

Depois que a mãe se retirou e fechou a porta, Triss ficou deitada, escutando. Mesmo depois que a mãe voltou para o quarto dela, a menina esperou um pouco, a fim de dar tempo para a mãe tomar o tônico e se ajeitar na cama. Ela só saiu da cama quando tudo pareceu silencioso e seguro.

Triss abriu o baú de roupas íntimas e espalhou o conteúdo sobre a cama. Arranjou os cobertores por cima para que o conjunto parecesse um pouco com uma pessoa dormindo.

Provavelmente teria algumas horas antes que a mãe acordasse. Se tivesse sorte, isso lhe daria tempo suficiente para ir até o centro de Ellchester. Pretendia encontrar a costureira e inventar alguma desculpa para falar com o Sr. Grace.

Preciso saber o que há de errado comigo. Ele tem que me contar – ele gostou de mim.

Triss vestiu-se rapidamente, colocando o casaco pesado, o chapéu e as luvas. Não se arriscaria pela porta da frente, por medo dos vizinhos repararem que a filha adoentada dos Crescents escapara de casa sozinha e questionarem o fato. Havia uma porta nos fundos, contudo, que se abria para a estreita faixa de jardim, e o beco atrás. O único obstáculo seria se esquivar da cozinha sem ser vista.

Ao descer as escadas, Triss foi quase congelada ao recordar as palavras repreensivas que o pai dissera baixinho. *Minha Triss é uma menina doce, alma e bem comportada. O que ele pensaria dela se a visse saindo de casa sem permissão?*

– Desculpe, pai – sussurrou baixinho.

Cruzou a sala de jantar nas pontas dos pés e espiou a cozinha. Não viu sinal algum da cozinha, mas ganhou segurança ao ouvir barulho de água e bucha na pequena copa. Evidentemente, a cozinha estava ocupada lavando a louça do almoço na grande pia de cimento.

Alguna coisa sacudiu e bateu, e Triss pulou de susto. Alarmada, olhou para a porta dos fundos da casa, que ficava sempre trancada, com a chave pendurada num prego na parede logo ao lado. A chave estava na fechadura, e a porta, semiaberta. Foi ela que chacoalhou e colidiu com o batente por causa do vento impaciente. Triss esperou, depois passou pela cozinha de fininho e deu uma espiada no jardim.

Uma figura familiar corria apressada por entre as treliças de pepino e as camas de nastúrcio, acolchoada feito um pequeno esquimó dentro do pálido casaco de lã cor de creme. Ao abrir o portão nos fundos do jardim, a menina lançou um

sorriso arteiro para os andares superiores da casa. Então o portão se fechou, escondendo-a da visão.

Obviamente, Triss não era a única pessoa que resolvera tirar vantagem da soneca da mãe. Ela passou pela porta dos fundos, mas teve a precaução de fechá-la com mais cuidado do que a irmã.

O que ela está fazendo? Aonde está indo?

O olhar de Pen transmitira cautela, mas estava vívido de raiva, com um toque de triunfo. Lembrou Triss da expressão da irmã quando a forçara a mostrar a camisola suja de grama.

Seja lá o que está planejando, tem a ver comigo.

Triss galopou pelo jardim até o portão, abriu uma frestinha e espiou o beco, bem a tempo de ver a silhueta familiar de Pen desaparecendo ao dobrar a esquina. Triss apressou-se até o mesmo ponto, agradecida por seus passos serem abafados pelo barulho do vento. E lá estava Pen, descendo a rua Lime com as mãos nos bolsos, como se tivesse todo o direito de fazer isso.

Distante, mantendo Pen em seu campo de visão o tempo todo, Triss a seguiu.

Que estranho que era sair sozinha, sem permissão! Triss tinha certeza de que a qualquer momento daria de cara com algum amigo da família. Felizmente o vento dava-lhe motivo para manter a gola erguida, o chapéu baixo e a echarpe enrolada no rosto. As palavras do pai tornaram a assombrá-la.

Minha Triss é uma menina doce, calma e bem comportada.

Mas ela logo voltaria a ser a Triss *dele* de novo, era uma promessa, assim que ela descobrisse o que tinha de errado com ela e resolvesse.

Para onde quer que Pen estivesse indo, a rota obviamente não era novidade para ela. Sabia o ponto exato onde o arame estava solto e poderia ser puxado para entrar no parque e pegar um atalho. Escolhia estreitos becos atrás das casas, onde era preciso esquivar-se das roupas nos varais para sair em ruas principais. Estava habituada ao ziguezague das alamedas que escalavam as laterais dos montes e cuspiam as pessoas nas pontes com uma visão da cidade, para depois as engolir novamente nos becos.

Finalmente Pen chegou a um cruzamento que Triss conhecia. À direita seguia a rua ampla que subia o morro e levava aos bairros com as melhores lojas, incluindo a rua Marley e a costureira na qual trabalhava o Sr. Grace. A mão esquerda descia o morro na direção de Puttens, área de Ellchester dominada pela garotada da cidade. Lá as fileiras de lojas dividiam espaço com salões de dança, bares e cinemas.

Pen pegou a esquerda.

Triss sentiu um nó de conflito na barriga. A loja do Sr. Grace estava tão perto, apenas um punhado de blocos dali, mas se ela perdesse Pen de vista jamais saberia o que a menina estava tramando. Mais uma vez ela recordou a expressão de terror e culpa no rosto da irmã quando foi flagrada ao telefone. E se Pen estivesse apenas fingindo, para cercar a irmã? Ou seria então que... Pen tinha parte na esquisitice que consumira tudo?

Eu te odeio, Pen, Triss murmurou baixinho, ao pegar a esquerda, morro abaixo, mantendo a irmãzinha à vista. Eu te odeio.

Por fim, Pen parou em frente a um curioso prédio que fora construído numa ponta de esquina e, por isso, tinha o formato de cunha. Bem no alto, sob uma fileira de lâmpadas, havia uma placa com os seguintes dizeres pintados: “A Fatia da Vida”. As paredes eram cor de creme, o que aumentava a semelhança com um pedaço de torta. Estavam cobertas de pôsteres, nos quais Theda Bara oferecia um olhar suntuoso, John Barrymore mostrava seu nariz famoso e Rodolfo Valentino agarrava-se ferozmente a uma moça que não parecia estar nem aí para ele.

Era um cinema, um pequeno e esquisito cinema do qual Triss não lembrava ter visto ou ouvido falar. Enquanto ela pensava nisso, Pen subiu a escada da entrada e passou pela porta de vidro giratória.

Triss parou na rua, irresoluta. Seria essa a resposta? Pen realmente saíra de casa apenas para aproveitar uma ilícita sessão de cinema? Pensando bem, sábado à tarde era o dia em que a maioria dos cinemas fazia promoção, com ingressos mais baratos para crianças.

Seus olhos passaram para uma placa ao lado da porta. Como esperado, ela anunciava uma matiné para crianças. O filme principal era *Assassinato no Cassino da Meia-noite*, e o seriado era algo chamado *A lâmina invisível*. Ambos eram a cara de Pen. A menina era viciada em filmes de gangster, e em qualquer outro filme que envolvesse pessoas atirando uma na outra e caindo de penhascos.

Com severa apreensão, Triss subiu os degraus e entrou no cinema.

A família Crescent ia sempre ao Rapsódia, cinema que ficava no fim da cidade. Era enorme e imponente como um palácio egípcio, todo vermelho e dourado, com um piano que se erguia numa plataforma especial pouco antes de o filme começar. A mãe sempre dizia que os demais cinemas eram “ninhos de ratos” onde a gente “leva cotoveladas de todo canto e volta para casa com pulgas”.

A entrada ficava perto da “ponta” do cinema em forma de cunha, então Triss não ficou surpresa ao ver que o hall era muito pequeno.

Era uma estranha mistura de novo com antigo, suntuoso com desbotado. O carpete era de um vermelho vivo e passava uma sensação áspera, excitante, de

nylon, mas a pintura escura das paredes estava descascando. Atrás de um balcão gasto ficava uma bonita moça com a boca pintada feito uma cereja e cabelos louros muito claros que lembravam chantilly.

Nem sinal de Pen. Atrás da moça havia uma entrada com uma corda de veludo atravessada, de onde Triss podia ouvir uma cacofonia de vozes.

Ela sentiu a boca secar quando a moça lhe abriu um cálido sorriso do tipo especial-para-crianças.

– Não se preocupe! – ela disse num tom confiante. – Acabou de começar. Se você entrar agora, vai pegar o comecinho do seriado. – Ela disse a palavra “entrar” com um enrugur charmoso e ligeiro do nariz. – Um centavo pelas cabines e três centavos pela galeria. – Ela parou e pareceu reparar nas roupas de Triss. – Vai querer a galeria, né?

Triss vacilou por um instante, meio confusa, até que se lembrou de que tinha uma bolsinha com uns trocados dentro do bolso do casaco. Hesitou, depois pescou três centavos, recebeu uma medalhinha de metal em retorno e atravessou a porta atrás da mesa. Da galeria ela teria uma visão muito melhor do auditório, e uma boa chance de avistar Pen.

Passou por uma porta com os dizeres “Para a Galeria”, parou para entregar a medalhinha para um recepcionista calado, de rosto amarelado, depois subiu uma escada. O som da zaragata foi ficando cada vez mais alto.

A menina emergiu na galeria, que parecia estar vazia. O auditório abaixo, contudo, fervilhava. Os bancos de madeira maciça estavam apinhados de crianças de todas as idades; desde muito pequeninos que esperneavam a adolescentes que fofocavam e comiam batatas chips mais ao fundo. Crianças jogavam cascas de castanha, ou subiam nos bancos para gritar umas com as outras. Outros batiam os pés e assoviavam, cobrando o início do filme. Olhando para baixo, Triss tentou divisar a forma diminuta de Pen, mas não conseguiu.

Enquanto isso, uma mulher de cabelos organizados num austero coque passou pelas fileiras, espirrando algo no ar acima das cabeças das crianças. Todos pareciam aceitar o gesto como se fosse muito natural. Um cheiro artificial de lavanda flutuou até Triss, e ela imaginou se aquilo agia contra as pulgas.

Quando um homem sentou-se sozinho ao piano e começou a tocar uma melodia, a plateia estourou de empolgação. A sala ficou escura e a tela branca ganhou vida de um modo todo mágico, mostrando os mais recentes eventos. O Sr. Baldwin, o primeiro-ministro, falava baixinho metido num casaco imenso, com a luz prateada do sol incomodando seus olhos.

Começou, então, o seriado, mostrando uma jovem presa numa cela que se enchia rapidamente de água. Era óbvio que boa parte da plateia vinha acompanhando essa história avidamente e, em pouco tempo, pôs-se a gritar conselhos para a moça, chamando-a pelo nome, ou a ler em voz alta as legendas da tela para os amigos que tinham dificuldade de entender. Quando a heroína libertou-se de modo improvável e genioso, houve ovações, exclamações, risos e assovios.

Em outro dia, Triss teria sido envolvida também. O brilho da grande tela a preenchia com uma empolgação quase insuportável. Nesse dia, contudo, estava ocupada demais escandindo as figuras abaixo banhadas pela luz bruxuleante da tela, procurando, em vão, por Pen.

Talvez a menina tivesse pagado os três centavos para se sentar lá em cima. Havia um pilar central largo bloqueando a visão de Triss da outra metade da galeria. Ela passou ao longo da fileira de assentos e espiou timidamente em torno do pilar.

Num lugar bem no fim da galeria estava Pen, sentadinha.

A menina estava inquieta e parecia não prestar atenção alguma à tela. Repetidamente, ela olhava para a esquerda, para a parede oposta a Triss. Não havia nada lá, no entanto, apenas uma parede escura pintada de um vermelho rico e profundo.

E então, muito subitamente, algo apareceu.

Uma portinha aberta apareceu na parede, despejando um retângulo de fraca iluminação. Sob o olhar de Triss, Pen viu a abertura e ficou tensa, depois se levantou devagar, abriu caminho pela fileira de assentos e desapareceu porta adentro.

Havia algo naquela porta mal iluminada que aguçava os instintos de Triss. A coisa não cheirava bem. Ou tinha gosto ruim. Não, nada disso; havia algo no ar que roçava sua língua e fazia formigar seus dentes. Era familiar. E a fez pensar no Grimmer. Ela não queria seguir Pen para dentro daquela misteriosa meia-luz.

Mas sabia que o faria.

O seriado dera lugar a um desenho. Com seus olhos imensos, Felix, o gato, passava de fininho por um cachorro que dormia, os ombros contraídos, cada passo era um salto exagerado. Enquanto as aventuras do gato banhavam o auditório com uma luz trêmula, Triss caminhou sem fazer barulho até a porta.

Perto da misteriosa porta, o som do alegre tumulto no auditório pareceu desvanecer. O rugido das vozes ficou abafado, a melodia do piano diminuiu para um tilintar de sinos distantes. Atrás da porta jazia um estreito corredor que ia da esquerda para a direita, carpetado com um cinza terroso monótono e com papel de parede estampado da mesma cor.

Triss inclinou-se timidamente para espiar. À esquerda, o corredor levava a uma escada que descia. À direita, terminava numa porta branca distante, perante a qual se encontrava Pen. Triss a viu bater à porta. Um ou dois segundos depois, a porta abriu-se, e a menina desapareceu por ela.

O carpete se amassava de um jeito esquisito sob os pés de Triss conforme ela avançou pelo corredor, macio, porém espinhoso, delicado, mas fibroso. O papel de parede lembrava muito veludo com uma boa parte escovado para criar padrões. Quando ela estendeu a mão para tocá-lo, contudo, viu que seus dedos tocavam plumas. Ao acariciar a parede, um leve tremor pareceu percorrer o desenho, como se a parede fosse uma criatura viva e tivesse eriçado a plumagem.

Pen deixara a porta branca um pouco aberta, então Triss posicionou-se junto ao batente para poder espiar pela fenda. O que viu lá dentro foi um quartinho mal iluminado, parcialmente escurecido pela figura de Pen, que continuava parada pouco à frente da entrada. A luz que banhava o cômodo era branca e palpitante, como a do auditório que ambas haviam deixado.

— Srta. Penélope Crescent.

Alguém se adiantou para cumprimentar Pen com um aperto de mão; era um homem, e muito alto. A voz tinha polidez, confiança e intenção de agradar. Ao mesmo tempo, havia uma tensão na entonação, como se ele estivesse sendo distraído por pensamentos muito empolgantes. O sujeito voltou para trás, entrando inteiro no campo de visão de Triss, e então ela o viu claramente.

Sua primeira reação foi um choque. O estranho não era apenas bonito, era tão bonito quanto uma estrela de cinema. O cabelo curto, cuidadosamente penteado, brilhava feito mel, e ele tinha um belo bigodinho à la Douglas Fairbanks, curvado nas pontas. Não usava terno apropriado para o dia, com jaqueta e colete, do tipo que o pai dela usava durante a semana. Em vez disso, vestia-se segundo a mais recente moda casual adotada por aqueles que os pais dela chamavam de “o tipo esportivo”. Usava uma blusa de gola V por cima de uma camisa branca bem

passada, as calças confortáveis, soltas, conhecida como “calças Oxford”, e sapato bicolor. Por cima de tudo vinha um sobretudo cinza-amarronzado muito bem cortado, e Triss pôde apenas supor que o homem acabara de chegar de um evento muito mais glamouroso.

– É sempre um prazer. Por favor.

Ele deu outro passo para trás e abriu o braço num amplo gesto de boas-vindas. Ao fazer isso, Triss pensou ter visto algo debaixo do punho da camisa, um lampejo metálico no pulso dele. Pen aceitou o convite tácito, passou por ele e foi encaminhada ao cômodo seguinte.

Triss hesitou, depois forçou a porta – bem como a própria sorte – um pouquinho mais, para ampliar a fenda e poder enxergar melhor.

Ficou fácil divisar a fonte da luz vacilante. À direita, toda uma extensa parede era uma massa fervilhante, trêmula, de ação em preto e branco. Era um filme, sem dúvida, mas não havia projetor por ali, nenhum raio de luz cruzando a sala inclinando-se para atingir a parede. Triss observou a imensa projeção de cinema com assombro, feito uma protagonista muda, arrepiada como uma borboleta, sacudiu a cabeça e evitou os belos traços de um conquistador de cabelos alisados. Somente quando o título apareceu na tela com as letras viradas ao contrário, Triss compreendeu que estava olhando a tela pelo avesso, atrás da parede do auditório.

Ouvira falar de cinemas pulguentos cuja tela não passava de um lençol pendurado, nos quais o dono colocava alguns assentos atrás da tela e cobrava metade do ingresso dos que se dispunham a assistir o filme ao contrário. Contudo, a superfície sobre a qual esse filme rodava parecia uma parede, não um lençol. E se era fina o bastante para a luz atravessar, como é que ela não escutava mais o piano nem o murmurar da plateia?

O restante da sala era extraordinário de tão comum. Além das paredes, cobertas com o mesmo papel plumado do corredor, parecia ser uma saleta perfeitamente normal, adornada com cadeiras de estampa florida, um relógio de parede e uma mesa coberta com conjunto de chá e um rádio. Triss não conseguia imaginar por que uma sala dessas teria sido colocada à espreita atrás de uma tela de cinema. Não obstante, a luz tornava tudo inquieto. As sombras pulavam e se debatiam feito asas.

Pen ajeitou-se um pouco desajeitada numa grande cadeira com detalhes dourados virada de frente para a tela reversa. Seus pés não tocavam o chão, e as mangas sobravam por cima dos nós dos dedos, sinal claro de que estava sentada na beirada.

– Boa escolha. O melhor lugar da casa. – O estranho de bigode de estrela de cinema foi parar ao lado da cadeira, fitando o filme em reverso. – Mas é claro, o melhor jeito de ver as coisas é sempre pelo interior. Surpreenda o mundo pelas costas, pegue-o desprevenido, e então vai vê-lo como realmente é...

– Sr. Arquiteto – Pen interrompeu num tom baixo, porém determinado –, eu queria falar com você.

Sr. Arquiteto? Triss fitou o estranho com renovado interesse. O pai dissera algo sobre a possibilidade de que alguém que conhecia por causa do trabalho fosse o responsável por ela ter caído no Grimmer. Como engenheiro civil, o pai trabalhava com uma porção de arquitetos. Seria esse homem um deles?

Ao observar o Arquiteto, Triss vivenciou uma sensação crescente de desconforto. Ele era bonito, isso dava para ver, mas quando ela pensava nisso, ficava difícil dizer o quanto ele era bonito. Seu charme era como um raio de sol mirado direto nos olhos, borrando qualquer detalhe. Quando ela forçava a cabeça a enxergar, reparava em cantos e partes em meio ao brilho que não tinham tanto de um Douglas Fairbanks, no fim das contas. Os olhos eram muito pálidos, ela percebeu, uma sombra fraca de cor da qual ela não se lembrava passado um instante. Os dentes eram brancos demais, quase azuis. O queixo era estreito, e havia um rebite no canto do sorriso que a fazia pensar num traçoeiro prego fincado no carpete de um degrau de escadaria.

– Foi o que entendi quando você me ligou. – O Arquiteto analisou Pen por um bom tempo. – Você pediu para marcar um encontro... e aqui estou eu.

A mente de Triss voltou às pressas para a irmã escapando furtivamente do escritório do pai. A danada usou mesmo o telefone! Usou pra ligar pra esse homem! Mas... por que a telefonista não tinha registro dessa ligação? E pra que ela ligou pra ele, afinal?

– Dizem que uma imagem vale por mil palavras – prosseguiu o Arquiteto –, e o seu rosto, Srta. Crescent, é uma imagem. Neste momento, eu esperaria que ela tivesse mil palavras felizes para dizer, mas, pelo visto, não.

– Claro que não tô feliz! – Pen atacou, encontrando confiança em sua sacolinha de raiva, sempre à mão.

– Não. – Ele a observou com seu olhar pálido. – Receio que você é do tipo que nunca será feliz, mas tornará o mundo muito mais interessante ao tentar ser. Ah, bem. Deixa pra lá.

Pen hesitou, e Triss pôde sentir as palavras hábeis do Arquiteto simplesmente fluir através de si, como a fluência elegante de um riacho em torno de uma pequena e obstinada rocha.

– Não tô feliz – Pen prosseguiu, determinada –, e você sabe por quê. Você me enganou!

– Enganei. – Não foi uma pergunta nem uma expressão de ultraje. O Arquiteto deixou a palavra cair seca, como teria largado um objeto desconhecido na mesa para examiná-lo. Ele hesitou por alguns segundos, erguendo as sobrancelhas em contemplação, depois sacudiu a cabeça. – Não sei bem do que está falando.

– Sabe, sim! – Pen exclamou, batendo forte com os calcanhares nas pernas da régia cadeira. – A gente fez um trato! E eu fiz tudo que você pediu! Trouxe pra você as páginas do diário e a escova e todas as outras coisas! Consegui até fazer a Triss ir até o Grimmer! Você disse que se eu fizesse tudo isso você a levaria embora!

Escondida atrás da porta, Triss teve que cobrir a boca com as duas mãos para impedir que lhe escapasse um grito de ultraje.

A raiva foi tão arrebatadora, que pareceu manifestar-se fora dela, feito um imenso animal avultando-se por cima dos ombros, respirando em seu pescoço, esquentando sua pele.

– E? – O Arquiteto parecia tão preocupado quanto um gato tomando sol.

– Pensei que você fosse levá-la, e que teria acabado tudo! Só queria que ela fosse embora. Não pedi nada... nada disso! – Pen fez um gesto afobado e sem foco, como se apontasse para um objeto presente apenas em sua mente.

– Eu sempre cumpro o que prometo. – O homem alto sorriu. – Ela vai embora. Em poucos dias.

Triss retraiu-se, e a raiva cedeu mais uma vez ao medo. Estava ainda em perigo.

– Dias? – Pen explodiu. – Mais dias disso? Não era isso que eu queria, e você sabe! É horrível! Eu odeio!

– Não cabe a mim conceder-lhe o que você quer, mas sim o que pediu.

O homem deu de ombros, como se não tivesse nada a ver com a história. Talvez fosse um truque de luz, mas pareceu a Triss que algumas fibras do casaco dele acompanharam o movimento, como uma onda que desceu do colarinho e foi desembocar na bainha. Ocorreu-lhe também que o sobretudo era da mesma cor que aquele peculiar carpete e o papel de parede.

– Você não pode me tratar assim! – Pen meteu as unhas nas palmas das mãos, o rosto franzido como um pano de prato. – Você tem que se livrar daquela coisa e consertar tudo, ou eu vou... vou contar!

O Arquiteto, que se virava com um sorriso no rosto, congelou na hora. O mesmo fez a poeira que valsava suspensa na luz bruxuleante. E também o pêndulo do relógio. Até mesmo as personagens na tela prateada em frente a Pen pararam o que faziam, com suas taças de champanhe nas mãos, e olharam para a menina, juntando-se como que para se proteger de uma tempestade ou explosão.

– Contar? – A voz dele veio muito, muito suave. Ele se voltou para Pen, e ao fazer isso pareceu crescer alguns centímetros. O sobretudo eriçou-se e abriu fendas feito a pelugem de um gato irritado, e Triss pensou ter visto uma luz brilhar naqueles olhos pálidos, como se refletissem um céu violento que ninguém mais podia ver. – CONTAR? – Ele não apenas gritou a palavra, ele a vociferou a plenos pulmões, com a fúria terrível de uma criança frustrada. – Mas se fizer isso vai romper nosso pacto!

Não foi nada engraçado. A infantilidade da fala a tornava estranha e aterrorizadora. Ver um adulto ceder ao temperamento sem o menor embaraço era como ver cair a corrente da coleira de um cão enorme e perigoso.

Pen encaracolou-se numa bolinha em cima da cadeira, os joelhos junto ao peito, as duas mãos erguidas em punhos defensivos em frente ao rosto.

– Eu não ligo! – ela guinchou. – Vou contar o que aconteceu com a Triss! Vou contar onde você fica! Vou contar dos seus amigos, e dos passarinhos, e dos telefones!

Passou-se um longo segundo, durante o qual centenas de ventos invernais sopraram em silêncio, e o Arquiteto perdeu toda a beleza. Então a poeira retornou ao seu vagar luminoso, o pêndulo retomou o ritmo entrecortado e os personagens do filme voltaram a dançar, ignorando a saleta.

– Ah, é tudo sempre muito empolgante quando está presente, Srta. Crescent. – O homem baixou os ombros e endireitou as costas, depois sorriu por debaixo dos cílios louros para os sapatos cor de caramelo e leite. – Bom, que nunca digam que deixei alguém insatisfeito com seu pacto. Trato desses assuntos com muita seriedade. Muita seriedade. Visto que você é tão insistente, pelo visto terei que conversar com algumas pessoas, mudar alguns arranjos. Pode me dar licença?

Pen fez que sim, baixando lentamente os punhos, o tempo todo de olho no Arquiteto, de cara fechada. O homem passou para uma porta no canto mais distante da sala, hesitou um pouco, aparentemente na dúvida quanto a dizer ou não alguma coisa.

– Minha querida – ele começou, finalmente –, eu... devo pedir que não toque em nada enquanto eu estiver fora. Os itens desta sala, embora simples, são muito

importantes para mim.

Quando o Arquiteto desapareceu pela outra porta, Triss viu a irmã olhar para a saleta ao redor com toda uma nova e atrevida curiosidade.

Por acaso ele sabe com quem está falando?

Pen prestou atenção por alguns segundos, depois saracoteou para fora da cadeira e começou a zanzar pela sala, analisou o rádio e engatinhou para olhar embaixo da mesa. Sendo assim, somente Triss reparou quando os personagens na tela bruxuleante abandonaram o que faziam para se prostrar na beirada da tela e espionar a menina.

Havia seis deles, três homens e três mulheres. A cena resumia-se a um piquenique no campo, então todos os personagens usavam roupas de sair e sobretudo. Ao fundo, morros verdejantes e árvores lotadas de flores.

Uma das mulheres ergueu o punho e bateu, como se cutucasse seu lado e uma barreira invisível. Ela disse algo rapidamente, e apareceu uma placa. As letras estavam, é claro, de trás para a frente, mas a placa ficou ali parada tempo suficiente para Triss forçar a vista e ler ao contrário.

EI!!

Diversos outros personagens começaram a bater do lado deles da tela, chamando com urgência cada vez mais intensa, todos de olho em Pen. As placas surgiam, com letras cada vez maiores.

EI! EI, VOCÊ! OLHA AQUI!

As placas foram demorando-se mais e mais, mergulhando a saleta em relativa escuridão quando apareciam, até que finalmente Pen fitou a tela, incomodada, e olhou mais uma vez.

ISSO, VOCÊ! ESTÁ EM PERIGO!

Pen inclinou-se adiante, a boca mexendo conforme decifrava o que diziam as palavras, e então ela se endireitou, sobranceiras erguidas, e juntou os lábios num bico de dúvida.

ELE MENTIU PRA VOCÊ!

ELE FOI PEGAR AS PINÇAS!

– Pinças? Do que estão falando? – Pen perguntou em voz alta.

Os personagens do filme lançavam olhares furtivos para a porta através da qual o Arquiteto saíra, e faziam gestos com as mãos dizendo “fale baixo, fale baixo”. Pen deu um passo na direção da porta atrás da qual Triss se escondia, mas toda a *entourage* prateada sacudiu-se, alarmada, e acenou os braços para avisar.

NÃO, POR AÍ NÃO!

ESTÃO ESPERANDO POR VOCÊ!

Pen parou, irresoluta. Triss, que ficara tensa perante a possibilidade de que Pen disparasse pela porta e desse de cara com ela, deitou os olhos, apreensiva, no corredor. Não viu nenhuma “pinça” misteriosa avançando na sua direção, entretanto.

Enquanto isso, na cena do filme, um dos homens tinha corrido de volta ao carro, estacionado quase fora do enquadramento. Ele abriu a porta, depois olhou para Pen, na expectativa. O restante do elenco permanecera junto à tela, todos acenando furiosamente.

POR AQUI! RÁPIDO! ENTRE NO CARRO!

VOCÊ PODE FUGIR COM A GENTE!

Pen hesitou, seu rosto um campo de batalha entre diversas emoções. Então a menina fechou a cara e correu adiante até se encontrar a um passo da imagem bruxuleante. Ela estendeu a mão, insegura, e bateu a parede.

No mesmo instante, os personagens avançaram sobre ela, as mãos descoloridas agarrando-a pelos braços, os ombros, as roupas. Todos abriram um idêntico sorriso de triunfo. Nenhuma placa de legenda apareceu dessa vez, mas não foi difícil entender as palavras que diziam.

TE PEGUEI!

Pen gritou. Nos pontos em que as bruxuleantes mãos descoloridas a tocavam, Triss viu a pele da irmã e as roupas começarem a chamuscar e manchar, como se um líquen prateado brilhante se espalhasse por cima dela. Pen foi erguida do chão e puxada através da tela para dentro da cena bucólica, onde a deitaram na grama. A menina lançou-se desesperadamente para a saleta, mas conseguiu apenas se agarrar na beirada da imagem com uma das mãos. Os felizes comensais arrastavam-na pelas roupas e pelos membros, e Triss viu a mão da irmã começando a enfraquecer naquela beiradinha de mundo.

Pen estava quase totalmente consumida pelo cinza, exceto pela mão obstinada, e mesmo ali a carne começava a empalidecer e perder a cor. Os gritos não se ouviam, e as bochechas cintilavam, cobertas de lágrimas.

Bem feito. Bem feito, sua feia. Têve o que merecia.

Oh... Pen, sua porquinha. Eu te odeio. Eu te odeio.

Triss deixou o esconderijo e correu para dentro da sala. Ela se lançou para a tela no instante em que Pen saltou-se da beirada, e conseguiu agarrar o pulso da menina com as duas mãos. Triss sentia como se alfinetes e agulhas pinicassem seus dedos, e quando olhou para as mãos, viu pintinhas espalhando-se pela pele feito gotas de mercúrio. A expressão orgulhosa dos comensais ganhou um teor de confusão e raiva quando Triss puxou o braço de Pen com toda a força que juntou

no corpo e arrastou a irmã, ainda cinza e muda, até a metade para fora da imagem bruxuleante.

Passaram-se alguns segundos nesse desesperado cabo de guerra. Dedos brilhantes alcançaram o ponto em que Triss segurava o braço da irmã e soltaram uma de suas mãos. Desesperada, Triss atacou, e sentiu seus dedos rasgarem alguma coisa. Um dos homens recuou, levando as mãos ao rosto. Os outros fitaram Triss agora com medo, e a menina aproveitou a oportunidade.

O puxão demandou toda a sua força, e ela sentiu os ombros rangendo sob tamanha tensão. No instante seguinte, Pen estava deitada no chão da saleta ao lado da irmã, ainda sem cor e sem voz, mas viva.

Não havia tempo para ficar deitada de bruços, sem ar. Os personagens atrás da tela já avançavam para a frente de novo.

– Foge!

Triss apressou-se em ficar de pé, e ao seu lado a pequena e cintilante figura da irmã fez o mesmo. Ao levar a irmã na direção da porta, Triss olhou para trás e avistou o elenco do filme, todos estendendo as mãos para agarrar as meninas fugitivas. O grupo agora compartilhava uma mesma forma, um único rosto. Eram todos o Arquitecto, olhos brilhando gelados de fúria, gritando em silenciosa raiva.

A plateia de crianças no auditório fazia também barulho demais para reparar nas duas garotas que cruzaram em disparada a galeria. Mesmo quando a dupla desceu às pressas pela escada, os pés de Pen não fizeram barulho algum, e ocorreu à mente distraída de Triss que os dela também não ressoavam tão alto quanto ela esperava. Elas irromperam pela porta para o saguão de entrada, passaram voando pela moça no balcão antes que ela pudesse reagir e foram cuspidas para a rua.

O pânico congelou Triss por um instante, para em seguida botá-la em desatinada correria, de volta pelo caminho pelo qual vieram. Enquanto corria morro acima, Pen a acompanhava feito uma atarracada sombra prateada.

Somente quando cortaram caminho por um parque, as meninas ousaram diminuir o passo. Escondendo-se sob as sombras de um pequeno conjunto de árvores, esperaram por um instante para recuperar o fôlego, atentas o tempo inteiro para ver se alguma criatura cinza avançava na direção delas. Não viram nada.

Pen dobrou-se, descansando as mãos nos joelhos, e tossiu baixinho nuvens de pó prateado. A pele continuava luminosa e sem cor. Sob o olhar de Triss, uma mariposa tonta circulou a cabeça de Pen até resolver pousar na bochecha dela, evidentemente atraída pela luz. Pen afastou o inseto e continuou a tossir, até que finalmente manchas de um rosa pálido começaram a lhe retornar ao rosto.

Triss sentia a brisa fresca na nuca. Não estava mais ofegante por causa da correria; seu respirar continuava arquejante por causa da tempestade de sentimentos que a preenchiam quando olhava para a irmã. Afinal, não pôde mais contê-los. Ela agarrou a menina pelos ombros e a chacoalhou.

– Seu monstro! Você pediu para aquele homem me raptar!

Pen fitou Triss por um segundo, depois, sem aviso, lançou-se para a frente e jogou os braços em torno do tronco da irmã.

– Triss! É você mesmo? – Saiu o menor dos sussurros. A voz de Pen vinha engasgada pelas lágrimas, mas soou também estranhamente distante, como se ouvida por detrás de uma parede. – Triss, Triss, Triss! Não sabe como eu estou feliz em ver você!

Triss olhou de cima para a cabeça prateada e descabelada de Pen, sentindo-se furiosa e frustrada. Queria se soltar, mas fazer isso agora tinha ficado muito difícil.

– Ah, para com isso! – ela sibilou, com todo o veneno que pôde instilar. – Você me convenceu a ir pro Grimmer! Achou que ele fosse me afogar?

– Não! – Pen se soltou e se afastou um pouco, os olhos arregalados. – Ele disse que ia te levar embora! Era pra resolver tudo! Era pra fazer o pai e a mãe ficarem bem, em vez de bravos e tristes o tempo todo!

Estava bastante difícil acompanhar as palavras de Pen. A voz dela ia e vinha feito um motor defeituoso. Durante os trechos de silêncio, Triss achou que viu letreiros brancos querendo aparecer atrás da irmã, enrolando-se em volta do casco da árvore mais próxima e cintilando contra algumas folhas.

– Sua buma... – disse Triss, sem completar, como se ela também tivesse sido maculada pelo silêncio.

Pen fez uma careta horrenda e murmurou alguma coisa. Pareceu um pouco com “desculpa”, mas não emitiu som, e a palavra brilhante que apareceu por trás foi escondida pelas folhas, uma pequena galáxia de brilhaços ilegíveis.

– Mas você tá aqui! – Pen continuou, mais audível. – Triss. Triss, o que aconteceu? Por onde andou? Como você voltou?

– Voltei? – Triss ficou olhando. – Por onde andei? Eu estava seguindo você. Vi você saindo de casa, então saí logo depois e segui você até o cinema. O que acha que eu tava fazendo?

Por todo o rosto de Pen uma colagem de retalhos prateado moveu-se e dançou, como se uma lua invisível lançasse sua luz sobre ela através de folhagens que balançavam. Triss viu a expressão da menina passar para a compreensão, os olhos endurecendo de tristeza. O prateado pareceu voltar a piorar, e ela ficou ainda mais estressada.

Pen gritou uma única palavra muda. Dessa vez, as letras que cruzaram a casca atrás da menina apareceram grandes o bastante para a leitura, mesmo com a grossura da casca e a luminosidade do dia.

VOCÊ!

A garota deu alguns passos para trás, muito atormentada.

É VOCÊ! VOCÊ ME ENGANOU!

– Eu? – Triss gritou, já não ligando mais para o fato de estarem num local público. – Eu enganei você? Olha o que *you* fez comigo!

Triss pegou uns fios do próprio cabelo, arrancou-os, mal sentindo dor, e os mostrou. Em poucos segundos, sentiu que se transformavam entre seus dedos, secando e se desfazendo. Logo o vento soprava fragmentos de folha dentre os dedos dela, carregando-os como confete marrom.

– Estou me desfazendo! – Triss pôde ouvir toda a sua angústia escapando pela voz, deixando-a tão rouca que ela mal a reconhecia. – Por que isso tá acontecendo comigo?

Ainda portando a mesma expressão brilhante, meio louca, Pen viu os últimos grãosinhos marrons caírem dos dedos da irmã. Triss sentiu a mudança na postura da menina antes mesmo de ela virar para fugir, e avançou rápida o bastante para pegá-la pelo braço. Pen soltou um grito mudo e tentou desprender-se da mão da irmã, chegando ao ponto de tentar mordê-la nos nós dos dedos. Ficou evidente o desespero em seu olhar. Mas Triss também estava desesperada. Com uma força que não pretendia aplicar, ela deu um passo adiante e empurrou a irmã, que caiu sobre um emaranhado de raízes de árvore. Pen deu um gritinho sufocado, e ficou ali segurando o braço.

– O que ele fez? – Triss gritou. – O que aconteceu no Grimmer? Me conta!

– Me deixa em paz! – gritou Pen, a voz retornando tão estridente que pareceu quase irritada. – Você sabe o que aconteceu! Você tava lá!

– Mas eu não me lembro! Não me lembro de nada desse dia! Não me lembro de um monte de coisas... Eu mal sabia quem *you* era no começo, nem a mãe, nem o pai. E a casa me é estranha, e eu fico vendo coisas que não podem ser reais, e tenho fome o tempo inteiro. E é tudo culpa sua! O que *aquele homem* fez comigo?

A compreensão varreu o rosto de Pen, deixando um rastro de hipnotizado terror.

– Você não sabe? – ela sussurrou. – Mas... mas não pode ser! Você tem que se lembrar de ter saído do Grimmer!

Triss hesitou, conforme as estranhas impressões fluíram de volta à superfície de sua mente feito peixes mortos. *Certa por águas geladas e turvas, luz no alto, as silhuetas de dois homens acima...*

– Não! – ela protestou. – São só... pedaços! E não lembro de ter caído!

– Isso é porque – disse Pen, numa vozinha baixa e tensa – *you* não caiu.

Então Triss estava de volta à margem, assim como estivera quando perpetrara sua excursão noturna ao Grimmer. Parada à beira de uma terrível verdade, algo que, no fim das contas, ela não queria mesmo saber. Mas tinha chegado muito perto dessa vez, e dar meia-volta e fugir e fugir e fugir não levaria a nada.

– O quê? – ela se ouviu perguntar baixinho.

Pen arquejava intensamente. Os olhos ainda emanavam aquele brilho intenso que a fazia parecer maluca e desesperada.

– Eles colocaram um saco enorme em cima dela – ela disse, muito rápido. – Ela tentou chutar, mas eles a amarraram e a colocaram num carro. E depois voltaram com todas as coisas que eu dei: a escova e os diários e tudo. E jogaram no Grimmer. E daí trouxeram uma boneca imensa, feita de folhas e gravetos tortos e sarça, e jogaram lá também. Então o baixinho fez uns barulhos que pareciam o vento nas árvores. E o vento respondeu. E daí a água fez ondas e alguma coisa começou a sair da água. Pra fora. E era feita de graveto e papel e pedacinhos e espinhos e os olhos pintados, mas depois que a água escorreu, começou a se parecer com a Triss. E a coisa escalou a margem e se levantou. E sorriu. Eu fugi, corri pra casinha. Mas ela veio atrás. Apareceu na casa, pingando. E todo mundo pensou que fosse a Triss.

O chão pareceu vacilar debaixo dos pés de Triss. Um oceano escondido parecia agitar-se por debaixo da relva, as ondas subindo e descendo toda vez que ela respirava.

– Mas eu sou a Triss – ela disse. Agora foi a voz dela que soou distante e surreal.

Pen não disse nada, apenas ficou olhando, os olhos firmes como balas de revólver.

– Eu sou a Triss! – Triss tentou conferir mais força às palavras.

E Pen continuou a fitá-la com aqueles olhos escuros.

– Eu sou a Triss! – Triss gritou, usando toda a potência dos pulmões, como se pudesse forçar as palavras a ser a verdade. – Você tá mentindo!

O vento avolumava-se, e conforme o tumulto das folhas intensificou-se, pareceu que o próprio ar fervilhava.

Pen saltou para o lado, pisoteando as raízes expostas para fugir de Triss. Enquanto a mais nova atrapalhava-se para se levantar, a outra saltou para a frente e atacou, atingindo-a no rosto com toda a força. Pen soltou um guincho agudo e fino de choque e dor, e recuou para uma árvore, a mão na bochecha. Ela lançou para a irmã um último olhar duro, enlouquecido, e tarde demais Triss

compreendeu o significado desse olhar, o que sempre significara. Não era raiva nem ódio, afinal – era horror.

Então Pen girou e fugiu, atabalhada, para o portão do parque, com a luminosidade do filme ainda coruscando sobre sua pequena silhueta.

A garota que ficara para trás não quis perseguir a outra. Lentamente, virou a mão e a fitou, notando um lampejo de umidade avermelhada nas pontinhas dos três dedos do meio.

Machuquei Pen. Machuquei mesmo, nem sei como. Amanquei sangue.

Ficou olhando para aquelas manchas marrom-avermelhadas por um bom tempo, enquanto o vento rugia feito uma página imensa rasgando-se em duas.

– Eu sou a Triss – ela sussurrou.

Mas sabia que não era verdade.

Esta que não era a Triss ficou ali no parque com seus dedos avermelhados, e quis fugir. Fugir, fugir, fugir do monstro. Mas fugir como? O monstro era ela.

Mesmo assim, ela correu, martelando rua após rua cinzenta com os pés de trovão entorpecido. O vento alvejava seu rosto, e ela mostrou os dentes para ele até doerem de tanto frio.

Fugir pra onde? Pra casa?

Mamãe e papai vão resolver, vão fazer não ser verdade...

Mas eles não tinham como resolver nada. Não poderiam alterar a realidade. E ela não era a menina dos olhos deles. Por que tentariam ajudá-la? Se ela lhes contasse o que realmente era, eles certamente recuariam, horrorizados.

Triss entrou num beco tomado por varais de roupa. Correndo por esse ondulante labirinto, chorava e berrava, sentindo o tecido rasgar-se sob seus dedos. O som que saiu de sua boca não era algo que uma menina humana poderia ter produzido. Dele emanava o lamento estilhaçado de árvores abatidas pelo vento, a cacofonia metálica das gaivotas, a nota choramingada bem no centro de um vendaval.

De todos os lados ela ouviu portas batendo e vozes erguendo-se em consternação. Ela se propeliu adiante, desaparecendo antes que alguém viesse investigar.

Estourou para fora do beco e entrou no seguinte, e seus pés a carregaram pelos atalhos, um após o outro. Sentia um fedor no nariz, um cheiro pegajoso de água e musgo, velho o bastante para ser pungente e perigoso. Os paralelepípedos deram lugar a pedras gastas, e logo seus pés martelavam um deque de madeira, e o vento ficou grudento feito o beijo de um cadáver. O céu abriu-se perante a menina como uma ampla página em branco salpicada de pequenos passarinhos. E então surgiu o Ell e sua superfície cheia de ondas e valetas, tão imenso que a margem oposta era permeada por árvores de brinquedo e casinhas de caixa de fósforos.

Na beirada do deque, as pernas cederam, e ela ficou de joelhos. Seu soluçar ganhou um tom mais humano, finalmente. Lágrimas obstruíam sua visão, ardendo amargamente e grudando-se nos cílios. Quando ela alisou os olhos, as lágrimas esticaram-se em longos fios pegajosos, em vez de simples água salgada.

Ela fitou os brilhantes fios de cola, muito confusa, até que compreendeu do que se tratavam.

Teia de aranha. Estava chorando teia de aranha!

Tonta de desespero, viu o rio, de uma cor brilhante de café, ouvindo os cliques que a água fazia ao lamber os suportes do cais.

Sentiu como se ele estivesse ali deitado esperando por ela. Ela saíra do Grimmer. Talvez aquelas águas que tinha à frente fossem destinadas a cobrir sua cabeça, fechando assim o ciclo.

Os pais de Triss não poderiam resolver as coisas. O rio, sim. Talvez fosse melhor para todo mundo se essa menina que não era mais gente se permitisse tombar para dentro da água e livrasse o mundo deste monstro...

– Mas eu não quero! – ela exclamou em voz alta, esfregando freneticamente as teias de aranha das bochechas. – Mesmo que eu não seja a Triss, eu existo! Sou alguém, mesmo que não tenha nome! E não quero me afogar, nem me desfazer! Não quero morrer!

Além disso, sussurrou uma voz indigna na mente dela, a Triss verdadeira se foi. Por que eu não posso ser a Triss agora? Se eu me endireitar e não contar a ninguém de onde eu vim, posso ser uma ótima Triss – ajudar na casa, talvez até ser legal com a Pen. Poderia ser uma Triss melhor ainda do que a original.

Quase tão rapidamente quanto essa ideia se formou na mente dela, contudo, ela recordou Pen descrevendo o sequestro, e como a outra Triss foi colocada amarrada num carro, apesar de todo o seu debater-se. Onde estaria a verdadeira Triss, então? O que estava acontecendo com ela? Estaria em perigo?

– Não me importa! – Não-Triss tapou os ouvidos com as mãos, como se pudesse silenciar os próprios pensamentos. – A culpa não foi minha! E... eu também sou a Triss! A família também é minha! A casa também é minha! Não tenho para onde ir.

Mas se importava sim. Não dava para evitar. Em algum lugar, seu homônimo era mantido em cativeiro pelo Arquiteto, e poderia estar choramingando, igualmente desconsolada. Talvez estivesse aguardando, aos prantos, para ser resgatada pelos entes queridos, sem saber que ninguém sequer sabia que ela não estava em casa.

Ninguém. Ninguém além de mim e Pen. Se eu não fizer nada, ela será assassinada, ou devorada por telas de cinema.

– Mas... se ela voltar pra casa, o que será de mim? – sussurrou Não-Triss, as mãos no rosto, fios de lágrimas roçando em seus dedos. – O que eu vou fazer?

Tinha ficado muito claro que ela precisava fazer alguma coisa. Se não fizesse, logo não haveria mais nenhuma Triss para contar a história.

O mundo pareceu tão diferente quando Não-Triss se pôs a caminho de casa. Era como se ela se permitisse enxergar com os olhos realmente abertos pela primeira vez, não mais tentando convencer-se de que tudo estava normal. Havia um novo brilho em tudo. Paredes e árvores conspiravam ao redor, espalhando murmúrios sussurrados pelo ar feito sangue na água. Ela notava coisas como o fato dos pés fazerem muito pouco barulho, mesmo quando ela andava mais rápido.

Antes, ficara desesperada e aterrorizada, mas o tempo todo pelo menos sentira a rede invisível de segurança do amor dos pais posicionada bem embaixo dela. Agora ela sabia que o menor dos puxões poderia arrancá-la dali. Seus pensamentos giraram, como se a bordo de um carrossel maníaco, durante todo o trajeto até a casa.

Tenho que descobrir o que está acontecendo. Talvez então descubra o que tem de errado comigo. Talvez eu consiga dar um jeito de resgatar a verdadeira Triss e ajudar Sebastian. E talvez... talvez... talvez... se eu fizer isso, eles não se importem de haver duas Trisses.

Mas não dava para contar com isso, e quando finalmente a residência dos Crescents apareceu adiante, as emoções dela saltitaram e farfalharam como se presas dentro de um tornado.

Não posso deixar que saibam o que eu sou, não posso, não posso! Mas a Pen sabe! Como posso impedir que ela conte pra todo mundo? Não, Pen não vai contar. Não pode, não sem admitir o que fez.

Eu a machuquei. Machuquei Pen. Talvez tenha machucado feio.

Não-Triss fitou as pontas dos dedos mais uma vez, ainda sem saber como conseguira arrancar sangue da irmã. Talvez tivesse garras retráteis, como as de um gato. Não queria ficar pensando no fato de ter machucado Pen, nem considerar a possibilidade de ter deixado uma cicatriz no rosto dela. Contudo, enquanto seu estômago ainda se contorcia por causa desse pensamento, outro, mais temeroso e egoísta, deslizou-lhe mente adentro. E se Pen tivesse corrido para casa e sido interrogada sobre os ferimentos? E se tivesse cedido à dor e ao horror e contado a verdade? E se os pais dela estivessem agora esperando pela impostora?

Não-Triss teve o cuidado de entrar pela porta dos fundos. Felizmente, continuava destrancada. A cozinheira tinha terminado de lavar a louça e evidentemente se retirado para seus aposentos, no porão. A menina entrou, tirou as botas e cruzou a cozinha nas pontas dos pés. A casa estava em silêncio, então ela subiu quietinha a escada e correu para o quarto de Triss.

Estava estendendo a mão para a maçaneta quando a porta abriu-se e a mãe apareceu.

– Triss. – A voz da mãe tinha um tom nunca antes ouvido, fraca e sem fôlego.
– Onde é que você estava?

Não-Triss ficou atônita. Imersa na torrente de medos e emoções, não se lembrara de inventar uma história para o caso de ser pega.

– Eu... – Não-Triss pensou em alegar que tinha visto Pen sair de fininho, e fora atrás para trazê-la de volta. Mas se eles pedissem a Pen para corroborar? – Eu... andei dormindo. – Deu para sentir o rosto ficando vermelho.

– Andou dormindo? – sussurrou a mãe, com a mesma voz tensa, sem fôlego.
– Disse que andou dormindo? – Ela hesitou, depois escancarou a porta. – Então o que é aquilo ali?

Não-Triss pôde ver então a própria cama, e seu coração afundou quando ela viu as cobertas ainda ajeitadas de modo a parecer que alguém dormia ali debaixo.

Ficou sem resposta. Incriminada pela precaução.

– Eu... não sei – foram as palavras que ela quis dizer, mas pareceu não ter voz para elas. Foi como ouvir um bebê se retratando, transparente feito gaze.

– Você saiu. Sem falar com ninguém. Por que faria isso, Triss? Por que trair minha confiança em você? Olha pra mim!

Não-Triss arriscou apenas um breve olhar de relance para a mãe, e ficou assustada ao ver que esta de fato tremia, com uma lágrima imensa brilhando em um dos olhos. A menina tornou a baixar os olhos, receando que a mãe a olhasse direto neles e visse um monstro à espreita ali atrás.

– Eu disse olha pra mim! – Mãos enormes apertaram seus ombros. – A Pen te convenceu a fazer isso? Pra onde ela fugiu dessa vez?

Então Pen não tinha retornado, e Não-Triss tinha a chance de colocar toda a culpa da escapada na menina. Deu até para sentir as palavras certas ganhando forma em sua língua, com os ouvidos da mãe à espera. Em vez disso, muito inesperadamente, por entre a pena, a culpa e o receio, uma pequena fagulha de injúria conseguiu iluminar-se na mente dela.

– Não – disse. – Não foi a Pen.

Houve uma pausa, uma exclamação, então Não-Triss sentiu-se chacoalhada pelos ombros.

– Você sabe que foi! Você nunca me trataria desse jeito se não fosse a Pen que a tivesse feito sair! – Havia algo de suplicante na voz da mãe.

– Não foi ela! – Não-Triss sentiu-se enforcada por claustrofobia. – Eu... me senti melhor. Queria muito dar uma volta. E... eu sabia que você não me deixaria

ir. Você nunca me deixa ir a lugar algum. – As palavras escaparam antes que ela as pudesse conter.

– Triss! – A voz da mãe saiu engasgada, lamuriosa. – Chega! Você está doente! Agora... volte pra cama. Você me magoou muito, Triss, e sabia que eu já não estava muito bem.

Não havia nada que Não-Triss queria a não ser saltar para os braços da mulher, mas não havia segurança ali, nem esperança.

Me ajude, ela implorou mentalmente quando a porta se fechou entre elas. Me ajude, me ajude, me ajude...

Não havia ajuda. Ninguém podia ajudar. Não-Triss não tinha em quem confiar, a não ser em si mesma.

Ela limpou as teias de aranha dos olhos com as costas da mão e ficou só escutando. Os passos da mãe indicavam que ela rumava para o escritório no final do corredor. A porta fechou-se, e então deu para ouvir o som muito fraco da voz dela.

O telefone. A mãe estava usando o telefone da casa. Após um instante de confusão, Não-Triss concluiu que isso era de se esperar. Pen tinha sumido de novo. A mãe ia querer comunicar o pai, sem dúvida. Será que ela ia relatar a desonra da outra filha também?

Não-Triss saiu do quarto, ganhando o corredor. Estava ciente de como pisava com mais suavidade. Os tacos do piso eram seus cúmplices e engoliam seu ranger quando as solas dos pés dela os pressionavam. Seu respirar não fazia mais ruído do que uma pétala de rosa caindo.

Com o ouvido colado na porta ela conseguiu escutar o que a mãe dizia na conversa telefônica, lá dentro do escritório. O tom choroso foi como uma pontada no coração de Não-Triss. Mas será que tinha sentido uma pontada no coração mesmo? Será que tinha um coração? Não dava para dizer com certeza.

– ... oh, eu sei que não devia ter ligado agora, que você está no trabalho. Acredite, eu não teria feito isso se não estivesse bem desesperada. Tenho que falar com você.

Pausa.

– Isso... sim, isso! E não sei mais o que fazer. Achei... achei que ela tivesse melhorado. Achei mesmo. Mas... tem algo muito errado. Desde a febre. E conforme passa o tempo, fico mais certa disso.

Não-Triss ficou dura feito pedra contra a porta. Seu sangue, ou seja lá o que tivesse no lugar do sangue, congelou. A mãe não ligara para o pai para relatar o sumiço de Pen. Ligara para falar sobre Triss.

– Como posso ter certeza? Por centenas de coisas! – prosseguiu a mãe, agora soando mais histérica. – Eu já ficaria bastante ansiosa se fosse somente a perda de peso, ou o jeito que ela come, come, come feito maluca... feito uma nuvem de gafanhotos! Mas... tem algo além disso. Ela está diferente. Tem algo de lento e esquisito no jeito com que ela fala comigo. Como se ela parasse para escutar outra

pessoa antes de responder. É mais do que um sintoma que me preocupa, é... sinistro. Ela nunca teve um gênio difícil, mas agora tem. Às vezes nos olhos dela eu vejo... uma coisa selvagem que não sei o que é! Não sei o que é! Não sei o que está fazendo no rosto da minha filhinha! E o jeito que ela anda. – A voz da mãe baixou para um quase sussurro oprimido. – Toda hora ela me mata de susto, aparecendo do nada, sem fazer barulho. Agora mesmo... agora mesmo estou pensando em ir até a porta ver se ela não está lá atrás, escutando.

Atrás, escutando. Não-Triss prendeu a respiração, lembrando-se das palavras de Pen.

Você está fazendo tudo um pouquinho errado. E logo, logo eles vão reparar.

– E agora à tarde – a mãe prosseguiu – ela saiu de casa. Disse que estava com dor de cabeça e ia tirar uma soneca. Daí ela fez um... um montinho com as roupas de cama, pra que quando alguém abrisse a porta parecesse que ela ainda estava dormindo, e saiu, com esse frio, esse vento. Não sei por quê. Não sei pra onde. Peguei-a quando entrou de volta, mas ela não quis dizer aonde foi. Ficou só olhando pra baixo com uma expressão fria, rígida... – Houve uma pausa para a mãe de Triss engolir o choro. – E quando ela finalmente olhou pra mim, tinha tanta raiva nos olhos dela... Ela... ela não é assim. Essa não é a Triss mesmo.

Cada palavra soluçada foi captada por essa menina que não era a Triss mesmo. Ela teria dado cada vestido do armário de Triss para poder escutar o outro lado da conversa. Saber se o pai estava concordando. Se procurava acalmar a mãe em seus receios ou se ria deles.

– Ah, sim... isso seria... Não aguento mais isso. – Pausa. – Sim. Sim, por favor. Quando? – Pausa. – Ah... entendo. Sim. Não, eu gostaria sim. Obrigada... obrigada. Sim. Isso, eu... acho que tenho um pouco de tônico pra me acalmar. Conversamos à noite, então.

Não-Triss já estava de volta em seu quarto quando a mãe devolveu o fone ao gancho do aparelho. Ela escutou os passos cruzando, inseguros, o corredor mais uma vez, e a porta do quarto da mãe se fechando.

Ela sabe! Ela sabe que não sou a Triss de verdade!

Não. Ela suspeita de alguma coisa, só isso. Mas não sabe do que se trata. E está um pouco histérica e andou tomando o vinho tônico. Então talvez o pai não a tenha levado a sério.

Ficou um pouco mais tranquila. Sem parar, Não-Triss ficava se lembrando do medo e da perturbação na voz da mãe. Estava dividida entre a total miséria de ser a causa da infelicidade da mãe e o pânico egoísta referente à possibilidade de ser descoberta.

Tenho que ficar normal. Tenho que ficar o mais normal que puder, pelo menos até saber o que está acontecendo.

Mas tô com medo. E confusa. E... com tanta fome.

Ah, não, ah, não! Não posso ficar com fome de novo! Não posso começar a comer feito uma nuvem de gafanhotos, agora não!

Mas não havia como se esconder. O buraco ávido no estômago de Não-Triss retornara. O que ela poderia comer? O pânico parecia tornar a fome ainda mais intensa. Os olhos dela voltaram-se involuntariamente para o armário, onde ela metera às pressas todas as bonecas. Deu alguns passos hesitantes na direção do móvel, chegou a estender a mão para abrir a porta, mas recuou quando ouviu lá dentro um farfalhar que parecia o ranger de dentes de madeira.

– Não posso! – sussurrou, desesperada. – Não posso! Oh, será que não tem mais nada que eu possa comer? Alguma coisa que não grite?

Ela foi abrindo as gavetas, retirando os conteúdos e jogando-os no chão. Finalmente, entre as pilhas de roupas, viu uma caixinha, um baú de madeira. Quando ela abriu a tampa, a fome remexeu-se dentro dela, como um peixe que espreita as profundezas e sente um ondular na superfície.

A caixa estava lotada de pequenos tesouros brilhantes, um emaranhado de broches, laços e contas de vidro. As lembranças emprestadas informaram-lhe que tinham sido presentes de amigos de escola, primos e colegas da escola dominical.

Dava quase para sentir o aroma do amor que a verdadeira Triss tinha por eles, feito o vapor que levanta da panela.

Não-Triss retirou um comprido colar da caixinha, fascinada pela palidez azulada das pérolas falsas. Ela fechou os olhos e pendeu a cabeça para trás, lentamente baixando a bijuteria na boca, depois engoliu uma, duas vezes. Sentiu na língua as contas duras, muito geladas. Então todo o conjunto desapareceu garganta abaixo num supetão, como se tivessem ganhado vida própria.

Um broche veio logo em seguida, as joias de vidro efervescentes feito champanhe. Depois ela pegou um bracelete com pingente em forma de barquinho. Uma parte dela reclamou que não dava para comer isso, qualquer coisa menos isso, mesmo quando ela já botava o negócio para dentro, sentindo a prata trabalhada como se fosse glacê.

O frenesi foi passando. Uma onda de terrível tristeza tomou seu lugar. Acabara de devorar coisas que jamais poderiam ser repostas. Com um dedo trêmulo, fuçou nos itens remanescentes dentro da caixa. Tantos presentes, tantos amigos. Mas quantos desses amigos ainda estavam na vida de Triss? Nenhum, ela concluiu. A mãe considerara alguns “exuberantes demais” para a saúde da filha, e

o pai chegara a discutir com os pais de outros. Acontecia que toda vez que Triss se conectava com alguém, a ligação era rompida. Aqueles presentes eram os tocos de amizades podadas desde muito cedo.

O barquinho de prata, contudo, tinha sido presente de Sebastian.

Tinha sido também uma promessa. Sebastian dissera a Triss que, quando voltasse da França, os dois iriam passear de barco de novo. Para sua surpresa, Não-Triss reparou que tinha lembranças confusas de dias bonitos que passara no estuário, num barquinho de madeira. Sebastian remava enquanto Pen e Triss riam e espirravam água uma na outra. Como foi que aquela menina sorridente se transformara na Triss dos espirros, que tinha que ser protegida até de uma brisa?

A caixa guardava as relíquias de uma dúzia de amizades mortas e um irmão morto. Não-Triss fechou-a, sentindo uma pontada de ódio de si mesma e muita culpa, ciente do quanto os tesouros eram importantes para Triss. Contudo, ela reparou, justamente por isso eram tão irresistíveis. Estavam encharcados de uma essência de Trissidade que os tornava deliciosos, e Não-Triss quase chorou de alívio quando percebeu que a fome tinha sido saciada. Talvez não precisasse de bonecas birrentas para matar a fome, afinal.

– Estou pronta – ela disse ao seu reflexo pálido no espelho da penteadeira. – Estou pronta pra ficar normal.

O pai chegou em casa no horário de sempre, e ao ouvir o Sunbeam estacionar, Não-Triss sentiu o estômago se contorcer de ansiedade. Ela o espiou, da janela do quarto, sair do carro e enfrentar a chuva que aumentava, mas não soube dizer, pelo que viu do rosto, como ele reagira à ligação telefônica daquela tarde.

Depois que ele entrou em casa, Não-Triss pôde escutar muito pouco da conversa que se desenrolava lá embaixo. Ela pressionou o ouvido no chão do quarto, esperando entender o que estava sendo dito, mas as vozes não passavam de um zumbido de abelha, reconhecíveis somente como os timbres do pai e da mãe. Conversaram por mais de uma hora; a voz do pai às vezes avolumava-se, mas não o bastante para que ela entendesse o que ele dizia.

Quando foi chamada para o jantar, Não-Triss estava quase tremendo de apreensão. Para sua surpresa, encontrou o pai sentado calmamente à mesa, e a mãe ausente. Esperava encontrar os dois sentados um ao lado do outro, prontos para um interrogatório.

– Cadê a mamãe?

– Ela foi falar com os vizinhos pra ver se sabem alguma coisa da Pen.

Para Pen, “fugir” geralmente significava escapar para algum lugar seguro e seco no qual ela poderia ficar até sentir que sua ausência se prolongara o bastante para deixar todo mundo preocupado. O procedimento usual aplicado quando Pen desaparecia, portanto, era checar com os amigos da vizinhança para descobrir se ela aparecera do nada na casa deles.

– Triss, sente-se – continuou o pai, a voz calma e firme, e Não-Triss compreendeu que a inquisição finalmente batia à sua porta.

Ele demorou-se um pouco dobrando o jornal, depois olhou para a menina. Somente dois lugares foram postos na mesa, ela reparou. Havia um prato para o pai, o vapor emanando das batatas na manteiga e cavala grelhada. Contudo, comida alguma fora servida no prato dela.

Não-Triss entendeu o significado disso imediatamente. Lembrou-se de ter visto Pen sentar-se perante um prato vazio em diversas ocasiões. Significava que ela estava em apuros, e que a não ser que conseguisse explicar-se apropriadamente, ou oferecer remorso adequado, ficaria sem jantar.

Ela sentou-se, mantendo a cabeça baixa, de modo que os cabelos pendiam sobre o rosto.

– Triss, sua mãe contou que ficou muito preocupada com você hoje...

– Desculpe.

No instante em que as palavras passaram pelos lábios, Não-Triss soube que tinha falado cedo demais. Um pedido imediato de desculpas pareceria um apelo ambicioso por comida. Houve uma pausa de censura, e então o pai continuou como se ela não tivesse interrompido.

– Sua mãe contou que você saiu de casa, sem informar ninguém, e tentou esconder o fato. E quando retornou, mentiu para ela e ergueu a voz. O que a fez agir assim, Triss?

– Eu... desculpe. Eu... – Não-Triss pensou em colocar a culpa na dor de cabeça, mas seu instinto dissera-lhe que havia um modo de tirar a culpa de si. – Eu... não sei muito bem. Meu quarto estava com um cheiro de... doença. Fiquei com muito calor. E quis muito, muito, muito sair, de repente. Então saí.

Houve mais uma longa pausa, e Não-Triss escutou o pai suspirar.

– Então. Pra onde você foi?

– Eu... dei uma volta, só.

– Deu uma volta?

A pergunta do pai foi tão gentil que Não-Triss sentiu o coração partir. Tudo o que pôde devolver foi um sim de cabeça, e o silêncio esticou-se e esticou-se enquanto ele esperou que ela preenchesse o vazio com mais alguma coisa. Ela

tentou pensar numa mentira convincente, mas o dia deixara sua mente cansada demais para tirar um coelho da cartola.

– Só... dei uma volta – ela murmurou.

– A Pen estava com você? Sabe pra onde ela foi?

Não-Triss fez que não para as duas perguntas, e houve nova pausa.

– Triss, você está escondendo alguma coisa de mim. – A voz do pai soou calma, mas magoada. – Olha pra mim.

Mas ela não podia. Não podia deixá-lo ver que tinha teias de aranha vazando suavemente por cima das bochechas. Ela manteve o queixo abaixado contra o peito, o cabelo feito uma cortina impertinente na frente do rosto. As lágrimas no fundo da garganta tinham sabor de cereja azeda. Ela apertou a mesa com os dedos até começarem a doer.

– Eu sou um algum monstro? – ele perguntou, e Não-Triss quase olhou para ele, de pura surpresa.

Ela fez que não. Não, o monstro sou eu.

– Por acaso alguma vez eu te dei motivo pra mentir pra mim, ou esconder as coisas de mim?

Não-Triss fez que não de novo.

– Então não acha que eu mereço uma resposta?

Ele esperou por um bom tempo, sabendo que a sua Triss teria que erguer o rosto em algum momento. Quando ela não o fez, ele soltou um suspiro demorado, sofrido, depois pegou os talheres e começou a comer.

Não-Triss teve vontade de soluçar só de imaginar que estava magoando o pai. Sua mente era uma tempestade só, e ela não tinha certeza de que emitiria um som humano caso abrisse a boca. Virou-se para que o pai não visse seu rosto quando ela limpasse os olhos, e por fim fitou a janela e avistou Pen.

A menina estava lá fora, batendo na janela. Voltara a ser uma criatura de um prateado brilhante, e seus punhos não faziam ruído algum contra o vidro. Atrás dela, contra a parede da garagem, Não-Triss via palavras cintilantes aparecendo, piscando.

TOC

TOC TOC TOC

POR QUE NINGUÉM ME DEIXA ENTRAR?

A imagem rompeu os pensamentos de Triss como uma espada mergulhada num mosaico. As primeiras sensações foram de descrença e terror. O que Pen tinha na cabeça, tentando chamar a atenção de todo mundo com aquela aparência?

Até mesmo ela, com todo o seu talento para a mentira, teria dificuldade de explicar tamanha transformação.

Então Não-Triss reparou que as roupas de Pen estavam encharcadas, os cabelos, enlameados, e o rosto marcado por exaustão e desespero. Lentamente ela entendeu o que se passara. A irmã devia ter passado horas na chuva para ficar molhada daquele jeito. E se a mãe tivesse trancado a porta dos fundos depois que Não-Triss entrou furtivamente, para que Pen fosse forçada a bater na porta da frente ao retornar e enfrentar os pais? Se sim, quem saberia dizer quanto tempo Pen passara batendo em vão nas portas e janelas, produzindo nada além de palavras prateadas penduradas no ar?

Com um frisson de culpa, Não-Triss viu que havia três marcas compridas e paralelas na bochecha esquerda de Pen.

POR QUE NINGUÉM ME ESCUTA?

NÃO ME IMPORTO MAIS, SÓ QUERO ENTRAR.

ESTOU COM FRIO

Ela tem só nove anos de idade. Não-Triss tinha quase se esquecido desse fato, tão ocupada que estivera pensando em Pen como uma ameaça. Não importa quão esperta ela é, continua sendo uma garotinha, e agora está com frio e com medo, e quer a mãe.

Sem querer, Não-Triss cruzou olhares com Pen, e se arrependeu no mesmo instante. A expressão da menina transformou-se, assumindo um tom de pura frustração, ressentimento e desespero. Pen não fazia ideia da tensão gelada que imperava na mesa do jantar. Via somente um monstro usurpador sentado na casa dela, com o pai dela, presumivelmente comendo o jantar dela e apreciando luz, calor e amor enquanto ela estava lá fora, no frio.

Não-Triss ficou paralisada na cadeira, indecisa e culpada. Sentiu um assomo de pena da figurinha ensopada lá fora, mas o que poderia fazer? Se apontasse Pen para o pai, que bem isso faria? Ele iria querer uma explicação, e se Pen estivesse sofrendo o suficiente, acabaria perdendo as estribeiras e contando tudo. Como isso poderia gerar algo de bom para ela e para Pen?

Torcendo para não ter sido observada pelo pai, Não-Triss arriscou uma sacudidela de cabeça, querendo que a irmã lesse a sua mente. Entretanto, não houve indício algum de que Pen notara sinal tão sutil.

– Posso me retirar? – Não-Triss perguntou, impulsiva, não suportando mais a tensão.

Não houve resposta; somente o raspar do garfo na louça. As palavras que Não-Triss dissera não eram a explicação pela qual o pai esperava. O silêncio dele

foi como um imenso mar cinza de decepção e a congelou até os ossos. Finalmente, ele fez que sim muito sutilmente, e ela saiu correndo da mesa.

Assim que escapou das vistas do pai, Não-Triss deslizou pelo corredor, destrancou a porta da frente e saiu na chuva.

– Pen! – ela chamou o mais alto que teve coragem. – Por aqui! Eu abri a porta da frente!

Não teve resposta, contudo, e após alguns minutos ela retornou, sorrateira, deixando a porta entreaberta, para que ficasse bem visível pelo lado de fora.

No instante em que ela cruzava de volta o corredor, uma figura baixinha e prateada voou por ela, vinda da porta da frente, trombou nela com tudo e a derrubou no chão. Com o rosto enrugado de tanta tristeza, Pen tropejou escada acima, ou teria tropejado caso seus passos fizessem algum ruído. As palavras que fluíam atrás da menina foram péssimos substitutos no expressar da raiva.

TUM

TUM

TUM

TUM

TUM

E então, alguns segundos depois que ela sumiu de vista...

BAM

Enquanto Não-Triss procurava recobrar o equilíbrio, o pai apareceu no corredor. Deparou-se com a visão da menina, parada no final do corredor, e a trilha de pegadas lamacentas que corriam por ela e subiam a escada.

– Pen voltou – disse Não-Triss, suspeitando que acabava de afirmar o óbvio.

– Percebi. – O pai soltou um suspiro demorado. – Bom, uma preocupação a menos.

Ele passou pela menina para fechar a porta da entrada, e Não-Triss correu retirar-se para o andar de cima, sem querer dar tempo para que ele se perguntasse por que ela ainda estava lá embaixo, ou reparasse nas gotas de chuva em seus cabelos.

Lá em cima, no quarto, enquanto secava os cabelos com um cobertor, ela escutou o tilintar fino do batente da porta de entrada, depois o barulho da porta sendo aberta e fechada. Murmúrios baixinhos passaram pelo hall e entraram na sala de estar, onde foram abafados quando uma porta se fechou. Uma voz era a do pai; a outra, de outro homem, e ela não pôde evitar a sensação de que soava familiar. Meia hora depois ela escutou o barulho da porta da frente sendo aberta de novo, e pouco depois a voz da mãe entrou na conversa.

Por um bom tempo Não-Triss ficou deitada no chão do quarto, escutando o zumbido das três vozes que aumentava, diminuía e se entrelaçava sem nunca ficar compreensível para os ouvidos dela. Continuaram por duas horas, e quando finalmente o estranho saiu da casa, estava escuro demais para que a menina enxergasse mais do que uma solitária figura masculina caminhando com passos resolutos.

Fora do quarto de Triss, a noite chegou ao fim. Houve movimentação no corredor, vozes abafadas, portas percutindo. Os roçares e tiques delicados dos rituais da hora de dormir. E então, ao longo de duas horas, a quietude instalou-se sobre a casa a infinitésimos degraus, feito poeira.

E essa fina camada de poeira quedou-se despreocupada, mesmo quando Não-Triss abriu a porta do quarto e plainou para o corredor. Foi como uma figura flutuando numa tela de cinema.

Por cima de um dos braços levava um xale de lã, que ela esperava servir como rede para jogar por cima de sua vítima alada. Nas mãos, carregava a caixa de costura, presente da mãe. Era feita de madeira, pintada com cenas bucólicas. O interior era coberto de seda, com as ferramentas alojadas em bainhas na parte anterior da tampa. Não-Triss tinha esvaziado o estoque de carretéis de algodão e novelos de lã da caixa, e podia apenas torcer para que fosse ampla e robusta o bastante para servir de jaula improvisada. A noite estava espinhenta feito o cardo, tensa como uma teia de aranha. Não-Triss fazia parte de seus segredos e perigos agora, mas sentia que não era a criatura mais secreta e perigosa que havia por aí. A noite não tinha favoritos. Dava quase para senti-la encaracolando-se em torno do mundo, imparcial feito um dragão; as estrelas, meras contas brilhantes em suas escamas negras.

Não-Triss entrou furtivamente no quarto proibido e o encontrou como o vira da última vez. Novamente, deslizou para debaixo da cama de Sebastian, para se esconder e esperar.

Seja lá o que for esse pássaro, ele vem à meia-noite. Se eu conseguir capturá-lo, e se ele puder falar, talvez eu possa forçá-lo a me contar o que está acontecendo. Talvez ele saiba o que aconteceu à verdadeira Triss, e ao Sebastian.

O relóginho de lareira lá embaixo soou as doze badaladas.

Passados os poucos segundos durante os quais os acordes perdidos flutuaram soltos no ar, o barulhinho que Não-Triss estava esperando escutar alcançou seus ouvidos. Foi o mesmo farfalhar seco e delicado de antes. Estava lá fora, no corredor. E chegando mais perto. E então, com um roçado feito vento passando entre cascas secas de trigo, a coisa entrou no quarto.

O cômodo estava escuro demais para vê-la claramente, mas por vezes a menina conseguia enxergar a forma alada voando de cá para lá. Uma peteca

negra num jogo invisível, cada bater de asas um suspiro, os movimentos irritantes de tão imprevisíveis. Não-Triss conseguia prevê-los, no entanto. Era essa sua única vantagem. Ela sabia que o bichinho tinha vindo entregar uma carta, e que cedo ou tarde teria que empoleirar no puxador da gaveta para fazê-lo.

Agita daqui, palpita dali, farfalha acolá. Bate, bate. E pousa.

Lá estava, uma figurinha empoleirada no puxador da gaveta, tão pequena que a menina não a teria visto se não estivesse procurando. Mesmo assim, a imagem derretia em sombras perante seu olhar direto, e somente mantinha o contorno quando vista de relance. A criatura distraiu-se por um instante, deslizando um envelope pela fenda estreita entre gaveta e mesa.

Os instintos da menina pinicaram o interior de suas veias feito milhares de espinhos miúdos, fazendo seus músculos ficarem tensos e tesos.

Agora.

Não-Triss brotou do esconderijo, num movimento tão fácil quanto cair. O único ruído que fez foi um farfalhar delicado de coberta, agitada quando ela passou. No entanto, a criatura empoleirada escutou, e olhou ao redor em tempo de ver a menina endireitando-se, de pé. Seu grito de choque soou como o rasgar de uma cicatriz. A criatura abriu as asas, mas Não-Triss já estava lançando o xale.

O tecido envolveu a criatura, mas mesmo a pesada lã não foi o bastante para prendê-la. Um instante depois havia uma bola de lã trombando às cegas ao redor do quarto, quicando nas paredes. O tempo todo ela sibilava e gritava, com uma voz que era como brasa quente caindo num poço. Não-Triss escutava apenas xingamentos cacarejados e injúrias abafadas.

Ela deu uns pulinhos na tentativa de capturar o bicho, apenas para sentir os fios deslizando por entre seus dedos. Apoiada na mesa, pousou tão leve que nem chegou a tremer, e saltou para o centro do cômodo, capturando as pontas soltas do xale com as duas mãos. Pousou com uma bufada triunfante de ar, mas no instante seguinte seus pés foram tragados do piso novamente quando a criatura batalhou para ganhar altura. Não-Triss prendeu-se ao xale como quem se prende à vida; e foi erguida, gingada contra prateleiras e largada no chão numa chacoalhada tão súbita e cruel, que pousou toda esquisita.

– Sua sirigaita! – gritou o pequeno bicho. – Sua fedelha!

Foi se cansando com o tempo, embora a torrente de xingamentos guinchados continuasse. Quando Não-Triss endireitou os pés no chão, lançou-se para cima da maçaroca agitada de xale cada vez mais enrugado, e forçou o embrulho para dentro da caixinha de costura. Antes que ele pudesse escapar das mãos da menina de novo, ela fechou a tampa com tudo e sentou-se em cima.

A criatura soltou um berro lamuriendo de terror, feito uma guinada no vento antes da tempestade.

– Me tira daqui! Me tira daqui ou vou tocar fogo em você! Vou fazer ninhos com seus ossos!

A caixa sacudia-se debaixo de Não-Triss, e dava para ouvir algo sendo lacerado lá dentro. E deu pra imaginar aquele biquinho cruel rasgando o xale ao meio.

– Não solto enquanto você não me disser o que sabe! – a menina sibilou de volta. – O que você é?

– Só um mensageiro! Entrego cartas!

– Onde está o rapaz que escreveu essas cartas? Cadê o Sebastian?

– Não sei! Não conheço nenhum Sebastian! Não sei o que tem nas cartas! Não é culpa minha! Não é culpa minha!

– De quem é, então? Quem te mandou?

A resposta que a criatura deu podia ser um nome. Ele resvalou sobre o tímpano assim como o luar desliza pelas ondas da superfície de uma piscina. Não era familiar, mas Não-Triss já fazia ideia de quem teria enviado a criatura-pássaro.

– Esse é aquele homem que chamam de Arquiteto?

– Isso! Magia-de-bloco. Dentro-fora-magia-de-esconder. Me solta!

– Ele roubou a outra de mim, a Theresa verdadeira?

– Sim! Agulhas e alfinetes, ardendo! Me solta!

– Cadê ela?

– Eu não sei. Sou só mensageiro. Arquiteto deve saber. Picanço deve saber.

– Picanço?

A caixa sacudia tanto que Não-Triss teve que firmar os pés no chão para não cair.

– O que te fez. Aaaa!

O que me fez. É verdade, então. É verdade mesmo. Uma pontinha despercebida de esperança de que Pen estivesse errada secou e morreu.

– O que eu sou?

– Boneca de pano, boneca de espinho, boneca do sétimo dia! Boneca cruel! Boneca assassina!

– Para! – ralhou Não-Triss, quicando forte contra a tampa da caixa, sua mente mais uma vez em fervilhante turbulência de raiva e medo.

– Isso é de matar! – insistiu a voz novamente, agora avolumada num tom de aparente dor e pânico. – De matar! Me solta! Para de me matar!

– Ora, pare de se debater se não quer se machucar! – sussurrou de volta Não-Triss, mas os barulhos da caixa começavam a preocupá-la.

O bater das asas tornara-se mais frenético e intermitente, e havia um roçar ocasional, como se algo duro e pesado espreitasse ali dentro.

– Por favor! – Com toda a esquisitice da voz, o pânico pareceu autêntico. – Tira isso de mim! Tá me matando!

Em seguida veio um sussurrar incoerente que fazia um *sisssississí...*

Uma tesoura.

Num sobressalto, sentindo um frio penetrar a espinha, Não-Triss lembrou-se da tesoura da mãe chacoalhando por conta própria na mão dela e daquela tesoura enorme de ferro que quase lhe caiu na cabeça na porta da costureira... e da tesoura alojada no forro de seda da tampa da caixinha de costura. As tesouras pareciam virar-se contra Não-Triss, querendo machucá-la. Se o bichinho fosse como ela em algum sentido, talvez ela tivesse acabado de trancá-lo numa caixa junto de um objeto que iria querer matá-lo...

Foi como um tapa na cara. Fosse o que fosse o animal, mesmo tendo sido enviado por inimigos, a menina não o tinha visto fazer nada que justificasse sua morte.

– Promete que não vai me atacar! – ela sussurrou.

– Prometo! – veio um guincho.

– Promete que não vai mentir pra mim!

– Prometo!

– Promete que vai ficar e responder minhas perguntas!

– Três perguntas, três respostas. Prometo!

Não-Triss teria gostado de arrancar mais promessas, mas de dentro da caixa saía um choro, uma lamúria terrivelmente ofegante, e ela teve medo de que, se esperasse mais um instante, a criatura lá dentro viesse de fato a perecer. Ela não tinha como saber se o cativo se preocuparia mesmo em cumprir com o prometido, mas deslizou para fora da caixa de costura e correu abrir a tampa.

Nenhuma criatura alada subleveu-se dali, e por um instante ela recebeu ter sido lenta demais. Mas quando espiou dentro da caixa, deparou-se com uma situação de dar dó. De algum jeito a tesoura conseguiu cair de sua bainha, de modo que as duas pontas se fincaram na base, cada uma de um lado da garganta do bicho-passarinho. Ele parecia estar ileso, mas obviamente aterrorizado demais para mover-se, com medo de cortar-se naquelas lâminas hostis.

– Socorro... – ele sussurrou.

Quando o fitou diretamente, Não-Triss enxergou apenas um contorno afundado no forro de seda. Contudo, ao mirar com mais intento as lâminas, a figura ficou visível, e deu para ver que ela tinha o rosto de uma senhorinha magra branca de medo, com as sobranceiras franzidas.

Não-Triss estendeu a mão para o cabo da tesoura, mas hesitou. Ocorreu-lhe que libertar a tesoura talvez não fosse a melhor ideia, caso as lâminas estivessem esperando pela chance de fechar-se no pescoço da cativa num corte dos mais satisfêitos. Depois de escolher uma taça de premiação numa das prateleiras, botou-a por cima da cabeça da senhora-pássaro, para evidentes confusão e ultraje desta. Quando ela liberou as lâminas, estas de fato fecharam-se, mas clicaram inofensivamente contra o metal. Depois se contentaram em chacoalhar na mão da menina, roçando-se na pele dos nós dos dedos dela, até que ela arremessou o instrumento para o outro canto do quarto.

Após um rebuliço de asas, a criatura-pássaro já não se encontrava mais dentro da caixa. Não-Triss olhou ao redor do quarto em vão, receando que o bicho tivesse escapado, apesar do prometido. Foi quando reparou que havia algo se movendo em sua visão periférica. A criatura estava empoleirada sobre a moldura prateada da foto de Sebastian vestido de soldado, agarrada ao metal com mãozinhas pálidas.

As duas se olharam por um bom tempo, senhora-pássaro e boneca de espinhos, e então a primeira alçou voo repentinamente para empoleirar-se na escrivaninha, com ares de permissividade.

– Amigas, agora – ela sussurrou numa voz suave feito o som do chocalho. – Não vai contar a ninguém sobre isso? Nem a eles? – Ela acenou com a cabeça para a porta, para os quartos além. – Nem... pra ele? – Um temeroso olhar de relance para a janela banhada pelo luar, e Não-Triss pensou no Arquiteto.

Esta não disse nada. O instinto avisava-lhe que havia perigo em fazer promessas, e a menina desconfiava no súbito bom humor da criatura.

– Sei o que você está pensando em perguntar – prosseguiu a senhora-pássaro, aproximando-se da outra pela beirada da escrivaninha em saltinhos muito sociáveis. – Quer saber onde pode encontrá-lo. Não pergunte isso, pois não posso responder. Temos nossos bicos fechados para esse assunto, e não poderíamos falar nada sobre isso mesmo que quiséssemos. E, enfim, se você for esperta não vai querer encontrá-lo. De todos os Outros dessas partes, ele é o mais poderoso e perigoso. Poderia te rasgar aos pedaços.

Outros? Não-Triss quase fez a pergunta em voz alta, mas conteve a palavra no último instante. Quase desperdiçara uma de suas preciosas perguntas.

– Não é com ele que você tem que falar – continuou o ser alado. – Isso eu vou te contar de graça. Você tem que falar com o Picanço. O Picanço foi quem te criou. Ele sabe como fez e por quê. Sabe algo dos planos do Arquiteto. E não pertence ao Arquiteto; nós, sim. Ele só trabalha para aquele quando o preço é justo. Então talvez ele não te mate. Se você for esperta. E se souber onde encontrá-lo.

Não-Triss fechou os olhos e suspirou. A dica ficou clara. Mas havia mais alguma coisa de útil para perguntar? A criaturinha já dissera que nunca ouvira falar de Sebastian, nem sabia onde se encontrava a verdadeira Triss, não podia revelar a localização do Arquiteto e ignorava o conteúdo das cartas que entregava.

– Certo – ela murmurou –, onde posso encontrar o Picanço?

– Ele vive no Côncavo, embaixo da Ponte Vitória – respondeu o bichinho, em tons frescos e triunfantes. – Claro – ele continuou, meio zombeteiro –, saber onde ele fica não basta para você conseguir chegar lá.

Não-Triss quase se bateu. Não tinha alternativa a não ser fazer essa segunda pergunta subsequente. Sem ela, a primeira parte da informação era inútil.

– Como posso chegar ao Côncavo para encontrar o Picanço? – ela perguntou, os dentes cerrados.

– Vá até a travessa da Nespereira logo no final da ponte, fique de frente para os tijolos e comece a andar. Daí continue andando até que o barulho do tráfego suma e você comece a escutar as gaivotas. Claro – e dessa vez ficou muito evidente o tom jocoso na voz dela –, saber como chegar ao Côncavo não é o mesmo que saber como entrar e sair a salvo.

Não-Triss hesitou por um bom tempo. A breve vantagem que tivera contra o invisível pândego escapava-lhe por entre os dedos. Contudo, ela já tinha se comprometido com duas perguntas, e não havia mais caminho de volta.

– Me diga – ela disse, finalmente, rendendo-se –, como faço pra entrar e sair do Côncavo a salvo?

A criatura inclinou-se para a frente, e um sorriso de prazer abriu-se misturado com um brilho de honestidade.

– Arranje um galetto, e uma adaga ou faca. Antes de entrar no Côncavo, enfie a lâmina no chão do jeito que conseguir. Essa é a única maneira de manter a passagem aberta para quando precisar sair. Não preste atenção à música alguma que ouvir tocando. E aconteça o que acontecer, lembre-se do porquê de estar ali. Se tiver perguntas a fazer, continue perguntando e deixe bem claro que não vai embora enquanto elas não forem respondidas. Mantenha o galetto amarrado e quieto até que perceba que está em perigo.

A criatura observou a menina por mais alguns segundos, então as fagulhas em seus olhos ganharam um brilho de malicioso deleite.

– Mas ande logo, pirralhinha! Você só tem mais três dias! Três dias! Três dias!

E então ela se foi, apenas com um sopro de som, como quando alguém roça o dedão numa folha de caderno.

Tarde demais, Não-Triss reparara que a calada da noite não estava mais tão calada quanto estivera pouco antes. Lá da rua ela começou a ouvir vozes distantes, confusas, e o latido de cães muito atidos. Ainda assim, ela demorou muito para assimilar a muvuca toda, tendo a mente ainda desnorteada pelas palavras da senhora-pássaro.

Por isso mesmo ela estava tão despreparada quando a porta subitamente se abriu, e a menina flagrou-se banhada pela luz de velas.

Não deu tempo de mergulhar para debaixo da cama. Seus olhos tinham se ajustado ao escuro, e a luz da vela a cegou, por isso ela quase não enxergou as duas figuras em pé logo atrás.

– Triss! – exclamou a mãe, tomada por raiva e incredulidade. Havia admiração e medo em sua voz.

Não-Triss apenas ficou boquiaberta fitando a luz. Como tinha sido tola! Por algum motivo ela supusera que a feroz batalha travada contra a criatura alada fosse inaudível para ouvidos comuns, como a gritaria de Angelina na casa de campo. Compreendera, então, que na verdade tinha sido bastante audível, o bastante para acordar a rua toda.

A luz avançou lentamente quarto adentro, e Não-Triss viu que quem segurava a vela era seu pai. Ela imaginou como devia ser a cena para eles: um espécime desgrehado, boquiaberto, pego no flagra, acorado feito uma gárgula de igreja no tapete bagunçado.

– Triss, o que está fazendo aqui? – A voz do pai soou muito, muito tranquila.

– Nada – ela sussurrou.

Uma mentira idiota, mas ela já quase não se importava mais. O que tinha de errado em mais uma mentira idiota naquela casa cheia de mentiras idiotas?

A mãe ainda pairava no escurecido corredor, e Não-Triss pôde ver em seus olhos as estrelas de luz refletidas. Olhando ao redor, a menina compreendeu todo aquele silêncio. O quarto sagrado estava um caos. Boa parte das taças de Sebastian tinha sido arrancada das prateleiras durante a briga com a criatura voadora, e diversas fotografias tombaram. O tapete fora caoticamente desarrumado, e a madeira das estantes e da escrivaninha exibia marcas aqui e acolá de arranhões finos, porém profundos.

– Triss – começou mais uma vez o pai –, vou tentar te dar uma chance. Por que você entrou neste quarto? O que... acabou de acontecer? Havia mais alguma coisa aqui dentro com você?

Sim. Eu enfrentei um bicho voador e o forcei a me prometer coisas às tesouradas.

Não-Triss olhou para as próprias mãos, que apertavam o tecido sobre os joelhos. E fez que não.

– Então de onde foi que veio aquele barulho terrível? – perguntou a mãe.

Não-Triss nem teve que olhar para a mãe para saber qual expressão ela tinha no rosto. Um olhar hesitante, frágil, olhos brilhantes de incerteza e nervosismo.

– Ah, por que a gente não põe a culpa na Pen? – Não-Triss ouviu-se dizer, numa voz que soou mais brutal e dura do que a sua. Alguma coisa nela estourara, e as palavras foram saindo, apesar de seus esforços para represá-las. – É o que a gente sempre faz, não é? É pra isso que ela serve, né? Colocamos toda a culpa na Pen e depois mudamos de assunto. E nada mais importa, contanto que a gente não toque no assunto.

O silêncio que se seguiu foi terrível. Havia toda uma conversa que poderia ter se desenvolvido, ela compreendeu. Só que não tinha mais como desenvolver. Ela arrancara as páginas que faltavam do script, e caíra da beirada tortuosa do papel rasgado.

Por um momento não houve nada que ela quisesse mais do que se libertar, gritar com ele por mentirem por tantos anos e pedir uma explicação. Lá estavam eles, agindo como se ela tivesse se comportado de modo estranho e traiçoeiro, e o tempo inteiro eles vinham escondendo as cartas enviadas pelo filho morto. A injustiça da situação a preencheu de uma raiva à la Pen.

No momento seguinte ocorreu-lhe que foi para Triss que eles mentiram durante tantos anos, e que ela também tinha seus muitos segredos para guardar. Se desse vazão à raiva, poderia acabar revelando o monstro que era. Ou talvez já tivesse entregado muita coisa.

– Vá para o seu quarto, Triss.

A voz do pai soou tão distante que Não-Triss levou um instante para entender que as palavras dele foram para ela.

Muito lentamente, a menina ficou de pé. Conforme passos inseguros a levaram de volta ao quarto, sua mente apinhou-se com todas as desculpas e histórias que ela deveria ter usado quando lhe pediram explicação.

Eu estava sonâmbula. Tive um pesadelo. Acho que gritei enquanto dormia. Muito.

Tinha um pássaro no quarto. Ficou espemeando e trombando nas paredes. Entrei aqui pra ajudá-lo a sair pela janela.

Sonhei que Sebastian tinha voltado, então entrei aqui pra ver se ele estava dormindo na cama dele. Mas ele não estava, e fiquei muito triste. E chorei muito.

Por que ela não dissera nada assim? Qualquer coisa, apenas para que os pais pudessem forçar-se a acreditar nela, e pudessem voltar para a cama com as mentes um pouco mais tranquilas. Mas era esse mesmo o problema, ela concluiu. Naquele momento ela não quis que eles ficassem tranquilos. Não quis facilitar as

coisas para eles nem acrescentar mais uma mentira na pilha de mentiras confortantes que parecia ser a única coisa que sustentava o teto.

– Idiota – ela sussurrou, sentindo os olhos ardendo e os cílios grudados em teia de aranha. – Idiota! Qual é o meu problema? Por que eu não menti, simplesmente? Agora eles vão pensar que...

Mal dava para começar a imaginar o que os pais poderiam pensar.

A empolgação perante a vitória sobre a criaturinha se dissolvera, deixando apenas pavor. Aprendera algo com as respostas dela, talvez o bastante para continuar a investigação, mas a que preço? Era tarde demais para oferecer aos pais uma explicação inocente para sua presença no quarto de Sebastian, para a gritaria esquisita e o furdunço que ocorrera, sem contar os arranhões na mobília. Qualquer desculpa plausível que ela resolvesse dar agora soaria como história inventada em retrospecto, e por muito bom motivo.

Mas eu tenho que inventar uma história, ela concluiu. Até amanhã. Algo que explique tudo, até mesmo por que eu gritei com eles, e por que não quis me explicar na hora. Ou vou ficar atolada de médicos nos próximos três dias, e só tenho três dias. Pelo menos foi o que disse o pássaro.

Só três dias.

Não-Triss acordou várias vezes naquela noite. Sua mente faiscava e girava feito uma roda de Catarina, tentando inventar histórias para salvar a pele da dona.

De manhãzinha, foi acordada pelo ruído de movimentos furtivos, atrapalhados, que parecia vir do quarto de Pen. Para sua surpresa, parecia que o barulho não tinha acordado ninguém. Contudo, ela pensou após um momento, talvez não tenham sido tão altos quanto ela imaginava. Talvez ela pudesse escutá-los tão claramente porque seus sentidos andavam especialmente aguçados, ou porque ela estava sintonizada com os ruídos da noite.

Outra ideia passou-lhe pela cabeça. Se Pen estava conseguindo fazer barulho, então não devia mais estar sofrendo de seu bizarro quadro de silêncio agudo. Se Não-Triss queria falar com Pen, talvez aquela fosse a melhor chance.

Foi arriscado, considerando a fragilidade do solo em que pisava, mas Não-Triss escapou de fininho do quarto mesmo assim e, muito gentilmente, bateu na porta de Pen.

– Pen! – Não-Triss tentou fazer seu sussurrar soar macio feito um edredom. – Sei que está acordada!

Houve um movimento curto e brusco lá dentro, como se alguém tivesse levado um susto.

– Não tenha medo. Não vou te machucar. – Mais uma vez, Não-Triss foi assombrada pela imagem das linhas arranhadas na bochecha da irmã. – Desculpe pelo seu rosto. Não foi por querer. Eu só tava... com medo. Eu... só quis bater no seu rosto.

De certo modo, para ela, dizer isso melhorava um pouco as coisas.

Houve mais ruídos de movimento dentro do quarto, embora Não-Triss tenha achado que ouvira o som de um respirar lento e cauteloso.

– Pen, sei que você tá me ouvindo! Temos que conversar. Posso entrar?

Nada de resposta. Não-Triss girou a maçaneta gentilmente. A porta recusou-se a abrir, contudo. Evidentemente, Pen havia encostado uma cadeira ou qualquer outra coisa nela. Não-Triss imaginou a irmã talvez encarcerada num canto do quarto, vendo, hipnotizada, o girar silencioso e ameaçador da maçaneta. Ela suspirou e descansou a testa na madeira.

– Por favor, me deixe entrar, Pen! Sei que você me odeia, mas precisa da minha ajuda, e eu preciso da sua. Você precisa me falar tudo o que sabe sobre o

Arquiteto. O que ele faz, como entrou em contato com ele, onde ele mora. Pense na Triss. Você quer que ela volte, não quer? O que acha que vai acontecer se a gente não trabalhar juntas?

Ela ouviu uma fungada abrupta, como se alguém tivesse resolutamente contido um soluço.

– Vá embora! – veio um sussurro atizado. – Eu... eu tô armada! Não arrombe a porta ou... ou eu atiro!

– Você não tá armada coisa nenhuma. – Não-Triss lutou contra todos os anos de dor e frustração de Triss e focou-se na lembrança de Pen sozinha lá fora, encharcada de tanto tomar chuva. – E não vou arrombar a porta. Mas não posso ficar falando aqui atrás da porta... logo, logo vou acabar acordando todo mundo!

Seguiram-se alguns segundos de silêncio durante os quais as palavras dela foram digeridas.

– Vá embora – sibilou de novo a escondida Pen, dessa vez com veneno e mais confiança. – Sai de perto de mim, ou eu grito.

E essa ameaça, mais do que a violência da arma de fogo, foi o suficiente para afastar Não-Triss da porta. Ela não podia correr o risco de ser descoberta rondando a casa de noite uma segunda vez, não depois do ignominioso flagra. Mais uma vez, estender a mão para Pen foi quase tão recompensador quanto mergulhá-la num arbusto de urtiga.

O dia apareceu feito um gato desonrado, com um ventinho fino feito miado e uma fraca garoa oblíqua. Com o rosto colado na janela, Não-Triss o viu chegar. O cantar dos pássaros soou seco e metálico.

Ela não estava pronta para esse dia. Odiava-o. Queria devolvê-lo. Algo dentro dela contorcia-se tanto que ela achou que fosse explodir. Estava tudo errado. Estava tudo dando tão errado.

O café da manhã foi deixado numa bandeja na porta do quarto de Não-Triss, e ela não decidiu se ficava aliviada ou magoada. Os ovos chegaram cozidos no ponto que ela gostava, mas, meio desorientada, ela reparou que o suco de fruta não estava no copo favorito dela, o cor-de-rosa.

Ela ficou olhando para ele, como se reparar na mudança pudesse ajudá-la a entender os pais, e permitir que ela se salvasse. O copo rosa pertencera a Triss. Teriam eles resolvido privá-la do copo favorito como parte da punição, ou teriam, por instinto, sentido que o copo de Triss não lhe era mais de direito? Talvez a Triss desobediente não contasse mais como Triss. A Triss maluca não era mais a mesma pessoa. Ou... talvez eles suspeitassem da verdade.

Não-Triss juntou forças e usou o suco de fruta para ajudar a engolir um pente de cabelo e duas páginas rasgadas das revistinhas favoritas de Triss, mas seu estômago continuou a roncar.

Era domingo, então Não-Triss vestiu com muito zelo as roupas finas de ir à igreja.

Quando desceu a escada, tinha uma explicação ensaiada na cabeça. Era uma boa mentira, com uma colherada generosa de verdade para impedir que coalhasse. Ao sentar-se muito mansa ao lado do pai à mesa, contudo, ela viu o rosto dele, e a história esfriou em sua mente. Ele tinha visivelmente dormido menos ainda do que ela. Não-Triss mergulhou no conto mesmo assim, mas a explanação soou afetada, as palavras, frias e mecânicas feito as contas de um ábaco. Ela nem teve certeza de que ele escutou.

O pai não disse nada depois que ela terminou, mas pousou gentilmente a mão na cabeça da filha. Estava olhando para o rosto dela, ela sabia, mas ainda assim não ousou encará-lo. Se o fizesse, a espinha de sua história se partiria e as contas sairiam rolando pelo chão.

– Tudo bem, Triss.

Ela não soube dizer, pelo tom que ele usou, se tinha aceitado a história dela, ou simplesmente aceitado que aquela seria a única história que escutaria.

Não-Triss reparou que a mãe conversava baixinho no hall com a Srta. Soames, uma moça que às vezes vinha cuidar das meninas quando os Crescents iam a alguma festa.

– Obrigada por vir assim tão de repente. Devemos estar de volta amanhã, então precisamos que fique apenas por uma noite. É somente para tomar conta da Penélope, dessa vez. Vai ter que levá-la à igreja, e vai ter que consultar a Sra. Basset sobre as refeições.

Devemos estar de volta amanhã.

É somente para tomar conta de Penélope.

– Vamos pra algum lugar? – Não-Triss perguntou.

Mantinha os olhos fixos nos sapatos do pai, para que não flutuassem para o rosto dele. Os pés dele deram uma mexida, talvez por desconforto.

– Vai ser um dia bem longo, eu receio. – Ele pousou a mão na dela. Estava quentinha, mas quase não encostava. Talvez ele achasse que fosse quebrar. – Vamos viajar para Wenwick, eu, você e sua mãe. Vamos conversar com umas pessoas, ver se sabem... como ajudar você a melhorar desses... problemas noturnos. A maioria é amigos de amigos. Gente boa. Você vai gostar.

Não-Triss mordeu o lábio, vendo seus pequenos e espalhados medos juntando-se em imensos receios específicos como gotas de chuva unindo-se no batente da janela.

Nada de copo rosa para a Triss maluca.

– Eu não quero! – ela cuspiu, ainda grudada nos sapatos inocentes com um olhar de botar fogo na madeira. – Não quero conversar com ninguém! Não quero viajar! Não... não agora!

Não posso viajar agora, não posso! Preciso encontrar o Picaço! Preciso falar com a Pen!

– E você anda ocupado ultimamente! – ela continuou, reunindo argumentos. – Tem um monte de trabalho pra fazer, tem que se preparar pra Cerimônia de Inauguração daqui a três dias, você mesmo disse! Não podemos viajar! Por que não vamos falar com eles semana que vem?

– Triss. – Ele envolveu a menina em seus braços com cuidado, como se abraçasse uma criança feita de fumaça. – Eu te amo muito, você sabe disso, né?

Não-Triss fez que sim, doente de pânico.

– Não me faça ir! Por favor, por favor, me deixa ficar aqui!

Ela fechou os olhos bem apertado, desejando que ele sentisse o desespero dela mesmo que não pudesse compreendê-lo.

– Eu te amo – ele continuou, gentilmente inexorável –, e é por isso que temos que ir.

Ao cruzar a porta de entrada e ouvi-la fechando-se atrás de si, a menina sentiu uma repentina pontadinha de superstição. Em sua mente surgiu um medo irracional de nunca mais vê-la abrir-se de novo. Foi como se a porta tivesse fechado feito as lâminas de uma tesoura, cortando fora o passado e tudo o que ela conhecia.

A pequena valise que tinha na mão, ela empacotara quase até explodir, porque sabia que passaria pelo menos uma noite fora. Estava cheia de preciosas bugigangas, revistinhas e fitas de cabelo. Não-Triss torcia para que tais provisões bastassem para que ela não ficasse com uma fome de leão.

Perante a menina, o mundo cobria-se com um véu acinzentado de chuva. O ar estava pegajoso e muito frio para a época. Havia grãos de alguma coisa dentro das meias dela, e logo ela supôs que deviam ser migalhas de terra que tinham se soltado das solas dos pés. As calhas pingavam, e o Sunbeam brilhava como se a pintura fosse nova.

A mãe usava uma echarpe amarela na cabeça e esperava na calçada, debaixo do guarda-chuva, enquanto o pai de Triss ligava o carro.

Não-Triss ouviu o badalar frio e solene de sinos de igreja por cima do rosnar e fofocar do tráfego, e via outras pessoas pisando firme garoa adentro em suas melhores roupas. As gotas de chuva cintilavam presas a chapéus de palha e luvas abotoadas. Mas ela não estava indo à igreja, o que a fez sentir-se ainda mais desconectada do mundo.

Ela observou as janelas da casa, mas o rosto que esperava ver não apareceu para vê-la também. Isso porque ela tinha certeza de que seria confrontada pelo olhar duro da irmã. Com ares de triunfo, talvez? Ou medo, ou ressentimento? Mas talvez Pen ainda estivesse brilhando à prata, e não sairia do esconderijo por um bom tempo.

Para sua surpresa, Não-Triss percebeu que estava desapontada. Apesar do modo com o qual a irmã mais nova a odiava, ela reparou que contava com aquela troca de olhares para fortalecer o espírito. As duas compartilhavam segredos, pelo menos, e um interesse mútuo em guardá-los. Isso fazia de Pen o que tinha de mais próximo a um cúmplice.

Não-Triss aproximou-se do carro sentindo-se traída. O banco de trás estava lotado de bagagem, então lhe ofereceram um lugar na frente, entre os pais. Em circunstâncias normais isso teria sido uma mordomia, e até mesmo o aperto a teria feito sentir-se aquecida e protegida. Nesse dia, contudo, ela julgou que os pais queriam mesmo era ficar de olho nela.

O motor do Sunbeam gaguejou suas objeções à chuva, até encontrar a voz. Não-Triss abriu para si um círculo no para-brisa embaçado, e assistiu, muda, a Ellchester passar por ela, deslizando muito úmida, para então ficar para trás.

Wenwick ficava a 80 quilômetros. Um antiquado refúgio com ruas longas e curvas e fileiras de casas altas com janelas compridas. Ainda que as águas de Wenwick não fossem mais consideradas cura para tudo, de gota a dor de dente, o local ainda era cheio de médicos, feito uma crosta de cracas marcando uma marca d'água depois que a maré recua.

Cada médico que os Crescents visitavam passava meia hora falando com os pais de Triss, e depois dez minutos, mais ou menos, falando com a própria Não-Triss em particular, “para que pudessem fazer amizade”.

O primeiro era um senhor muito gentil que conversara com ela sobre a “cura pelo descanso”, numa estufa que dava para um jardim. Às vezes as pessoas tinham preocupações demais e precisavam *desansar*. Até coisas maravilhosas como familiares e amigos podiam ser cansativas. Então a pessoa precisava *desansar* deles, para que a mente tivesse uma chance de acalmar-se. Umas poucas semanas

de um adorável descanso na cama, quem sabe. E às vezes ajudava evitar outras empolgações, só por um tempinho. Leitura, escrita, conversas...

O segundo médico era bem mais moço, e acreditava na “cura pela fala”. Ele disse que estava lá para ajudá-la a derrotar seus “monstros” secretos. Às vezes as pessoas tinham monstros que as assustavam, então elas fingiam que eles não existiam e preferiam não enxergar. Mas o que havia de esquisito e mágico era que, se a pessoa olhasse mesmo para os monstros, eles simplesmente desapareciam, e ela ficava perfeitamente bem. O jovem médico tinha o olhar claro e honesto de um homem que jamais vira um monstro na vida.

O terceiro médico na verdade era uma enfermeira, uma tempestuosa mulher com um vozeirão capaz de abafar uma buzina de navio.

– Ar puro! – ela explicou em notas que certamente foram ouvidas até na Dinamarca. – Colocamos as camas lá fora, assim eles respiram ar puro o tempo todo. E dá pra ver o mar. Você iria gostar, não iria?

Toda vez, parte da rigidez espinhenta de Não-Triss e sua esquisitice infectavam a sala, drenando a certeza da fala do médico. Ao deixar cada consultório, a menina agarrava-se no braço do pai e enterrava o rosto em seu casaco.

– Não quero vir nesse lugar. Odiei. Não preciso ficar vindo aqui. Quero ir pra casa!

Ela sabia que estava choramingando feito uma menininha de seis anos. Contudo, não conseguia evitar. Cada momento gasto ali era um precioso grão de areia escorregando pela ampulheta que era sua vida.

Depois que deixaram a mulher do “ar puro”, saíram de Wenwick e ganharam a estreita rodovia da costa. Não-Triss ficou um pouco mais animada quando viu uma placa prometendo Ellchester em trinta quilômetros, apenas para murchar quando eles passaram por ela e foram na direção errada.

– Não vamos pra casa? – ela interrogou, alarmada.

– Vamos ficar numa casinha à beira-mar, só hoje à noite – a mãe logo respondeu. Seus olhos brilhavam, e Não-Triss imaginou se ela tinha trazido um pouco do tônico consigo. – Tiraremos férias rápidas, pra compensar as outras, que acabaram antes da hora. Achamos que sair um pouco da rotina e pegar um pouco de maresia vai te fazer bem.

– Não acredito! – O pânico que Não-Triss vinha lutando para conter explodiu. – Isso é um truque! Vocês vão me levar pra um lugar desses de tratamento e me largar lá!

– Triss! – O tom de exaustão na voz do pai a silenciou. – É só uma casa de praia que nos foi recomendada. Parece que é... tranquilo lá. Nada de médicos, eu juro.

Na verdade, ele falou como se tivesse carregado muito peso nas costas por quilômetros e acabara de perceber que a estrada à frente daria numa montanha. Não-Triss sentiu uma culpa dolorida, e ficou muito confusa.

– E... e depois vamos pra casa amanhã? – ela não pôde deixar de perguntar, num sussurro.

Houve uma pausa, enquanto o pai manobrou o carro, virando numa esquina, para pegar uma rodovia estreita e íngreme.

– Isso. Assim que amanhecer.

A rodovia passou no meio de uma pequena floresta de bétulas compridas e prateadas, com as faixas negras por cima da casca branca feito cortes a cicatrizar. A floresta exalava um odor forte e enérgico de podridão, e o aroma sedento do musgo. Lá para baixo, uma casinha de pedra cinza firmava-se na base de um pequeno morro, como se tentasse abrigar-se da chuva. Adiante, o terreno inclinava-se para baixo, dando para a praia, onde o mar socava pedras soltas, acalmando a cena para um silêncio profundo.

Ao sair do carro, Não-Triss foi tomada pelo frescor da brisa do mar, e pelo cheiro úmido e salgado de mato e poças de maré. Foi como se uma maré anual tivesse recuado inesperadamente e os deixado no outono. A luminosidade diminuía. O sol meio coberto de nuvens espalhava tediosas asas brancas sobre o horizonte.

Então, muito subitamente, a porta da casinha abriu-se e uma luz alaranjada banhou o capacho. Uma mulher jovem de cabelos despenteados apareceu segurando uma lâmpada a óleo.

– Sr. e Sra. Crescent? – Foi tão estranho ouvir um som tão cálido e humano naquele cenário cinzento. – Pensei ter ouvido o carro chegando. Acabei de colocar a chaleira no fogo. Entrem!

Enquanto o pai arrastava as malas da família, Não-Triss e a mãe seguiram para a luminosa entrada, e pararam, pingando, num estreito hall. Agora, mais de perto, a menina pôde ver que a “mulher” que as recebera era mais nova do que ela julgara, talvez não tivesse mais do que dezesseis anos.

– Meu nome é Dot – declarou a moça da lâmpada a óleo, como se isso explicasse tudo. Tinha um rosto bem magro, mas vivo, com grandes olhos negros e queixo pontudo e arteiro. – Por aqui. Acendi a lareira. – Ela as levou até uma sala de estar com cortinas desbotadas e paredes cobertas de uma madeira escura. Havia uma mesinha baixa e toda arranhada, e cinco grandes poltronas que cheiravam a cachorro. – Podem me dar seus casacos, vou pendurar pra secar.

Dot usava um vestido azul simples e prático com avental por cima em vez de uniforme adequado de empregada. Os modos eram também surpreendentemente amigáveis, e isso confundiu Não-Triss. Ela parecia ousada demais para uma serviçal, mas o sotaque do interior do condado era grosso feito creme, e os joelhos, ásperos de muito esfregar chão. Não-Triss esperou que a mãe ficasse tensa e soltasse respostas curtas para censurar a garota e colocá-la em seu lugar. Para sua surpresa, contudo, a mãe fez um murmúrio baixinho em acordo, entregou o casaco e deixou ser levada a uma cadeira.

O cômodo era iluminado pelas chamas da lareira e uma série de velinhas e lanternas arranjadas ao longo da cornija e em cima da mesa. Olhando ao redor, Não-Triss reparou que não havia encanamento de gás.

– Onde estão as lâmpadas a gás?

– Ah, não tem gás na casa – Dot declarou, muito contente. – Não valia a pena construir todo o encanamento pelo morro só pra isso. Mas tem boas lareiras em quase todos os quartos, e um ótimo estoque de velas.

Quando o pai terminou de trazer as malas para dentro da casa, Não-Triss e a mãe bebericavam chocolate quente, assistindo aos casacos secando.

– Olha só! A chuva tá cedendo. É sempre assim. Só para quando entramos em casa...

Dot continuou com seu tagarelar confortante, e Não-Triss reparou que se sentia profundamente grata a ela, visto que pontes entre as palavras da moça eram construídas por cima dos abismos do silêncio que jazia ao fundo.

– Gostariam de ver seus quartos?

A escada estava escura, era estreita e apertada, e os degraus afundavam ligeiramente no centro, onde haviam sido gastos por centenas de pés. Os batentes das portas eram baixos e irregulares, e o pai teve que se abaixar para passar.

– Senhor, madame, esse é o seu quarto. Tem uma família de andorinhas na calha perto da janela, e eles piam de doer os ouvidos pela manhã, mas se vocês fecharem a janela, o som fica só lá fora. Esse quartinho aqui é seu, senhorita. Se olhar pela janela, vai ver o farol da Ilha do Bom Tempo. – O quarto era pequeno, pé direito baixo e forrado de madeira, meio confortável, meio claustrofóbico. A única iluminação vinha de outra lâmpada a óleo, pousada numa mesa. – Vou deixá-los à vontade. Se precisarem de alguma coisa, estarei na cozinha, preparando o jantar.

Ao escutar a palavra “jantar”, Não-Triss sentiu sua fome horrenda agitar-se mais uma vez, como um grande mastim acordando de um sono profundo.

Deixada sozinha no quarto para se “ajeitar”, Não-Triss esperou alguns segundos, escutando o ranger que faziam os pais ao descer pela escada para o andar inferior. Somente quando esses sons desvaneceram a menina abriu a mala e jogou o conteúdo em cima da cama. Ela pegou e engoliu um lenço bordado, um monte de cartões postais e um par de luvas, depois encostou na parede, tentando reunir força de espírito.

O fogo na lareira começava a ganhar vida, e o ar estava tão frio que cada respirar gerava um sopro breve de vapor.

Por que os pais a tinham trazido até ali?

Talvez fosse mesmo uma cilada. Talvez ali fosse aplicado um processo de “cura pelo descanso”. Talvez os médicos achassem que o gás atrapalharia o descanso.

A casa estava quieta feito neve. Não-Triss esforçou-se para ouvir as vozes dos pais, mas não conseguiu. Quanto tempo fazia que tinham saído do quarto? Tomada pelo pânico, ela disparou escada abaixo, quase tropeçando nos degraus íngremes, e irrompeu na sala de estar. Estava vazia. Não havia ninguém no cômodo adjacente, nem na modesta sala de jantar.

Dot tirou os olhos dos legumes que picava quando Não-Triss invadiu a comprida cozinha de parede de pedra. Pareceu surpresa, com o rosto longo semi-iluminado pelas chamas de uma grande lareira.

– Algum problema?

– Eles sumiram! – Não-Triss tremia, com uma mistura de horror e raiva. – Me deixaram pra trás, não foi?

– Quem? – Dot franziu o cenho, limpando o sumo da cebola das mãos. – Está falando dos seus pais? Foram dar uma volta, tolinha. Logo, logo estarão de volta.

– Não acredito! – Não-Triss gritou, lutando contra as lágrimas sedosas que ameaçavam brotar-lhe dos olhos.

Dot não pareceu se incomodar nem um pouco com o ataque. Em vez disso, fez uma expressão forçada de quem refletia sobre alguma coisa.

– Bom, se eles resolveram voltar pra Ellchester, terão uma bela caminhada pela frente. Eu não escutei o carro saindo, você escutou? – Ela riu quando o rosto da menina ficou vermelho, todo esperançoso. – Vai lá ver por si mesma, assim ficará tranquila.

Não-Triss correu para a porta da frente e abriu-a. Com alívio colossal, a menina viu o Sunbeam ainda estacionado lá fora, com as laterais tingidas de um tom verde-escuro sob o profundo entardecer.

Mais adiante, na praia, em contraste com o cinza arrastado do mar, ela divisiu as silhuetas dos pais. A cabeça da mãe tinha pendido para descansar no peito do pai, e ele a abraçava apertado junto de si. Não-Triss lembrou-se de ter visto o pai envolver a mãe com os braços diversas vezes, mas geralmente com gentileza e firmeza, como se quisesse segurar no lugar algo que tinha se quebrado tempo suficiente para a cola secar. Dessa vez, no entanto, havia um quê de ferocidade e desespero no abraço, como se ele precisasse demais do contato, tanto quanto ela.

A mãe ergueu a cabeça e disse alguma coisa baixinho demais para ser ouvida, e o pai fez que sim lentamente e beijou a testa da esposa com absoluta ternura.

Não-Triss fechou a porta cuidadosamente e retornou à cozinha, onde parou à porta, muito envergonhada.

– Desculpe – murmurou. – Desculpe por ter gritado com você.

– Estou acostumada – Dot respondeu, abrindo um sorriso. – Venho de família grande. É só gritaria o dia todo. Só assim pra se fazer ouvir. – Ela afastou uma mecha de cabelo rebelde dos olhos e reparou na insegurança da menina. – Quer entrar e me ver fazer o jantar? Está mais quentinho aqui, perto do fogo, do que aí. Se estiver mesmo achando que seus pais vão embora, pode deixar a porta aberta pra poder ouvir o motor do carro.

Não-Triss aventurou-se cozinha adentro, fascinada pela imensa chaleira preta pousada junto ao fogo, os moldes de manteiga e as manchas pretas no teto de gesso. Nunca fora convidada para ver a Sra. Basset cozinhar. Era algo que ela entendia que não devia ficar assistindo, como a senhoras afofando a esponja em seus potinhos de pó de arroz. Sobre a mesa havia uma pilha de folhas de espinafre escuras e frescas, e uns nabos chamuscados de terra escura. Bem ao lado jazia um coelho morto. Cabeça e pés tinham sido removidos, mas sentindo a pele arrepiar, Não-Triss compreendeu do que se tratava.

– Já viu alguém tirar a pele de um coelho? – Dot perguntou, sacando uma faquinha afiada.

Não-Triss fez que não, a boca seca. E *nem quero ver*. Essas foram as palavras prontas na língua da menina, mas por algum motivo ela não as liberou a tempo.

Foi tudo muito rápido, ágil e simples. Dot meteu a faca no meio, depois fez um corte comprido, e no instante seguinte já puxava a pele do corpo, como se estivesse tirando uma jaqueta. Não-Triss ficou olhando para o que restou. Por incrível que parecesse, não sangrava, era apenas uma coisinha brilhante e sem forma que não lembrava nem um pouco um coelho. Ela quis apagar o que acabara de ver, mas não conseguia parar de olhar.

– Tá tudo bem? – Dot perguntou, fitando a menina de alto a baixo. – Não vai desmaiar, vai?

Não-Triss fez que não. A visão foi de chocar, mas a franqueza de Dot era curiosamente confortante. Ver uma pessoa lidando tão calmamente com algo terrível a fez sentir que talvez ela mesma não fosse tão terrível, e talvez não fosse instigar medo em todos os corações.

– Não – Dot prosseguiu –, acho que você não é o membro da família dado a desmaiar, né? – A moça abriu um sorriso conspiratório para Não-Triss. – Sua mãe apareceu aqui nervosa, então seu pai a levou lá fora pra tomar um ar. E disseram que você é que era nervosa. Digo apenas que não é *voce* quem eu levaria ao médico.

Não-Triss ficou boquiaberta. Estava tão acostumada a ver todo mundo tratando Piers Crescent e sua família como algo sagrado. E, no entanto, lá estava

aquela mocinha destemidamente dissecando os assuntos particulares dos Crescents, tão suave e sinceramente quanto esfolara o coelho. A menina ficou chocada e horrorizada, mas também empolgada e fascinada, de um jeito desconfortável, agitado. Dot passou a fazer outra coisa com coelho e faca, e Não-Triss desviou um pouco os olhos.

Quando tornou a olhar, o coelho já era quase todo nacos de carne rosada, alguns pálidos, outros mais escurecidos. Depois disso, os nabos foram picados, e os cubinhos brilharam à luz da lareira. As verduras foram rasgadas à mão. De vez em quando Dot murmurava alguma coisa e acrescentava mais lenha à fogueira.

– Qual é o sentido de ter uma lareira desse tamanho e não usar? – ela perguntou, e riu quando o fogo cuspiu faíscas em seus pés.

Enquanto Dot terminava de preparar os ingredientes, Não-Triss olhou ao redor e reparou finalmente que tinha algo faltando entre as ervas enlaçadas e colheres compridas penduradas pelo cabo.

– Cadê suas panelas?

– Ainda não peguei. Só um minuto. Eu já te mostro.

Dot recuou para um canto escuro do cômodo, e retornou com uma caixa quadrada, de uns seis centímetros de diagonal. Ela pousou a caixa cuidadosamente perante o fogo e ergueu a tampa. Lá dentro, Não-Triss viu formas redondas e brancas aninhadas numa cama de palha fina e seca.

Lenta e respeitosamente, Dot foi tirando fôrma atrás de fôrma e pousou uma ao lado da outra no chão. Eram cascas de ovos. As tampas tinham sido quebradas, e o conteúdo, removido. As bordas irregulares de cada casquinha tinha uma fina alça de lã retorcida por cima. Embora estivessem perfeitamente limpas, Dot sacou um lenço e começou a tirar pó delicadamente, por dentro e por fora.

Então, como se estivesse executando o ato mais banal do mundo, a moça levou uma das cascas à mesa e muito cuidadosamente serviu uns retalhos de espinafre ali, seguido por um cubinho de nabo, um pedacinho de coelho e um pouco de molho.

Não-Triss fitava-a, procurando pelo lampejo de sorriso que fosse mostrar que tudo aquilo não passava de piada, mas o comportamento de Dot continuou perfeitamente sério e espontâneo quando ela levou a casca de volta ao fogo e usou a alça de algodão para pendurá-la num gancho por cima do fogo, como se fosse uma panela diminuta.

A menina não conteve o riso quando Dot começou a fazer a mesma coisa com uma segunda casca de ovo.

– Não acredito que vai cozinhar nisso aí!

– Por que não? – Dot ergueu as sobrancelhas, parecendo surpresa. – São as minhas panels. Não gostou?

E ela continuou com os afazeres. Uns retalhos de espinafre, um cubinho de nabo, um pedacinho de coelho, um pouco de molho...

Algo na expressão séria de Dot desatou em Não-Triss uma crise de riso daquelas. Ela desviou o olhar, mas ver as panelinhas acima do fogo só piorou as coisas. A cena era tão absurda, as casquinhas balançando e pingando molho nas chamas. Subitamente, tudo pareceu incrivelmente engraçado, muito mais do que tinha direito de ser. A menina ria tanto que nem fazia som, contorcendo-se, brotando lágrimas de teia dos olhos.

Ela sufocou a boca com as duas mãos, mas fora tomada por um riso borbulhante, e não havia nada que seu corpo pudesse fazer para contê-lo. O riso inchou, e inchou, e inchou, e foi somente um instante antes de explodir que a menina teve medo, e soube que não era o riso dela, não era a sua hilaridade que lhe explodia.

Então o Riso escapou. Não-Triss rolou pelo banco, rindo com o crepitar e brandir de uma floresta na ventania. Ela riu até que as janelas sacudiram e as chamas da lareira retraíram-se e tremularam. Palavras saíram de sua boca, mas não eram dela, nem a voz que as disse podia ser confundida com a de um ser humano.

*Oh, nós somos folhas da Floresta Perspell
Que cresceram antes de existir a Londres velha
Entretanto nunca vimos imagem tão estranha
Quanto cascas de ovos no lugar de panels*

Dot ficou imóvel, o rosto fechado e ilegível, observando Não-Triss até que a alegria incontrolável desta cedeu. Então ela olhou além da menina, para a porta, e sua expressão ficou subitamente juvenil e insegura.

– Isso basta? – ela perguntou, num tom surpreendentemente respeitoso.

– Obrigado, Dot, isso é o suficiente – disse o Sr. Grace, o alfaiate.

Estava parado na porta, e um passo atrás estavam os pais da menina, olhando chocados para ela.

Dot juntou suas facas, lançou para Não-Triss um olhar de esguelha com medo e repulsa muito mal velados e correu para a porta. A moça passou voando pelos Crescents e sumiu de vista.

– Cascas de ovos no lugar de panelas – disse o Sr. Grace, avançando lenta e cautelosamente para dentro da cozinha. – Nunca falha, não sei por quê. Essa cena sempre os faz rir tanto que acabam se entregando. Não conseguem evitar. – Ele suspirou. – Prometi que daria provas, meus amigos. Agora vocês viram a verdade. Isso não é a sua filha.

Não-Triss respirava forte, mas parecia não haver ar nenhum em seus pulmões. O piso embaixo dos pés era de pedra e, no entanto, ela sentia como se caísse.

– Eu... tô doente. – Sua voz saiu num chiado sem ar, desamparado. Tudo aquilo que ela lutara tanto para descobrir, já não o queria mais. Queria estar errada, no fim das contas, qualquer coisa que fizesse seus pais pararem de olhar para ela daquele jeito. Ela estava errada. Tinha que estar. – Eu andei doente, só isso. Vocês mesmos disseram. Só tô doente. Eu... vou melhorar. Eu... eu prometo.

Seus olhos começaram a marejar.

– Pare! – O alfaiate estendeu o braço para impedir que a mãe fosse adiante. – Não entre no jogo dela. Sinto muito, mas você precisa ser forte. Está encurralada; sabe que a única chance é explorar suas emoções.

– Mas... – A mãe lançou um olhar de incerteza para o rosto de Não-Triss, mais azul-claro e frágil do que nunca. – Mas olha pra ela!

– Eu estou vendo – murmurou o alfaiate, e soltou uma risada curta e sombria, quase uma tosse. Antes que Triss pudesse reagir, o homem avançou e a pegou pelo queixo. Ela soltou um gemido de choque e medo. Os pais gritaram e vieram intervir, mas a expressão do alfaiate os congelou feito estátuas. O rosto dele era o de um homem preparando-se para a batalha, como quem olha para um furacão. – Achem que são lágrimas o que está brilhando nos olhos dela? – ele perguntou. – Deixa eu mostrar pra vocês essas “lágrimas”.

Com a mão livre, o homem sacou um lenço, e enquanto Não-Triss tentava libertar o queixo, ele gentilmente roçou o tecido no canto de um dos olhos dela, capturando um fio comprido e prateado, e puxou-o para que os pais vissem.

– O que...? – O pai ficou pálido.

– Teia de aranha – respondeu, seco, o alfaiate. – Apenas. Só mais uma parte do disfarce. Essa criatura não verte lágrimas.

Não-Triss mergulhou as unhas na mão do alfaiate. Quando ele soltou o queixo dela, ela o mordeu e disparou para o canto mais distante da cozinha. A mãe soltou um grito curto de horror.

– Os dentes dela!

– Você viu? – O alfaiate envolvia a mão com o lenço. As costas estavam marcadas por furos de onde vertia sangue, nada similares às marcas deixadas por dentes normais. Não-Triss levou dedos hesitantes à boca, e com as pontas, tocando dentes afunilados incrivelmente esguios e afiados. – Espinhos no lugar dos dentes. Isso, essa é a verdadeira aparência dela. Às vezes eles revertem quando ficam assustados ou nervosos. Sinto muito por ter que ver isso, Sra. Crescent, mas pelo menos agora você sabe. *Isso não é a sua filha.*

– Eu... – Não-Triss olhava de rosto em rosto, desesperada, sentindo o ninho de amor ao seu redor desintegrar-se. – Eu sou a Triss! Eu... posso ser! Eu quero ser! Me deixem tentar de novo... vou conseguir dessa vez! Por favor...

Foram recuando. Seus pais estavam recuando para longe dela.

– Triss. – A mãe a fitava com uma expressão gentil, porém desolada.

Mas ela não é sua mãe, disse uma voz na cabeça da menina, num tom suave e terrível como um trovão. Tarde demais ela compreendera quão cega vinha sendo. Mesmo depois de ter descoberto que era uma impostora, continuara pensando naquele homem e naquela mulher como seus pais. Fez isso naturalmente. Nem reparou que fazia.

Era a mãe de Triss quem estava ali na frente dela, a mãe de Triss, que se afastava, retraindo-se, horrorizada, a mãe de Triss, cuja expressão ganhava um tom pálido de raiva trêmula.

– Triss... onde ela está? – A garganta de Celeste Crescent tremia ao falar. – Seu monstinho, o que você fez com ela? Cadê a minha filha?

– Mãe...

Com o estômago se contorcendo, Não-Triss sentiu a boca murchar para o biquinho de choro que sempre funcionava, que sempre fazia todo mundo amolecer e tomar conta dela. Mas era um maneirismo roubado, e naquele momento apenas piorou as coisas.

– Diga-nos o que temos que fazer – pediu Piers Crescent entredentes.

– Não vai ser nada agradável – respondeu o alfaiate –, então acho melhor poupar a Sra. Crescent. Ela já teve que ser corajosa demais.

– Celeste – Piers fitou a mulher com expressão terna –, amor, por favor, pode nos deixar? Triss vai precisar que você esteja bem e forte quando voltar.

– Não vá! – Não-Triss soube no mesmo instante que algo terrível estava para acontecer, algo que o alfaiate não estava disposto a fazer na frente da Sra. Crescent. – Não me deixe!

Mas a boca dela era só espinhos, e a voz saiu errada. Com um último relance pálido e estarecido para o que pensara ser sua filha, Celeste Crescent deixou o

cômodo, tonta e fragilizada, e fechou a porta.

– Agora, Sr. Crescent – continuou o alfaiate num tom deliberadamente calmo e firme –, vou precisar que atice o fogo. Deixe o mais quente que conseguir.

Não-Triss saltou para a porta pela qual a Sra. Crescent acabara de sair, mas o alfaiate a capturou, envolvendo os dois braços ao redor da menina, prendendo seus braços às laterais do corpo.

– É o único jeito – ele acrescentou entredentes, enquanto Não-Triss debatia-se, lutava e tentava mordê-lo com os dentes-espinhos. – O único jeito de mostrar aos Outros que não estamos pra brincadeira. Essa criatura é um dos filhos deles, ou então é menos que isso: uma boneca feita de folhas mortas, talvez, ou tirada de um bloco de madeira. Se for filha deles, os Outros não vão querer vê-la sofrer. O melhor jeito de lidar com um metamorfo, o mais antigo, tentado e testado, é forçá-los a salvá-lo. Bater nele com chicote até gritar. Jogar num curso de água violento. Ou meter numa fogueira.

– Deus do céu – sussurrou Piers, empilhando, trêmulo, mais lenha na lareira, cutucando o fogo para fazê-lo rugir. – Não tem outro jeito?

Não-Triss soltou um grito sem palavras de puro terror, mas saiu um som pavoroso até para seus ouvidos. Havia o farfalhar de asas de morcego ali, o assvio dos ventos de novembro, o grito das andorinhas. Os gravetos na lareira crepitaram como castanholas, cuspidos faíscas para dançar preguiçosas fumeiro acima.

– Isso não vai matá-la – respondeu o alfaiate, curto e grosso. – Escute o que eu digo, se for filha de um Outro, ou vai escapar pela chaminé, ou os pais vão vir buscar. De todo modo, os Outros vão trazer de volta a sua filha pra garantir que vocês nunca mais atrapalhem a família deles.

– E se for uma boneca de madeira? – Piers estava pálido e trêmulo.

Olhava para as próprias mãos aticando o fogo como se o horrorizassem. Não olhava para o alfaiate, nem para Não-Triss debatendo-se nos braços deste. Mantinha os olhos fixos nas chamas crescentes do mesmo modo que um náufrago se prende a uma tábua flutuante.

– Então é resultado é menos certo. Os Outros não se preocuparão em resgatar uma boneca, mas se ela for destruída, eles podem perder interesse no jogo e devolver sua filha mesmo assim. Ou talvez não, mas você terá livrado a sua casa de um monstro.

– Ele tá errado! – Não-Triss gritou, soluçando, querendo que seu não-pai olhasse para ela. – Tá errado! Eu sou de verdade! Sou real, se você me puser no fogo eu vou morrer!

A menina sentiu lágrimas de teia brotando dos olhos e descendo pelas bochechas, deixando compridos fios brilhantes e incriminadores.

– Não escute. – O alfaiate vinha manobrando a menina para perto da lareira, um pouquinho por vez. – Sr. Crescent, lembre-se disso: ela não sente dor do mesmo modo que nós; não sente medo. Por mais que grite, nada disso é verdade. Está pronto?

– Meu Deus. – Piers afastou-se do fogo, e finalmente virou seu olhar desesperado para Não-Triss. Seu rosto suavizou por um instante, com aquele olhar que ele reservava para somente uma pessoa. Não-Triss sentiu uma gotinha de esperança antes de perceber que ele via algo além dela, não ela. – Por Triss – ele disse baixinho. – Por Triss, eu vou conseguir. Sim. Estou pronto.

– Então quando eu contar até três, me ajude a colocá-la no fogo – murmurou o alfaiate. – Vou precisar de ajuda. Até mesmo as crianças deles podem ter força e agilidade sobre-humanas.

O rosto do homem estava deformado e sofrido. Com profundo desespero, Não-Triss compreendeu tratar-se de um homem de bem, e que mesmo os homens de bem às vezes faziam coisas terríveis.

– Um...

Não-Triss debateu-se e brandiu os braços até que as telhas pipocaram e crepitaram feito castanhas no fogo. Gritou tanto que até as painéis chacoalharam nas prateleiras.

– Dois...

Ela lutava, golpeava e tentava morder, abandonando todo o fingimento.

– Tr...

Mas o restante do “três” não veio. Subitamente, um jorro de água gelada veio de trás, encharcando as costas e ombros dela, cascadeando para cima da lareira. Houve um sibilo ensurdecedor, surgiu uma nuvem de fumaça e vapor de cegar, e a cozinha foi mergulhada em total escuridão.

Não-Triss sentiu que o alfaiate, surpreso, abrandara um pouco a força nas mãos. Num movimento selvagem e convulsivo ela se libertou dele, quase perdendo o equilíbrio. Antes de cair, no entanto, uma mãozinha agarrou a dela e a puxou em direção à porta.

O instinto tomou as rédeas, e ela pôs-se a correr. Cozinha afora, sala após sala. Passou pela porta da frente e ganhou a noite fria, o aroma da maresia, correndo às cegas por sobre os seixos que rolavam, com a figura diminuta de Pen ao seu lado.

Seixos estalavam sob suas passadas apressadas com um barulho frio e censurador. O vento também não estava muito a favor. Acima, as nuvens rolavam solenes, fumacentas e amplas, deixando ver a pálida face da Lua ocasionalmente. As ondas negras açoitavam, veladas, a praia escura, mostrando raramente os babados da espuma branca contra o luar.

Pen corria junto, ofegando bastante. A cor prateada do dia anterior parecia ter gasto, e ela estava ali mais escura e sólida do que nunca. Não-Triss não queria nem imaginar como Pen conseguira aparecer ali do nada, muito menos por que a menina resolvera ajudar.

O pânico as levava até a praia, por ser plana, e o pânico dizia que elas tinham que correr rápido. O pânico não teve mais sugestões quando a praia terminou e as meninas encontraram-se perante a beirada do abismo que formava o final da enseada. Pararam por um segundo, olhando, arquejando, e Não-Triss recobrou consciência suficiente para reparar em quão expostas estavam ali.

– Vamos pra lá – ela sibilou. – Dentro da floresta!

A dupla correu atabalhoada praia acima, por sobre pedregulhos escorregadios, molhados pelas ondas, e ganharam a floresta de bétulas adiante. Vendo o morro íngreme, forrado de árvores, que parecia erguer-se eternamente, Não-Triss sentiu o toque pegajoso do desespero.

A floresta era densa, permeada de samambaias cor de cobre que as encharcaram ao escalar morosamente a encosta, e não deixavam que elas enxergassem onde pisavam. O musgo úmido e as folhas mortas compunham um solo traiçoeiro. Os troncos brancos e pretos brilhavam na escuridão feito fantasmas esguios e elegantes.

Não havia som de perseguição atrás delas ainda, mas haveria. Não-Triss tinha certeza disso. O Sr. Grace e Piers Crescent deviam ter ido em busca de fontes de luz. E tesouras, disse uma porção temerosa em sua mente. Ela tentou silenciá-la, mas não conseguia se livrar da imagem do Sr. Grace escalando a encosta atrás dela com uma tesoura imensa, tal qual o “homem da tesoura das pernas vermelhas” do antigo conto, que serrava fora os dedões das crianças.

Tentaram me jogar no fogo.

Seus pulmões começaram a chacoalhar aos soluços. Não dava para pensar nisso. Não agora. Não quando ela precisava de cada centímetro cúbico de ar para a

escalada. Se pudessem pelo menos alcançar a estrada...

Mas Pen não parava de cair. Tinha pernas mais curtas. Os arbustos alcançavam-lhe até a cintura, não os quadris. Não-Triss pegou a irmã e ajudou-a a ficar de pé uma, duas, três vezes. Finalmente, quando parou para endireitar a menina pela vigésima vez, Pen a empurrou com tanta força que ela quase deslizou morro abaixo.

– Eu te odeio! – O quase grito de Pen foi abafado pela falta de fôlego, e Não-Triss reparou que a menina soluçava de tanta raiva e exaustão. – Te odeio! Sua burra... Por que você teve que acontecer? Não pedi por isso... seu monstro burro... burro... dentuço e burro.

– Eu sei – Não-Triss sussurrou. Era o máximo que podia fazer para manter a voz baixa e calma. Sua mente era uma nuvem cheia de raios, apenas esperando pelo primeiro relampejar.

– Você estraga tudo! Sempre! Até quando você é só a versão falsa, você estraga tudo. E agora me fez fugir de novo!

Luzes fracas apareceram lá embaixo, no topo do morro, luzes amareladas que giravam e pesquisavam, entrelaçando-se em meio à folhagem. Lâmpadas de mão, talvez, ou tochas elétricas.

– Pen – Não-Triss sussurrou –, estão vindo. Estão vindo atrás de nós, Pen.

Com desespero, ela fitou o rosto teimoso e redondo da irmã.

Por favor, Pen, por favor! Estou quase gritando aqui. Não me faça ter que te carregar! Não aguento! Não aguento ter que fazer isso também!

– A gente precisa chegar na estrada, Pen – ela disse. – Vai ser mais fácil lá. E estamos quase lá.

– Mentirosa – Pen rugiu, ficando de pé com dolorosa lentidão. – Mentirosa... cara de monstro.

De qualquer maneira, a menina retomou a escalada morro acima, respirando com dificuldade.

Quando a chuva desceu, no começo Não-Triss não entendeu do que se tratava. Sabia apenas que o ar subitamente voara para baixo, frio feito cascata, e a floresta soltara um suspiro comprido de alívio. Então ela sentiu as cutucadas pesadas e frias de gordas gotas de chuva na cabeça e compreendeu.

Ela fechou os olhos por um instante, grata. Até que enfim o clima resolvera ficar do seu lado. O farfalhar e roçar que faziam seriam muito mais difíceis de ouvir para seus perseguidores.

Devemos estar perto do topo. Por favor, que estejamos perto do topo.

Isso virou um mantra na mente dela, e as palavras tinham quase já perdido o sentido quando ela passou por mais um tufo e encontrou-se perante a estrada curva e cheia de poças d'água. As pernas ardiam, a cabeça ficou areada.

– Chegamos.

Não dava para forçar triunfo na voz. Ela reparou que não tinha ideia do que fazer depois.

– Triss – disse Pen numa vozinha baixa, olhando para a encosta.

Não-Triss seguiu o olhar da outra e sentiu uma pontada de pânico percorrer todo o seu corpo. As luzes estavam mais perto. Dava até para divisar o contorno escuro das pessoas que chegavam lá de trás. De que adiantava seus perseguidores não as poderem ouvir sob a chuva? Eles sabiam que as meninas não tinham para onde ir além da estrada.

Não-Triss olhou para as duas direções da travessa, procurando às cegas por inspiração, mas foi Pen quem falou primeiro, por entre a bagunça ensopada de cabelos.

– Temos que pegar carona. Precisamos de um carro.

Como se Pen tivesse realizado algum feitiço de conjuração, Não-Triss reparou que perto da curva na estrada as poças se iluminaram. Um instante depois, duas bolinhas de luz amarela viraram a curva, com seu brilho diminuído pela chuva.

As meninas acenaram desesperadamente para o carro que chegava, e Pen fez uma algazarra para chamar a atenção do motorista. O carro não deu sinal de que ia parar, no entanto, e passou para o outro lado da estrada.

Antes que Não-Triss pudesse impedir, Pen separou-se dela e correu para a estrada, e ficou parada bem no meio quando o sedan passou...

Bam.

Houve um grito infantil muito agudo. Não-Triss ficou estática, perdida, embaixo da chuva, enquanto o carro parou, cantando pneus, dez metros à frente. Havia uma pessoinha deitada pouco atrás na estrada, rosto para cima. A pele de Não-Triss pareceu cobrir-se de formigas, e ela já não sentia mais as vísceras.

Levou alguns segundos para recuperar o controle dos membros, e nesse ínterim o motorista saiu do carro e foi ver, horrorizado, o corpo caído de Pen.

– Ela... ela correu... – ele gaguejou, desconsolado.

– Ela tem pulsação! – Não-Triss recobrou a sensação do interior, embora os órgãos parecessem ter se revirado e debatido como o conteúdo de uma caixa mal manuseada. – Ela precisa ir pro hospital! Você tem que levá-la ao hospital!

O motorista agachou para examinar Pen. Era jovem, tinha rosto de bonzinho, meio enrugado de insegurança.

– Cadê seus pais? – ele perguntou.

– Não estão aqui! Só tem você, e você tem que fazer alguma coisa! Ela está com frio e tomando chuva no rosto e acabou de ser atropelada! – Não-Triss via que estava perdendo o controle. Se não tomasse cuidado, logo seus gritos estariam abrindo florestas ao meio feito um ciclone. – Temos que levá-la ao hospital!

– Sim. Sim, vamos. Não tenha medo.

O motorista alisou para trás os cabelos molhados, como se ordenasse os pensamentos, depois pescou Pen cuidadosamente com os braços. Colocou-a no banco de trás do carro, e Não-Triss entrou bem ao lado.

O carro não tinha botão de ignição como o Sunbeam, e Não-Triss teve que ficar vendo o motorista lutar contra uma manivela lá na frente do carro para religar o motor. Estava quase surtando quando ele retornou ao banco do motorista.

Quando o carro saiu, Não-Triss viu duas luzes emergindo da floresta e correndo atrás deles. Sua mente estava tão focada em Pen que ela demorou um pouco para reparar quem eram e, quando entendeu, as pessoas já desapareciam atrás das sombras na curva.

Não ouse morrer, Pen. Era tudo que Não-Triss conseguia pensar, sem parar. Nunca vou te perdoar se você morrer.

– Tem um hospital perto de Ellchester – disse o motorista, obviamente batalhando para manter a voz tranquila. – Fica a uns trinta quilômetros. Só trinta quilômetros. Não vai demorar.

Ele ficou contando enquanto dirigia. Cada vez que passavam por uma placa, ele mencionava para Não-Triss quão perto estavam.

– Cinco quilômetros – disse ele, afinal. – Acabamos de passar por Bobbeck Ridge...

Foi nesse ponto que algo completamente inesperado aconteceu. Pen subitamente endireitou-se no banco e olhou para fora pela janela molhada. Ao avistar a placa, cutucou o motorista pelas costas do banco.

– Aqui! Pode deixar a gente aqui! Já tô me sentindo melhor!

O motorista quase pulou para fora do próprio corpo, e quase bateu na placa. Ele encostou o carro no acostamento e virou o rosto para olhar para trás.

– O quê?

Pen estava muito dócil.

– Estou bem. Só desmaiei. E já melhorei. E a gente mora logo ali. – Ela apontou para um grupo de prédios puidos nas margens do estuário. – Obrigada

pela carona!

– Ei! – O motorista ficou vermelho. – Você estava fingindo?

Pen não esperou para continuar a conversa, foi abrindo a porta e saltou para a chuva, sem qualquer sinal de ferimento. Não-Triss a seguiu o mais rápido que pôde. As duas correram ligeiras para longe do carro enquanto o motorista lhes lançava uma careta desconfiada, e começou a lenta e desajeitada luta para pôr seu veículo de volta na estrada.

– Você tava fingindo! – exclamou Não-Triss, descrente. – Mas... eu ouvi o barulho!

Pen deu de ombros.

– Joguei uma pedra na lateral do carro e gritei. Os carros sempre param quando acham que te atropelaram. Você não sabe de nada, né? – Toda essa determinação complacente desvaneceu poucos segundos depois, e seus dentes começaram a bater. – Preciso usar o banheiro – ela anunciou, sem preâmbulo, depois virou e começou a deslizar por um caminho cambaleante pelos degraus de pedra que davam na beira do rio.

Não-Triss ficou observando a outra, a chuva tamborilando na madeira à sua frente. Queria vomitar. Queria rir.

Pen, ela pensou, na quietude de sua mente, *you é incrível*.

Ao descer pelas escorregadias tábuas de madeira, Não-Triss reparou que os prédios da beira do rio estavam surpreendentemente bem iluminados e cheios para aquela hora da noite. Todas as três construções eram de madeira, e tinham as palavras “J. Wilkinson & Sons Construção de Barcos” pintadas nas laterais em altas e francas letras azuis. As pessoas que ela via pelas janelas, contudo, não pareciam vestidas para construir barcos. Dava para ver cequins, gravatas-borboleta e ombros nus, e todo mundo parecia estar rindo de alguma coisa.

Por detrás do tamborilar da chuva, ouvia-se música. Fez Não-Triss lembrar-se do disco que o Sr. Grace tocara, e seu coração deu um pulo de medo. Entretanto, não era o mesmo som maluco, esbaforido, o que ela logo reparou com uma mistura de alívio e desapontamento. Era um jazz que tinha limpado os pés e se vestido de boas maneiras para conhecer a sogra.

Acima de uma porta alguém pregara uma placa de madeira com a palavra “Pink’s” pintada em verde e branco, junto das pequenas silhuetas de um casal dançando.

Enquanto Não-Triss examinava esta, Pen emergiu de um alpendre próximo. Aproximou-se de uma das janelas e ficou nas pontas dos pés para espiar, embaçando o vidro com seu hálito. Quando a luz da janela banhou o rosto da menina, Não-Triss reparou mais uma vez nos três arranhões que corriam na diagonal da bochecha dela. Eram superficiais, mas enegrecidos de sangue seco, e Não-Triss sentiu uma pontada de culpa.

– Não consigo vê-la – Pen murmurou, parecendo irritada. – Mas ela tem que estar aqui!

A menina passou pela porta e, com certa apreensão, Não-Triss a seguiu, sentindo-se insegura e exposta.

Não havia barco algum lá dentro. Em vez disso, o local estava apinhado de pessoas, todas muito espaçosas e falantes e zanzando para todo canto. De uma haste central acima pendia uma série de lâmpadas que balançavam gentilmente, feitas de cromo e vidro rosa, e banhavam o salão com um brilho rosado desigual, fazendo todos parecerem ruborizados e um tanto sobrenaturais. Muitas das mulheres usavam vestidos presos por finas tiras sobre os ombros, outras portavam leques de plumas. Quase todo mundo tinha cabelo curto e bem brilhante. As

paredes eram parcialmente cobertas por tecidos pendurados de um branco cremoso, com finas linhas verticais cor de cereja.

A música explodiu em volume, e Não-Triss viu que havia músicos de verdade mais ao fundo do salão: um tilintando num piano, outro gingando com uma corneta, e um terceiro soprando seu clarinete até quase estourar as bochechas. Usavam terno, gravata-borboleta e camisa clara e brilhante.

Apenas por um instante isso lembrou Não-Triss de desenhos que vira em revistas e capas de livros, de festas em tons pastel nas quais mulheres lânguidas e modernas deslizavam e posavam, magras e elegantes feito peixes, e cavalheiros lhes estendiam taças de champanhe cheio de bolhinhas.

A impressão não durou muito, no entanto. A cena ao redor era discordante demais e robustamente real. Os sotaques eram todos de Ellchester, e algumas das meninas tinham tornozelos com brotoejas. Dois dos músicos eram atarracados e tinham rosto luminoso, pareciam incomodados por ter que usar paletó. As pessoas não flutuavam, e o piso de tábua rangia quando passavam. Apesar do odor do rio e da fumaça dos cigarros, havia outro cheiro que a lembrava do vinho tônico de Celeste, mas também do que o carro da família exalava logo após ter o tanque cheio. Este parecia vir do enorme grupo de taças sobre a mesa improvisada encostada na parede.

Não-Triss estava incomodamente ciente de que ela e Pen atraíam olhares esquisitos. Não eram exatamente hostis, mas do tipo com cenho franzido que alguém direciona para uma porta batendo ou um cigarro derrubado. As meninas eram claramente um problema simples que alguém tinha que resolver, mas ninguém tinha ainda descoberto quem. Não-Triss teve a forte sensação de que aquela não era uma festa do tipo que recebe bem crianças ensopadas que surgem do nada.

Uma das mulheres cutucou um rapaz de nariz imenso e vermelho, e olhou direto para as recém-chegadas. O rapaz olhou para Pen e Não-Triss, depois foi até elas e parou para analisá-las como se fossem tão pequenas que era preciso focá-las para vê-las direito.

– Olá. – Tinha um falar meio arrastado, e os olhos brilhavam como se também chovesse dentro da cabeça dele. – Estão procurando alguém?

– Olá, Doggerel – Pen respondeu prontamente. – Estamos procurando Violet. Ela tá aqui?

Violet? Violet Parish? Por que estamos procurando por ela, justo ela? Não-Triss tentou chamar a atenção da irmã, mas em vão.

Doggerel fechou a boca num instante, e Não-Triss reparou que ele revisava lembranças espalhadas em busca do rosto e do nome de Pen.

– Ah... você é a Penny, né? Tá... tá, eu lembro. Hã, a coleguinha da Violet. Sim, ela está aqui. Mas você chegou um pouco tarde. Ela acabou de sair.

– Quê? – Pen escancarou os olhos, desolada. – Mas ela volta ainda hoje, né? – A menina quase engoliu o rapaz, querendo que ele dissesse que sim, que o mundo todo dissesse que sim. – Ela tem que voltar. – Havia uma pontinha de pânico e raiva na voz dela.

Doggerel piscou, compassivo, e respirou entredentes.

– Acho que não. Sabe como ela é. – O rapaz fez um gesto de lá para cá com a mão, varrendo o ar e fazendo barulho de vento. – Cinco minutos num lugar, depois já sai! – Ele pareceu notar a expressão de crescente desespero no rosto de Pen. – Olha, tem alguma coisa errada? Precisa que alguém leve vocês pra casa?

As duas fizeram que não, talvez um pouco cedo demais. Não-Triss não gostou muito da ideia de colocar-se à mercê de Violet Parish, mas que alternativa elas tinham? Se a festa acabasse com as duas ali ainda desacompanhadas, ou algum adulto bem-intencionado insistiria em levá-las para casa, ou elas voltariam às ruas, sem lugar para se esconder.

– Cadê ela? – Pen perguntou. – Pra onde ela foi? Temos que encontrá-la!

Pen parecia mais infantil a cada segundo que passava.

Quando Doggerel abriu a boca para responder, a porta abriu com tudo, dispensando o rapaz de qualquer resposta.

– Aqui está! – disse uma voz por cima da muvuca. – *Society blues*, do Kid Ory! Voltei só pra pegar esse, então acho bom vocês gostarem. – Na porta encontrava-se uma figura de casaco escurecido pela água da chuva e quepe de motorista bordado com lã. Acima da cabeça ela mostrava um disco, ainda na embalagem. – Pinky, ajeita aquela sua máquina rouca!

Era Violet Parish, retirando o quepe e sacudindo o cabelo curto, bagunçado como os pelos de um pintinho saído da chuva. Todos pareciam conhecê-la; ovacionaram e assoviararam, aprovando seu retorno. Uma densa algazarra reuniu-se em torno dela, e Não-Triss reparou eram homens, em sua maioria.

– Alguém me arranja um drinque e um cigarro! – disse Violet, retirando o casaco para revelar um comprido vestido verde-escuro com saia dividida.

O pedido não foi nada suntuoso, mais como um mecânico pedindo para lhe passarem a chave inglesa. Ninguém pareceu ofender-se, e logo ela tinha uma taça numa mão e tragava um cigarro que alguém acendia para ela. O rosto continuava brilhante da chuva, mas ela não parecia ligar.

Os músicos ficaram meio ofendidos no começo ao ver surgir um gramofone, mas aproveitaram a oportunidade para pegar bebida e enxugar a testa.

– Que bom que eles pararam – Violet disse bem alto. – Musiquinha mais animada que sapo morto.

Quando a agulha encontrou o disco, ouviu-se o sibilo de ruído branco, e mesmo depois do primeiro berro rude dos metais havia ainda uns pinguinhos de estática. Aquele era um disco que tinha viajado bastante e retornara riscado, e de algum modo a rusticidade lhe conferia ainda mais personalidade. Esse jazz não tinha limpado os pés; ele entrava barulhento na sala com cascalho sob os sapatos.

Pen tentou chamar Violet, mas a mandaram ficar quieta. Todo mundo na casa de barcos tinha chegado mais perto para escutar, até que a maliciosa canção sem lei terminou numa comprida e rascante nota de saxofone.

– É assim – disse Violet, apagando o cigarro. – É assim que se faz.

O comentário foi parcialmente direcionado para os músicos, que pareceram tomá-lo como desafio. Quando retomaram os instrumentos, produziram um ritmo mais audacioso e provocante que o anterior.

– Violet! – Pen tornou a chamar, mas a moça não escutou. Foi arrastada pela onda de dançarinos para a pista, e Não-Triss não soube muito bem se era a onda que a arrastava ou ela que arrastava a onda.

Metade das janelas dava para o rio, o que fez Não-Triss sentir-se a bordo de um barco. Conforme se retomou a dança e as tábuas começaram a tremer, ficou fácil crer que não havia solo sob os pés. Ninguém manobrava o barco, todo mundo dançava, e ninguém dançava mais violentamente que Violet. Havia um quê de desespero nisso, como se dançar fosse impedir que o barco afundasse. Havia também algo de feroz, como se ela quisesse atravessar o casco com o pé e fazer o barco afundar mais depressa.

Então era esse o mundo de Violet. O mundo rápido. A “vida boa”, como colocaria Celeste Crescent. Apesar de tudo, ele deixava Não-Triss nervosa, como se a malícia fosse algo que ela pudesse inalar feito fumaça, e que poderia deixar cheiro nas roupas.

Mesmo estando fora da chuva, ela reparou que começava a tremer. Quanto mais as pessoas olhavam, pior ficava a tremedeira. Não queria que as pessoas olhassem tão diretamente, poderiam enxergar algo de monstruoso no rosto dela e sair à procura de fogo para destruí-la. Todas aquelas pessoas poderiam rebelar-se do nada, disso ela sabia.

– Violet! – Finalmente a perseverança de Pen deu frutos, e conforme os músicos encerravam o número, a menina conseguiu abrir caminho por entre a

multidão. – Violet, sou eu!

Os olhos da moça pousaram em Pen, e ela parou no meio da tragada no cigarro, fechou os olhos e soltou a fumaça longa e exasperadamente.

– Ah, não – ela murmurou. – Pen... pelo amor de Deus, o que está fazendo aqui?

Mais uma vez, o arrastado sotaque londrino da moça deu nos nervos de Não-Triss.

– Eu tinha que vir! – Pen exclamou. – Era questão de vida ou morte!

– Claro que era. E não é sempre? – Violet suspirou, e puxou Pen de lado. Não-Triss seguiu bem de perto, ainda relutante em atrair atenção para si. – Pen, você fugiu de novo? E como veio de Ellchester até aqui? Não foi jogando pedra nos carros de novo, foi?

Pen abriu bem a boca, soltou um gritinho chiado e fechou de novo.

– E o que aconteceu com o seu rosto? – continuou Violet. – Como conseguiu esses arranhões na bochecha?

Pen desviou os olhos e pousou-os em Não-Triss. Violet seguiu-o e ficou tensa, boquiaberta.

– Oh, você tá brincando. – Violet arregalou os olhos, depois balançou a cabeça, incrédula. – Que noite mais... você trouxe a sua irmã aqui? Pen! O que...

– Foi o único lugar em que pensei! Você disse que eu podia! Disse que eu podia sempre te procurar...

– Eu disse que ~~as~~ você fugisse, devia vir e ficar comigo até estar pronta pra voltar pra casa, em vez de dormir nas moitas e pegar carona com estranhos. E eu podia arranjar problemas só por dizer isso. – Violet olhou mais uma vez para Não-Triss, como se analisasse a probabilidade da menina correr direto para a polícia. – Isso aqui é diferente. Se as duas somem, seus pais vão ligar pra todo mundo, até para o primeiro-ministro. Tenho que levar vocês pra casa agora mesmo.

– Não! – as duas gritaram, e foi tão alto que várias pessoas olharam ao redor, curiosas.

– Por favor, não! – Não-Triss exclamou. – Desculpe por termos interrompido a sua festa, mas, por favor, não leve a gente pra casa. Nossos pais... – Ela não terminou, tentando desesperadamente pensar numa boa história.

– Eles tentaram jogar a Triss no fogo! – Pen aproveitou a deixa.

Violet ergueu as sobrancelhas e ficou apenas olhando para a menina. Não-Triss perdeu toda a esperança. Violet não gostava do Sr. e da Sra. Crescent, mas adultos acreditam em adultos. Adultos acreditam *somente* em adultos. Violet

gostava de Pen, com certeza, mas a menina era mentirosa e Violet certamente sabia disso.

Pen pegou a moça pelo braço.

– Por favor! – ela disse entredentes, os olhos brilhando com o esforço de convencer Violet a dar-lhe ouvidos. – Sério. Verdade. Juro pela minha mãe.

– É verdade – sussurrou Não-Triss, insegura quanto à validade de sua palavra. – Sei que parece... mas a gente não pode ir pra casa. Estamos em perigo.

Não havia nada de caloroso no rosto comprido de Violet, que olhava feio para a dupla. Uma adulta perante duas meninas bobas que foram até ela contar uma mentira tola. Ela soltou um suspiro aborrecido e fechou os olhos. Quando os abriu de novo, parecia irritada, mas também cansada.

– Uma noite – a moça disse, e Não-Triss levou um segundo para entender o que ela quis dizer. – Eu não devia mesmo fazer isso... mas podem ficar no meu alojamento hoje. Vou levá-las pra lá agora, e vão ficar. Mas assim que amanhecer, vão me contar o que está acontecendo. Fui clara?

Não-Triss fez que sim, mal ousando acreditar na moratória.

– Cadê seus casacos? Vocês sequer têm casacos? Esperem aqui, vou pegar uns cobertores, ou vão morrer de frio no carrinho lateral.

Estava ficando mais frio, Não-Triss não tinha como ignorar. Diversas mulheres no salão faziam biquinho, esfregando os ombros nus à procura de seus xales.

Depois que Violet as deixou em busca de cobertores e do casaco, Não-Triss fitou Pen.

– A Violet é sua amiga, então? Você... você tem certeza que dá pra confiar nela? Tem certeza que ela não vai fingir que está ajudando, e nos levar pra casa?

Pen fez que sim, confiante.

– Você não a conhece. Se ela fosse levar a gente pra casa, teria falado. E bem alto.

Ninguém queria ver Violet partir, mas ninguém pareceu surpreso também. O disco foi-lhe devolvido, e ela o meteu debaixo do casaco.

– Não vá, Violet! – Um jovem rapaz embriagado ficou tentando puxá-la de volta à pista de dança. A fala mole fazia o nome da moça sair como “varlet”. – Fica de uma vez! Por que você nunca para no lugar?

– Porque estou evitando você, Ben – Violet declarou calmamente, empurrando o rapaz. – É pessoal.

Houve uma explosão de risos.

– Desiste, Ben – alguém gritou. – Não se meta com a frieza em pessoa.

Violet soltou uma risada, e por um instante seu rosto ostentou uma mistura esquisita de orgulho com algo menos feliz. Ela tirou Não-Triss e Pen do salão de baile, para a escuridão, onde a chuva pinicava a pele feito gelo.

A motocicleta de Violet estava estacionada entre os carros feito uma raposa encardida num pasto cheio de vacas.

– O carrinho é pra só uma pessoa – ela murmurou –, mas vamos ter que apertar vocês duas aí.

O apêndice tinha o formato de uma canoa gorda com uma roda grande do lado, um nariz afunilado para receber as pernas da pessoa e um assento embaixo da abertura. Acabou que foi possível enfiar as duas meninas lá dentro, com Pen sentada no colo de Não-Triss.

Violet vestiu os protetores, prendeu o quepe e montou na motocicleta. Então, com visível esforço e usando muito de sua força, afundou a bota no pontapé de arranque, arrancando do motor um rugido rasgado de estourar os ouvidos. O cheiro de óleo fez Não-Triss ter enjoo. Quando a moto avançou e manobrou para a estrada, a menina agarrou-se por reflexo às laterais do carrinho, dentes cerrados de apreensão.

A estrada parecia tão estreita! De um lado rugia a moto, tão alto que fazia doer o ouvido direito. Do outro, a menina via o para-lama por cima da roda do carrinho vibrando sobre o solo acidentado, e teve medo de encostar a mão nele. A chuva gelada caía agora na horizontal, bem na cara dela, e o vento estava implacável. O pior de tudo era que Pen não parava quieta, ficava se mexendo, girando, inclinando e olhando ao redor, e os movimentos pareciam sempre envolver cotoveladas e espremidas.

Um gentil torpor de exaustão alojou-se na mente de Não-Triss enquanto ela via um ou outro carro passar raspando, surgidos da escuridão com os faróis rasgando traços de luz pelo ar, matizados pelo brilho da chuva. O passado recente era uma dor desvanecendo. Somente aquilo era real, esse momento longo de ser sacudida feito um sapato dentro da caixa, e até mesmo isso não era muito real.

Finalmente, a motocicleta parou em frente a uma antiga casa geminada numa rua estreita e escura, e Violet desligou o motor.

– Tentem não fazer barulho – ela sussurrou ao desmontar da moto, e começou a liberar as meninas. – A proprietária é uma velha chata, e não quer que eu receba ninguém.

Não-Triss e Pen acompanharam Violet degraus acima e a viram girar lentamente a chave na fechadura, com a concentração de quem arromba um

cofre, abrindo a porta para um hall sombrio. As meninas seguiram Violet um passo atrás, subindo a escada nas pontas dos pés. Ela destrancou outra porta e entrou num cômodo escuro.

Enquanto ela colocava moedas no medidor de gás e acendia a luz, Não-Triss olhou ao redor, para o papel de parede florido manchado de umidade, a mobília gasta pelo tempo e as cortinas que desciam até uns cinco centímetros de tocar o peitoril. Celeste Crescent dizia que Violet aproveitava uma “vida boa”, mas os únicos objetos que pareciam ter valor no quarto eram um pequeno rádio, um gramofone e alguns discos.

Todas as gavetas do cômodo estavam abertas, como se alguém tivesse sido interrompido bem em meio ao ato de vasculhar o local, mas Violet não pareceu nada surpresa com isso. Uma porta entreaberta na parede oposta revelava uma cama desarrumada. Um monte de meias pendia por cima do cobertor, com os dedos mantidos no lugar por diversos ornamentos. Não-Triss imaginou se eram feitas de “seda artificial”, a novidade da qual Celeste Crescent desdenhara, dizendo ser “coisa de empregada”.

Quando Violet ajoelhou-se perante a pequena lareira e começou a empilhar carvão, Não-Triss pôs-se a observá-la em total fascínio, hipnotizada. Com o primeiro estalar de chama, contudo, ela não pôde disfarçar um ligeiro pulinho que deu para trás, exasperada, quase entrando em pânico. Sua pele pareceu pinicar com aquele calor terrível mais uma vez, como quando ela fora forçada perto da lareira da casa de campo. Violet olhou para trás surpresa, vendo Não-Triss, tomando nota da paralisia muda e trêmula da menina, e franziu o cenho. Ela voltou sua atenção para o fogo, mas ficou um pouco de lado para impedir que Não-Triss visse as chamas. Quando a moça ajeitou o corta-fogo no lugar, a menina sentiu o coração acalmar-se um pouco.

Entrementes, Pen ocupava-se de juntar cobertores e almofadas daqui e dali, que largava perante o fogo para construir uma espécie de ninho, com a confiança de quem faz isso o tempo todo.

– Violet! – ela sussurrou bem alto, quando a relutante anfitriã sentou-se para limpar a fuligem das mãos. – A gente precisa comer. Não comemos nada faz horas!

– Então da próxima vez você podia esperar até depois do jantar pra fugir – Violet murmurou, obviamente sem pena.

– Mas eu tô morrendo de fome! – Pen exclamou. – Não comi nada o dia todo!

– Bom, não precisa falar como se a culpa fosse minha – Violet rugiu, andando até uma caixa de madeira perto da parede. – Não sou sua mãe.

– Ótimo – Pen respondeu sem hesitar. – Eu não ia *querer* que você fosse a minha mãe. Fugiria de você também.

Não-Triss, pasma, ficou somente escutando esse diálogo, preparando-se para a inevitável conclusão. Que nunca chegou.

– Queijo enlatado e banana – Violet murmurou, retornando à lareira e ficando de cócoras. – Só tem isso.

Pen deu de ombros.

– Eu gosto de queijo enlatado.

Não-Triss ficou olhando Violet mergulhar o abridor na lata de queijo e começar a cortar uma fenda dentada no topo. O rosto comprido da moça continuava brilhando de água da chuva, o nariz, branco de frio, e as tiras do quepe penduradas embaixo das orelhas. Pela primeira vez a menina entendeu por que Pen achava que podia ir até ela quando fugisse. Na casa da família Crescent, era preciso ser cuidadoso o tempo todo, porque se você fizesse ou dissesse algo errado, ninguém nunca esquecia. A coisa ficava ali para sempre, uma invisível marca hostil que todo mundo sabia que existia. Pen encontrava um lugar onde se podia dizer coisas rudes e rabugentas, e onde a outra pessoa apenas seria rude e rabugenta de volta, e depois dava para sentar junto dela e comer banana sem nem um grama de ressentimento.

As três comeram o queijo apoiado nos pires de um conjunto de chá. Tinha um discreto gosto de metal, mas ninguém pareceu se importar. A banana tinha casca escurecida, mas a polpa dentro permanecia quase toda branquinha e firme.

Até que então Violet se levantou, afivelando a tira do quepe sob o queixo.

– Volto daqui umas horinhas, e vou tentar não acordar vocês. Não vão botar fogo na casa enquanto eu estiver fora, a não ser que seja absolutamente necessário. E quando eu voltar, não me acordem antes das dez.

– Aonde você vai? – Apesar de tudo aquilo, centenas de desconfianças e medos amontoavam-se na mente de Não-Triss. – Por que vai sair de novo? Não vai falar com nossos pais nem com a polícia, né?

– Ah, pelo amor de Deus! Não. Não vou. – À porta, a moça parou, os olhos demorando-se mais uma vez em Não-Triss, a boca estreita e pintada franzindo no bico de sempre. – Triss, você precisa... precisa de remédio ou algo assim antes de ir dormir?

– Não. – Não-Triss fez que não, envergonhada por sua explosão, mas ainda meio desconfiada. – Não, obrigada. Eu... acho que eles nem ajudam muito.

A porta fechou-se atrás de Violet, e Não-Triss afundou e sentou-se nas almofadas perto do fogo, agora preso.

– Tá tudo bem – disse Pen, puxando cobertores por cima dos joelhos. – Já fiquei aqui outra vez. Ela sempre faz isso. Da última vez ficou fora até às sete da manhã. Eu sei porque ela me acordou quando entrou. Ela dorme até as dez, depois levanta e vai pro trabalho.

Trabalho. Mais um exemplo da “vida boa” que Celeste Crescent descrevia. Pelo visto, Violet Parish não passava o tempo todo sentada, bebericando coquetéis às custas da família Crescent. Não-Triss pensava uma dúzia de coisas novas sobre Violet Parish, e, no entanto, não eram a coisa mais importante em sua mente.

Ela olhou para Pen, que se aninhava nos cobertores feito um ratinho e recusava-se a devolver o olhar.

– Pen – ela disse gentilmente –, acho que a gente tem que conversar. Sobre tudo. Sobre o Arquiteto.

Pen mordeu forte o lábio superior, e por alguns segundos Não-Triss achou que a menina fosse ignorá-la ou dar vazão a um de seus acessos de raiva. Em vez disso, ela enrolou o dedo nas franjas do cobertor e deu de ombros.

– Você tem que prometer que não vai ficar brava – ela murmurou, agressiva –, nem me arranhar com as garras ou me morder com esses dentes de espinho.

– Prometo – disse Não-Triss. – E sinto muito mesmo por ter machucado seu rosto.

– Sei – a outra respondeu, taciturna.

– Então – Não-Triss prosseguiu, o mais paciente que pôde –, o Arquiteto. Onde o conheceu?

Pen fitou a outra de soslaio. Talvez estivesse preparando uma mentira, como quem afofa uma bola de neve nas mãos, vendo se não iria se desmanchar. Ou talvez estivesse ponderando a possibilidade de Não-Triss se transformar num monstro espinhento caso ela dissesse algo de errado.

– Ele apareceu um dia. Faz três semanas. Um dia depois do meu aniversário. Mamãe e papai tinham prometido que a gente iria ao cinema Bowgate, porque tava passando *Perigo na Park Avenue*. Mas daí quando estávamos de saída, você disse, quer dizer, a Triss de verdade disse que estava com dor de cabeça e febre. Ela fez de propósito, pra gente não poder ir, eu sei disso, eu a vi olhando pra mim, eu sei disso. Então eu a chamei de mentirosa e de rata, e daí todo mundo gritou comigo e não me deixaram mais ir ao cinema...

Não-Triss nada disse. Mal se lembrava do incidente, recordava somente de uma sensação de ultraje por terem gritado com ela quando estava doente. Se tinha sentido uma pontinha de satisfação vingativa além de ver Pen privada do passeio de aniversário? Talvez.

– Eu fugi de novo – Pen sussurrou. – Fiquei com ódio de todo mundo. Eu fui sentar na gangorra do Parque Gramhill, e chovia, e eu senti tanto ódio de vocês que quis ter uma ama. Ou uma gangue, pra eu poder ir pra casa e deixar vocês com medo. Mas daí eu pensei que não queria deixar a mãe e o pai com medo, só você, porque era tudo culpa sua, e você os fez ficar assim. E enquanto eu pensava nisso, um carrão preto parou no parque, e um homem saiu e veio pra perto de mim. Ele me chamou de “Srta. Penélope Crescent” e abriu o guarda-chuva em cima de mim, e disse que nenhum cavalheiro deixaria uma dama tomar chuva.

– E era o Arquiteto? – perguntou Não-Triss, tentando desembaraçar os pensamentos. Queria saber primeiro apenas como Pen conseguira contatar o Arquiteto.

Pen fez que sim.

– Fiquei um pouco com medo dele no começo, principalmente quando ele disse que andava de olho na gente fazia um tempo. Mas então ele disse que não gostou do jeito como todo mundo me tratou, que não foi justo, e que ele queria me ajudar. Ele disse que às vezes as famílias são que nem fruteiras, e se uma das frutas fica podre, tudo apodrece. Então você precisa tirar essa fruta da fruteira, e isso resolve tudo. E eu disse que você, quer dizer, a Triss de verdade, estava podre e deixava todo mundo infeliz. E ele concordou.

Não-Triss sentiu um pouco da raiva e da tristeza prévias agitando-se dentro de si, mas o tormento estava tão visível no rosto de Pen que ela se forçou a controlar.

– Ele quis saber se a nossa família ia pro interior qualquer dia, e eu contei da viagem. Então ele disse que queria fazer um trato comigo. Eu tinha que dar pra ele um monte de coisas que eram da Triss. Ele disse que as folhas do diário eram o mais importante. E daí, quando a gente viajasse, eu tinha que convencer a Triss a ir comigo até o Grimmer. Ele disse que se eu fizesse isso, ele... – Pen hesitou, mordendo o lábio. Estava difícil enxergar à luz da lareira, mas Não-Triss pensou ter visto a menina ruborizar. – Ele disse que levaria a Triss embora, pra não voltar mais, e tudo ficaria melhor – ela disse, acrescentando um resmungo: – E nenhum de nós iria dizer nada pra ninguém nunca.

– Então você atraiu a Triss verdadeira até o Grimmer...

– Não fala desse jeito! – Pen sibilou. – E não me olhe como se fosse tudo culpa minha! Eu só queria que as coisas não fossem mais horríveis, e isso era culpa sua. Bom, da Triss de verdade, mas você é igualzinha!

– Bom, se você me odeia tanto, por que foi me salvar? – atacou Não-Triss. Seu autocontrole, fino feito papel, foi esticado quase até rasgar, e havia um mar de tristeza por baixo.

Pen fitou a outra. Seus olhos brilhavam com lágrimas de raiva.

– Eu não queria – ela murmurou, ousada. – Hoje de manhã, quando todo mundo saiu sem mim, eu pensei que você fosse fazer alguma coisa horrível com a mãe e o pai se eu não estivesse perto. Então eu me escondi no banco de trás, no chão, embaixo do cobertor. Daí o carro ficou séculos parado na casa, eu cansei, fiquei com frio, então saí e me escondi na cozinha. E aí todo mundo descobriu que você é um monstro e te pegou, e no começo eu fiquei superfeliz, porque achei que você não ia mais voltar pra casa e arranhar meu rosto e tentar entrar no meu quarto. – A entonação da menina exibia um misto de malícia e medo. – Mas... daí eles quiseram te pôr no fogo. E você começou a chorar. E não eram lágrimas de verdade, mas era um choro de verdade. Você teve medo de verdade, mesmo eles dizendo que você não teve.

– Então como é que o pai não conseguiu ver isso? – Não-Triss sentiu o desespero e a tristeza avultando-se dentro de si mais uma vez, e quase não conseguiu impedir que os dentes ficassem afiados. – Por que a mãe não conseguiu ver?

– Porque eles são burros – Pen resmungou, esfregando o nariz com a manga da blusa. – Eles não sabem ver quando a Triss de verdade tá chorando de mentira, então claro que não sabem ver quando a Triss de mentira tá chorando de verdade.

– Não fala assim!

Difícil dizer por que aquelas palavras doeram tanto.

– Se você não gosta, problema seu – retrucou Pen com um brilho repentino nos olhos –, porque é isso que você é. Triss de mentira. Aliás, esse vai ser seu nome. Você não tem nome, e eu salvei a sua vida, então posso escolher qual vai ser seu nome. E vai ser Triss de Mentira.

– Eu não sou...

– Cala a boca, Triss de Mentira. Você tem sorte de eu te deixar ter nome.

Não-Triss fechou os olhos e respirou fundo. Lembrou-se de Pen arrastando-a pela mão, escapando da cozinha da casa de campo. Lembrou-se de Pen correndo ao seu lado sob o luar.

– Me fala mais sobre o Arquiteto. – Não-Triss achou melhor mudar de assunto. – Ele te deu um jeito de falar com ele ao telefone, não foi?

Pen fez que sim.

– Eu tinha que dizer “Perder, secar, querer” antes de pegar o bocal, e daí quando eu apertei o botão da distribuição, a voz na linha não era de uma telefonista normal. Era uma mulher que falava baixinho, e eu só tive que pedir pra falar com o Arquiteto, e ela passou pra ele.

Finalmente Não-Triss compreendeu por que não havia registro da misteriosa ligação telefônica feita por Pen na casa dos Crescents. Ela nem passara pelo quadro de distribuição normal. Não era de se surpreender que os operadores não soubessem de nada.

– Ele chegou a dizer onde mora, ou outra coisa sobre ele? – continuou Não-Triss.

– Não muito, só que era arquiteto. – Pen franziu o cenho, concentrando-se. – Espera. Ele disse que era por isso que estava de olho na gente. Porque ele conhecia o pai. Por causa do trabalho. Mas disse que descobriu que gostava mais de mim do que do pai, porque eu parecia mais “honrável”.

Uma nevasca de fragmentos girava dentro da mente de Não-Triss, tentando compor uma imagem. Ela lembrou-se de ter ouvido a conversa entre Piers e Celeste Crescent sobre o misterioso homem com o qual Piers não queria mais papo. Lembrou-se do artigo de jornal acerca do novo projeto de construção de Piers. Por fim, havia o mistério dos envelopes na gaveta da escrivaninha, cuja existência era tão cuidadosamente ocultada. Sua mente estava cansada demais para retirar significado de fragmentos, no entanto.

– A gente tem que descobrir mais sobre o Arquiteto, Pen. – Não-Triss viu sua não-irmã titubear e, após um instante de hesitação, deu um tapinha amigável no pé dela. – Sei que você não quer; eu também não quero muito. Mas é preciso. Ele não está só com a Triss. Está com Sebastian também.

Não-Triss foi acordada pelo canto de um galo solitário. Ficou deitada no chão olhando o teto escuro e rachado, apenas escutando, procurando lembrar onde estava. Não, não estava no interior. O pássaro que ouvia devia morar no viveiro de algum quintal vizinho. Era um barulho ousado, descarado, no entanto. Não seria acovardado ao silêncio pela invenção de alarmes de relógio, pelo zumbido subjacente da cidade nem pelo fato de que ainda levaria horas para amanhecer.

Lembranças da noite anterior insinuaram-se de volta em sua mente, mas muito trôpegas. Fizeram-na sentir-se totalmente vazia. Ela imaginou se os soldados tinham esse tipo de branco quando olhavam para o campo de batalha reduzido a lama e plena imensidão. Não sofriam pelo vale viçoso que um dia fora. Era destruição completa demais.

Dessa enfadonha desolação brotou um único pensamento.

Só tenho mais dois dias.

Quando tornou a cantar, o galo trouxe consigo mais um conjunto de recordações, da conversa que tivera com a senhora-pássaro. O que ela dissera mesmo?

Aranje um galeta, e uma adaga ou faca... Vá até a travessa da Nespereira logo no final da ponte, fique de frente para os tijolos e comece a andar...

Você tem que falar com o Picanço.

O Picanço tinha feito Não-Triss. Talvez, sussurrou uma vozinha teimosa na mente dela, talvez ele conheça um jeito de me fazer parar de despedaçar. Talvez eu não tenha que morrer daqui a dois dias.

Mesmo que ele não tivesse essa resposta para dar, ela sabia que tinha que falar com ele. Ele trabalhara para o Arquiteto e devia saber dos planos deste. Devia saber o que tinha acontecido à verdadeira Triss, e talvez até algo sobre o destino de Sebastian. Parecia que ambos precisavam desesperadamente de resgate.

Não quero morrer. Vou lutar até o último momento para não despedaçar. Mas se tudo o que me resta são dois dias, vou fazê-los valer. Cada minuto.

Não-Triss sentou-se, acidentalmente cutucando Pen, que estava encaracolada ali ao lado.

A menina fez uma careta azeda e rolou numa bolinha apertada feito um ouriço inchado.

– Vá embora – foi sua resposta quase incompreensível. – Te odeio.

Não-Triss fitou sua não-irmã e, muito contrariada, reparou que tinha um sorriso no rosto. Pen continuava sustentando a beligerância, mesmo dormindo, mas a careta a tornava vulnerável, infantil e um tanto cômica.

– Tá bom. – Não-Triss deslizou para fora da pequena porção de cobertor que tinha retido e enrolou Pen com ele. – Fique aí, dormindo.

O casaco e o quepe de Violet estavam pendurados numa cadeira, sinal de que a dona do local tinha retornado e ido para a cama. Não-Triss foi nas pontas dos pés até a janela, tremendo de frio, e puxou a cortina. Quando ela esfregou o vidro embaçado com a manga da blusa, esta ficou com uma mancha fofa esbranquiçada. A umidade da janela não era vapor, ela reparou, surpresa, mas uma fina camada de gelo. Atrás do vidro limpo o céu estava baixo e cinza, com um toque de amarelo, e a rua, deserta.

De acordo com o relógio, eram quatro e dez. A cada hora que se passava, haveria mais pessoas saindo às ruas. Se ela quisesse esgueirar-se por Ellchester sem correr o risco de que amigos da família avistassem a filha mais velha dos Crescents, teria que sair o quanto antes. Não-Triss fuçou nas caixas com os pertences de Violet, perto da parede, até encontrar uma faca e uma sacola de pano que poderia “tomar emprestado”.

É melhor deixar Pen aqui, pensou ela, enquanto vestia o casaco e procurava pelos sapatos. *Ela é pequena, e fala demais, e talvez eu vá parar num lugar perigoso...*

Havia um amontoado de cobertores atrás. Quando se virou, flagrou Pen sentando-se, esfregando o cabelo, exasperada.

– Aonde você vai?

Não-Triss hesitou. Sua língua parecia ter esgotado o estoque de mentiras.

– Vou roubar um galetto, depois ir até a ponte Vitória – admitiu. – Mas volto em algumas horas. Volte a dormir. São quatro da manhã.

– Você tem que me deixar ir junto! Não pode sair de fininho sem mim! – Pen esfregava os olhos, fazendo careta, e Não-Triss não soube dizer até que ponto suas palavras foram assimiladas. – E tô com fome – Pen acrescentou, como adendo.

– Então fica aqui – respondeu Não-Triss, quase conseguindo esconder a irritação da voz enquanto continuava em busca dos sapatos. – A Violet vai te dar comida quando acordar.

– Mas eu tô com fome *agora* – Pen declarou, obstinada. – Você não?

Um tanto surpresa, Não-Triss reparou que *não estava* com fome. Mas tivera, certo momento da noite, uma fome de leão. Sentara-se, esfomeada, e a primeira

coisa em que deitara olhos foi...

Oh.

Ela se abaixou e pegou uma solitária fivela de sapato do chão. Estava meio torta, e exibia uma fileira de furinhos que pareciam ser marcas de dentes muito afiados. Pen aproximou-se para ver de perto a fivela, depois ficou boquiaberta para Não-Triss, aterrada, horrorizada.

– Você comeu os sapatos da Triss!

– Não tem problema – Não-Triss respondeu, firme, guardando a fivela no bolso. – Sou mais rápida descalça.

Estranhamente, assim que Pen entendeu que Não-Triss sugerira roubar um galeto, isso pareceu tirar todos os pensamentos de sono e café da manhã de sua mente. Logo ficou claro que se Não-Triss tentasse deixá-la para trás, ela faria um escândalo que acordaria Violet e, provavelmente, o restante de Ellchester.

– Você precisa de mim – Pen explicou. – Vou ficar de olho. Se eu vir os policiais chegando, vou fazer um barulho de coruja.

As duas saíram de fininho do apartamento de Violet, desceram as escadas e saíram pela porta de entrada da pensão, que felizmente estava com a chave pendurada num gancho na parede. Quando a porta fechou-se atrás das duas, Não-Triss parou, analisou uma das janelas coloridas da porta, depois esfregou uma delas, num teste.

– Que foi? – sussurrou Pen.

– Nada. – Não-Triss mordeu o lábio. – Não tem gelo do lado de fora dessas janelas. E no apartamento da Violet tinha... por dentro.

Mais uma vez, ela recordou-se do único floco de neve que caíra de um céu perfeito e pousara entre os pés de Violet.

O galeto nunca soube o que o atingiu. Num momento era um rei num pequeno e árido jardim, patrulhando entre uma fileira de pés de vagem e seu harém plumoso. No seguinte, alguma coisa pousara atrás dele tão macia quanto uma mariposa, e um saco perfumado foi lançado por cima de sua cabeça.

Não-Triss pulou por cima da cerca e agarrou-se a ela com os dedos dos pés, muito grata por estar descalça. O galo era maior do que ela imaginara, e seu debater-se, difícil de conter. Um pouco depois, contudo, ele parou de se contorcer e grasnar tanto e contentou-se com um farfalhar e pinicar, deprimido e irritado.

Quando ela pousou na rua, Pen a observava com uma mistura de empolgação, fascínio e censura.

– Seus dedos são esquisitos – foi o único comentário.

Algumas ruas adiante, Não-Triss não estava mais chateada de ter que trazer Pen consigo. A menina, pelo menos, finalmente pareceu saber onde elas estavam, e a rota mais ligeira para chegar até a travessa da Nespereira, sob a ponte Vitória. Mais uma vez, a experiência de Pen com escapadas provava-se bastante útil.

A travessa da Nespereira era um íngreme ziguezague de estrada que subia o morro, e sua crista passava embaixo do final da ponte Vitória antes de serpentear em curvas muito irregulares para o outro lado. Era flanqueada por prédios severos cor de tabaco, lisos feito aventais e monótonos feito um bêbado amanhecido. Alguns eram lares, e celebravam o fato esticando varais com roupa a secar entre os andares superiores. Muitos jaziam vazios, contudo, tendo sido comprados pela cidade ao mesmo tempo em que o terreno para a ponte, ainda “aguardando incremento”. Eram cascas abertas, esperando que a semente da novidade germinasse e fizesse delas algo mais útil.

Num amplo arco esticava-se a ponte Vitória, que botava a porção mais alta da rua às sombras. Admirando-a ao aproximar-se, Não-Triss reparou pela primeira vez na vastidão do construto, muito mais alto do que as casas, com seu matiz de areia ainda lúgubre naquelas horas da manhã.

As duas meninas entraram na sombra lançada pela ponte. Ouviram água pingando, e os passos de Pen começaram a ecoar. Os pés de Não-Triss não faziam barulho algum.

Ela sacou a faca.

– Você vai matar o galeto? – Pen perguntou, olhando ao redor.

– Não.

Não-Triss sentou-se e conseguiu encontrar uma fenda entre duas placas do pavimento. Com dificuldade considerável, conseguiu remover um pouco da argamassa e deslizou a lâmina para dentro da fenda, de modo que a arma improvisada permaneceu em pé quando ela a soltou. Parecia a espada do Rei Arthur, só que muito mais barata.

– Por que fez isso? – Pen perguntou.

– Vamos entrar num lugar, e isso vai nos ajudar a sair – respondeu Não-Triss, torcendo para que ajudasse mesmo.

– O que acontece se a faca cair do buraco?

– Não vamos poder sair – Não-Triss respondeu, com a maior paciência que pôde conjurar.

– E se alguém arrancar?

– Não vamos poder sair – a outra repetiu, um pouco menos paciente.

– Que plano mais idiota – Pen disse, muito útil.

– Então volta pra casa da Violet e vai comer queijo enlatado! – ralhou Não-Triss. – Eu não pedi pra você vir! Eu não queria que viesse! Vai ser perigoso e... se alguém tiver que se machucar... melhor que seja só eu. – Ela não planejava direito a frase, e quando terminou seu rosto ardia de vergonha e irritação.

O rosto de Pen parecia estar ruborizado também, mas era difícil de enxergar sob a sombra da ponte.

– Eu odeio queijo enlatado – ela resmungou. – Tem gosto de quando a gente morde a língua. Enfim, não seja boba. Anda, me conta. Como faz pra gente entrar?

– Tem certeza de que quer vir? – Não-Triss teve vontade de chorar, sem saber direito por quê.

Pen fez que sim.

– Então é melhor dar a mão pra mim. – Ela estendeu a mão e ficou um tanto surpresa quando a mãozinha fria de Pen de fato segurou a dela. – Ande pra frente, assim, desse jeito.

Perante a parede que formava um dos grandes pilares da ponte, ela começou a avançar. Quando as duas meninas passaram pela faca fincada, Não-Triss pensou ter ouvido um gemido musical vago, um som tão delicado quanto cabelos da cor do luar. *Vá até a travessa da Nespereira logo no final da ponte*, dissera a senhora-pássaro, *fique de frente para os tijolos e comece a andar. Daí continue andando até que o barulho do tráfego suma e você comece a escutar as gaivotas...*

Passo ante passo. A parede de tijolos foi chegando, mas ao mesmo tempo pareceu inclinar-se para trás, de modo que não era mais uma face plana, mas uma ladeira impossível de escalar. Deram outro passo, e a ladeira ficou menos íngreme, quase ultrapassável. Outro passo as trouxe à base da parede de tijolos, que estava agora fácil de transpor, feito um pequeno morro.

O instinto mandou Não-Triss evitar olhar para os lados, e ela ficou contente por estar de mãos dadas com Pen. Ela pôs o pé na “ladeira” de tijolos, e esta tombou e virou uma superfície horizontal. Ignorando as vozes interiores que gritavam que ela estava andando sobre uma parede, Não-Triss continuou em frente. Teve que ignorá-las novamente quando os tijolos deram lugar a arenito e concreto; elas gritavam para avisar que a menina devia estar andando ao longo da face inferior da ponte.

Os barulhos fracos da cidade amanhecendo foram diminuindo. O zumbido distante dos primeiros trens, o chocalhar dos carrinhos de mão – todos esses ruídos foram dissolvendo feito sal na água. Um vento forte soprou entre as duas, e o estrépito das gaivotas ficou mais alto.

Conforme andavam e andavam, pareceu a Não-Triss que ela escutava algo de novo nas vozes das gaivotas. Não é que o som mudara; era mais como se fora retirado da bainha de modo que mostrasse os gumes. Ou talvez fossem as orelhas dela que se desnudavam e sua audição que ficava mais aguçada.

– Menina! – gritaram as gaivotas. – Uma menina, duas meninas! Menininhas de bochechinha vermelha e olhos nas cabeças! Olhinhos macios e coração igual fruta!

Não-Triss sabia que Pen também as escutava. A mão dela não tremia, mas agarrava-se à da outra como um vício. Não-Triss apertou de volta, sincronizando o passo ao da menina, pé ante pé.

Não-Triss dizia a si mesma que estava andando por cima de uma ponte, não por baixo. Era o único jeito de manter a calma. O caminho adiante era tão amplo que trinta homens poderiam cruzá-lo lado a lado. Havia paredes curvadas no topo de cada lado, e elas lançavam a passarela em sombras cada vez mais envolventes. Além dessas paredes laterais o céu estava lustroso como uma tampa de panela oleosa, e contra ele era possível divisar figuras circulando e passando. Eram planas feito patins de gelo e exclamavam com suas vozes que lembravam as das gaiotas.

E adiante...

– O que é aquilo? – Pen sussurrou.

Cerca de trinta metros à frente, o caminho escuro desaparecia dentro de uma enorme montanha negra que bloqueava totalmente o caminho, feito um buraco cavado por uma toupeira gigante. Ou talvez seja o ninho dos andorinhões, só que sob as ondas, pensou Não-Triss ao lembrar-se por um instante do que ficava em cima, e do que ficava embaixo. Estava tão escuro que ela quase escutava um sibilo quando a luz era sugada do ar. A massa do buraco negro era irregular em forma, tinha um contorno tortuoso e cheio de espinhos.

Conforme as meninas chegavam mais perto, entretanto, a mancha preta parecia recuar. O monte opaco reduziu-se a um aglomerado de pequenos prédios escuros, que se juntaram, se ajeitaram e se sentaram uns nos ombros dos outros, como se alguém os tivesse empilhado como um monte de pedras. As janelas eram muito finas e não tinham vidro; os telhados, baixos e tortos que nem pão molhado, e alguns tinham degraus no meio para que a pessoa pudesse chegar a outros apartamentos mais acima do monte. Escadas inclinadas e cordas balançando, de modo que o conjunto lembrava um tabuleiro de jogo de aventura. Havia torres, mas não elevadas como as das igrejas, e sim perigosamente esguias e adornadas com cata-ventos que giravam sem intervenção do vento. Havia mastros também, nos quais ondulavam bandeiras rasgadas, de cores gastas e sujas demais para se reconhecer.

– É uma vila – Não-Triss respondeu, evidenciando claramente sua surpresa com seu tom de voz.

– Mas a gente tá embaixo da ponte, não tá? – Pen fechou a cara. – Por que tem uma vila embaixo da ponte do papai? Ele sabe disso?

Boa pergunta!

– Não sei – Não-Triss respondeu. – Mas queria saber.

Havia movimento na casa-monte. Não era um foco único de atividade que atraísse o olhar, mas sim um remexer universal, como o ferverilhar sutil de um formigueiro ou o vapor que desprende do pavimento num dia de verão. Vez por outra flâmulas brandiam com indolente deliberação, feito o rabo de um cavalo espantando um mosquito. Os contornos dos telhados ondulavam, como se criaturas quase invisíveis passassem correndo por eles. Havia rostos nas janelas também. Não-Triss nunca via nenhum deles diretamente – eram rápidos demais para ela –, mas suas aparições fugidias deixavam um rastro nos olhos.

– Acho que aquelas pessoas estão olhando pra gente – Pen sibilou. – Quem são eles?

Não-Triss lembrou-se do que a senhora-pássaro dissera sobre o Arquiteto. *De todos os Outros dessas partes, ele é o mais poderoso e perigoso.* O Sr. Grace usara o mesmo termo na casa de campo, quando dissera que ia jogá-la no fogo. O único jeito de mostrar aos Outros que não estamos pra brincadeira. O homem acreditava que Não-Triss era filha dos Outros, ou uma boneca criada por eles. Se o Picanço era quem a tinha feito, então presumivelmente ele também era um Outro.

– Outros – ela disse, em voz alta, testando a palavra.

– O que é isso? – Pen perguntou.

Não-Triss deu de ombros, tentando parecer calma apesar do martelar de seu coração. – Acho que logo vamos descobrir.

O vento mudou e açoitou, e veio dessa vez trazendo música nas costas. Não-Triss estava careca de saber que haveria música, mas escutá-la a surpreendeu mesmo assim. O fato é que esperava ouvir instrumentos antiquados – flautas, pífanos, rabecas e tambores. Em vez disso, ouviu o trinado metálico e ousado do saxofone, o berro de uma corneta e o guinchar e trinar de um clarinete que tocavam apenas para estraçalhar.

Não-Triss escutara jazz com sapatos muito bem limpos e jazz de pés sujos e sorriso maroto. Aquilo era jazz também, mas um jazz descalço sobre a relva e cego de êxtase, com musicalidade irregular feito rajadas de vento e interminável feito o crescer de uma videira. Não era música humana – deu para dizer de imediato. Era mais verdadeira, mais pura e caótica, mas também... mais fria. O jazz humano era uma imitação desajeitada dessa música, mas tinha sangue, oxigênio e calor.

As melodias a chamavam, mas ela sabia que não devia responder. Seus pés estavam pinicando, mas, se ela os deixasse se mexer um pouquinho que fosse, começaria a dançar e não conseguiria mais parar.

Não preste atenção a música alguma que ouvir tocando, dissera a senhora-pássaro.

– Não dê ouvidos à música! – ela sussurrou. – Não dance!

Apesar de sua determinação, contudo, seus passos começaram a acelerar, tentando acompanhar o ritmo da música. Pen também acelerava junto, até que se acertaram num trote sincopado. E então, muito de repente, não estavam mais se aproximando da vila, estavam bem no meio dela, e Não-Triss teve a estranha sensação de que já fazia algum tempo que tinham chegado.

Um homem se curvou para as meninas, como se agradecesse pela dança. Não-Triss conseguir ver o rosto dele apenas de relance quando ele se levantou. O nariz longo e pontudo encontrava e tocava o queixo, dando uma volta feito alça de xícara. Logo ele não estava mais ali, tinha se perdido no meio de uma multidão da qual vinha um falatório animado, mas que confundia os olhos quando se tentava olhar diretamente para ela. O bando fluiu ao redor das meninas, aparentemente ignorando a presença delas. Não-Triss sentiu sua determinação vacilar, dissolvida na timidez e na insegurança de uma criança perdida no turbilhão dos adultos de uma cidade desconhecida.

Parte de sua mente tentou convencê-la de que ela estava numa rua comum, limpa e refletindo a luz do sol depois da chuva. Contudo, seus olhos aguçados notaram algo de estranho nas poças, o jeito com que as gotinhas inchavam na superfície para então voar “para cima”, obedecendo ao chamado da gravidade contrária. Parte de sua mente fora atraída pelas vitrines reluzentes das lojas e os sorrisos doces pintados de vermelho das imaculadas vendedoras. Contudo, seus olhos notaram a bizarrice das louças, os relógios de ouro cujos ponteiros andavam para trás, as fileiras de pequenas pontas de lança feitas de sílex, prata e vidro, as jaulas de bodes do tamanho de ratos.

Tudo aquilo passou batido por Pen.

– Olha!

A menina partiu para a vitrine mais próxima, quase desequilibrando Não-Triss com o tranco.

Um segundo antes, Não-Triss podia ter jurado que a loja era uma ferraria. Agora, no entanto, a vitrine ostentava bolos fofos, carolinas de morango e tortinhas de geleia, aninhados obsequiosamente em torno de amplas estátuas de gelo com formato de cisnes dorminhocos e donzelas de vestido longo brilhando com frutas cristalizadas. Atrás deles havia grandes jarras de doces reluzentes multicoloridos – quebra-queixo, pirulito, balinhas, bombom de fruta, caramelos, balinhas de licor e docinhos de gelatina de marca. Outros doces eram desconhecidos – ovinhos

prateados, cristais pintados de menta e algo que parecia ser morango amarelado com folhas pretas.

– Olha – Pen repetiu, admirada, olhos escancarados e redondos feito rodas-gigantes. – Triss, você tem dinheiro aí?

– Não, e não temos tempo pra fazer compras!

Não-Triss arrependeu-se por ter trazido Pen, essa menina tão distraída, consigo. Ter sido chamada de “Triss” de novo pela companheira absorta também não ajudou em nada.

– Tô com tanta fome – Pen declarou, teimosa, resistindo aos esforços da outra de arrancá-la dali. – Eu podia entrar e... você podia chamar atenção aqui fora. Finge que tá doente, ou...

– Não! – sibilou Não-Triss, ofendida. – Não vou te ajudar a roubar doce! – Ela olhou para trás para se certificar de que não tinha ninguém escutando. – Pen, as coisas não são as mesmas aqui. Se te pegarem roubando, não vão só ligar pros seus pais ou pra polícia. Vão... – Ela não sabia muito bem o que fariam, pois confiava em seus instintos, mas não tinha os fatos. – Vão... te devorar!

– Não fala besteira – Pen murmurou, mas a semente da dúvida acabava de ser plantada.

Um instante depois ela recuou da vitrine, os olhos brilhando em choque. Não-Triss olhou para a vitrine, e um movimento chamou sua atenção. Os caramelos em um dos jarros maiores se mexiam, roçando o papel laminado que os envolvia, brilhante como a carapaça de um besouro. Envergonhada, Pen finalmente deixou-se ser levada da loja de doces.

– Onde a gente tá? – ela perguntou. – Que lugar é esse? O que tem de errado?

– Não acho que seja real – Não-Triss sussurrou de volta. – Ou vai ver é real, mas não tem mesmo essa aparência. Achei tudo e todo mundo aqui... estranho e perigoso. Que nem o Arquiteto. E a tela de cinema que tentou te devorar. Que nem eu. Melhor a gente se apressar...

Antes que ela pudesse terminar a frase, Pen soltou a mão e correu para o meio da multidão. Quando Não-Triss a alcançou, a menina curvava-se para acompanhar uma partida de dados que dois meninos travavam sobre a poeira. Quando o dado parou, Não-Triss viu que em vez de pontinhos ele tinha rostos pintados, todos de boca aberta, tentando se expressar.

– Não! – Não-Triss agarrou a mão de Pen no instante em que ela a estendia para o dado. – Lembra da tela de cinema?

Mas a atenção de Pen já tinha novo alvo, seguida de perto pelo restante do corpo. Não-Triss quase não tinha o que fazer senão acompanhar; não havia como

impedir que Pen puxasse cordas, se esticasse para colher pêssegos de árvores de metal ou se curvasse sobre barris de salmoura para brincar na água, a fim de ver o céu azul ondular e reluzir.

Sempre que uma nova distração atraía Pen, Não-Triss tinha uma sensação cada vez maior de pânico. As agulhadas de centenas de olhares pinicavam sua pele. Tinha certeza de que ela e Pen eram as presas numa floresta lotada de caçadores, e que toda palavra ou ação impensada de sua parceirinha atraía predadores maliciosos. Logo eles desistiriam de todo esse disfarce amigável...

Mas fomos notadas desde o começo, ela ponderou. Tudo não passa de uma mentira, um jogo. As pessoas ao redor só estão fingindo cuidar da própria vida. O fato é que estão de olho na gente. Todos eles.

O que a senhora-pássaro dissera sobre ficar a salvo no Côncavo?

Não preste atenção a música alguma que ouvir tocando. E aconteça o que acontecer, lembre-se do porquê de estar ali.

– Pen, a gente não pode se distrair! – ela exclamou.

Penetrando a multidão, ela encontrou Pen parada em frente a uma fonte ornamental, observando os arcos cristalinos de água com fascinação muda. Não-Triss agarrou a mão da menina pela décima vez e tentou tirá-la dali.

Pen não se mexeu. Continuou olhando para a frente, como se estivesse hipnotizada.

– Qual é o seu problema? – sussurrou Não-Triss, cada vez mais alarmada e preocupada. – Oh, por favor, por favor, Pen, a gente tem que ir em frente! Eles estão chegando... posso sentir!

Ela puxou Pen pelo braço ainda com mais urgência. Seus esforços foram em vão. Pen não saía do lugar, não mexia um músculo.

A mente de Não-Triss deu um salto mortal e voltou ao chão. Ela respirou fundo e fechou os olhos, bem apertados, por alguns segundos. Quando os abriu, sua visão clareou. Estava sozinha na rua, agarrada com firmeza à alça de uma antiga bomba. Em altura e volume era quase do tamanho de Pen, e fora pintada da mesma cor da jaqueta da menina.

Não-Triss girou, bem a tempo de ver a verdadeira Pen desaparecendo, virando uma esquina, seguindo uma mulher alta e majestosa de sobretudo verde. Ela pôs-se a correr e alcançou as outras duas no instante em que a mulher abria a porta de uma casa tomada por madressilvas. Um ar quentinho, cheirando a carne assada, emanou lá de dentro.

– Aonde vocês vão?

Não-Triss agarrou Pen pelo ombro, fazendo-a parar quase dentro da casa. A cara da menina era pura confusão, como costumava ficar quando ela não tinha acordado de todo.

– Minha menina está cansada e com fome – disse a mulher. Era mais alta que o pai de Triss, e, no entanto, toda essa altura não era de assustar. O sorriso dela era como a luz do sol brotando da pele. Os olhos acinzentados, meio nebulosos, entendiam tudo, perdoavam tudo. – Só estou trazendo ela pra casa, pra jantar, e depois dormir bem e bastante numa cama de pena de ganso.

Não-Triss escutou as gaivotas rindo sem parar.

Sete anos de escravidão, cutucavam elas. Sete anos esfregando o chão e moendo farinha. Sete anos cuidando dos piralhos que só mordem e amamham.

– Ela não é sua menina – Não-Triss declarou, puxando uma Pen sonâmbula porta afora, e não viemos aqui ver você!

A mulher abriu o mais gentil dos sorrisos, e sem se mexer nem se alterar foi ficando mais alta. Ou talvez fosse Não-Triss que ficava menor, mais frágil, diminuída perante o calor daquele sorriso feito vapor na janela.

– Triss? – Pen piscou, ainda meio sonolenta. – Que tá acontecendo? Onde estamos?

Em todo canto da falsa cidade os ruídos cessaram, como se a multidão tivesse desistido de todo o zanzar fingido e parado onde estava para fitar silenciosamente as duas meninas. Os prédios perderam sua aparência diurna alegre, e tornaram a revelar-se o cogumelo venenoso que Não-Triss avistara no início, seco feito ossos velhos. Ela foi tomada por um medo terrível.

Uma dor fria e ardida a rasgou por dentro. Com um grito seco ela girou e, ao fazê-lo, algumas folhinhas secas flutuaram até seus pés que nem confete marrom.

Ao olhar para baixo, ela viu um rasgo no vestido, bem na lateral do quadril. Para seu horror, reparou que ao longo da fenda não via mais pele, apenas folhas mortas, frondes de samambaia e papel rasgado. Alguma coisa tinha acabado de abrir-lhe um corte, e seu recheio estava vazando para fora.

Quando pôs a mão livre na fenda, sentiu uma dor similar do outro lado. Virou-se a tempo de ver uma dupla de criaturas do tamanho de crianças espiando suas entranhas expostas, cutucando as folhinhas com dedos compridos. Deu para sentir o roçar das unhas delas feito lascas de vidro contra o abdômen.

– Sai daqui!

Ela se afastou, protestando em vão. Mas a multidão se aproximava, cansada de observar e armar arapucas. Não-Triss ainda não tinha olhado para o rosto de

nenhum deles, mas podia ver e sentir seus olhos – duros, infantis e multicoloridos como bolinhas de gude. Não importava para onde ela se virava, havia sempre dedos maliciosos atrás dela, cutucando os ferimentos. Um dos braços estava ocupado com a tarefa de segurar o embrulho com o galeto, o que tornava impossível defender-se adequadamente.

Um galhinho comprido de videira foi puxado de uma das fendas e carregado por uma figura toda risonha. A dor era excruciante, mas pior foi a tontura e a fraqueza que se seguiram, a sensação de ter perdido parte do corpo.

São todos uns monstros. Vou ser despedaçada por monstros.

Mas eu também sou um monstro.

Quando dedos cruéis cutucaram-na mais uma vez, ela girou contra os atormentadores e sibilou o mais alto que pôde, mostrando os dentes-espinhos.

– Não me toque! – Não-Triss ergueu a voz para ser ouvida por todos da multidão que a cercava. – Eu mordo! – Ela sentiu o ardido de suas garras-espinhos brotando das pontas dos dedos.

A massa que a cercava recuou no mesmo instante, feito palha na brisa. Os olhares duros e frios ao redor perderam o brilho, e ficaram fracos, complacentes. Por um momento ela achou que os manteria distantes, mas então um suspiro insistente abriu caminho entre a multidão.

– Elas sabem como faz pra entrar!

– Elas sabem onde estamos!

– Vão contar pra todo mundo! Não podemos deixar que saiam!

A multidão começou a se aproximar mais uma vez. Não-Triss sabia que tinha segundos para agir. Ela puxou Pen, ainda atordoada, para trás de si, virou-se para o bando... e tirou o pano da cabeça do galo. Encontrando-se abruptamente devolvido ao mundo, o bicho deu um pulo, bateu asas e grasnou.

Foi um barulho de ensurdecer, de fazer até as ruas tremerem feito um sino golpeado. De todos os lados veio um urro sobrenatural. Os inimigos de Não-Triss curvaram-se, mãos tapando os ouvidos, e guincharam, atormentados.

– Queremos falar com o Picanço! – Não-Triss gritou, esforçando-se para se fazer ouvir por cima da barulheira.

Aqueles gritos não eram humanos. Aquilo era similar ao som que ela escutara saindo da própria boca nos momentos de maior aflição, mas multiplicado por cem.

– Vão embora! – berrou o bando. – Vão embora, ou vamos te rasgar! Vamos te esfolar!

Não-Triss reparou que a multidão se dividia, oferecendo uma rota de fuga. Adiante, dava até para ver o tentador arco da ponte-passarela que ela e Pen usaram para chegar ao vilarejo. Atrás de si, sentia Pen tremendo. As mãozinhas agarravam-se às roupas dela.

Contudo, Não-Triss não viera até ali para simplesmente fugir. Ela fechou a cara.

– Queremos falar com o Picanço! – tornou a gritar.

A barulheira ficou tão terrível que os ouvidos dela arderam. A multidão avançou para envolver as duas meninas, e Não-Triss foi beliscada, cutucada, arranhada, unhada e mordida por todos os lados. Ao seu redor girava um mosaico maluco de rostos incompletos. Traços oblíquos numa pele dura.

Caras enrugadas de morcego com olhos humanos. Meninas sem cor de cabelos molhados.

Foi preciso reunir toda a força de vontade para não bater em retirada. Toda a força para segurar firme as pernas do galeto. Contudo, Não-Triss manteve-se firme, enquanto o pássaro esticava o pescoço para berrar e berrar e berrar.

As penas do galo reluziam uma cor de bronze brilhante, e a crista era pura chama. O bicho sacudia a plumagem, espalhando raios de sol. Aqueles que eram tocados pelos raios gritavam e recuavam, como se chamuscados por brasa.

Ao redor, os prédios tremeram e chacoalharam feito uma gaiola cheia de galinhas assustadas. Tijolos soltos e montes de sapê sacudiram-se, libertando-se, e caíram para cima, deixando buracos nos tetos. Rachaduras apareceram na rua, de onde vazava cascalho e pedrinhas soltas, que também voaram e desapareceram. Poças flutuaram para cima numa chuva amarronzada. Algumas das criaturas menores foram içadas do chão e tiveram que prender-se às cornijas das casas para não serem tragadas para o alto.

Não-Triss sentia o próprio corpo ficando mais leve, solto. Havia a possibilidade de cair a qualquer momento. Ela fechou os olhos bem apertados.

Uma voz cindiu o tumulto. Não era alta, mas fazia-se ouvir, como uma nota de violoncelo em meio ao rugido de uma tempestade.

– Deixe-as em paz. Vou conversar com as senhoritas... se cobrirem o pássaro.

Todo o beliscar e arranhar parou abruptamente. Não-Triss abriu os olhos e viu a multidão recuando, embora relutante. Com a mão trêmula, ela puxou o pano por cima da cabeça do galo.

Foi preciso um ou dois segundos para que o mundo recobrasse o equilíbrio com uma sacudida e uma chacoalhada. Quando a cabeça parou de girar, Não-Triss reparou que tinha em frente uma rua deserta, assombrada apenas por

movimentos muito sutis nas janelas e esquinas. Pen agarrava-se ao braço dela, muito ofegante, aterrorizada.

Mais adiante na rua, Não-Triss viu uma oficina com a porta aberta. Bem na entrada havia um homem baixinho e truncado de chapéu-coco. Estava de mangas de camisa, mesmo com toda aquela algazarra, como se tivesse saído para fumar um cigarro. Quando ela olhou, ele ergueu a mão e acenou casualmente, chamando-a.

Desconfiada, com Pen agarrada no braço, Não-Triss foi ter com o homem de chapéu.

Conforme chegou mais perto, Não-Triss viu que a oficina era coberta por um monte de feno acinzentado, manchado de um verde aguado. O homem não esperou por elas, apenas se abaixou para passar pelas folhas mais baixas e desapareceu loja adentro.

A ideia de acompanhar um estranho para dentro de seu lar não era muito agradável, mas Não-Triss estava muito menos interessada em ficar esperando na rua.

Pen tremia um pouco menos. O rosto continuava pálido, mas para o alívio da outra, sua expressão recuperava parte do brilho ousado, meio inseguro, de sempre.

– Era ele! – Pen exclamou, trêmula. – O outro homem do Grimmer, amigo do Arquiteto, o que te chamou pra fora da água!

Não-Triss já tinha adivinhado isso. A lembrança vaga que tinha do que vira debaixo da superfície do Grimmer lhe mostrara os contornos desfocados dos dois homens parados na margem acima dela. O mais alto sem dúvida era o Arquiteto, mas ao lado dele havia outro homem, mais baixo e forte.

– Sim. Ele é Picanço, e vamos perguntar pra ele sobre o Arquiteto. Talvez ele não seja nosso inimigo. Mas com certeza não é amigo. – Não-Triss umedeceu os lábios conforme se aproximou da porta. – Pen, fique bem perto de mim. Tudo aqui é truque e cilada. Não coma nada. Não dance se tocar música. Não toque em nada. E – ela correu acrescentar, quando a menina fez uma carinha teimosa – não me deixe fazer nada dessas coisas também. Temos que cuidar uma da outra.

Com um braço guardando firme o embrulho do galo e o outro agarrado ferozmente a Pen, Não-Triss avançou para dentro da loja.

Lá dentro havia pouca iluminação. Boa parte vinha da porta, mais uns poucos feixes pálidos vindos das janelas estreitas. Acima, Não-Triss viu o sapê pontudo atrás de pesadas vigas. Havia uma dúzia de mesas, todas cobertas de ferramentas, mãos de porcelana, ervas e penas. Em suportes e aparadores ficavam dezenas de bonecas, quase todas incompletas. A maioria era confeccionada com uma mistura de galhos verdes, folhas, porcelana e madeira. Todas em tamanho real, a maioria bebês, mas havia efígies ocasionais de crianças mais velhas e até de mulheres adultas, com as barrigas inchadas, sugerindo gravidez.

Não-Triss, incomodada, notou que as bonecas mais próximas começaram a virar seus rostos incompletos na direção dela, fitando-a com hostis olhos de vidro.

O homem que as cumprimentara sentou-se numa cadeira de balanço e as analisou com grandes olhos verdes, mais brilhantes que os botões de um uniforme de soldado. Agora que ela o via de perto também, Não-Triss reparou que ele era só um pouquinho mais alto do que ela. Tinha uma cara pesada de buldogue. Os cachos que brotavam de debaixo do chapéu-coco eram grisalhos. O nariz era bastante comprido, ligeiramente curvado para baixo, o que fez Não-Triss pensar numa ave de rapina.

– Senhor... Senhor Picanço? – disse Não-Triss. Não sabia ao certo que tipos de maneiras eram aplicadas naquele estranho lugar.

– Apenas Picanço.

O homem sorriu. Por um átimo de segundo, Não-Triss pensou ter visto algo que não era um rosto humano. O bico de um pássaro fechando. Um bico curvado – esperto, sábio, mas possivelmente cruel. Logo a impressão se foi, e restou apenas o homem de chapéu-coco, sorrindo para ela.

Ele apontou dois banquinhos gastos para as meninas, com almofadas de veludo azul. Quando se sentaram, ele as fitou com ar de admiração.

– Ora. Isso é muito inesperado. – O Picanço parecia interessado e genuinamente encantado. – Ê, eu juro que não esperava ver você aqui. E com a irmãinha junto! Tá aí um time que eu nunca pensei que veria. – Ele se inclinou para Não-Triss com cara de quem queria fofocar. – Você sabe o que a jovem Penny fez, não sabe? Com a pobre e leal Theresa?

– Sei – Não-Triss correu responder, reparando que Pen ficara envergonhada.

O Picanço assentiu, parecendo ainda mais satisfeito, e olhou para Pen.

– E você, você adora zanzar pelas ruas com essa aí, né? Não tem medo dela, não?

– Não tenho medo de nada – Pen declarou, fria feito gelo.

– Maravilha. – O Picanço olhou diretamente para as marcas de garras na bochecha de Pen e soltou um riso muito contente, tocado por algo similar à admiração. – Por que não? Qual o problema com um pouco de mutilação e traição entre amigos? Ah, não façam essa cara azeda. Estou impressionado. Não me lembro da última vez em que fiquei tão impressionado.

Ao falar, o homenzinho lançava olhares ocasionais para Pen, mas a maior parte do tempo dirigia-se a Não-Triss. Havia curiosidade naqueles olhos brilhantes, e satisfação, mas também um pouco de orgulho.

– Incrível – ele disse baixinho. – Você é incrível, se posso dizer.

– Foi você que me fez, não foi? – Não-Triss perguntou. A pergunta soou mais como acusação. A ideia também a fez sentir-se vulnerável, como se fosse um livro do qual alguém lera todas as páginas secretas.

– Foi. – O Picanço piscou para ela, sacando do bolso da camisa o que parecia ser uma caixinha prateada de rapé. – E quando fiz, me superei, devo dizer. Só não tinha noção do quanto eu havia me superado até agora. – Ele abriu a caixa, e para a surpresa de Não-Triss ali não havia rapé algum. Em vez disso, havia um naco de manteiga em cima de um chumaço de musselina. O Picanço lambeu a manteiga com uma língua preta esguia, e estudou-a com olhos estreitos e especulativos. – Eu adoraria, muito mesmo, saber como vocês descobriram como fazer pra chegar aqui. Sem contar que você sabia que tinha que fincar um punhal no chão e trazer o pássaro com você.

Não-Triss não tinha intenção alguma de revelar o modo como obtivera a informação. Embora manhosa fora a criatura voadora, ela não queria vê-la sofrer.

– Talvez eu tenha ouvido das minhas folhas e gravetos – ela sugeriu. – Você me fez nesta oficina, né? Vai ver eles têm boa memória.

– Pode ser. – O Picanço não pareceu muito convencido, mas inclinou a cabeça, considerando essa possibilidade. – Mas... o fato é que, vindo aqui, você nos colocou a todos numa situação complicada. Um belo de um dilema. Eu poderia exagerar e dizer “numa saia justa”. Resumindo: o lugar é secreto, e por bons motivos. A segurança de todo mundo aqui depende disso. Então vocês não deveriam estar aqui. Não deveriam saber como chegar aqui. Definitivamente não deveriam saber que estamos aqui. E agora que sabem, não podemos deixá-las partir. E o problema é que, claro, graças a esse seu galeto aí, não podemos de fato impedir que partam.

– Se a gente contasse mesmo pra todo mundo e a polícia viesse te prender, seria muito bem feito pra você! – disse Pen, muito brava.

O Picanço ignorou o surto da menina e parou para dar outra lambida na manteiga. Parecia estar esperando por alguma coisa, e Não-Triss não sabia o quê.

– Então... o que você vai fazer? – ela perguntou, finalmente.

Ele deu de ombros.

– Isso, minha querida, depende de você. Você deve ter vindo aqui por algum motivo. O que quer de mim?

– Tenho perguntas – Não-Triss respondeu. – Perguntas sobre o Arquiteto, sobre mim, sobre... a outra de mim.

– Ah, deve ter mesmo. – O Picanço piscou, pensativo, e passou a língua preta mais uma vez na manteiga. – Perguntas perigosas, com respostas perigosas.

Ele respirou por entre os dentes de um jeito que Não-Triss reconheceu. Era o hesitar típico das tendas do mercado, o barulho que as pessoas faziam antes de começar a pechinchar.

– Você quer fazer um trato, não é? – ela disse.

– Isso mesmo, ou ficamos aqui olhando uns para os outros até a trombeta final – respondeu, plácido, o Picanço. – Você quer respostas. Eu quero proteger o meu pessoal. Então vamos fazer um trato. Você segura a sua língua, eu solto a minha. Todo mundo fica feliz.

– Triss, não confio nele! – Pen declarou. – Ele estava junto com o Arquitecto! Ele vai mentir pra gente e nos trair. É melhor jogar o galo nele e fugir!

O Picanço abriu um sorriso curto e impaciente para Pen.

– Você me lembra uma garotinha que eu conheci há muitos anos. Um belo dia, muito de repente, a cabeça dela caiu. Foi muito triste.

– Mas a gente não sabe mesmo se pode confiar em você! – Não-Triss correu intervir, antes que as hostilidades se avolumassem.

– Isso podemos consertar – respondeu o Picanço. – Como posso explicar? Tem uma... promessa especial que pode ser feita. Se alguém quebra a promessa, então uma maldição terrível recai sobre ele. Estou disposto a prometer responder todas as suas perguntas com sinceridade, se as duas prometerem nunca revelar a outra alma viva qualquer coisa que tenham aprendido no Côncavo.

O trato parecia interessante, mas depois do que vivenciara com a senhora-pássaro, Não-Triss parou para pensar. Pen, por sua vez, não precisou pensar nem um pouco.

– Isso não é justo! – anunciou. – São duas promessas por uma! Se a Triss e eu vamos prometer, então você devia prometer duas coisas!

– Ela tem razão. – Não-Triss mordiscou o lábio inferior. – Você está pedindo pra gente não avisar as pessoas em Ellchester que tem uma vila de... de criaturas mágicas e perigosas morando bem acima das cabeças deles! Você tem que prometer que ninguém que mora aqui vá causar problema em Ellchester. Nada de roubar crianças ou machucar pessoas, e nada de armadilhas...

– Não posso prometer isso.

O sorriso do Picanço já era, e ele parecia bastante sério.

– Então você admite! É exatamente isso que eles vão fazer!

O ânimo de Não-Triss afundou quando ela imaginou o vil bando de criaturas do Côncavo descendo para as ruas de Ellchester.

– Alguns deles, sim. – A franqueza do Picanço gerou certa segurança. – E geralmente, não sempre, mas geralmente, é porque o humano fez coisa errada,

se intrometeu... ou convidou. – Ele ergueu uma sobrancelha e olhou direto para Pen. – Você acha que *essa aí* é a primeira a fazer um trato com o meu pessoal?

Pen ficou vermelha de fúria, mas o Picanço prosseguiu com a honestidade.

– E que promessas você poderia fazer pelo resto do seu povo, humanazinha? Pode prometer que ninguém de Ellchester vai mentir, roubar, sequestrar, machucar ou matar? Não. Claro que não. Porque Ellchester é uma cidade. Bem, esta aqui também. Uma confusão de solícitos, inofensivos, maldosos e maliciosos. Acredite em mim, não era nossa intenção nos misturar, muito menos morar tão perto do seu povo. Esta cidade é um campo de refugiados. Estamos todos aqui não porque queremos, mas porque não temos mais pra onde ir. Os lugares que eram nossos... não podemos mais viver neles.

– Por que não? – Pen perguntou.

– Isso é uma longa história.

O Picanço abriu o sorriso torto, e Não-Triss pensou ter entendido o significado. *História que só vou contar se fizermos nosso trato.*

– E se... a gente contar pras pessoas que vocês moram aqui? – Não-Triss teve a sensação de que tudo acabava de ficar mais complicado.

O Picanço ficou em silêncio por um instante, depois fechou a caixinha de manteiga.

– Teríamos que ir embora. Eu... sobreviveria. Alguns dos outros também, os mais espertos e adaptáveis. O resto... – Não houve nada de lamentoso em seu dar de ombros. – A maioria não encontraria jeito de viver. Alguns são muito velhos, ou muito perdidos no passado, alguns são estranhos demais, ou muito burros. Um ou dois são... coisas desagradáveis, e talvez fosse melhor se morressem. Mas são o meu povo, e essa é a última chance de mudar, de encontrar lugar neste mundo. Gostaria que eles tivessem essa chance. E se eles falharem em tirar vantagem disso... então que fiquem com os ossos de lagarto nos seus museus.

Não-Triss fitou Pen, e viu as mesmas lascas da indecisão que sentia no cenho franzido da menina.

– Vejo que vocês duas ainda estão chateadas com a recepção que lhes foi dada quando chegaram aqui – comentou o Picanço. – Não censuro vocês. – Ele fitou os rasgos no quadril de Não-Triss e fez *ts*. Mais uma vez Não-Triss pensou ter visto um bico de pássaro muito forte partindo algo muito pequeno. – As crianças não foram gentis com você, né?

– Crianças? – Não-Triss ponderou que a maioria das figuras parecia mais baixa do que adultos.

– Quem mais poderia ser tão cruel? Esperem aqui. – Ele foi até a porta e assoviou, depois foi ouvido conversando. – As entranhas da senhorita, traga-as aqui. Não, todas elas. Saberei se tiver alguma coisa faltando. Entrem do modo que são, nada de disfarces, nada de formas.

E dentro da oficina entrou uma parada de criaturas com caretas e cabeças baixas, deformadas, de quadris magros e roupas rasgadas. Muitas usavam casacos feitos inteiramente de penas desbotadas. Uma tinha orelhas de lebre e uma fissura entre nariz e boca que lembrava a de um focinho de animal. Algumas tinham patas, e uma tinha um rabo comprido que ia lá para trás. Contudo, seu desleixo era o mesmo que de crianças miseráveis. Cada uma, por sua vez, foi até Não-Triss depositar algo na mão dela – folhas, gravetos, pedaços de papel e, finalmente, o galho longo de videira que ela viu ser retirado pelo seu quadril.

Eram crianças. Crianças monstruosas, sim, mas Não-Triss não se sentiu com direito de criticar.

– Pequenos horrores – o Picanço disse com afeto, e deu a essa frase familiar um novo sentido. – Mas o que era de se esperar? Largue um pássaro ferido numa caixa cheia de gatinhos... e o que verá não será nada bonito. Eles só fazem o que foram feitos pra fazer.

– Você os viu? – Pen sussurrou. – Pareciam assustados, Triss. Com medo da gente.

Era verdade, Não-Triss compreendeu, e finalmente visualizou a grandiosidade da decisão que tinha de tomar. Alguns dos habitantes do Côncavo eram aterrorizantes, mas ela queria mesmo que fossem todos destruídos? E se o Picanço tivesse razão, e alguns deles fossem inofensivos, indefesos ou burros, ou simplesmente jovens demais para entender o que faziam?

Eu também sou um monstro. E eles provavelmente têm tão pouca culpa na história quanto eu.

Ela se inclinou e sussurrou bem no ouvido de Pen.

– Pen... não quero forçar todos eles a sair, senão vão morrer. Você quer?

Houve uma pausa.

– Não – Pen sussurrou de volta, num tom rabugento. – São só burros. E... a gente pode voltar com outro galo. Eu acho que *ele* é o mais assustador por aqui. Não gostei dele.

Não-Triss reparou que gostava sim do Picanço, mas tinha gostado também do Sr. Grace. Ambos tinham o mesmo ar de candura, passavam a mesma sensação de confiança.

– Picanço – ela disse lentamente –, talvez a gente faça a promessa que você quer... mas a Pen tem razão. Precisamos que você faça duas promessas. Uma é responder a todas as perguntas com sinceridade. A segunda... é que nunca vai agir contra nenhuma de nós. De jeito nenhum. Nunca.

O Picanço ficou em silêncio por um bom tempo, e pareceu pensar muito. A expressão dura e bicuda no rosto dele intensificou-se.

– Suas megeras espertinhas – ele disse finalmente, bem seco.

Não-Triss suspeitou que isso contasse como um sim.

– Então, estamos de acordo? – perguntou o Picanço, e recebeu um sim das duas meninas.

Ele respirou fundo e começou a falar. Era uma linguagem arrastada e musical que soou como a senhora-pássaro tentando falar o verdadeiro nome do Arquiteto. Eram palavras desconhecidas por Não-Triss, mas logo ela reparou que não foram dirigidas a ela. O Picanço estava falando para chamar a atenção de outra pessoa, e conforme ele falava todo o cômodo entrou num ligeiro tremelicar, como se algo enorme voltasse seu olhar antigo, indiferente, sobre eles.

Ele esperou pelas promessas. Ele as escutou. Algo indefinível no mundo mudou com um silencioso clique, como uma chave destrancando uma porta imaginária. A tensão cedeu, deixando Não-Triss sentir-se mais leve, embora com náusea. Pen fungou e agarrou a manga da blusa da outra. Até mesmo o Picanço empalideceu, o rosto enrugando-se por uns instantes, como se ele lutasse para esconder o desconforto.

– Então – ele disse, assim que recobrou a cor, o sorriso e a compostura. – Perguntem. – Ainda havia algo de forçado em seu tom de voz.

Não-Triss teve que se preparar antes de falar. Tinha tantas perguntas na cabeça, e tentou reunir todas para botar tudo para fora.

– O que eu sou, afinal? – perguntou. – E... e por que eu fui feita? Por que o Arquiteto levou embora a verdadeira Triss? E pra onde a levou? O que ele está fazendo?

– E cadê o Sebastian? – quis saber Pen. – E o que vocês todos estão fazendo aqui embaixo da ponte do meu pai? E por que tá tudo de cabeça pra baixo?

– Calma, calma! – O Picanço ergueu a mão para conter o fluxo, depois baixou o tom para um murmúrio confidencial. – É melhor eu começar pelo começo, ou ficaremos andando em círculos. – Ele esquadrinhou Não-Triss de alto a baixo, e novamente ela foi atacada pela mistura de orgulho e fria satisfação. – E enquanto conversamos, vou suturar esses cortes na sua pele, se você me permitir – ele acrescentou. – Seria contra a minha natureza deixar esses buracos abertos.

Não-Triss lembrou-se da promessa dele de não fazer nada contra ela, e cuidadosamente trouxe seu banco para perto do homem. Ao fazê-lo, as bonecas mais próximas se mexeram. Algumas se afastaram. Outras estenderam membros articulados feitos de madeira.

– Pare com isso! – Pen guinchou, olhando para o Picanço. – Pare de fazer as bonecas se mexerem!

– Não estou fazendo nada. – Os olhos dele brilhavam feito estrelas entre a névoa enquanto ele preparava a agulha. – É culpa *dela*. – Ele acenou para Não-Triss, para alarme e confusão desta. – Mas logo trataremos disso. Eu já disse que foi ficando cada vez mais difícil para o meu povo viver nos locais que costumavam ser seus lares...

– Por quê? – Pen interrompeu as palavras do homem feito uma bala de revólver atravessando o vidro da janela.

O Picanço vacilou, e Não-Triss pensou tê-lo visto disfarçar um ligeiro estremecer. Ficou muito claro que, quando ele tornou a falar, havia uma boa dose de relutância em sua voz. A ponta da agulha picou de leve quando ele se pôs a remendar os cortes.

– Mapas. – Ele limpou a garganta. – Em geral, mapas. Nós... costumávamos morar nas matas, florestas densas, montanhas amplas, lugares incomuns. Porque eram desconhecidos. Misteriosos. Perdidos. Inexplorados. E... precisávamos disso. Não conseguimos viver num lugar que seja governado pela certeza, onde tudo é conhecido e mapeado e escrito e dividido em colunas. A certeza nos envenena lentamente.

O Picanço lançou um olhar gelado para Pen, no qual havia um pouquinho de desagrado, e Não-Triss teve certeza de que essa pergunta era uma das que ele preferia não ter respondido.

– Ou, às vezes, rapidamente – ele acrescentou, e disparou para Não-Triss um olhar inquisidor. – Eu ousou dizer que você já reparou que existe certo instrumento humano que não vai com a nossa cara. – Com o segundo e o terceiro dedo ele imitou uma tesoura.

Não-Triss fez uma careta, e o Picanço ficou contente. Ela reparou que ele cortava os restos do fio com uma faquinha de serra feita de osso, em vez de uma tesoura.

– Uma faca é feita com uma centena de tarefas em mente – ele continuou, colocando fio na agulha de osso. – Esfaquear. Fatiar. Esfolar. Trinchar. Mas uma tesoura serve para apenas uma tarefa: cortar coisas em duas. Dividir pela força. Colocar tudo de um lado ou de outro, nunca no meio. Certeza. Somos seres do entre, então as tesouras nos odeiam. Querem nos cortar e encontrar nosso sentido, e não há sentido que se possa arrancar de nós sem nos matar. Tome mais cuidado ainda com as tesouras velhas, ou que foram feitas do modo antigo.

– Sim – Não-Triss admitiu, relutante. – Elas parecem me odiar mesmo... e acho que isso só está piorando.

– Quanto mais você age e pensa como uma de nós, mais elas a veem como uma de nós.

O Picanço foi inserindo de volta a videira roubada pelo buraco na pele dela, e a menina sentiu-a movendo-se dentro de suas entranhas feito uma cobra seca.

– Enfim – ele prosseguiu –, passamos por situação muito semelhante quando o seu povo começou a fazer mapas melhores. Os aviões voavam por cima e podiam ver tudo, e as ferrovias chegavam a todo lugar, e os andarilhos começaram a querer ter gráficos que pudessem seguir para achar os caminhos que levavam a lugares remotos. Fomos recuando e recuando, até que não havia mais para onde ir. Alguns tentaram defender seu território da certeza, alguns se rasgaram lutando pelo último pedaço de terra... – O Picanço fez um aceno distraído no ar, como se varresse embora décadas de uma sangrenta história. – Estamos perdendo. Estamos morrendo. Até que um de nós, o homem que vocês chamam de Arquiteto, veio até nós com um plano. Ele notara algo que o restante não tinha reparado, porque tínhamos nos afastado demais das vilas e cidades. Ousou passar por elas e chegou perto da cidade mais próxima. E certo domingo fez uma descoberta: os sinos da igreja não mais o machucavam.

– Sinos da igreja? – perguntou Não-Triss.

O Picanço fez que sim.

– Sempre os evitamos. Nos deixam loucos, com um zumbido na cabeça...

– É porque vocês são do mal – Pen correu sugerir.

– É a certeza – o Picanço a contradisse. – Todo domingo as pessoas sempre compareceram àquela cripta gelada para compartilhar sua fé, sua certeza: Deus está no céu, o pároco é seu mensageiro e está tudo certo com o mundo. – Havia uma alegria nos olhos dele que não tinha nada a ver com satisfação.

– Mas todo mundo acredita mesmo nisso! – Não-Triss exclamou.

– É mesmo? Ah, eles continuam indo mesmo, sem falta, escutar o sermão do pároco. Mas eles se lembram desse mesmo pároco lhes dizendo que a guerra era a guerra de Deus, que todos os jovens piedosos deviam largar as enxadas e pegar nas armas. E se perguntaram: É isso mesmo? Esse monstro que devorou nossos filhos era mesmo uma guerra de Deus?

O Picanço sorriu, e Não-Triss concluiu que não gostava nem um pouco dele.

– Eu não finjo que tenho certeza de que existe um Deus – ele prosseguiu – nem que as estrelas frias vão durar pra sempre. A guerra pertence à humanidade, e a ninguém mais. Mas para nós ela foi uma dádiva, isso eu posso dizer. A guerra

esmagou a fé. Todo tipo de fé. Antes da guerra, as pessoas mantinham suas posições, e nunca ficavam muito abaixo ou acima. E agora? Pobres e ricos morreram lado a lado nas trincheiras, e tinham todos basicamente a mesma aparência com a cara enfiada na lama. E os heróis que voltaram do inferno não se preocupavam mais em arrumar o topete enquanto passavam fome nas ruas. E as mulheres! Antes, elas se guardavam em seu caminhozinho de sempre e não pisavam na grama. Mas as que trabalhavam nas fazendas e fábricas durante a guerra gostaram de cuidar da própria vida, não? Então os maridos estão todos em pânico. Assustados. Incertos. E toda essa dúvida, esse chacoalhar dos fundamentos, havia mais disso nas cidades.

– Por quê? – Não-Triss perguntou, não querendo interromper demais o fluxo do Picanço.

– Porque as cidades são lindas... e um caos. Não são como as vilas, onde todo mundo se conhece e as raízes são profundas. Elas misturam centenas de pessoas e ideias feito químicos num frasco, até que tudo explode! As pessoas se perdem nas cidades. As paredes são erguidas bem altas e engolem as divisórias, e você vive cercado de estranhos. E tem os automóveis. Todo mundo sabe o que fazer com cavalos, mas e com os carros? Ninguém sabe o que fazer com eles! E ninguém que os dirige liga para regras! E eles levantam nuvens enormes de poeira, de modo que tudo é incerto, impossível de prever. É lindo.

– Então é por isso que vocês moram aqui? – Não-Triss tentou direcionar o Picanço para o tópico principal. – Foi ideia do Arquiteto?

– Isso. – O Picanço sorriu. – Ele é mesmo o arquiteto, de certo modo, entende? Dos melhores. Pode distorcer tijolos e argamassa em formatos de revirar os olhos e a mente se você olhar demais. Pode construir um palácio com centenas de quartos, e fazer que a casca de fora não seja maior que uma casa. Ele percebeu que o melhor jeito de encontrar lugares desconhecidos para nós seria construindo-os, de um modo que não aparecessem nos mapas. Mas ele sabia que não poderia fazer isso sozinho. Precisava de um aliado, um arquiteto humano. Ou melhor, um engenheiro civil, para posar como criador dos projetos dele, ou estes jamais seriam aceitos.

– O que ele tá dizendo? – Pen fitava o Picanço de modo inquisidor. – Ele tá falando do pai, né?

Não-Triss, contudo, compreendia muito claramente o que ele dissera, embora não quisesse acreditar. Ainda sentia o orgulho que a verdadeira Triss tinha pelo pai famoso, pelas Três Amazonas, todos os marcos que colocaram Ellchester no mapa...

– Todos aqueles prédios, os que fizeram o pa... o Sr. Crescent famoso. – Ela respirou fundo. – Ele não projetou nenhum deles, é isso?

– Quê? – Pen ficou pasma, chocada, quando o Picanço fez que não.

– Não – ele confirmou. – Mas ele se deu bem com o pacto.

– Qual foi a parte dele do pacto? – Não-Triss pensou em Triss, pobre e enganada Triss, que idolatrava o pai, e sentiu uma inesperada pontada de raiva por ela. – O que o Sr. Crescent teve que fazer em retorno?

– Ah, você não entendeu – respondeu o Picanço. – Esse era o lado dele no pacto. Ele foi muito relutante, no começo. Achou tudo muito esquisito. Foi preciso uma bela oferta pra fazê-lo mudar de ideia.

– Qual foi...? – Não-Triss não terminou a frase, porque sua mente já espiralava para longe dela, em direção à verdade.

– Foi logo depois do final da guerra – explicou o Picanço. – Milhares de rapazes ainda perdidos pela Europa, querendo voltar pra casa. As famílias, por aqui, faziam pente fino nos boletins, querendo ter notícias. Mas às vezes chegava uma notícia ruim. Seus pais receberam uma carta do comandante do seu irmão. Aquele estilo de sempre, junto dos pertences dele. Mas eles não quiseram acreditar. Então o Arquiteto disse ao seu pai que se ele topasse o pacto e lhe desse um desses itens, ele poderia falar novamente com o filho.

Finalmente aquelas cartas terríveis de Sebastian começavam a fazer sentido.

– Mas... cadê ele? – Pen explodiu. – Cadê o Sebastian? Por que ele não voltou pra casa?

– Porque ele morreu – respondeu o Picanço, calmo, porém impiedoso. – Ele não se foi, mas também não está vivo. Sinto muito. Está apenas... parado.

– Parado? – Não-Triss ficou de boca seca.

– Como a gente faz pra “despará-lo”? – perguntou Pen.

– Não faço ideia. Teriam que perguntar ao Arquiteto.

O Picanço abriu um sorriso que deixou claro que ele não esperava que elas fizessem nada disso.

– Qual foi a coisa que o Arquiteto pediu? – Não-Triss perguntou.

– Algo que pertencia ao seu irmão e que tinha a ver com a morte dele, eu acho. – O Picanço deu de ombros. – O Arquiteto nunca me falou muito disso, mas acho que era algo necessário pra cumprir a metade dele do pacto.

– Isso... – Não-Triss pensou no tom atormentado das cartas – foi um truque cruel, terrível! Ele devia saber que eles esperavam que o Sebastian voltasse pra casa! E agora ele tá preso em algum lugar... – Ela pensou então no modo como a família Crescent tinha se rompido e implodido, feito papel molhado na chuva. –

Isso não bastava? Por que o Arquiteto raptou Triss também? Ele já tinha feito tanto mal!

O Picanço pareceu genuinamente surpreso com o acesso dela.

– Pacto feito é pacto feito – disse, dando de ombros. – Se o Crescent não quis ouvir, problema dele. Queria acreditar numa mentira, então acreditou. E talvez tenha tido uma ou outra discussão quando não conseguiu o que queria, mas ele teve discernimento o bastante pra manter sua parte do pacto e construir os projetos do Arquiteto. Até alguns meses atrás, na verdade.

Mais alguns pedaços foram encaixados. O artigo de jornal. As conversas misteriosas que Não-Triss ouvira entre Piers e Celeste.

– Ele parou de construir o que o Arquiteto queria, não? – disse ela lentamente.
– Começou a trabalhar naquele subúrbio de Meadowsweet...

– Ele quebrou o pacto. – A voz do Picanço saiu feito veneno puro, como se ele nomeasse um pecado além da compreensão.

Não-Triss lembrou-se da reação do Arquiteto quando Pen sugeriu “contar”, infringindo as regras do pacto que tinha com ele. Sentiu um arrepio ao lembrar-se dessa perda de controle infantil, selvagem.

Vai romper nosso pacto!

– Não tem nada nesse mundo capaz de deixar o Arquiteto mais maluco – comentou o Picanço. – E é assim que ele está agora, e onde entra a família Crescent. Ele está com vingança na mente, pura e simples. Ele tem algum plano para a jovem Theresa, algo que será concluído em alguns dias, se quer saber. Porque é aí que você entra. Ele precisava que você ficasse no lugar da Theresa, pelo menos por tempo suficiente para ele fazer seja lá o que está planejando. Agora, quando ocorre uma troca desse tipo, geralmente basta deixar uma boneca comum camuflada com um feitiço simples de glamour... ou seja, um toque ligeiro para enganar os olhos. A boneca não precisa pensar. Se for uma boneca de bebê, ela apenas chora e pede comida, e murcha depois de passada uma semana. Se for mais velha, fica deitada como se num sono impenetrável, e vai definhando até morrer. Mas o Crescent sabe dos Outros, entende? Então o Arquiteto quis que você fosse mais convincente. Muito mais convincente. Aquela ali – ele apontou para Pen – trouxe-nos tudo de que precisávamos. Diários para dar lembranças. Coisas que sua doce irmã adorava, todas com um poder especial dentro de si. E então eu elevei minha arte ao limite... e te dei o poder de pensar. Lembrar. Acreditar que era Theresa. Agir. Sentir. E disfarcei o seu corpo de espinhos e palha com o mais poderoso feitiço que eu tinha, para te fazer andar e parecer humana. É por isso que as minhas bonecas aqui começaram a se mexer quando você chegou perto.

Entraram no raio de ação do feitiço. Elas não têm mente como você, mas podem fingir que têm, mas apenas enquanto o feitiço as toca.

– Então todas as minhas lembranças vêm do diário da Triss? – Não-Triss tentou não imaginar como seria se aquelas folhas caíssem pelas fendas nos quadris. – Mas... então eu me lembraria do que estava escrito, não? Eu me lembro de mais coisas... como eram as coisas e a sensação de ter estado lá. Lembro... de Sebastian.

– Os diários foram investidas nas lembranças de Triss – respondeu o Picanço. – São uma ligação, entende? Você só se lembra dos eventos escritos no diário, mas lembra do mesmo modo que ela se lembra. Pronto. – O homem partiu o fio e examinou seu trabalho. – Essas costuras devem segurar. – Ele lançou mais um olhar sagaz para Não-Triss. – E... não pude deixar de notar que tem materiais dentro de você que eu não coloquei. Mais coisas pertencentes à querida Theresa, certo?

Não-Triss ficou envergonhada. Não lhe ocorrera que os objetos que engolira seriam visíveis para o Picanço pelos buracos nas laterais do corpo.

– Então foi isso que você fez! Por isso continua assim tão vigorosa. Nesse ponto, eu imaginaria você largada na cama, doente, quase incapaz de erguer a cabeça ou conversar. Garota esperta. Não vai fazer diferença no fim das contas, claro, mas foi muito esperta.

O homem falara com postura jovial e satisfeita, e uma pequena chama discreta se acendeu no coração de Não-Triss. Ele a tinha feito, mas não era seu pai. Tinha o orgulho de um chef que saboreia sua obra de arte, mas não se importa com o que acontece com os restos do banquete. Não ia ajudá-la.

– Triss? – Pen olhou para ela. – O que ele quis dizer com “não vai fazer diferença no fim das contas”?

– Oh. – O Picanço olhou de uma para outra. – Que gracinha. Você não contou pra ela, né?

– Do que ele está falando? – Pen fitou Não-Triss de olhos arregalados.

– Infelizmente, ela não foi feita pra durar – explicou o Picanço, com uma discreta sombra de pesar na voz.

– Estou me desfazendo, Pen – Não-Triss disse baixinho. – Sou feita de pedaços, e estou perdendo todos, aos poucos. Por isso tenho fome o tempo todo, e fico emagrecendo.

– Quê? – Por um instante, Pen pareceu totalmente perdida, depois se voltou para o Picanço. – Então... coloque mais recheio nela! Tire pedaços delas! – Ela apontou para as outras bonecas.

– Não daria certo – o Picanço logo respondeu. – Gravetos e pedras podem fortalecer os ossos dela, mas a única coisa que a tem mantido de pé são os objetos associados à sua irmã *de verdade*. E até mesmo isso não vai ajudá-la daqui a dois dias, quando todos os encantamentos passarem.

O galo tremelicou nas mãos de Não-Triss e soltou um trinado abortado. O Picanço retraiu-se visivelmente, e lançou o olhar para uma das estreitas janelas.

– Está amanhecendo – murmurou, urgente. – Vocês duas têm que ir, rápido! Se estiverem aqui quando o sol nascer, esse pássaro vai cantar a plenos pulmões e... bom... isso seria péssimo pra todos nós.

Lembrando-se do modo como a gravidade começara a se regularizar durante o acesso de cantoria do galo, Não-Triss teve ideia do que o Picanço estava falando.

– Anda, Pen! – Ela conseguiu pegar de novo a mão da menina. – Temos que ir!

– Mas... você não vai morrer daqui a dois dias, né?

– Pen, por favor! Se não formos, vamos morrer *agora*!

Quando Não-Triss saiu pela porta, Pen logo atrás, viu o Picanço levar a mão à testa. Talvez tenha sido um aceno preguiçoso. Ou talvez estivesse ajeitando o chapéu.

Lá fora, na rua, alguns dos incansáveis tinham retornado. Havia toda uma crepitação, um farfalhar, como se fosse tudo feito de papelão e dava para sentir a chiadeira das faíscas.

O galo testou mais uma vez o canto e, num reflexo de pânico, Não-Triss apertou o embrulho que levava sob o braço como um acordeão, cortando o grito no começo e causando um cacarejo muito perturbador. Raios fracos de luz podiam

ser vistos escapando pelas dobras do tecido, como se Não-Triss fosse um pequeno sol enfaixado.

Chegava um sussurro baixo de todo canto, de cada pedra. Ele foi crescendo em tom, em volume, em ferocidade e em urgência.

Vá embora! Vá embora! Vá embora! VÁ EMBORA!

– Corre! – Não-Triss gritou.

Ela pôs-se a correr com Pen ao lado. Os prédios abriram caminho para a dupla, mãos invisíveis as empurraram pelas costas e então as agarraram e carregaram, de modo que seus pés quase não tocavam o pavimento. As ruas passaram num borrão, um mosaico distorcido de rostos que voavam e dedos que agarravam... e então o mundo caiu da cadeira, passou-se um segundo doentio de leveza extrema, e as meninas caíram uma em cima da outra sobre o pavimento de pedras geladas de um beco escuro.

As vezes se foram. As mãos grudentas se foram. Não-Triss ficou deitada na travessa da Nespereira, e ao seu lado, Pen, que se esforçava para sentar. O galo aproveitara a queda desajeitada de sua captora para recobrar a liberdade e cambaleava a alguns metros dali, muito confuso, agitando a cabeça. A crista molenga e o olhar perplexo fizeram-na rir e rir quando ela se lembrou de como o bichinho aterrorizara os moradores do Côncavo.

Olhando para cima, via-se apenas o arco negro e gracioso da parte inferior da ponte. Quando ela tentou passar o olhar pelo comprimento na direção da secreta vila de ponta-cabeça, contudo, alguma coisa nas linhas da arquitetura se contorcera, forçando e cansando seus olhos, de modo que ela não conseguiu mantê-los abertos. Já ouvira falar de ilusão de ótica. Ali, a luz tinha sido cuidadosamente manipulada para iludir.

As meninas tentaram recapturar o galo, mas ele escorregou por um buraco numa cerca de ferro, entrando num jardim bem aparado, um pouco mais adiante na via. Não-Triss teve preguiça de segui-lo, agora que o sol estava se pondo no céu.

Não parecia uma boa ideia demorar-se num local onde poderiam ser vistas. Ao analisar Pen, Não-Triss reparou que o colarinho da menina tinha sido rasgado, e as roupas, cobertas de marcas poeirentas de mão. Os cabelos escuros eram uma maçaroca embaraçada, e havia novos arranhões e hematomas no pescoço e nas bochechas. As roupas de Não-Triss tinham sido reparadas pelos pontos certos do Picanço, mas ela sentia que tinha pedregulhos nos cabelos e não se esquecia jamais dos pés descalços, encardidos.

Infelizmente havia mais pessoas indo daqui para lá, muitas indo para o trabalho. As duas meninas receberam um olhar curioso de uma dupla de operários de fábrica e de um leiteiro que manobrava sua bicicleta pela rua.

Não-Triss levou Pen até um parque onde sabia que havia uma fonte, para reparar os piores danos. Ela esperava resistência, mas, para sua surpresa, Pen aceitou, fechou bem os olhos e ergueu o rosto para que a outra pudesse limpá-lo com um lenço umedecido. Ela passou os dedos pelos cabelos de Pen, desembaraçando os emaranhados piores, e a menina fez careta, mas não reclamou. Ocorreu a Não-Triss que as duas encenavam os papéis de irmã mais velha e irmã mais nova, e teve uma sensação esmagadora de perda, como se alguém tivesse lhe mostrado algo imensamente precioso e depois levado embora para sempre.

Ela tem nove anos. E o que aconteceu com a Triss não foi culpa dela. Ela foi apenas um peão. Tinha muito mais a ver com o Sebastian.

Sebastian, preso num inverno eterno. “Parado” entre a vida e a morte. Ao pensar nisso, Não-Triss lembrou-se mais uma vez do solitário floco de neve flutuando até pousar entre os pés de Violet, e o gelo no interior das janelas. Neve e gelo. Se Violet cabia nesse estranho quebra-cabeça, onde se encaixava?

– Já tá bom. – Não-Triss terminou de limpar o rosto de Pen. – É melhor a gente voltar e falar com a Violet.

Ao sair do parque, Não-Triss olhou para trás e viu Pen curvada, mexendo na grama.

– Pen, que foi? Que tem aí?

Pen correu para alcançar a outra, o rosto fixo de concentração. Ela estendeu as mãos para Não-Triss e as abriu. Estavam cheias de folhas secas, gravetos, pedaços de barbante, uma carta de cigarro úmida e pisada, e um pedaço rasgado de sacola de papel.

– Estavam no chão – Pen declarou, sincera. – Na rua, atrás de você, enquanto a gente andava... e na grama, no parque. Acho... acho que são pedaços de você, então eu peguei. Pra gente poder pôr de volta.

Não-Triss fitou o lixo nas mãozinhas sujas de Pen e sentiu brotar lágrimas de teia nos olhos.

– Sim – disse, gentil. – Acho que tem razão. Vou... vou pegar, e pôr de volta mais tarde. Obrigada, Pen.

Assim que as meninas chegaram à rua de Violet, Não-Triss reparou que Pen tinha ficado para trás mais uma vez. Quando a mais nova a alcançou de novo, trazia dois pares de sapatos, um em cada mão.

– Pen! Onde pegou isso?

– Só peguei emprestado! – a outra protestou. – Que nem o gallo!

Não-Triss suspirou, achando que talvez não estivesse dando o melhor exemplo como irmã de mentira.

– Além disso – Pen prosseguiu –, você precisa pôr sapatos. E eu trouxe mais um par para você poder comer se tiver fome.

Nada poderia persuadir Pen a devolvê-los. Ao vestir um dos pares de sapatos roubados, Não-Triss tentou consolar-se pensando que Pen devia ter razão. Para não ficar com a aparência de bicho do mato, era preciso mesmo pôr sapatos.

A dupla aproximou-se da porta da pensão onde morava Violet, e ao fazê-lo Não-Triss percebeu que elas tinham demorado demais para tentar voltar. As maçanetas de cobre das portas estavam sendo polidas por uma mulher de meia-idade de vestido florido, com longos colares de contas. O corpo tinha formato de pera, como se ela fosse feita de cera e tivesse derretido um pouco à luz do sol. Não havia nada de suave ou cálido em sua cara de concentrada nem nos gestos alegres.

Não-Triss e Pen pararam na rua e ficaram olhando, sem saber o que fazer.

A mulher lhes lançou uma olhadela curta e grossa.

– Não temos problemas com moscas, obrigada – ela declarou, seca.

Como as meninas não deram sinal de ir embora, apenas de que ficaram confusas, a senhora lançou mais um olhar reprovador.

– Bom, suponho que vieram aqui pegar moscas, paradas aí com essas bocas abertas. Agora, fechem-nas e saiam daqui. Isso aqui não é um espetáculo.

– Vimos ver Violet Parish – disse Não-Triss, torcendo para que esse nome lhes concedesse a entrada. Presumivelmente, a senhora em questão era a proprietária, a que Violet descrevera como “uma velha chata”.

– Somos primas dela – Pen correu acrescentar.

A proprietária estreitou os olhos e espiou por cima das bochechas derretidas para Pen.

– Pensei que a família dela...

– Sim, eles a expulsaram! – Pen retomou com entusiasmo. – Mas... nosso pai nos mandou porque meu pai quer botar panos quentes. O que seria ótimo, nesse frioziinho.

A proprietária examinou as duas, e Não-Triss viu a desconfiança passar para um olhar de curiosidade.

– Bom, se bem conheço a Srta. Parish, ela ainda não saiu da cama... então que tal vocês entrarem para esperar? Minhas amigas estão tomando café agora

mesmo. Que tal um pãozinho com manteiga?

O que fazer? Não podemos ficar na rua.

– Seria muita gentileza sua – Não-Triss respondeu, tímida, e logo as meninas foram recebidas novamente pela pensão, mas dessa vez não como intrusas.

Entrar no salão foi um pouco como entrar num enorme pavê cor de ameixa enrolado em tecido. Havia um piano de parede antigo, perfeitamente polido, mas sem banco. Por cima dele jaziam diversas fotografias reunidas da realeza em moldura de tartaruga.

As “amigas”, no caso, eram a Sra. Waites, que tinha perdido o marido na guerra, e a Sra. Perth, que tinha perdido o marido “na África”. Os dentes da primeira, entortados para a frente, faziam o chá borbulhar e o sorriso parecer cara de fome. Já a outra era uma senhora de olhinhos marejados que se sentava muito endireitada, comia seu café da manhã com zelo e dignidade e não dizia quase nada.

As meninas ganharam bancos tão baixos que a beirada da mesa veio quase encostar nos ombros.

Quando a proprietária colocou um prato de pão com manteiga para Não-Triss, ela teve um surto familiar demais de voracidade. Sua mão direita começou a avançar para o pão por vontade própria, mas Pen correu agarrá-la pelo pulso com as duas mãos e segurou firme.

– Triss! – ela sibilou com urgência. – Não pode!

– O seu nome é Triss, querida? – perguntou a Sra. Waites. – Que nome curioso!

Essas palavras sacudiram Não-Triss, resgatando-a da bruma de apetite. Não fazia nem um minuto que estavam na casa e já tinham revelado o nome de uma delas.

– Eu não disse “Triss”. – Mais uma vez Pen veio para o resgate, feito um cavaleiro montado cruzando um campo minado. – Eu... disse... Triss... Trista. O nome dela é Trista.

– Que lindo! – A Sra. Waites abriu um sorriso brilhante. – É como no francês?

– Isso! – Pen declarou impulsivamente, depois hesitou, os olhos ardendo de curiosidade. – O que quer dizer em francês?

Não-Triss ficou meio tensa, mas a Sra. Waites estava muito interessada em mostrar sua sabedoria e não pareceu notar a falta de cabimento da pergunta de Pen.

– “Triste” também significa triste em francês.

– Meu nome é Ruby – Pen anunciou, a boca cheia de pão. – Ruby Victoria, como a rainha.

– São primas da Srta. Parish – explicou a proprietária, muito terna, mas enfática –, vieram tentar resolver uns probleminhas familiares.

– Mas que fofinha! – respondeu a Sra. Waites prontamente, e pôs-se a servir chá para “Trista” e “Ruby”.

– Bom, eu tenho muita pena da Srta. Parish. O noivo faleceu na guerra, não foi? – Houve um brilho de compaixão misturado a satisfação quando as meninas fizeram que sim. – Uma de nossas meninas à deriva.

– Como assim à deriva? – perguntou Pen.

– Que sobraram, querida. Posta de lado. – A proprietária falava com confiança, como se discutisse uma queixa médica. – Tantos rapazes jovens morreram na guerra, sabe, que agora tem um milhão de moças que não conseguem arranjar marido.

– Elas todas deviam ir às colônias – declarou a Sra. Perth num tom altivo, rouco e distinto. – Há uma porção de pretendentes aceitáveis lá precisando de esposas saudáveis.

– Não creio que a Srta. Parish tenha muitas condições – objetou a Sra. Waites. – Não, ela devia ser mais humilde e voltar pra família. Não fica muito bem uma menina vinda de família de respeito ficar trabalhando desse jeito...

– ... tantos homens desempregados atualmente... – contribuiu a proprietária.

– ... que ganham o pão, chefes de casa, alguns são ex-soldados – continuou a Sra. Waites, falando baixinho. – Foi tudo muito adequado, as mulheres tomando conta durante a guerra, mantendo o país nos eixos... mas infelizmente algumas acabaram gostando.

– Gostaram mesmo é do dinheiro! – exclamou a proprietária. – Zanzando por aí com casaco de pele de foca!

– Onde a Violet trabalha? – Não-Triss interferiu.

– Onde ela não tem trabalhado! – A proprietária ergueu as duas mãos e deu uma olhadela rápida e significativa para o céu. – Ela foi garçonete no café Lyons, vendedora em várias lojas, assistente pessoal... mas é sempre a mesma coisa. Ela chega atrasada, sai mais cedo e nunca está lá quando precisam. Não consegue segurar emprego por mais de mês.

– E agora – a Sra. Waites analisou as duas meninas, aparentemente julgando se alguma delas seguiria os passos da prima –, agora ela diz que é mensageira. Zanza por aí naquela motocicleta dela, trabalhando pra qualquer Tom, Dick ou

Harry que lhe ofereça trabalho. E é extremamente misteriosa com relação às entregas.

– Rude, até – fungou a proprietária.

– Me conte, antigamente, a Srta. Parish mostrou algum sinal de que poderia agir de modo um tanto... selvagem?

Antes que as meninas pudessem responder, contudo, uma figura sonolenta apareceu na porta do salão. Violet estava de cabelos despenteados, maquiagem aplicada às pressas e uma tromba grande o bastante para indicar que ouvira as últimas palavras ditas.

– Sim – declarou, respondendo à questão que ficara pendurada no ar. – Passei a infância toda completamente nua.

Ao olhar ao redor do cômodo, ver as duas meninas sentadas à mesa pareceu acionar nela um modo de alerta. Ela as fitou com expressão inquisidora.

– Prima Violet! – Pen chamou com entusiasmo um tanto maníaco. – O papai nos enviou pra falar com você, pra você ser um pouco mais humilde e voltar pra família!

Violet soltou um resmungo grave e tocou a ponte do nariz.

– Oh, é mesmo, ele fez isso? – murmurou. – Que delicadeza. Que tal eu levar vocês duas pra tomar um sorvete e assim conversarmos sobre isso?

As três mulheres à mesa do café pareceram desapontadas conforme seu espetáculo matinal abandonou o palco para encenar o ato seguinte nas coxias.

Violet não disse nada às meninas enquanto saíam da pensão, mas ficou o tempo todo de cara fechada, muito brava. Ela as levou além da rua para uma casa de chá escura, de janelas empoeiradas. O local estava quase vazio, então foi fácil encontrar uma mesa solitária. Quando o dono do estabelecimento, um senhor velhinho, trouxe um chá fraco com biscoitos muito ínfimos e depois correu de volta à cozinha, Violet finalmente soltou uma baforada comprida de exasperação.

– Mas será possível? – Ela jogou o cabelo para trás, frustrada. – Pen, eu disse o risco que seria pra mim deixar vocês ficarem comigo sem avisar os seus pais. Eu posso entrar numa fria. Uma baita duma fria, entendeu? E eu disse que esperava ouvir uma explicação pra tudo isso – ela fitou Não-Triss – quando acordasse. Em vez disso, as duas sumiram do meu quarto. E daí eu desço e encontro vocês tomando café com a proprietária!

– Mas a gente não contou que passou a noite no seu apartamento! – Pen protestou.

– Já estávamos lá fora quando ela nos viu – Não-Triss acrescentou. – Ela nos convidou pra entrar.

– Então vocês disseram que eram minhas primas? – Violet perguntou.

– Mas não tem problema! – Pen protestou. – Ela acreditou na gente!

– Claro que tem problema! – Violet ficou ainda mais exasperada. O sino da porta tilintou, e ela deu um pulo, olhou para ele, depois continuou, falando mais baixo. – Se aquelas velhas enxeridas fizerem perguntas, vão descobrir que só tenho primos homens. E agora vocês foram vistas aqui, me visitando. Entenderam? Se seus pais vierem à pensão fazer perguntas, alguém vai contar que vocês estiveram aqui. Eu posso arranjar problemas com a polícia, Pen. Agora, me contem o que está acontecendo, e me deem um bom motivo pra eu não levar vocês de volta para os seus pais *agora mesmo*.

– Na verdade – disse uma voz macia e honesta por trás das duas meninas –, isso seria a melhor coisa a fazer.

Não-Triss girou no assento, mas já sabia quem ia ver. Ali, a menos de dois passos, estava o alfaiate, Sr. Grace.

O Sr. Grace estava bem na frente dela, com seu sorriso gentil e os olhos bondosos e honestos.

Ao vê-lo, o mundo de Não-Triss perdeu a cor e a beleza. O horror foi puro e ofuscante, como olhar direto para um flash de câmera. Seu corpo pareceu funcionar por vontade própria, e ela ficou apenas assistindo-o saltar da cadeira, dar a volta na mesa para afastar-se do homem e mergulhar no canto do café, atrás de Violet. Sua pele pinicava com o calor daquelas chamas inesquecíveis. Ela mal se lembrava de como se respirava.

– É ele! É ele! – Pen gritava. – Foi ele! Ele tentou queimar a Triss! Ele mandou papai jogá-la no fogo!

A menina também passou para o lado de Violet, de modo que as três ficaram de frente para o Sr. Grace, por detrás da mesa, com a parede nas costas.

– Srta. Parish! – tentou começar o alfaiate por cima do falatório de Pen, com sua voz calma e carinhosa. – Srta. Parish, por favor, escute...

– Todo mundo ~~cala a boca~~ agora! – Violet berrou, ficando de pé, e foi recompensada por um silêncio forçado.

Durante a pausa, a senhora que comandava a casa de chá abriu a porta da cozinha e olhou ao redor com uma cara esquisita, pelo visto para investigar de onde viera o berro, depois ergueu as sobrancelhas e se retirou.

– Melhor assim – declarou Violet, a voz um tanto insegura, como se ela não esperasse ser de fato obedecida. – Agora, você sabe o meu nome, senhor. E eu tenho certeza absoluta de que não sei quem você é. Então quem é você, e que diabos tá acontecendo?

– Talvez seja melhor você ler isso aqui. – O Sr. Grace não avançou, permanecendo um passo atrás da mesa, mas sacou uma carta e cuidadosamente estendeu-a para Violet.

Com ar de relutância e desconfiança, ela a aceitou, desdobrou e começou a ler.

Atrás de Violet, Não-Triss podia ver muito pouco do rosto da moça, mas o suficiente para observá-la franzir ainda mais o cenho. Partes da carta eram também visíveis, contudo, e Não-Triss reconheceu a letra de Piers Crescent.

...peço que ajudem a pessoa que porta esta carta, o Sr. Joseph Grace, a recuperar minhas filhas Theresa e Penélope...

Estava tudo acontecendo de novo. Violet daria ouvidos ao Sr. Grace. Todo mundo sempre dava ouvidos ao Sr. Grace. Todos os adultos. Violet era mais expansiva, só que ele era mais calmo, e essa calma acabaria sobrepujando a extroversão da moça. Estava tudo acontecendo de novo.

Não-Triss tinha que fugir. Todos eram seus inimigos. Ela tremia feito uma bandeira ao vento. Por ora ela encostou ainda mais na parede, tanto que as paredes apertaram seus ombros.

– Srta. Parish, você não fez nada de errado. – O alfaiate continuou a falar num tom comedido e firme, mantendo contato visual com Violet. Mantinha as mãos erguidas e abertas, como se o temperamento de Violet fosse um revólver apontado para ele. – Tenho certeza de que as meninas apareceram à sua porta num estado lastimável. Você cuidou delas e tentou acalmá-las, para poder decidir o que fazer em seguida. Qualquer pessoa sensível e razoável teria feito o mesmo. Você as manteve a salvo, e tenho certeza de que os pais delas ficarão gratos. Mas como pode ver pela carta, fui enviado como representante do Sr. e da Sra. Crescent, que estão desesperados para rever as filhas. Srta., sinto muito por ter que incomodá-la ainda mais, mas preciso pedir sua ajuda: precisamos levar Penny e Theresa para casa.

– Não dê ouvidos a ele, Violet! – Pen gritou.

– Pen, pode ficar quieta? – Violet ralhou, depois voltou sua atenção ao alfaiate. – Sr... Grace, isso? Esta carta... – ela deu um estalinho no papel com o dedo – diz que você foi enviado pelos pais de Pen e Triss, sem dúvida. Mas tem muita coisa que ela não me diz. Eu ainda não sei quem você é nem o que aconteceu pra que essas duas tenham fugido.

O Sr. Grace hesitou, apertando os lábios.

– Existem alguns problemas familiares delicados que para mim seriam desconfortáveis discutir sem a permissão do Sr. e da Sra. Crescent – respondeu o homem, calmamente.

– Bom, você vai ter que discutir sim se quiser passar por cima de mim! – O temperamento de Violet tinha novamente se libertado das rédeas, pelo visto, tendo a moça esquecido a intenção de manejar o linguajar na frente das meninas. – Triss ficou aterrorizada só de ver você, e quero saber por quê!

Em meio ao torpor do medo, Não-Triss sentiu as rodas do desastre se prenderem numa pedra inesperada. O Sr. Grace jogara seu trunfo, sua vitória seria inevitável. Contudo, esse inevitável parecia não ter acontecido ainda.

– Muito bem. – O Sr. Grace suspirou. – Que seja. A família não quer que isso se espalhe, mas... tem um problema com a jovem Theresa. Você sabia que ela

andou doente um tempo?

Violet fez que sim.

– Talvez – continuou o alfaiate – você também saiba que às vezes uma febre severa causa... efeitos duradouros. Theresa ficou muito doente recentemente, e desde então tem andado, bem, imprevisível. Extremamente imprevisível. – A voz do homem era delicada, mas resoluta. – Ela precisa urgentemente de tratamento adequado, para seu próprio bem, e para o bem de todos ao redor. Infelizmente, parece que a primeira etapa do tratamento a deixou assustada e confusa, então ela fugiu...

– Violet! Violet! Violet! – Pen puxava Violet pela manga da blusa, quase aos prantos. – Não acredite nele, Violet! Não pode acreditar! Não pode.

Contudo, Não-Triss sabia que Violet poderia sim acreditar nele e acreditaria. Por um lado havia um Sr. Grace, um adulto respeitável portando a autoridade do grande Piers Crescent, e do outro, uma menina maluca cujas palavras não podiam mais ser levadas em conta. Havia Pen, também, claro, mas ninguém nunca, jamais lhe dava ouvidos.

Com a lucidez esquisita do pânico, Não-Triss passou os olhos por todo o cômodo. *Chá quente no bule. Posso jogar em alguém se precisar. Porta da cozinha. Mas talvez não tenha como sair pelos fundos. Porta da frente...*

Havia algo pendurado na plaquinha de “aberto/fechado” que não estava lá quando elas entraram. Uma tesourinha. O alfaiate bloqueara a rota de fuga.

– Preciso que você leve Penny para casa – continuou o homem. – Eu cuido de Theresa. Sei que sou um estranho pra você, mas tem que confiar em mim.

– Esse tratamento – Violet disse lentamente –, ele envolvia... fogo?

O Sr. Grace hesitou um pouco demais.

– Fogo?

– Isso, fogo. – A voz de Violet tinha um quê de metálico. – Triss está apavorada com fogo. Reparei isso ontem à noite. E morre de medo de você. Por que seria?

O Sr. Grace hesitou, como se analisasse um tabuleiro de xadrez e compreendesse a inevitabilidade do xeque-mate. Seu olhar de tristeza ficou ainda mais triste.

– Por causa disso – ele respondeu, depois tirou um punhado de pequenos objetos de metal dos bolsos, que jogou na mesa.

Algumas tesouras abriram-se ao pousar. Muitas eram velhas e enferrujadas, outras pareciam ter sido moldadas à mão. Todas fizeram algo cantar nas veias de Não-Triss. Elas a odiavam. As lâminas podiam sentir a presença da pele dela.

O berro que fora contido dentro dela desde a aparição do Sr. Grace finalmente lhe escapou. O papel de parede inchou, estourou e rasgou. Numa mesinha perto da porta, painéis de barro explodiram feito pratos levando tiros de rifle.

Violet xingou violentamente e girou para ver Não-Triss. Seu rosto estava branco feito papel.

– Olhe pra ela! – disse o Sr. Grace. – Srta. Parish, olhe bem pra ela! Sinto muito ter enganado você antes... mas eu queria ter evitado essa cena, para o seu bem. Agora, *por favor*, pegue a mão de Penny e a tire de perto dessa criatura. Não é Theresa. Acho que agora você entende. Rápido! Vocês duas estão em perigo!

– Triss! – Pen sibilou, urgentemente e em vão. – Não! Não! Você tem que parar!

O rosto da menina era medo puro, mas Não-Triss apenas compreendeu o que ela dissera quando olhou para as próprias mãos e viu as garras-espinhos compridas estendidas nas pontas dos dedos e os rasgos finos e profundos que já tinham feito na parede. Soube então que sua boca já se tornara um horror de espinhos, e seu semblante, algo selvagem e doentio.

Violet não tirava os olhos do rosto de Não-Triss, com uma expressão obscura, aterrorizada e muito surpresa.

Não-Triss conseguiu finalmente recobrar a fala.

– Sinto muito. – Sua voz ainda estava rouca por ter gritado, e ressoava de um jeito estranho, feito brisa subindo pelo fumeiro da chaminé. – Eu não sou a Triss. Pensei que fosse, queria ser, tentei ser, mas não fui boa o bastante. Não *consigo* ser. Sou outra coisa, mas não é culpa minha. E quando descobriram que eu não era a filha deles, tentaram me jogar no fogo. Acharam que isso traria a filha deles de volta, mas não vai trazer. Só vai me matar.

– É uma pena mesmo – murmurou o Sr. Grace, pesaroso, como se respondesse a um pensamento não dito. – O instinto da criatura é atingir o emocional, mesmo quando sua máscara já caiu. Como um cuco tentando cantar.

Violet fitava Não-Triss com olhos arregalados, aparentemente hipnotizada. O clima pesado por detrás de seus olhos colocou-se em movimento, nuvens negras tomavam o céu. Então sua carranca fechou-se ainda mais e ela voltou-se para o Sr. Grace.

– Certo – resmungou. – Já entendi. Ela não é Theresa.

A tensão do homem pareceu ceder ligeiramente ao alívio.

– Obrigado, Srta. Parish, eu...

– O que significa – Violet continuou, com a resiliência férrea de um torpedo – que ela não é a filha do Sr. Crescent, e que ele não tem direito algum sobre ela. Portanto, você também não. Então ela vem comigo.

Subitamente os pulmões de Não-Triss inflaram de muito, muito ar, tanto que ela nem soube o que fazer com ele.

– Por favor, não faça isso! – exclamou o Sr. Grace. – Pense em Penny! Pelo menos me deixe levá-la de volta para os pais! Lembre-se, a carta me concede autoridade...

– Não, não concede. – Violet amassou a carta e meteu no bolso. – Não mais. – Ela inclinou para a frente e fechou a cara. – Então acho que você não vai levar Pen também. Agora saia do meu caminho, ou vou começar a gritar aqui. Eles me conhecem... e não fazem ideia de quem é você. Em quem acha que vão acreditar?

Vendo Violet e o Sr. Grace encarando um ao outro, por trás da mesa, Não-Triss reparou que os dois tinham quase a mesma altura. Ficou pasma, porque o Sr. Grace tinha se transformado discretamente numa enorme coluna de fogo em sua imaginação. Somente então, quando ele não parecia mais invencível, ela enxergava finalmente que ele nem era muito alto para um homem. Violet era sim alta para uma mulher, teimosamente esguia feito um cardo.

– Violet – Pen entrevistou –, ele não para de olhar pro relógio.

Tardiamente, Não-Triss reparou que Pen tinha razão. O Sr. Grace ficara olhando repetidamente para alguma coisa na parede atrás delas.

Estivera de olho na hora. Esperava que algo acontecesse. Talvez quando vira as três entrando na casa de chá, não as seguira de imediato. Talvez tivesse enviado um táxi ou uma mensagem para alguém... talvez até para Piers Crescent.

Houve um instante de hesitação geral, momento em que a verdade veio à tona, e todo mundo reparou que os demais estavam prestes a fazer alguma coisa.

O Sr. Grace saltou para o lado, braço estendido para bloquear qualquer tentativa de fuga, assim que Pen jogou sua xícara de chá frio na cara dele. Violet meteu uma joelhada na mesa por baixo do tampo, tombando-a para a frente, arremessando louça, tesouras e tudo mais para o chão. O alfaiate saltou para trás por reflexo, e Violet chutou a mesa de novo, derrubando-a de costas no chão feito uma tartaruga.

– Fujam! – ela gritou.

Agora havia uma passagem por cima da mesa tombada. Pen e Não-Triss pularam por cima dela sem pensar duas vezes. Pelo canto do olho, Não-Triss viu o Sr. Grace lançar-se sobre ela, mas de repente Violet apareceu no meio e deu com

um pote de barro na cabeça dele, e enfim os dedos dele não alcançaram a menina.

Na porta que dava para a rua, o medo a congelou onde estava, e ela ficou paralisada olhando para a tesoura pendurada. No instante seguinte, entretanto, Pen abriu a porta com tudo, e a tesoura então podia apenas morder, inofensiva, Não-Triss por detrás do vidro. As duas se lançaram para o pavimento e correram para a motocicleta de Violet.

– Entrem no carrinho! – Violet surgiu de dentro da casa de chá e correu atrás delas, o rosto vermelho, o cabelo bagunçado.

As meninas obedeceram. Pen entrou logo depois de Não-Triss, com dolorosa pressa. Violet não se importou de vestir protetores nem quepe, apenas montou na moto.

A moça meteu o pé na alavanca de arranque, e o mundo foi inundado pelo rugido triunfante do motor da motocicleta. A arrancada foi tão súbita que deu um tranco na cabeça de Não-Triss, sacudindo-lhe o pescoço.

As vias estavam todas engarrafadas, mas Violet não parecia dar a mínima para o fato. Passou costurando por entre dois carrinhos, desviou de um carro que vinha na direção oposta, cruzou linhas de trem e chegou perigosamente perto dos cascos largos e peludos de um cavalo shire. No fim da via, Violet ignorou os acenos furiosos de um policial e cortou a trajetória de um enorme Sunbeam verde que Não-Triss conhecia muito bem. Por um segundo ela pensou ter visto Piers Crescent no banco do motorista, congelado por trás do vidro como uma fotografia.

Então elas passaram, e pegaram a entrada seguinte, e nada do que poderia tê-las parado conseguiu. O tráfego parecia simplesmente abrir caminho para o trio de novo e de novo, feito vacas para um cão pastor. Havia poeira na boca de Não-Triss, e sua mente girava e cantava que nem um disco no gramofone. As rodas do desastre foram destruídas por um buraco na estrada. O inevitável fora evitado.

Finalmente, Violet parou a moto numa rua calma, perante as docas. Mesmo depois que o motor silenciou, ela não desmontou; continuou sentada, com as mãos no rosto, quase como se estivesse rezando. Se era uma oração o que ela murmurava, contudo, era composta por todos os palavões que Não-Triss já tinha ouvido, e alguns que ainda não.

- O que aconteceu com o Sr. Grace? – Pen perguntou, rompendo o silêncio.
- Ele vai ficar bem – Violet murmurou, sem olhar para elas.
- O que você fez com ele? – Pen insistiu, sussurrando.

– Você vai entender algum dia – resmungou a moça. – Mas não serei eu quem vai te explicar. – Ela olhou por cima das duas meninas, o rosto sujo de poeira, e fez uma careta. – Podem saltar.

As meninas “saltaram”, e as pernas de Não-Triss cederam na hora. Sua mente ainda girava e cantava, ainda mais tonta por causa da fumaça do motor, e os membros tremiam, descontrolados. Quando ela tentou falar, encontrou a boca ainda cheia de dentes-espinhos. Sem querer, desatou a soluçar, os olhos enchendo de teias de aranha. Seu mundo ficou todo embaçado.

Subitamente havia dois braços fortes a envolvendo, abraçando forte, mais apertado do que os pais de Triss jamais ousaram abraçá-la. Violet cheirava a óleo, cigarro e algum perfume gostoso. O casaco roçou áspero contra o rosto da menina. Não-Triss sentia que Pen estava junto, esforçando-se para participar, descansando a cabeça nas costas da outra.

– Você é toda espinhuda – sussurrou Pen, trocando de posição.

– Vou machucar vocês – sussurrou Não-Triss. – Meus espinhos... vão te machucar.

– Quem, eu? – respondeu Violet. – Não seja boba. Sou dura feito pedra. Tenho casco de couraçado.

Violet não era fria; nem metálica feito pedra nem feito um navio de guerra. Era quentinha. Sua voz saiu um pouco trêmula, mas seu abraço era firme como as montanhas ou o horizonte.

Havia uma casa de barcos à beira da água, então Violet levou a moto lá dentro, com as meninas demonstrando solicitude ao tentar empurrar o carrinho lateral. O teto não era consertado fazia muito tempo, e tinha um monte de fendas brilhantes pelas quais vazava a luz do céu. O piso de concreto estava grudento, com poças antigas.

Numa das paredes havia uma pilha de caixotes quase secos, que serviram muito bem como bancos. Violet largou-se num deles, limpando o rosto encardido com um lenço, deixando manchas vermelhas ao esfregar as bochechas.

– Não se preocupem, ninguém entra aqui – ela disse, evidentemente notando a tensão trêmula de Não-Triss. – Pelo menos não durante o dia. É muito úmido pra estocar qualquer coisa, e ninguém vai vir buscar isso aqui. – Ela deu um tapinha no caixote com a palma da mão. – São só um monte de brinquedos enviados da Alemanha alguns anos atrás, feitos à mão, parte das compensações por terem causado a guerra. Entrou água nas caixas, então... oh, Pen! Pare com isso!

– Não tô fazendo nada de errado! – Pen protestou, mergulhada até os cotovelos num dos caixotes. – Você disse que ninguém vai vir buscar isto aqui!

– Isso porque está tudo enferrujado e estragado – Violet explicou. – Bom... não venha chorar pra mim se você tiver uma gangrena e tiverem que serrar seu braço fora.

Pen abriu um sorriso para Não-Triss, mostrando uma aeronave de latão que circulava seu mastro fazendo um zumbido. A outra observou o brinquedo com fascínio, e uma sensação de vazio. Compensações pela guerra. Sentimos muito pelos seus filhos mortos. Fiquem com esses aviõezinhos de brinquedo no lugar deles. Então ela imaginou como deviam sentir-se as famílias que também perderam filhos e ainda por cima tinham que fazer brinquedos para as crianças britânicas, como pedido de desculpas.

Não-Triss aninhou-se num caixote-banco ao lado de Violet. Sua pulsação começava a retornar à frequência normal, e seus dentes se pareciam com dentes normais quando ela passou a língua por cima deles.

Violet colocou um braço por cima de cada menina.

– Bom, e agora? – ela disse baixinho, e esperou.

Pen e Não-Triss trocaram um olhar, e aos trancos e barrancos começaram a explicar.

Foi uma bagunça só, cheia de olhares trocados quando as meninas resolviam o que iam dizer, seguidos por acessos e exclamações atabalhoados, contradições e repetições, a maioria fora de ordem.

Violet escutava sem interromper enquanto as meninas lhe contavam sobre o pacto acertado entre Pen e Arquiteto, a abdução de Triss, a chegada de Não-Triss, a esquisitice de bonecas e tesouras, o encontro com o Sr. Grace e a fome sobrenatural da mais velha. Foi somente quando esta descreveu o encontro com a senhora-pássaro, bem como o conteúdo da misteriosa carta que tomara desta, que Violet a fitou com mais atenção.

– Era uma carta do Sebastian? – disse num tom áspero.

Não-Triss quis mudar de assunto, receosa de que sua nova aliada não acreditasse nela.

Após alguns instantes, Violet pareceu reparar que estava de olhos escancarados, e desviou-os.

– Tem certeza disso? – perguntou mais calmamente.

– Tenho – Não-Triss respondeu, meio tímida. – Estava escrita à mão. E... tinha a data do mesmo dia.

Violet olhou para a porta da casinha, e para o quadrado de água brilhante além. Passou alguns segundos ponderando, como se resolvesse comer ou não um quebra-queixo.

– Conte-me – disse ela. – O que dizia a carta?

Não-Triss recontou as palavras o mais corretamente que pôde.

– Num lugar em que neva – disse Violet finalmente, quase sem fazer som. – Ele está num lugar em que neva. – Ela hesitou, e então muito delicadamente balançou a cabeça. – Mas não pode ser – acrescentou, com suave fatalidade. – Ele se foi. Chegou uma carta. Ele morreu.

– Mas nós descobrimos isso também! – explodiu Pen. – Ele tá...

A menina se conteve abruptamente, e respirou fundo meio litro de ar. Olhou para a outra, perdendo toda a coloração do rosto.

– Pen! – Não-Triss interviu. – Tá lembrada? A gente não pode falar pra ninguém da conversa que tivemos no...

Nesse instante Não-Triss sentiu exatamente o mesmo que Pen sentira. Quando estava prestes a pronunciar a palavra “Côncavo”, teve uma sensação nauseante de torpor e perigo iminente. Era como se estivesse a um passo do

precipício, com um dos pés flutuando sobre o espaço vazio e letal. Como Pen, ela cortou a frase, retraiu-se e respirou fundo, chocada.

Ambas haviam prometido não revelar a existência do Côncavo, nem de nada que descobriam enquanto estiveram lá. Pela primeira vez, então, ela compreendia o poder de tal promessa. Nesse momento ela entendeu que se dissesse mais uma palavra, algo de terrível lhe aconteceria, algo que faria todos os obstáculos superados até então parecerem triviais em comparação. A sensação de ameaça fora tão intensa que ela aceitou que jamais juntaria forças para quebrar a promessa.

– Que foi? – Violet fitava as duas, atônita.

– Tem coisas que não podemos contar pra você – Não-Triss explicou. – Acabamos de tentar... e descobrimos que não podemos.

– Fizemos uma promessa mágica, e agora ela não deixa a gente falar! – Pen acrescentou, ruborizada de frustração.

– Promessas mágicas – murmurou Violet. – Arruaceiros feitos de folhas. E cartas de... pessoas que não podem ter escrito cartas. Se algum dia eu tiver que explicar isso à polícia... – A moça soltou uma risada seca feito tosse, mas não estava zombando das meninas.

– Violet – Não-Triss soltou, impulsiva –, você... tem alguma coisa de mágico?

– Não. – Violet soltou uma bufada e esfregou os olhos irritados. – Uma médium um dia me disse que eu tinha “alma de argila” porque eu ri da cara dela. Não, não tenho nada de mágico.

– Então... por que você deixa os lugares frios se passa muito tempo neles? – Não-Triss perguntou.

Por um longo momento Violet ficou calada, admirada e assustada. Depois ela largou o rosto nas mãos e balançou a cabeça.

– Ah, meu santinho... – disse ela entredentes – como eu queria saber.

A moça ergueu o rosto, e Não-Triss enxergou naqueles escuros olhos cinza muita angústia, incompreensão e um pouco de alívio. Quando Violet tornou a falar, foram palavras ditas com dolorosa pressa, quase atropelando umas as outras, como gente escapando de um prédio em chamas.

– Isso não acontecia antes! Antes eu podia ficar num lugar o quanto quisesse sem que os termômetros despencassem. Daí, um dia, veio a notícia... que o Sebastian... se fora. Chegou uma carta do comandante dele, e outra de um homem do regimento. Não diziam muito. Só diziam... Só falavam do que tinha acontecido com ele... que ele morrera na neve. Então começou, acho que foi aí. Estávamos no inverno na época, então não reparei logo no começo. Eu estava em

casa, e veio a neve e cobriu o chão até quase um metro, como se quisesse congelar tudo, mas eu não liguei. Quase nem notei, estava farta da neve, e quando abri meus olhos e olhei pela janela, tinha mais neve ainda... Parecia fazer sentido. Foi o inverno mais amargo de Ellchester de que se teve notícia. Mas então chegou a primavera, e o frio não foi embora. Ou pelo menos não saiu de perto de mim. Fiquei na casa dos meus pais, mas depois de um tempo comecei a notar que sempre havia neve fresca em volta da nossa casa, mas pouca ou quase nenhuma no restante da rua. As visitas começavam a tremer quando entravam, e corriam pôr de volta os casacos. Havia sempre gelo no vidro das janelas. Pensei que tinha algo de errado com a casa, no começo. Mas depois comecei a visitá-los mais vezes, e a sair... e reparei que era comigo. O inverno estava me seguindo. Se eu fico muito tempo num lugar, começa a ficar frio. E se eu me demoro um pouco mais, começa a nevar. Só uns floquinhos no começo, depois mais, depois uma nevasca... eu sempre desisto e fujo nesse ponto. E continuo... fugindo e fugindo. Não quero que as pessoas reparem no que tá acontecendo e percebam que eu tenho esse problema, mas isso é só metade. Receio que seja o inverno de Sebastian que me persegue. Receio que, se eu deixar que ele me alcance e me perca nessa nevasca, eu acabe indo parar lá. Nesse lugar, com o arame farpado e os tiros das armas e o sangue na neve, sem ter como voltar.

A moça soltou uma exclamação curta, e Não-Triss quase pensou que fosse um soluço, mas sabia que Violet não era do tipo que chorava fácil.

– O que está fazendo, Pen? – ela perguntou, num tom de voz bem mais normal. A menina a tinha envolvido com os braços esticados o máximo que conseguia.

– Tô te esquentando – Pen respondeu, a voz abafada dentro do casaco.

– Ah, que bom – Violet murmurou, cansada. – Problema resolvido.

Ela fez um carinho brusco, porém afetuoso, nos cabelos da menina.

– O Sebastian tá te assombrando, então? – Pen a fitou. – Foi por isso que você vendeu todas as coisas que ele te deixou? Pra fazer o fantasma ir embora?

Não-Triss estremeceu. Quis, por um instante, que houvesse um modo de fazer a menina se calar mesmo depois de ter dito algo errado e poder varrer as palavras dela antes que os outros escutassem.

Por um instante, ela teve a impressão de que Violet ia ficar zangada. Então a moça soltou uma baforada comprida e pareceu cansada, apenas. E apertou Pen de leve.

– Não – disse. – Eu vendi porque precisava do dinheiro. Eram só objetos, Pen. Não eram ele. E quer saber de uma coisa? Ele não teria ligado. Nem um

pouquinho.

Após um longo período de silêncio, veio a sensação de que o abraço resolvera tudo que podia.

– Precisamos de um plano – disse Violet. Ela soltou o ar lentamente, fitando o chão entre os pés. Por um momento pareceu perdida, depois fungou forte e endireitou-se. – Primeiro de tudo... precisamos resolver se vamos ficar em Ellchester, ou partir agora mesmo pra Londres. É uma cidade maior. Quem estiver atrás de nós pode não conseguir nos encontrar lá.

– Londres? – Pen ficou boquiaberta. – Quer dizer... que a gente vai fugir de verdade?

A menina ficou maravilhada. Já Não-Triss ficou em dúvida entre rir e chorar. Obviamente, “fugir” na mente de Pen nunca envolvera não voltar nunca mais.

– Não posso ir embora – disse Não-Triss, desconsolada. – Tenho que ficar. Não sei se tem algum jeito de impedir que eu despedace, mas só posso descobrir isso aqui. Todos os segredos estão em Ellchester. Se eu for embora, é *certeza* que vou morrer. E... e de todo modo, quero fazer o que puder pra ajudar meu outro eu. E... Sebastian.

Violet suspirou de novo, e afagou as têmporas.

– Sim – murmurou. – Eu tinha pensado a mesma coisa. Vamos ficar, então. Não vai ser fácil. Seus pais, o Sr. Grace e talvez até a polícia estejam procurando por nós. E o tempo não está do nosso lado. – Ela franziu o cenho brevemente para a menina. – Seja lá o que vamos fazer, temos que agir rápido. Esse Arquiteto misterioso, ele parece ser a chave de tudo. Do sequestro da outra Triss, das cartas de Sebastian, e do que está acontecendo com você, Triss. Precisamos descobrir o máximo que pudermos sobre ele. Quem ele conhece, onde ele vive. Talvez consigamos até ter vantagem sobre ele.

Não-Triss fitou Pen, cuja boca passara para um biquinho de medo. Quando pensou em sair à caça do Arquiteto, Não-Triss lembrou-se da imensa silhueta desfocada que vira acima de si no momento de seu estranho nascimento sob as águas do Grimmer, e suas entranhas amoleceram de receio. Mas não havia escolha.

– Triss, você entende o que os pássaros falam, né? – Pen perguntou. – Você devia perguntar pra eles onde o Arquiteto mora. Eles voam pra todo canto.

– Acho que não entendo pássaros de verdade – Não-Triss admitiu. – Só os mais assustadores, com cara de gente... e que trabalham pro Arquiteto.

– Vamos tentar outra abordagem, então – sugeriu Violet – O que sabemos sobre ele?

– Que ele é mau – Pen declarou, solícita. – Ele engana e mente e...

– Ele tem um Daimler preto – Não-Triss interferiu.

– Não é um carro dos mais comuns – Violet concordou. – Posso perguntar sobre ele por aí. Que mais? Pen, você que sabe mais.

Pen teve a gentileza de demonstrar desconforto, dadas as circunstâncias que fizeram dela aquela “que sabe mais”.

– Sempre encontro ele no parque ou no cinema – ela murmurou –, e falei com ele ao telefone.

– Mas não pela telefonista normal, certo? – Violet fez uma careta. – Que pena; podíamos pedir pra rastrearem a ligação. Posso dar uma olhada nesse cinema, então. Ele chegou a mencionar que tem outra base? Deve ter, em algum lugar. Se tem carro, tem garagem, então tem casa.

– Não! Você não entendeu! Ele pode... – Pen ficou muda e sentou-se, arquejando, o rosto rosado. Encontrou o olhar de Não-Triss, e as duas trocaram expressões de desamparada frustração.

O Arquiteto era um mago dos tijolos e da argamassa. Podia construir um palácio dentro de um armário de vassoura, e já tinha escondido um vilarejo embaixo de uma ponte. Poderia ter dezenas de bases que não apareciam em mapa algum e de que carteiro algum nunca ouvira falar. Violet não sabia de nada disso, nem as meninas podiam contar-lhe.

Pior ainda, elas não podiam contar nada do que se passara no Côncavo, do pacto entre Piers Crescent e o Arquiteto, nada que o Picanço dissera sobre Sebastian...

– Odeio promessas mágicas! – Pen explodiu.

– Tem coisas que sabemos sobre o Arquiteto que não podemos te explicar – Não-Triss disse, muito pesarosa. – A gente quer, mas não pode.

Violet fechou os olhos e murmurou algo muito baixinho.

– Deixa pra lá – disse, finalmente. – Só me contem o que podem, então. Conheço pessoas de lugares... interessantes. Se o Arquiteto tem conexões obscuras, alguns dos meus amigos devem ter ouvido falar dele. Qualquer detalhe pode ajudar. Contem como ele é, qualquer coisa que o destaque dos demais.

– Não sei se ele realmente é o que parece ser. – Não-Triss lembrou-se do cintilar de traços escondidos por entre a lustrosa fachada bonita do Arquiteto. –

Mas podemos tentar.

Aos bocados, Pen e Não-Triss descreveram a aparência traiçoeira do Arquiteto. Pen o vira usando outros conjuntos elegantes, mas sempre com o mesmo casaco cinza ondulado por cima.

– Ah! Lembrei de outra coisa! – Pen soltou. – Ele usava um relógio de pulso. Eu o vi puxando a manga pra olhar. Reparei porque não combinava com as roupas dele. Era muito esquisito. Era velho, arranhado e muito grande.

Não-Triss lembrou-se de que também vira um brilho por debaixo da manga do casaco do Arquiteto. Esquecera-se completamente desse breve lampejo metálico.

– Um relógio de pulso – Violet ecoou, indiferente. – Velho e arranhado. E grande. – A cor sumira-lhe do rosto, e uma tensão nervosa retornava ao seu queixo. – Tem certeza disso, Pen?

– Tenho! – Pen respondeu, assustada. – Por quê? O que tem?

– Talvez nada – Violet disse, sombria –, mas tenho uma suspeita quanto a esse relógio, e mais perguntas que preciso fazer a uma pessoa. – Ela passou os olhos sobre as duas meninas, depois se curvou para pescar os protetores de olhos. – Vocês duas estão péssimas – disse, seca. – Tentem dormir um pouco.

Não-Triss reparou que estava mesmo exausta. Duas noites de sono entrecortado e um dia tenso e energético a deixaram trêmula e esgotada.

– Seus amigos são gângsteres? – Pen perguntou. – Quero conhecer!

– Não quer, não! – Violet retrucou. – Não queria deixar vocês aqui sozinhas, mas tem gente procurando, é melhor ficarem escondidas. Volto antes de escurecer.

Depois que Violet saiu, as meninas juntaram cobertores de patchwork mofados dos caixotes e fizeram um ninho no qual se amontoaram o melhor que puderam. Apesar da luz do dia que penetrava a casa e das portas de madeira que batiam com o vento, Não-Triss logo adormeceu.

Quando acordou, a luz que se infiltrava pela porta tinha escurecido para um dourado escuro, e ela soube que devia ser fim de tarde, quase anoitecendo. Estava sozinha no ninho. Logo ela viu Pen sentada com as pernas cruzadas perante a porta, de costas para ela.

Não-Triss sentou-se também, e no mesmo instante sua fome acordou e rugiu, como se tivesse um dragão preso na barriga.

A menina se dobrou sobre si mesma, envolvendo o estômago com os braços. Dentro dela formou-se um buraco que parecia grande o bastante para engolir a casa toda.

Era preciso comer. Era *necessário*. Nada mais importava.

Seus dedos desesperados arranharam seus cabelos, mas não encontraram lacinho algum, depois assaltaram os bolsos, todos vazios. Com unhas tornadas garras ela rasgou os botões do vestido e meteu-os na boca, mas isso apenas aguçou seu apetite. Desesperada, arrancou o vestido, ouvindo costuras estourando e fios partindo, mas a pressa a deixava desajeitada demais para passá-lo por cima da cabeça.

Meias. Tirou-as, enojada muito brevemente pelas manchas de lama e o cheiro de chulé. A primeira meia desceu tão facilmente que mal lhe tocou a língua. Teve gosto de terra molhada e morangos selvagens com chuva por cima. A segunda foi logo em seguida.

Por um tempo depois disso, a menina ficou se abraçando e tremendo. Suas garras deixaram arranhões avermelhados nas canelas.

Ao ver Não-Triss passar toda torta, Pen notou o cobertor com que a outra se enrolara.

– Por que você tá tremendo?

– Tô com frio – disse Não-Triss, sentando-se. Estava mesmo com frio, por dentro e por fora. – Violet ainda não voltou?

Pen fez que não e voltou a rabiscar no caderninho que tinha no colo. Havia manchas amareladas nas folhas, e a capa verde entortada por causa da umidade. Não-Triss supôs que saíra de um dos caixotes.

– Vai ver ela já encontrou o Arquiteto – Pen sugeriu, com um prazer sinistro. – Vai ver os amigos gângsteres dela estão atirando nele com revólver.

– Ela não chegou a dizer que os amigos dela são gângsteres, Pen.

– Também não disse que não – Pen pronunciou com total confiança –, então talvez eles sejam.

Não-Triss gostaria de compartilhar do otimismo de Pen. Sua mente estava lotada de imagens tenebrosas de Violet sendo apreendida pela polícia. Agora, com a clareza resultante de algumas horas de sono, ela começava a entender o quão completamente Violet se tornara uma fugitiva. Pela primeira vez a menina imaginou o que aconteceria com Violet se ela caísse morta numa pilha de folhas e gravetos, e a verdadeira Triss não fosse resgatada. “Triss” fora vista pela última vez fugindo com Violet, vista pelo Sr. Grace, pela proprietária e pelas “amigas” desta. E se todo mundo concluísse que ela fez algo de terrível com Triss e a quisessem presa?

– Violet... não sabe o que nós sabemos. – Não-Triss sentiu culpa ao dizer isso, mas era preciso. – Ela acha que precisa de um plano porque é a adulta, e quer

cuidar de nós. Mas sabemos mais do que ela, então temos que ter nossos planos também.

– Que tipo de plano? – Pen perguntou, desconfiada.

– Você ainda se lembra de como faz pra ligar pro Arquiteto pelo telefone, né? Pen fechou a cara. E fez careta para o livro em seu colo.

– Escuta – disse Não-Triss. – O Arquiteto quer ajudar o povo dele, encontrando refúgios secretos pra eles. Tudo o que o seu pai quer é trazer a Triss de volta em segurança. Talvez... talvez possamos falar com o Arquiteto, fazer outro pacto. Ele devolve a Triss, e seu pai continua construindo lugares para os Outros morarem.

– Mas isso não vai impedir que você morra! – Pen exclamou. – Enfim, a gente não pode confiar no Arquiteto! Ele engana, é esperto e... – A frase perdeu-se; era muito menininha.

– Talvez a gente não precise confiar – Não-Triss logo disse. – É só uma coisa que podemos tentar se não tivermos outros planos. E... eu posso ligar pra ele em vez de você.

– Não seja boba! – Pen zombou. – Não sou um bebezinho, Trista!

Alguns segundos se passaram antes de Não-Triss reparar em como a menina a chamara.

– Quê?

Pen fechou a cara para ela, obviamente preparando-se para a briga.

– Você é Trista agora – declarou. – Eu decidi isso enquanto você dormia. Eu salvei a sua vida, então eu escolho quem você vai ser, e você vai ser a Trista.

Não pareceu muito válido comentar que a vida que Pen salvara muito provavelmente não duraria até o fim da semana. Em vez disso, Não-Triss ficou sentada, quieta, abraçando os joelhos.

Trista.

Ela não sabia muito que pensar de um nome que significava “triste”, mas era um nome, um nome só dela. Não dava nem um pinguinho de culpa ou pesar, como acontecia toda vez que Pen a chamava de “Triss”. E era bem melhor do que “Triss de Mentira”.

– Tá bom – ela disse baixinho. – Gostei de Trista. Posso ser a Trista.

– Ah... que bom. – Pen pareceu tristemente satisfeita. – Se... se você se comportar, quem sabe eu deixe você ficar com esse nome.

– O que você tá fazendo? – perguntou a recém-batizada Trista, tentando espiar o caderninho.

– Estou desenhando disfarces pra nós. – Pen mostrou a capa. Em cima estava escrito “Ruby Wiles”, e abaixo, “Escola Arco-íris para Meninas”. – Aquele homem

que quer te jogar no fogo vai tentar pegar a gente de novo. Mas ele não é nosso pai, então tem que provar que a gente é a gente, então temos que provar que não somos. Precisamos de coisas com nossos nomes marcados, pra mostrar que somos outras pessoas. Eu agora sou a Ruby. E olha só! – Orgulhosa, ela abriu o caderno para mostrar arabescos e ornamentos rabiscados. – Eu até coloquei umas somas nesse aqui, com a caneta vermelha da professora. Agora se eu disser que meu nome é Ruby e mostrar isso pras pessoas, elas vão acreditar. Precisamos arranjar alguma coisa pra você também.

A menina hesitou, então, do colo, puxou um colar frágil de contas de madeira presas num fio de algodão. Ela passou alguns minutos rabiscando nas contas com uma caneta.

– Pronto! Coloca isso.

O colar foi depositado na mão de Trista. Em cuidadosas porém desajeitadas letrinhas, o nome T-R-I-S-T-A fora grafado ao longo de seis contas, uma letra em cada.

– Obrigada – disse Trista, e sentiu-se acostumada pelo menos um pouquinho ao seu triste, esquisito e inventado nome.

Para grande alívio de Trista, Violet retornou assim que o sol estava se pondo atrás das montanhas, do outro lado do Ell. Ela escutou sobre o novo nome de Trista ao entrar e logo depois partiu para seu próprio relato.

– A má notícia é que ninguém com quem eu falei conhece esse Arquiteto, nem ninguém com a mesma descrição. O cinema que quase devorou Pen foi fechado e lacrado, então não deve ter mais nada lá. Alguns amigos meus foram procurar esse Daimler dele, mas isso é mais difícil. Mas tenho boas notícias. Dei uma olhada em todos os jornais da noite, o *Crier*, o *Ell*, o *Custodian*, até o *Wetherhill Herald*, e não tem nada em nenhum deles sobre vocês. Passei na biblioteca pra ver os matutinos também. Nada. Não sei se o pai de vocês foi à polícia, mas não foi à imprensa. Pelo menos não vamos ter metade da cidade atrás de nós. Posso me arriscar a cruzar a cidade com vocês, se tomarmos cuidado. A melhor notícia é que achei um amigo meu que me deve um favor. Vamos poder nos esconder com ele esta noite. E... tem mais coisas que quero falar com ele. Fiquem prontas. Vamos sair.

Violet olhou para Trista uma, duas vezes.

– Trista, o que aconteceu com as suas meias... e as suas pernas?

Trista estava mais do que ciente das costuras arrancadas e dos botões desaparecidos do vestido, bem como dos arranhões nas canelas nuas. A menina olhou para o chão e abraçou-se num silêncio culpado.

– Oh.

Por mais suave que tenha saído a exclamação, veio com um mundo de significado.

– Desculpe – Trista sussurrou.

– Não – Violet disse baixinho. – Não... não é culpa sua. Eu devia... deixa pra lá. – Trista ousou olhar para Violet e encontrou-a observando-a com um sorriso triste e cansado. – Pelo visto isso acontece bastante...

Trista fez que sim, desolada.

– Não tenho mais nada que tenha pertencido à verdadeira Triss, a não ser o vestido. A roupa de baixo é muito nova...

– Você não pode comer uma calcinha! – Pen exclamou, horrorizada.

– Depois que for o vestido – Trista concluiu baixinho –, não sei o que vou fazer.

Violet mordiscou o lábio e franziu o cenho, como se raciocinando muito.

– A gente vai dar um jeito – disse, finalmente. – Mas na próxima vez que começar a sentir fome, me avise.

Encontraram o amigo de Violet numa esquina da Dressmaker's Lane, uma via pública vazia não muito distante do rio. Havia um quê de meia-idade na postura dele e no esmo de seu caminhar. Quando chegaram perto, contudo, Trista reparou que ele não era muito mais velho do que Violet. Usava um quepe fino marrom-escuro e jaqueta parda por cima da camisa, com colete cinza de lã. O cabelo tinha sido cortado recentemente, um péssimo corte.

Olhando para ele, Trista sabia que algo de ruim lhe havia acontecido, embora não desse para dizer o quê. O rosto era até bonito, maxilar largo e olhos bem espaçados, mas alguma coisa estava fora do lugar. Ele olhava para todo canto. A boca tensa, entreaberta, o fazia parecer que estava sempre esperando pelo momento certo de dizer algo importante.

Ele abriu um sorriso bondoso para Violet. Abriu e fechou feito um ligeiro raio de sol no inverno. Um instante depois, o sorriso se fora, e o rosto dele pareceu muito perdido.

– A Belle do Ell – disse.

Mas que entonação esquisita! Não parecia estar flertando nem sendo galanteador. Foi quase como se a estivesse apresentando para outra pessoa.

– Jack – ela disse. – Levei um tempo pra descobrir onde tinham colocado você. Esquina nova?

– Isso. – Sorriu. Fechou. – É o jogo de sempre. Todo mundo manda a polícia dar um jeito na jogatina, então tiveram que “encontrar” a esquina antiga. Agora

vão fingir que não sabem desta aqui por algumas semanas. Você não está querendo apostar, está?

– Não sou muito de apostar. – Violet não sorria para o rapaz, Trista reparou. E falava mais baixo do que o de costume. Escutando o diálogo, Trista teve uma sensação esquisita. Era como ver duas pessoas andando num cômodo cheio de coisas frágeis, evitando-as sem nem enxergá-las. – Escuta, Jack. Sua esquina pode ficar sem você por meia hora. Vem dar uma volta perto do rio com a gente.

Jack fitou Trista e Pen, depois Violet.

– Irmãos do Sebastian – ela explicou, respondendo à pergunta silenciosa.

Ele baixou os olhos e assentiu.

Os quatro caminharam ao longo do rio por uma calçada estreita de concreto, vendo o sol poente pintando o Ell de cobre. Outras famílias passeavam também ao entardecer, mães empurrando carrinhos e uma ou outra governanta liderando um grupo entediado de crianças.

Jack não dizia nada. Ficou esperando. Trista começou a achar que ele sempre esperava, como uma praia de seixos preparada para a próxima onda, a ela resignada.

Quando Violet finalmente falou, sua voz soou estranhamente hesitante.

– Tem umas cartas, Jack. Cartas com a letra dele. Vêm chegando faz um tempo, e sempre têm a data do mesmo dia.

– Cartas pra você? – Jack a fitou.

– Não – ela respondeu. – Pra família.

– Mande-os chamar a polícia – Jack logo respondeu. – Isso é trote. As cartas pedem dinheiro?

Violet ponderou um pouco, depois atropelou a fala dele.

– Eu suponho que não seja possível...

– Não. – Jack a cortou, com triste e calma fatalidade, como a tampa de um caixão cobrindo seu interior aveludado. – Não, Violet. Sinto muito. Eu estava lá. – Ele fitou Trista e Pen. – Você quer mesmo falar disso... agora?

Foi somente nesse ponto que Trista compreendeu do que Violet e Jack estavam falando, e o significado do último comentário dele.

– Você conheceu o Sebastian na guerra! – exclamou Pen, que obviamente chegara à mesma conclusão. – Ele era seu amigo?

Jack parecia capaz de qualquer coisa para escapar do assunto, mesmo que fosse pular da escotilha de um avião sem paraquedas.

– Sim, Pen – Violet respondeu por ele. – Jack era muito amigo de Sebastian, quando serviram juntos como soldados.

– Ele foi corajoso, né? – Pen perguntou, tentando atrair o olhar do moço.

Jack parecia incapaz de olhar diretamente para Trista ou Pen.

– Sim – ele disse para os próprios sapatos, e tentou sorrir. – Como nas histórias.

– Foi Jack quem escreveu pra mim – Violet acrescentou, cortando Pen antes que esta pudesse fazer mais perguntas. – Contando sobre o Sebastian. Escreveu pro seu pai também, e mandou algumas coisas dele, a cigarreira e o relógio.

Lá estava, novamente, o pomo da discórdia. Os pertences de Sebastian, os que ele deixara para Violet, e que os Crescents se recusavam a entregar.

– Jack – disse Violet, um pouco mais dura. – Como era esse relógio? Poderia descrevê-lo pras meninas?

– Era um relógio de pulso – respondeu Jack, e finalmente conseguiu fitar Trista e Pen no rosto, agora que a conversa passara para terreno mais seguro. – Usava-o no pulso. Vocês são muito novinhas pra lembrar, mas antes da guerra, usar relógio no pulso era... bom... só as mulheres usavam. Os homens usavam relógio de bolso. Usar relógio de pulso seria como... usar brincos ou um bracelete. Mas durante a guerra os comandantes começaram a dar a alguns oficiais relógios de pulso. Pra deixar as mãos livres, sabe? Você não precisava fuçar dentro do bolso. A Força Aérea começou a usar primeiro, depois o Exército. Mas os que tínhamos ainda se pareciam com relógios de bolso, só que com pulseira. Eram bem grandões, largos, dessa grossura, não como os que se veem hoje.

– Isso lembra o relógio que viram o Arquiteto usando? – Violet perguntou.

Pen fez que sim, e o rosto de Violet se fechou numa carranca.

– Sabia! – disse ela entredentes. – Eu sabia que o seu pai estava escondendo algo de mim! Toda aquela conversa sobre guardar os pertences de Sebastian... quando na verdade ele os tinha dado a esse homem!

Trista começou a ficar empolgada. O Picanço lhes contara que Piers dera ao Arquiteto um dos pertences de Sebastian. Se Violet estava certa, então já sabiam de qual objeto se tratava.

– Calma lá! – Jack avisou gentilmente. – Talvez esse arquiteto aí tenha servido também na Europa e ganhado o relógio honestamente.

– Dá pra me dar um desconto nessa, Jack? – Violet ralhou. – Não, isso tá cheirando muito mal. Jack, tinha alguma coisa de especial no relógio do Sebastian que o diferenciasse dos outros?

– Ele trocou a pulseira – veio a resposta. – Não era preta, era azul.

– Isso, isso mesmo! – Pen exclamou. – Ah, e a hora tava errada! Deve ter parado, e ele não deu corda.

Uma ideia abriu-se na mente de Trista feito um botão de príncipe negro.

– Que horas ele marcava? – ela perguntou.

Pen franziu o cenho, tentando se lembrar.

– Hora do chá – ela disse após um momento. – Era logo depois do almoço, mas o relógio marcava quatro e meia.

– Quatro e meia – Jack repetiu as palavras de Pen quase sussurrando. Depois baixou os olhos e limpou a garganta. – Violet – disse baixinho –, quatro e meia... Foi a hora em que...

A frase foi diminuindo até silenciar, como um carro fúnebre virando a esquina. Todos já tinham entendido para onde ela ia, no entanto.

Foi a hora em que Sebastian morreu.

– Foi...? – Violet parou, umedeceu os lábios e continuou. – O relógio foi quebrado, então... quando aconteceu?

A pergunta fez Trista ficar com enjoo. Fizera da morte de Sebastian algo real e físico. Não foi como atravessar uma cortina cinza; foi um tiro ou uma explosão ou um túnel desabado, algo que podia torcer metal ou estilhaçar o interior de um relógio.

Mas Jack fazia que não.

– Não. Quando enviei de volta ele ainda funcionava.

Trista lembrou-se do jeito que o Picanço falou de Sebastian.

Ele não se foi, mas também não está vivo.

Está apenas... parado.

Às quatro e meia, em algum ponto do deserto vazio e distante que era a guerra, Sebastian tinha “parado”. No pulso do Arquiteto, Pen vira um relógio que também tinha parado, e exatamente na hora da morte de Sebastian. Trista não acreditava que fosse apenas coincidência. Não sabia dizer como os fatos estavam ligados, mas podia sentir a conexão entre eles balançando na escuridão, feito uma corrente submersa.

Conforme o esperado, Jack concordou em deixar que as três fugitivas dormissem na casa dele, um prédio de tijolos escuros num conjunto de casinhas muito apertadas bem perto do fedor do rio. Acabou que a casa “dele” pertencia também à mãe, três irmãs, cunhado, tia e aos filhos todos da irmã mais velha. O pai não estava, ausência que pelo visto se estendia por anos. As irmãs, que deviam ter 14, 16 e 26 anos, tinham olhos escuros e corpos sinuosos, sorrisos enormes e vozes que quicavam pelas paredes, conferindo-lhes um pouco de vida.

A mãe não pareceu muito surpresa em vê-lo trazer visitantes não anunciados para casa.

– Suponho que elas tenham alguma coisa nos bolsos – disse ela. – Suas irmãs pagam pra morar. Eu já disse: não vou aturar estranhos de graça. – Violet colocou dinheiro na mão dela, que foi contado cautelosamente. – Tem um quarto no sótão. E nada de barulho depois das dez. – Ela olhou Violet de cima a baixo, com uma expressão mascarada. – Ouvi dizer que você era noiva de um dos colegas do Jack.

– Isso. – Violet tinha uma expressão igualmente mascarada. – Ele não voltou pra casa.

– Ele não foi o único – disse a mãe do Jack, muito ríspida. Seu olhar passou lenta e friamente para o filho, feito dedos roçando o mármore de uma sepultura.

A casa estava sendo limpa, vinham vapor e cheiro de sabão da cozinha. O quintal e a escada eram um labirinto de varais de roupa.

Chegava-se ao sótão por uma escada. Estava mofado e frio, o teto inclinado não tinha pintura. Havia três colchões cobertos com mantas e casacos antigos.

– Não podemos ficar aqui por muito tempo – disse Violet, assim que ficou sozinha com Trista e Pen no sótão –, mas ficaremos seguras por um ou dois dias. – Ela jogou para Trista um vestido de algodão azul muito gasto. – Peguei emprestado de uma das sobrinhas de Jack. Se vestir esse, pode guardar o da Triss num embrulho, para o caso de precisar comer alguma coisa. Mas... tente economizar, se puder.

Ela se sentou num dos colchões, e soltou uma baforada comprida.

– Eu não entendo – disse, como se pensasse em voz alta. – Por que seu pai daria o relógio de Sebastian ao Arquiteto? O que pensar disso? O que sabemos até o momento?

Trista e Pen trocaram olhares.

– Temos um plano – disse Trista. – E... me desculpe, mas não podemos te contar. Precisamos usar um telefone.

– Tem um no Eyelash Club – respondeu Violet, meio duvidosa –, e os funcionários de lá me conhecem bem o bastante pra me deixar usar. Vão ligar pra quem?

– Pro Arquiteto – Pen respondeu, com descabida ousadia.

– Quê? – Violet franziu o cenho, olhando de uma menina para a outra. – Isso é seguro? Ele pode... fazer alguma coisa contra vocês pelo telefone? Fazer a telefonista mágica dele rastrear onde vocês estão?

– Não sei – Trista confessou. – Talvez seja perigoso. Mas se podemos falar com ele, podemos persuadi-lo a devolver Triss, talvez o relógio também. E mesmo se ele não concordar com isso, podemos descobrir alguma coisa.

Enquanto falava, Trista não pôde deixar de imaginar se o Arquiteto sabia de algum jeito de impedir que ela morresse. E sentiu um pinguinho de esperança com essa ideia.

– Tem algum jeito de eu ligar pra ele, em vez de vocês? – Violet estava obviamente relutante com relação ao plano.

– Não – disse Trista, com uma pontada de triste gratidão. – Você não pode nem estar por perto, ou a promessa mágica vai nos impedir de falar. Desculpe, mas você não sabe os mesmos segredos. Tem que ser a gente.

Um pouco antes das dez, naquela noite, três fugitivas apareceram na entrada do Eyelash Club.

O clube soava como um salão muito amplo. Uma luminosidade azul e fraca escapava pelas venezianas para a escuridão. A música lá de dentro era o jazz educado e domado que ouviram anteriormente, ou “jazz de jantar”, como Violet desdenhara. Um jovem e belo porteiro numa jaqueta de botões dourados piscou para Violet quando ela pediu para usar o telefone, e as fez entrar como se com elas conspirasse.

O telefone tinha uma salinha própria, com uma pesada porta de madeira para garantir a privacidade. As paredes eram cobertas por um tecido grosso vermelho, e a mesinha na qual descansava o aparelho era de metal cromado e vidro.

– Não demorem muito – Violet pediu. – Vou ficar lá fora. Assim que terminarem, saiam e entrem no carrinho lateral. Se formos embora rápido, mesmo que o Arquiteto consiga rastrear a chamada, só saberá onde vocês estiveram, não onde estão.

A porta fechou-se atrás de Violet com um baque firme, porém polido, esmagando o som exterior num lacinho fino. Pen e Trista ficaram sozinhas com o telefone.

– Tá pronta? – Trista perguntou. Não conseguiu não sussurrar, como se já houvesse o risco de o Arquiteto estar escutando.

Pen fez que sim.

– ...tenho medo de nada... – murmurou muito baixinho a menina, e foi pegar o telefone.

Parecia tão grande nas mãozinhas dela, cujos dedos eram pequenos demais para envolver totalmente o cabo preto. Quando Pen levou o receptor cônico ao rosto, Trista reparou que a menina tremia.

– Perder, secar, querer.

Assim que Pen disse essas palavras, pareceu a Trista que o aparelho tremelicou nas mãos da menina, feito um cachorro erguendo a cabeça. Houve uma pausa, e então deu para ouvir um som sussurrado escapando do fone feito fumaça.

– Penélope Crescent para o Arquiteto, por favor! – disse Pen num tom alto demais, determinado demais, que acabou saindo muito estridente. Somente então Trista entendeu quão aterrorizada estava a menina.

Pausa. Pausa. Um zumbido fraco de voz, indistinto demais para compreender.

– Isso não é justo! – Pen explodiu, sem aviso. – Você me traiu! Você me enganou pra eu chegar perto da tela de cinema! Você queria me prender, do jeito que prendeu S...

Trista deu um cutucão em Pen nas costelas, bem na hora.

– ... do jeito que prendeu Triss – continuou Pen, praticamente sem parar. – Mas... eu... queria falar com você. Me desculpe por ter dito que ia contar pra todo mundo do nosso trato. Eu... foi sem querer. Quero fazer um novo trato agora.

A menina fitou Trista.

– Pen! – esta sibilou, alarmada. Havia uma combinação muito familiar de ousadia e manha no rosto da menina. Estava mais uma vez saindo do combinado, e Trista não tinha ideia de para qual direção.

– Quero que você faça a nova Triss continuar viva – Pen declarou, ignorando as cotoveladas nas costelas. – E então eu não vou correr atrás de você com um galo nem vou contar pra polícia.

Pausa. Um pinga de voz destilada.

– Como assim, eu não sou digna de confiança? – Pen perguntou.

Pausa.

– Não vai, não, porque você não sabe onde estou!

Pausa.

– Bom, se você me encontrar, vai se arrepender! Eu não tenho medo. Não tô nem aí para o que você “faz com traidores”, eu...

Mas não completou a frase. A voz delicada que emanava do receptor continuou falando, deixando um rastro de som ameaçador. O rosto de Pen perdeu toda a coloração, levando consigo a ousadia da menina. O lábio inferior tremia, mas ela parecia estar paralisada, ainda agarrada ao telefone mesmo com as mãos tremendo. Seus olhos começaram a brilhar, e subitamente ela pareceu ser muito mais criança.

Trista não aguentou. Arrancou o telefone das mãos de Pen, envolveu-a com o braço e puxou-a para si, para abraçá-la. Pen enterrou o rosto no vestido da outra, respirando rapidamente, muito assustada.

Trista foi inundada por uma sensação de pura e incandescente raiva. E assim sua mente ficou bastante calma e corajosa quando ela ergueu o telefone perante o rosto e levou o fone ao ouvido.

Do outro lado havia apenas silêncio. Um ou dois cliques. Uns barulhos de movimento, traduzidos num roçar eletrônico pela máquina intermediária.

– Alô? – veio, finalmente, uma resposta. – Ainda está aí, Srta. Crescent?

A voz era inconfundível.

– Não – respondeu Trista –, ela foi embora. Só estou eu aqui.

– Ah! – Uma exclamação suave com um toque de calor. – Meu pequeno cuco.

– Isso, Sr. Arquiteto. Sou eu.

Alguma coisa esquisita acontecera à raiva que Trista tinha dentro do peito. Ainda estava lá, remoendo, mas fora misturada com um calor inesperado. Foi o modo como o Arquiteto a chamara de “meu pequeno cuco”. Foi a surpresa de ouvir que ela pertencia a alguém.

– E aquela humanazinha traidora, foi embora já? – perguntou a voz do outro lado da linha. Seu tom era claro, vívido e imprevisível, como o varrer do vento num pátio banhado pela luz do sol.

Trista acariciou a cabeça de Pen. Quando a menina a fitou, bochechas úmidas e o rosto ainda enrugado de aflição, Trista sorriu para ela.

Pode ir, se quiser, disse sem fazer som.

A questão ali era se a teimosia usual de Pen prevaleceria ou não. Contudo, dessa vez, a menina fez que sim, ainda mordendo os lábios no esforço de conter o choro. Ela deslizou pela porta, deixando Trista sozinha com o telefone.

– A mandei embora – esta respondeu.

Ao fazê-lo, ficou confusa quanto ao motivo pelo qual o fizera. Teria sido mesmo para proteger a menina? Sim, mas só em parte. O Arquiteto pareceu satisfeito ao ouvir a voz dela, e quase conspiratório ao falar de Pen. Alguma coisa em Trista respondera a isso. Foi a parte dela que não era, nem nunca tinha sido, Theresa Crescent, a parte dela feita de espinhos e folhas, e que se lembrava do riso impiedoso de árvores muito antigas. Ela sentiu uma fagulha de familiaridade, uma sensação de que podia conversar com aquele homem, mas de um modo que Pen não compreenderia.

– Ótimo! – declarou o Arquiteto vividamente. – Mas que sininho estridente ela é! Qualquer dia eu serei obrigado a persegui-la e cortar a língua dela fora. Fico surpreso por não ter feito isso ainda.

– Ela não me incomoda mais – Trista disse, com cautela.

– Ah, então você a treinou, foi? – O Arquiteto pareceu admirado e satisfeito, e Trista não teve pressa de corrigir o mal-entendido. – Ouvi dizer que ela ganhou umas listras novas naquelas irritantes bochechas angelicais. Pensei que fosse trabalho seu. Sim, o medo funciona bastante bem com o tipo dela por um tempo, mas ela encontra um jeito de te trair, cedo ou tarde. Aquela lá não consegue andar

na linha nem que você a amarre atrás de uma locomotiva. E acredite: já pensei em fazer isso.

Houve uma pausa, durante a qual Trista pensou rápido. Deveria ela seguir com o plano original de tentar intervir no pacto selado entre o Arquiteto e Piers Crescent? Se o Arquiteto acabara de recusar um segundo acordo com Pen porque ela rompera o primeiro, por que teria ele mais fé em Piers? Se Trista fizesse a jogada errada, poderia perder esse estranho e apreensivo momento de conexão.

Um clique fraco veio do outro lado da linha, e Trista viu, com os olhos da mente, o Arquiteto tamborilando os dedos nos dentes, entediado. Imaginou se eram dentes humanos, ou se ele estava usando outra aparência.

– Então... você fugiu – ele disse, finalmente. – Isso não era parte do plano. – Havia um inesperado quê de tensão na voz dele.

– Ninguém me explicou o plano – Trista apressou-se em responder.

O exército de mágoas da mente dela rugiu e brandiu suas lanças. Aquele era o homem que a jogara na existência tão casualmente quanto quem joga um miolo de maçã numa vala, esperando que ele apenas apodreça. Aquele era o homem responsável por todos os obstáculos, toda a confusão, os perigos...

... e pela vida dela.

Mas eu o odeio, ela se lembrou. Só estou entrando no jogo.

– Não – disse o Arquiteto, parecendo interessado e surpreso com a fala dela –, receio que não. Entretanto, parece um pouco ingrato da sua parte, visto que a plantamos numa família tão boa.

– Eles tentaram – Trista disse por entre dentes cada vez mais afiados – me jogar no fogo.

– Ah, é? – Agora o interesse do Arquiteto fora aceso por completo. – Ora, ora. O velho remédio. Acredito que os Crescents andaram conversando com alguém. Nunca teriam tido essa ideia sozinhos. – Havia um pingo de sombria apreensão na voz dele. – Pense, minha querida. Sabe quem pode ter sido? Não posso mesmo deixar pessoas zanzando por aí com esse tipo de conhecimento.

Sem aviso, Trista viu-se tremendo à beira de uma terrível tentação. Poderia passar ao Arquiteto o nome do Sr. Grace? Deveria virar seus inimigos uns contra os outros? Lembrando-se do destino que quase sofrera nas mãos do alfaiate, Trista sentiu o rosto arder novamente, mas dessa vez não por causa das chamas da lareira. Colocar o Arquiteto no rastro do Sr. Grace não seria muito pior do que qualquer coisa que este tentara fazer contra ela. Afinal, o Sr. Grace sabia dos Outros, então estaria mais de sobreaviso do que um inocente. Certamente não seria nada além de autodefesa.

– Havia sim um homem com eles, e ele mandou mesmo que me jogassem no fogo – Trista concedeu, depois mordeu o lábio. Por mais que temesse o Sr. Grace, sabia que ele acreditava estar fazendo a coisa certa. Seria justo, então, entregá-lo ao Arquiteto? – Se você o encontrasse... o que faria com ele?

– Ah, coisas terríveis, é claro! – o Arquiteto garantiu. – Não se preocupe, nada rápido nem uma morte tranquila. Talvez eu o transformasse numa corda de violino, pra ser roçada por um arco por cem anos antes de partir. Talvez eu o mantivesse numa jaula feita com os ossos da família dele até que ele ficasse tão velho e corcunda que eu pudesse usá-lo como taco de críquete. Ou talvez o estrangulasse lentamente com uma videira. Quem sabe você tenha ideias melhores.

O coração de Trista batia rápido. Quando ela se lembrou do terror que sentiu ao ver a lareira ser acesa para consumi-la, todas essas formas de vingança tornaram-se sinistramente atraentes.

– Você podia transformá-lo numa fatia de pão e dar de comer aos pombos no parque – ela sugeriu, e foi recompensada por um acesso de gargalhada da parte do Arquiteto. As folhas selvagens que compunham sua carne e espinha riram junto.

– Mas é claro!

– Então... – Trista fechou os olhos e resistiu à tentação. – Então... vou tentar me lembrar se alguém chegou a dizer o nome dele. Se eu me lembrar, conto pra você.

– Ótimo. – O Arquiteto não pareceu totalmente satisfeito, mas não insistiu no assunto. – Bom, se você corria o risco de ser assada, suponho que não posso culpá-la por ter fugido. Afinal, você cumpriu sua função de distraí-los muito melhor fugindo do que teria feito no braseiro. Mas eu espero que você tenha tido chance de causar uma dor de cabeça antes de fugir!

– Eu quase comi tudo que eles tinham. – Trista reparou que seu tom de voz se igualava ao do Arquiteto. – Minha comida, comida deles, até coisas que não eram comida. – Lembrando-se dos rostos pasmos dos Crescents quando viram seus dentes-espinhos pela primeira vez, ela chegou a sentir até um rabinho de gato maldoso de satisfação enrolando-se dentro da barriga. – Baguncei tudo no quarto do Sebastian, onde nada podia ser tocado. Botei medo neles.

– Bom, você ficará feliz em saber que o sofrimento deles apenas começou – o Arquiteto informou para confortá-la. – Imagine só que crueldade, querer pôr fim nos seus míseros sete dias de vida! Bom, mantenha vantagem sobre eles, meu

bichinho, e poderá até sobreviver ao seu homônimo. Não seria isso uma ótima vingança?

As palavras dele sacudiram as fibras do coração de Trista, e ela reparou que seus sentimentos para com a verdadeira Triss eram um estranho e retorcido nó. Desdém. Ressentimento. Ciúme. Pena. Empatia. Familiaridade.

– Uma ótima vingança! – Ela tentou fazer a voz soar tão contente e animada quanto a dele. – Me diga, o que você vai fazer com ela? Quero saber que diversão você planejou! Vai transformá-la numa maçã e fazer torta?

– Ah, não, uma brincadeira muito melhor! – O Arquiteto quase cacarejava agora, e novamente Trista foi surpreendida pela imprevisível infantilidade do caráter dele. – Tem certas coisas que eu sei fazer melhor que o Sr. Crescent, e ele parece ter se esquecido disso. Ele nunca teve muita imaginação nem a capacidade de pensar com ângulo. Pra ele, pra cima nunca é pra baixo, pra trás nunca é pra frente, e dentro é sempre menor do que fora.

O Arquiteto riu.

– Mas como... – Trista começou de novo.

– Você faz muitas perguntas. – A voz do Arquiteto ficou subitamente intensa feito veneno de cobra, e vibrante de desconfiança. Antes que Trista pudesse inventar uma resposta, escutou uma explosão de riso do outro lado da linha. – Ah, se você pudesse ver a cara da Theresa agora! Que coisinha miserável e chorona ela é. Como ela choraminga durante os nossos passeios à meia-noite! E no entanto os pais a concederam tanto: posso ver o amor deles balançando em volta dela feito um ninho de gato.

– Ela está aí com você? – Trista perguntou. – Meu outro eu está aí?

– Ah, sim, escutando cada palavra que eu digo.

– Posso falar com ela? – Novamente Trista canalizou o ressentimento que sentia pela família Crescent, tornando sua voz dura e malévola. – Quero contar tudo o que fiz. Quero contar que dormi na cama dela, comi as bonecas dela e fiz os amigos e a família dela a odiarem. Posso? Por favor?

Por um bom tempo não chegou nada pelo fone além de um farfalhar distante de papel.

– Por que não?

Após alguns cliques tumultuados, Trista ouviu soluços baixinhos do outro lado da linha. E sentiu agulhas pinicarem sua pele.

– Alô? – Trista quase não conseguiu pôr som na palavra.

E ouviu somente um respirar difícil.

– É você, não é? – Então Trista escutou a própria voz falando com ela, apenas um pouco mais aguda, mais tênue e mais triste. – Você... é a coisa de que eles falam, não é? A coisa que finge ser eu! O que você fez com os meus pais? *O que você fez com a Pen?*

Por um instante Trista foi tomada pelo pânico. Eram tão parecidas! Não havia espaço no mundo para as duas. Ela sentiu o impulso de contra-atacar e reivindicar esse espaço único para si. Contudo, com dificuldade, engoliu esse sentimento.

– Escute! – Trista sibilou urgentemente, antes que seu outro eu pudesse dizer mais alguma coisa. – O Arquiteto pode escutar o que eu tô dizendo?

– Eu... – A voz da outra menina estava encharcada de lágrimas, insegura. – Não, acho que não.

– Ótimo! Então me escuta, por favor! Eu enganei o Arquiteto e fiz ele me deixar falar com você: ele acha que eu só quero te atormentar. Você tem que fingir que é isso que estou fazendo. Por favor, enquanto eu falar, você tem que chorar como se eu estivesse te assustando!

– Você tá me assustando! – choramingou a menina do outro lado da linha, tão alto que a estática estalou no ouvido de Trista.

– Eu sei, sei que eu sou de dar medo, mas não pedi pra me fazerem assim. Não machuquei a Pen nem os seus pais. O Arquiteto não sabe disso, *mas eu não estou do lado dele*. Quero te salvar! Ele ainda tá aí com você, escutando o que você diz? Grite “eu te odeio!” pra sim, e “para com isso!” pra não.

– Eu te odeio!

O grito saiu com tanta força e medo que Trista não soube muito bem se foi o sinal proposto ou apenas uma declaração sincera.

– Então ele ainda está aí. – Trista botou os miolos para trabalhar. – Você sabe onde está?

– Para com isso! – foi dito baixinho. Querendo dizer não.

Mas como Triss poderia responder sem que o Arquiteto escutasse? E como elas poderiam inventar um sistema de mensagens ali na hora? Desesperadamente, Trista escaneou as lembranças de Triss, tentando ver se ela e Pen chegaram a criar alguma linguagem secreta ou código. Não, não chegaram. Quem sabe se as irmãs tivessem sido um pouco mais próximas, partilhassem mais lembranças...

Lembranças.

– Triss, escuta! A gente compartilha lembranças. Se tiver algo que você quiser me falar, me dá uma dica que tenha a ver, algo da sua memória. Da nossa memória.

Por alguns segundos ela escutou apenas soluços, e então duas palavras ditas bem baixinho.

– O sapo.

O sapo? Trista ficou abobada, pensando que tinha entendido errado.

Clique, clique, estrondo.

– E aí, foi divertido? – O Arquiteto falou como se tentasse, com dificuldade, conter o riso. – A pobre criatura parece mais aterrorizada do que rato na arapuca. Muito bem! Ver esse rostinho tolo e trêmulo me deixou muito bem-humorado. Inclusive... meu pequeno cuco, acho que vou até te fazer um favor. Quer viver mais do que sete dias?

– Quero.

Quero quero quero quero. Mas não podia ser. Devia ser só provocação. Tinha que ser.

– Fico surpreso por não ter te ocorrido ainda, pra ser sincero. Se você andou comendo as bonecas de Theresa, então já deve ter entendido que a chave pra se manter intacta é comer coisas que são importantes pra ela. E você vai precisar cada vez mais delas, com o passar do tempo. Se quiser viver por mais que sete dias, terá que devorar algo muito importante mesmo, algo enraizado no coração, na essência dela. Mas você possui, de fato, algo que cabe nessa descrição. Entendeu o que eu quis dizer, não?

Trista agarrou-se ao aparelho, tentando não entender, mesmo quando o Arquiteto continuou falando.

– A irmãzinha de Theresa. Penélope. Devore-a, e o futuro será seu.

Houve um último clique, e o fone de ouvido ficou mudo na mão trêmula de Trista.

Trista não pôde olhar Pen nos olhos depois de sair da salinha do telefone. Suas entranhas pareciam cascalho, e pela primeira vez ela ficou feliz por não ter tempo de dizer nada.

Ele me mandou devorar você, Pen. Ao correrem apressadas para a motocideta, a frase não dita grudou-se na língua de Trista como uma moedinha, fria e com gosto de metal.

Quando entraram juntas, destrambelhadas, no carrinho lateral, Pen dando cotoveladas e se atrapalhando com os pés, Trista não pôde evitar afastar-se da menina. Jamais lhe ocorrera pensar em Pen como algo de que pudesse se alimentar. Reparou, ali, que a menina tinha mesmo um quê de brilhante e tentador como tinham os pertences de Triss, mas elevado à centésima potência. O buraco imenso em suas entranhas afirmou que, sim, a menina caberia ali dentro, feito um anel no nicho aveludado de uma caixa de joias.

Quando voltaram para o sótão, Trista tentou contar a Violet e Pen tudo o que podia sobre a conversa com o Arquiteto. Suas palavras soaram secas e mortas para ela, contudo. Eram restos frios de um jantar, entregues a pessoas que jamais poderiam aproveitar a refeição.

O tempo todo ela tentou decidir se contava ou não o que o Arquiteto a mandara fazer com Pen. A confiança das duas tinha sido difícil de conquistar. O que fariam se ela se transformasse, bem na frente delas, num monstro devorador de criancinhas, uma criatura tirada do mais sombrio conto de fadas? Como aguentariam ficar perto dela se soubessem que sua vida dependia de botar Pen goela abaixo?

Era melhor contar. Não, melhor não contar. Tinha que contar. Tá, só que mais tarde. Não, era agora ou nunca...

E então ela chegou ao fim da história e a moeda continuou ali parada em cima da língua, amortecendo-a. O silêncio se esticou, e ambas, Violet e Pen, olharam para Trista, reparando que ela tinha parado de falar. O coração desta se afundou num pântano de miséria e autoaversão.

– Ótimo – disse Violet. – Descobrimos muito mais do que esperávamos. Muito bem, Trista. – Ela abriu um sorriso bondoso, mas Trista sentiu uma pontada de autocensura graças a essa mesma bondade. – Você disse que a Triss mencionou algo sobre um sapo... tem alguma ideia do que ela quis dizer com isso?

– Não – Trista respondeu. – Deve ser algo de que ela se lembra, algo que devia fazer parte das minhas memórias também. Mas não significa nada pra mim.

– Parece que significa algo pra Pen também – Violet comentou.

Sem dúvida, Pen retirara-se para seu próprio mundinho mais uma vez, feito um belicoso porco-espinho, e fitava os joelhos enquanto dava chutinhos nos pés da cama.

– Foi só um sapo – ela disse, desafiadora. – E não foi culpa minha! Pensei que estivesse morto! Eu só estava tentando... – Ela largou a frase no meio e fechou a cara fazendo bico.

– Oh. – Uma lembrança infiltrou-se, tardiamente, nos pensamentos de Trista. – Oh, esse sapo. – Ela encontrou o olhar intrigado de Violet. – Ê... não foi mesmo culpa dela. Faz uns dois anos, mais ou menos. O gato pegou um sapo e o deixou na porta de casa. Então, Pen fez um funeral pra ele, com pétalas de rosas e uma latinha de açúcar como caixão, e o enterrou no jardim. Daí, um pouco depois, ela desencavou o bicho...

– Eu só queria ver se já tinha virado esqueleto! – Pen protestou. – Mas não tinha. Só tava muito... morto e seco e esturricado. E... não tava no mesmo lugar, dentro da caixa... deve ter se mexido... devia estar vivo quando enterrei...

Tudo começava a fluir de volta a Trista, a lembrança do drama do sapo. Ela sentiu uma onda de aterrorizada fascinação e compaixão pelo pobre sapo que sufocara sozinho no escuro, mas tão forte quanto a maré de exasperação e pena pela culpada e desconsolada Pen. Os sentimentos não eram novos, nem também totalmente dela.

Então esse assomo de emoção mudou de curso quando ela entendeu o que Triss quis dizer.

– Ele vai enterrá-la viva – disse. – O Arquiteto vai enterrar Triss viva.

Alguns segundos se passaram antes que Violet quebrasse o terrível silêncio.

– Mas que... medieval. Temos que impedi-lo.

– Provavelmente não teremos tempo. – Trista tentou lembrar-se das palavras exatas do Arquiteto. – Ele disse que eu poderia “sobreviver ao meu homônimo”, e só me resta mais um dia e um pouco.

– Mas se eles a enterrarem no cemitério, as pessoas não vão ouvi-la batendo, pedindo pra sair do caixão? – Pen perguntou.

Mas Trista não achava que o Arquiteto pretendia enterrar Triss num caixão nem no cemitério. Ao telefone ele indicara que arranjaria o destino de Triss por meio de coisas que sabia fazer melhor do que Piers Crescent. Ela sabia quais

eram os talentos dele, vira suas obras de arte extraespaciais e sua mágica de tijolo e argamassa. Ele era muito capaz de construir uma prisão fatal para Triss, que Piers não poderia encontrar nem num milhão de anos, muito menos num dia. Com os estranhos dons do Arquiteto, ele poderia esconder dezenas de prisões dessas num espaço mais fino que uma moeda. Se ele estivesse mesmo construindo uma prisão assim para a menina, poderia fazê-lo em qualquer lugar de Ellchester.

Trista abriu a boca para dizer isso, e mais uma vez foi engasgada pela “promessa mágica”.

– Se ele a enterrar, não vamos encontrá-la nunca mais – disse, então. – Mas... ele disse algo sobre levar Triss em “passeios à meia-noite”. Talvez se os pegarmos passeando, podemos segui-los, e até salvá-la.

Houve uma pausa de dúvida. A ideia soou impossível até mesmo para ela. Contudo, não havia nada muito mais robusto em que se apoiar, então, após um instante, Violet concordou.

– Não vai haver muitos carros nas ruas à meia-noite. Se pudermos chegar num ponto bem alto, talvez possamos avistar os faróis do Daimler, ou escutar o motor. É questão de sorte, mas vale a pena tentar. E graças ao seu pai, tem vários lugares altos. Quando der meia-noite, estaremos na ponte Vitória.

Nem é preciso dizer que Pen insistiu muito para participar da missão à meia-noite. Não estava nem um pouco cansada. Não iria de modo algum para a cama. Não... opa! Capotou. Num sono tão impenetrável, na verdade, que foi aninhada numa das camas do sótão sem acordar, para alívio de Trista e Violet.

Até quando estava de volta ao carrinho lateral, Trista não parava de ver, de imaginar, a delicada silhueta encaracolada de Pen sob o fino cobertor. Havia uma tempestade feita de culpa em seu estômago, angústia, conflito, vergonha e receio. Ela torceu para não ter fome no meio disso tudo.

As ruas à noite ainda estavam quentes, e Trista não conseguia se impedir de girar o rosto para espiar as janelas acesas das casas públicas, que emanavam música de piano e ocasionais risinhos dos ocupantes. Outros mundos que ela jamais vira, tanto por causa da idade quanto pela “amabilidade” de sua família.

Quando a motocicleta ergueu-se acima da cidade na ampla e curva ponte Vitória, os ventos ficaram mais ousados e irregulares. Lembrar-se do Côncavo abaixo deixou Trista meio tonta, e ela imaginou se aquele seria mesmo um bom ponto de observação.

No topo, Violet deixou o motor rodar um pouco, depois desligou. Não havia mais ninguém na ponte, ninguém para observar Trista e Violet desmontando e

caminhando até a beirada para espiar a cidade noturna.

Não foi nada como olhar num mapa. Os montes tornavam Ellchester um plano enrugado, com as luzes aninhadas em dobras escuras feito pirilampos nas fendas de um toco de árvore. O rio era um breu, adornado pelas pequenas lâmpadas de um ou outro barco. Alguns blocos e ruas chamuscavam com a luz elétrica, uma brancura de doer. Menos ruas formavam colares lúgubres de fracas lâmpadas a gás. Num dos lados, o contorno negro da nova estação de trem cortava um triângulo no céu.

O vento soprou os cabelos na frente do rosto de Trista, e ela o pescou para trazer de volta. A mecha solta se transformou em folhas secas em sua mão. Restava-lhe tão pouco tempo...

... então talvez tivesse sido por isso que ela preferiu não contar a ninguém as últimas palavras que o Arquiteto lhe dissera. Estaria ela mantendo a opção em aberto, então? Teria ela sempre mantido Pen por perto com esse propósito? Um almoço para viagem?

Que monstro faria isso?

– Violet – saiu o nome num sussurro choramingado.

– Temos um ou dois minutos, eu acho. – Violet tinha elevado os protetores à testa e escaneava o cenário. – Droga! Pensei que fôssemos conseguir ver mais.

– Violet! – A exclamação de Trista estourou feito um grito abafado, e quando a moça virou-se para fitar a menina, surpresa, o restante saiu num balbuciar de lágrimas e engasgos. – O Arquiteto mandou devorar a Pen!

– Dá pra tentar de novo, só que agora com palavras? – Violet sugeriu.

– O Arquiteto... ele disse que eu posso viver mais do que sete dias. Mas... ele me disse que tenho que devorar a Pen.

Violet fitou a menina por um segundo, depois soltou uma bufada robusta e contente.

– Ele não te conhece muito bem, né?

– Mas... M-mas eu poderia fazer isso – Trista gaguejou. – Sei disso agora. Posso sentir.

– Mas não vai fazer – Violet respondeu sem hesitação.

– Como você tem certeza? – Trista perguntou. Ao contrário do que esperava, sentiu o horror cedendo um pouco perante o tom calmo e seguro de Violet. – Eu não tenho. Como você pode ter? Eu... eu sou um monstro. Quando tô com fome, sou capaz de qualquer coisa.

– Ah, não, com certeza eu jamais poderia te entender. – O rosto sombreado de Violet parecia exibir um sorriso sério e sinistro. – Eu sei, você acordou um belo

dia e descobriu que não podia ser a pessoa que lembrava ser, a garotinha que todo mundo esperava que fosse. Você simplesmente não era mais ela, e não tinha nada que pudesse fazer pra melhorar. Daí sua família concluiu que você era um monstro e se virou contra você. – Violet suspirou, fitando a escuridão. – Acredite, eu entendo tudo isso muito bem. E quer saber? De monstro pra monstro: só porque alguém diz que você é um monstro, não quer dizer que você realmente é. Agora mesmo, você acabou de me contar isso porque quer que eu te impeça de devorar a Pen. Se você fosse mesmo um monstro, não teria contado, certo?

Os olhos de Trista ardiam, e ela limpou fios de teia de aranha deles com a manga do vestido.

– Tonta – Violet acrescentou, só pra garantir.

– Violet – Trista começou de novo, quando achou que conseguiria manter a voz firme –, posso te pedir uma coisa?

– Pode – veio a resposta –, mas não agora. Tem alguma coisa estranha acontecendo lá embaixo, tipo uma algazarra. Lá! Tá vendo?

Trista notou que da cidade lá embaixo ela ouvia o barulho de relógios de igreja badalando a meia-noite, cada voz solitária e fria.

Rapidamente, ela removeu do rosto a teia de aranha restante e olhou lá para baixo, procurando o ponto que Violet indicava. Nas docas mal iluminadas à beira do rio, ela pensou ter visto um brilho se movendo, ou talvez uma série de pequenos lampejos, fervilhando e zigzagueando ao redor de uma praça como bolhinhas de champagne.

Violet e Trista deram um pulo quando um bando selvagem de bichinhos alados estourou de debaixo da ponte na qual estavam, e voaram na direção da cidade, descendo com gritos que eram como estilhaços de metal.

– Gaivotas – Violet exclamou, meio rindo.

Trista não disse nada, com a língua presa pela promessa mágica. Viu as mesmas asas brancas que Violet, mas viu também asas de couro pálido, asas de inseto, asas feitas de papel e cabelo emaranhado. Alguns dos bichos tinham passageiros. Alguns tinham duas cabeças. Nenhum deles olhou para cima nem a viu. Ela pôde observar o estranho bando voar para baixo para unir-se ao esquisito rebuliço nas ruas.

A algazarra em si passava para um morro distante, ameaçando desaparecer por detrás da crista.

– Vamos perdê-los de vista! – Trista exclamou.

– Não vamos, não – disse Violet. – Volte pro carrinho. Não são só eles que podem se mover depressa.

Trista rangia os dentes de tão tensa com o costurar audaz da motocicleta entre as ruas, segurando-se com força nas bordas do carrinho. Violet estava inclinada para a frente, por cima de sua máquina, feito um gato preparado para o bote. Trista sentia nas juntas cada quicar dos pneus, cada falha na pista.

Lâmpadas de gás passavam pelos dois lados como fogos-fátuos numa missão. Pontes surgiam no alto, escurecendo o céu por um segundo, depois sumiam. Os faróis da motocicleta reluziam nas vitrines taciturnas das lojas fechadas. Prédios rolavam em alta velocidade como visões num zootropo.

Trista pendeu a cabeça para trás o máximo que teve coragem e viu o céu, procurando por um lampejo de movimento, ou uma mancha escura contra o vazio entre as nuvens. O ar pegou-lhe na garganta. Sentiu um aroma que a deixou com fome de novo, e a preencheu de um júbilo estranho, sinistro. Era um cheiro fresco e traiçoeiro da noite que a lembrou do Côncavo, do Arquiteto e da briga com a senhora-pássaro. Os Outros estavam por perto, e isso acendia o sangue dela.

Os becos que se entrecruzavam no morro estavam cheios de latões de lixo, ziguezagues de varais e bicicletas encostadas nas paredes. A motocicleta manobrou por entre todos, emergindo triunfante com um rugido numa praça no topo do monte, e desceu pelas alamedas curvas lá para baixo.

Quando passaram por uma ponte estreita, Trista olhou para a rua de baixo, banhada por uma fraca luz amarela de lâmpada de gás. Atravessando-a, havia um comprido Daimler preto. A luz parecia deslizar com dificuldade por cima dele feito água na cera. O motor não fazia barulho algum. Sob seu olhar, o carro virou numa curva e sumiu de vista.

– Lá! – Trista soltou um ganido desesperado e inaudível, mas também desnecessário. Violet também vira o carro. No final da ponte, a moça guinou para a direita a fim de segui-lo.

Havia um farfalhar atrás de Trista, e por um breve espaço de tempo ela julgou que ele saía de sua própria cabeça. Mas dessa vez não era o riso de folhas interiores. Havia asas batendo acima delas e sussurros carregados pela brisa. Ao olhar para cima, ela viu figuras velozes passando na altura dos telhados. Algumas abriram asas negras. Algumas tinham pernas de inseto que dobravam como fazem os barqueiros com os remos. Algumas rastejavam no ar com suas garras, como se fosse tão sólido quanto a terra.

Algumas se dispersaram com as asas abertas e sumiram de vista imediatamente. Outras pousaram num ou noutro telhado, para então alçar voo novamente, com a leveza e a velocidade de uma mosca.

Violet virou à esquerda, à direita, à esquerda para ruas mais escuras. Barzinhos espalhados lançavam auréolas de luz por suas janelas brilhantes.

Assim que se aproximavam de um cruzamento, chegou o súbito *ting-ting-ting* de um sino. O som era familiar, mas tão espectral dadas as circunstâncias, que Trista não o reconheceu. Violet freou com tudo.

A via à frente recebia apenas a pouca luz dos faróis, e então um objeto comprido e robusto apareceu, vindo da esquerda, e cruzou o caminho da dupla. Era um contorno muito alto e familiar, e seus compartimentos internos tinham iluminação elétrica. Somente então Trista reconheceu o barulho, que era de um sino de bonde.

O bonde passou, seguido por dois enormes vagões, ambos de dois andares, como o bonde, mas com o de cima aberto para o céu. Em vez do vermelho de sempre, o bonde e os vagões eram pretos.

Conforme cada um passou, Trista captou de relance o salão abaixo, muito iluminado, um reluzente bloco amarelo que passava num instante.

Dentro do bonde em si, uma coleção de homens narigudos de casaco cinza e óculos escuros miravam o exterior, nas janelas, com binóculos.

No salão do primeiro vagão havia uma roda de mulheres de bocas vermelhas, muito vermelhas, e peles de raposa em torno do pescoço – que podiam muito bem estar ainda vivas e dormindo.

No salão do segundo vagão estava o Arquiteto, de traje fino, gravata verde, e, ao lado dele, a figura miserável e acorada de Triss, de chapéu branco e casaco.

Não havia como gritar por cima do barulho do motor da motocicleta. Em vez disso, Trista apontou como louca para o bonde que desaparecia. Violet forçou o motor a rugir mais uma vez, avançou e girou à direita para acompanhar. Trista sentiu os pneus quicarem ao passarem por cima dos trilhos.

No final da estrada, Violet teve que parar, cantando pneus de novo, dessa vez deslizando a moto e parando-a de lado. Os trilhos brilhantes haviam terminado abruptamente, assim como a estrada. Além de uma barreira de madeira jazia um fosso escuro, pilhas de areia, pás e a boca aberta de uma betoneira.

Violet olhou ao redor, a expressão escondida pelos protetores, depois desligou o motor. Arquejava, muito tensa.

– É a estrada de bonde que ainda estão construindo. – A voz dela saiu com toda força, e Trista soube que a moça lutava contra o assombro e a frustração.

O bonde simplesmente cruzara o final das linhas inacabadas e desaparecera.

– Não! – Trista ouviu a própria voz saindo rouca e profunda.

Tinham chegado tão perto. Ela viu o Arquiteto e Triss. Estiveram a quinze metros dela, separados apenas por metal, vidro e momentum.

Trista saiu desengonçada do carrinho, as pernas tremendo. Correu pela estrada escura, desviou da barreira e escalou um montinho de areia, que cedeu suavemente sob seu passar. Logo estava descendo, na correria, a escura estrada adiante.

– Trista! – Violet chamou, depois soltou um palavrão.

Agora duas duplas de passos ecoavam pela estrada, mas Trista não parou enquanto não alcançava uma fileira de casas entremeadas por inocentes becos à esquerda e à direita. Logo adiante, o vento novamente carregou os sussurros das asas e o vago som ecoante que lembrava cascos.

Ela olhou para a casa bem à frente. O teto parecia ser baixo – dava para alcançar com a mão, jurava que dava. Trista tirou os sapatos, dobrou os joelhos e pulou. O movimento pareceu-lhe fácil e natural como respirar, ou afastar uma mosca a tapa. Ao subir, a menina ergueu instintivamente as mãos e agarrou-se à beirada da calha. Depois chutou a parede, puxou-se para cima com os braços... e pousou silenciosamente na beirada do telhado.

Seus pés descalços não faziam ruído algum. Seus dedos compridos conseguiram de algum modo firmar-se na ardósia gelada e íngreme. Uns poucos passos adiante a colocaram bem na espinha elevada do telhado, onde ela agachou para que nada pudesse enxergar seu contorno contra o céu. Trista ainda ouvia Violet em algum lugar lá embaixo gritando seu nome, mas a voz lhe parecia vaga e sem importância.

Aquilo era outra Ellchester, uma cidade de declives prateados, precipícios súbitos e uma floresta de chaminés cuspidas plumas perfumadas de fumaça. Não havia tempo para ficar pasma com aquela beleza toda, contudo.

A cem metros dali, a menina divisou um comboio de figuras tomando os telhados. Três carruagens pretas, cada uma carregada por dois cavalos negros feito a noite, cruzavam, subindo e descendo, os declives dos telhados, tão facilmente quanto o fariam na horizontal. As rodas não perturbavam as telhas, nem o faziam os cascos dos cavalos. Acima e ao redor deles assomava-se e voava e saltava uma série de formas menores que pareciam mudar de formato ao passar dentro e fora das faixas dispersas de luz.

Nesse momento, o medo de perder o comboio sobrepujou todos os demais. Trista desceu às pressas do telhado, e na beirada sentiu os joelhos formigarem ao

perceber a altura da queda à frente. Felizmente, foi preciso só um pulinho para alcançar a casa seguinte, que ela saltou com apenas um ligeiro espasmo de vertigem. Por cima do cume do telhado, depois para o outro lado...

... bem a tempo de ver as três carruagens pularem da aba de um telhado e sumirem dentro do labirinto de ruas, feito sapos desaparecendo ao saltar da beirada de uma vitória-régia. O bando voou para baixo, junto delas, e sumiu de vista.

Com nova urgência, correu e saltou, ziguezagueando seu caminho pelo labirinto de telhados. A menina alcançou o ponto onde vira as carruagens pela última vez e olhou ao redor, tremendo.

Em algum lugar ela pensou ter ouvido o ting-ting-ting de um bonde e o bater de asas, mas a brisa açoitava, e a menina não soube dizer de onde vinha o som. O comboio prosseguia – mas para onde?

Trista ficou olhando ao redor por uma breve era, os olhos confundidos por miragens de fumaça de chaminé e o passar rápido de morcegos, até assimilar uma verdade insuportável. Tinha perdido o rastro do comboio.

A menina mancou até a beirada do telhado, espiou lá embaixo e sentiu o estômago enrugar para dentro como uma anêmona marinha. Dominada pelo frenesi da caçada, não notara que tinha ido muito para o alto; também as distâncias entre os telhados não lhe pareceram tão distantes. Agora, ao recobrar a perspectiva usual, Trista quase podia ver as ruas mergulhando numa profundidade perigosa abaixo dela, e os vazios que saltara com tanta confiança se alargando feito bocarras abertas.

Estava a pelo menos dois andares do solo, e os saltos de um telhado a outro a levaram a muitas ruas além de onde partira.

Alguma coisa farfalhava na lateral de seu corpo. Quando olhou para baixo, Trista viu um lacinho solto brotando de um rasgo no quadril. Virando-se por instinto para acompanhá-lo com os olhos, a menina viu outros artigos espalhados pelos telhados que cruzara. Pedacos de papel ao vento, gravetos pendurados nas telhas, emaranhados de cabelo claro.

Não.

Tomada por um novo desespero, Trista correu atrás dos fragmentos fugitivos. O lacinho se enroscara numa chaminé, onde tremelicava, convidativo, mas se libertou assim que a mão dela ficou a centímetros de alcançá-lo. Os outros pedacos pálidos saíram voando ao sabor do vento e foram engolidos pela noite.

Tremendo, Trista agachou na beirada do telhado e abraçou os joelhos. Apenas alguns minutos depois ela reparou na voz de Violet, que ainda chamava e chamava

seu nome.

A boca de Trista parecia ter sido trancada à chave, e minutos se passaram até que ela conseguisse responder. Ela ouviu passos da rua, e depois a figura diminuta de Violet apareceu na estrada lá embaixo.

– Trista?

Esta conseguiu soltar apenas um grito fraco em resposta. A rua parecia estar terrivelmente distante, e a altura dava um frio na barriga. A menina fechou os olhos e abraçou os joelhos, incapaz de se mexer. O ar ficou muito frio.

Ela ouvia muito vagamente os ruídos lá de baixo, um raspar de madeira, vozes, chiados e baques. Foi quando alguma coisa bateu com tudo contra a calha perto de seus pés. Quando abriu os olhos, Trista viu as pontas de uma escada de madeira tremelizando angustiadas contra a beira do telhado. Após uma sequência de rangidos, a cabeça de Violet e depois os ombros apareceram.

– Vem – foi tudo o que ela disse, muito baixinho.

Trista foi para a beira e acompanhou Violet escada abaixo, toda trêmula. Na rua, um homem robusto de roupão fitou Trista com ultraje.

– Você disse que era o seu gato que estava preso no telhado! – exclamou ele, de cara feia para Violet.

– Obrigada por emprestar a escada – ela respondeu, meio indiferente.

– Ei, espera! O que essa menina estava fazendo...

Violet virou-se para o homem.

– Minha filha é sonâmbula – declarou a moça, muito fria –, e eu não quis gastar uma hora explicando isso ao senhor. O que quer que eu faça, que a coloque de volta no telhado?

Antes que o enraivecido homem pudesse retrucar, Violet pegou Trista pela mão e a levou de volta ao beco onde a motocicleta as esperava.

Obrigada, Trista disse, sem fazer som – estava sem voz. Obrigada por ter vindo me resgatar. Mais do que tudo, foi o modo como a moça a chamara de filha que fez os olhos de Trista formigarem. Fez a menina sentir que tinha algo delicado, frágil e quentinho de que se valer, algo para colocar no vazio deixado pelos fragmentos que o vento arrastara pelos telhados.

Voltaram em silêncio. Quando retornaram ao sótão da casa de Jack, sentaram-se num dos colchões, e Trista contou da caçada aos sussurros, para não acordar Pen. Violet abraçou-a o tempo todo.

– Ainda não acabou – a moça murmurou, por fim. – Vamos encontrá-los amanhã. Mas agora você precisa dormir. Está pálida feito papel.

– Mas tô com medo de dormir! – Trista sussurrou. – E se eu despedaçar antes de acordar? E se amanhã de manhã eu for só uma pilha de folhas e gravetos enfiados embaixo do cobertor? E se eu não tiver muito mais tempo e gastar o que me resta dormindo, e acordar morta?

Por um momento, Violet hesitou, em conflito. Então fechou a cara e pegou Trista pelos ombros.

– Não vai – disse, gentil, mas firmemente. – Vou garantir que não. Vou ficar de olho em você enquanto dorme. E se seu cabelo começar a virar folhas, ou algo assim, eu acordo você.

– Promete? – Trista sentiu a força gelada e titânica de seu medo retroceder um ou dois passos. – Você... não vai me abandonar enquanto eu durmo?

– Prometo – disse Violet, com uma firmeza na voz que não deixava dúvida. Seus olhos cinza estavam resolutos como pedra.

O longo caminho que leva ao Grimmer mudara. Estava todo irregular por causa das raízes retorcidas das árvores. Maçãs podres enrugadas cobriam a grama feito rostos antigos, encarquilhados. Os pássaros cantavam palavras e as folhas riam baixinho. Sob os pés descalços, Trista sentia um movimento na grama, como um pulsar. Adiante, por entre as árvores, dava para ver a superfície lisa, obsidiana, da água. Uma ameaça escura, uma promessa negra como carvão.

Você não possui nada seu, disse o Grimmer. Tudo que possui, pegou emprestado, e quando tiver que devolver não vai sobrar mais nada. Até mesmo seu tempo foi emprestado, e está acabando. Um dia. Só mais um...

O vento aumentou e açoitava, gelado. Trista sentiu que ele a despedaçava feito um dente-de-leão...

... e então ela acordou, tremendo de frio.

Estava numa das camas do sótão, metida num cobertor. Ali perto, Violet reclinava-se numa cadeira, o rosto fechado, a cabeça movendo-se do modo desgostoso de alguém que pega no sono e acorda repetidas vezes. Atrás dela, em outra cama, Pen ainda dormia profundamente. A luz branca da manhã infiltrava-se pela claraboia.

Manhã. Minha última manhã. Só mais um dia...

O fato a encarou de volta, ousado, frio e tão inevitável quanto o céu.

Trista soltou o ar e fez vapor. Sentou-se e roçou as mãos para voltar a senti-las.

Violet acordou de vez, e ficou olhando ao redor, abalada por um instante, os olhos vidrados, prontos para o perigo.

– Oh. – A moça se recobrou, e soltou o ar. – Ainda está conosco, então? – Ela chegou perto e estudou Trista com uma careta especulativa, depois roçou os dedos nos cabelos da menina, fazendo um barulhinho seco e baixo.

Depois fitou por um instante as folhas secas na mão, mordendo o lábio inferior.

– Podia ser pior – murmurou.

– Já tá pior – Trista disse. Não precisou dizer mais nada.

– Ainda temos um dia – Violet respondeu, obstinada.

– Que horas são? – a menina perguntou.

Violet foi até a claraboia, espionou lá fora e proferiu um palavrão daqueles. Andando nas pontas dos pés sobre o chão gelado, Trista parou ao lado da moça e enxergou o que a fizera xingar.

A janela estava coberta com uma camada delicada de gelo, e através dela Trista viu uma cobertura branca nos telhados próximos e estalactites de gelo brilhante na calha do lado oposto. O céu estava um cinza perturbado, pintado de sépia. Amarelo de tempestade. O amarelo pesado de um céu cheio de neve.

O rosto de Violet não deixava passar nada, mas a seriedade e a ansiedade no olhar transmitiam pânico e receio profundos. Chocada, Trista reparou no quanto demandara da moça na noite anterior. Para agradar a menina, Violet passara horas no mesmo lugar. Agora, o inverno, que vinha perseguindo-a durante todos aqueles anos, deitava-se sobre Ellchester com velocidade atípica.

– Você falou palavrão! – disse uma sonolenta e rabugenta Pen, sentando-se na cama.

– Logo depois do café da manhã terei de sair – declarou Violet. – Vou direto ao topo do morro Plotmore. Foi lá que perdemos contato com o bonde da meia-noite, não foi, Trista? Vocês duas vão ter que ficar aqui.

As meninas começaram a protestar.

– Sem discussão – Violet retrucou, seca, fitando Trista com preocupação.

O café da manhã foi caótico e escasso. Jack parecia não ter acordado. A tia e o cunhado dele já tinham saído para trabalhar, e as irmãs adolescentes estavam saindo, apressadas, para trabalhar na lavanderia. A mãe e a irmã mais velha aprontavam-se para ir ao mercado, então o preparo do café coube à sobrinha de oito anos, que cuidou disso com a vivacidade da prática, parando para limpar os rostinhos das crianças menores feito uma miniatura de mãe.

Os dedos de todos estavam dormentes de frio, mas ninguém tirava a proteção da lareira. O chá tinha gosto de água de poça. O café resumiu-se a uma fatia de pão com margarina. Violet devorou a dela em segundos e ficou inquieta, esperando pelas outras.

– Mas eu ainda tô com fome! – protestou Pen. – Por que estão dando mais pra elas?

As crianças mais novas recebiam uma segunda fatia de pão com margarina, embrulhada em papel.

– Isso é o almoço delas, Pen – Violet murmurou com uma expressão triste. – Não levar pra escola.

Sempre que tinha chance, Trista tentava fazer contato visual com Violet, torcendo para que a moça compreendesse seu apelo silencioso. *Por favor, não me deixe aqui com a Pen! Não sei se ela estará segura comigo! Mas Violet parecia teimosamente determinada a evitar a menina, e ficava seguindo a mãe e a irmã de Jack com os olhos.*

Trista mal notou a porta batendo, mas ficou um pouco surpresa quando a irmã mais velha de Jack voltou à cozinha, retirando o chapéu e o casaco que tinha acabado de vestir.

– A mamãe foi comprar pão e ovos – disse, animada – pra vocês tomarem um café mais parecido com o que estão acostumadas. Mandou que eu ficasse e fizesse mais chá. Esperem aí e fiquem à vontade.

A moça subiu as escadas, presumivelmente para guardar o chapéu e o casaco.

No mesmo instante, Violet levantou-se da cadeira, tomando cuidado para não fazer barulho com os pés.

– Vamos embora – disse baixinho. – Rápido, sem barulho. Agora.

Quando o trio ganhou as ruas, Pen fitou a casa, incrédula.

– Por que fomos embora? Elas iam fazer mais comida pra gente!

– Estamos nos jornais – Violet disse, num tom grave. – Aposto minha pele nisso. O jornal chegou enquanto comíamos. A mãe e a irmã de Jack leram, depois foram cochichar no hall. Daí a irmã dele voltou pra nos manter ali. A mãe deve ter ido à polícia. Deve haver uma recompensa.

– Ela nos traiu por dinheiro? – Pen exclamou, chocada. – Vou voltar lá e quebrar as janelas!

– Nem pense nisso! – Violet ralhou, depois suspirou e fitou a menina com uma expressão gentil e exasperada. – Pen... o dinheiro só parece ser um motivo ruim pra quem nunca teve que se preocupar com ele. A maioria das pessoas tem que se preocupar o tempo todo. O dinheiro não é pra comprar bolo e diamantes; é

pra pagar o que se deve ao proprietário, ao padeiro, ao mercado. Pra colocar no medidor de gás e não ter que arrebentar estantes para alimentar o fogo da lareira. Ela não nos devia nada, Pen, e se não lutar pela família dela, ninguém vai fazer isso.

Manter o lobo atrás da porta. A fome era como um lobo, Trista refletiu. Sentira os dentes dela rasgando suas entranhas muitas vezes. Flagrara-se presa numa batalha frenética, solitária, contra ela, e jamais pensara que muitas pessoas deviam passar a vida toda com o lobo trotando poucos passos atrás delas. Talvez ainda estivesse presa na concepção de Triss de que o mundo girava em torno de suas necessidades e sofrimento. Sua história pareceu-lhe, agora, muito ínfima.

Então seu terror pessoal tornou a consumi-la, e ela agarrou Violet pela manga do casaco.

– Violet! Eu deixei o vestido da Triss no sótão!

– Oh, não! – Violet olhou para trás, de onde vieram, obviamente angustiada. – Trista... me desculpe. Não podemos voltar. É perigoso demais. Avise se começar a sentir fome e... vou dar um jeito.

– Então... a gente vai encontrar os gângsteres? – perguntou Pen quando estacionaram a moto no morro Plotmore. – Eles têm armas? Você é a rameira deles?

– Não, Pen! – Violet entortou os olhos. – Só tem armas nos filmes e na América. E não sou uma rameira! Boa parte do tempo eu só faço entregas. Por isso tenho esse carrinho lateral, pra poder colocar qualquer coisa ou qualquer pessoa que tenha que chegar a algum lugar e rápido. E sou uma ótima mecânica que não faz perguntas. Mesmo se o carro que estou consertando está lotado de queijo enlatado do mercado negro.

– Mecânica? – Pen pareceu não saber se ficava escandalizada ou desapontada.

– Isso – Violet fez careta. – Uma das coisas que aprendi durante a guerra. Estranho... a guerra deve ter sido a melhor escola que já frequentei. Me alistei pra ajudar no esforço de guerra, e primeiro me mandaram trabalhar numa daquelas fábricas de munição. Fiz muitos amigos lá, a maioria mulheres, e isso abalou minhas concepções. Muitos dos operários homens não queriam a gente lá, sabe, e mexiam muito e xingavam. Chegaram até a lacrar a gaveta de ferramentas de uma menina quando ela não estava por perto. Depois fui relocada e acabei dirigindo uma ambulância toda detonada. Tive que aprender a lidar com o motor, só pra manter aquela porcaria andando. Não esperava que fosse precisar desses conhecimentos depois que a guerra acabasse, mas – Violet deu de ombros – que mais posso fazer? Mesmo que eu encontrasse um emprego em que não

precisasse ficar no mesmo lugar por mais do que três horas, por que dariam pra mim se podem pagar metade pra alguma menina de catorze anos que acabou de sair da escola?

– Violet. – Pen tinha o cenho franzido. – Se um monte de gente não tem dinheiro nem trabalho, por que ninguém quer trabalhar na cozinha lá de casa? A mãe diz que é impossível achar alguém.

Violet continuou caminhando um pouco antes de responder.

– Desculpe, Pen – disse, finalmente –, mas a sua mãe tem uma má fama. Ela demite os funcionários no primeiro chapéu que derrubam, e não dá referências, o que dificulta para eles conseguir outro emprego. Clara Bassett diz que a maioria dos empregados de Ellchester já ouviu falar mal da sua família.

– Clara Bassett? – Pen estava incrédula. – A nossa cozinheira?

Violet fez que sim.

– Ainda falo com ela de vez em quando. Toda vez que a sua mãe contrata uma empregada ou governanta nova, a Sra. Bassett tenta colocá-las embaixo da asa. Parece que ela sempre as orienta a evitar você e a Triss o máximo que puderem. Principalmente a Triss.

– Por quê? – perguntou Pen.

Violet não respondeu, mas Trista achava que sabia a resposta.

Lembrou-se de Celeste patrulhando as filhas, muito ciumenta, incapaz de suportar Triss demonstrando afeto por qualquer outra pessoa. A cozinheira subsistira por permanecer teimosa e estoicamente invisível em seu porão. Descobrir que ela tinha opiniões negativas sobre os Crescents foi como encontrar um armário familiar aberto que dava para toda uma nova casa. Violet parou em frente a uma loja, cuja placa afirmava ser um barbeiro. Um sino tilintou quando ela entrou, com Trista e Pen logo atrás.

Dois rapazes de cabelo oleoso e alisado, muito preto, atendiam os clientes, um aparando um bigode, outro varrendo cabelo cortado de um pescoço robusto. Nenhum sorriu de fato ao ver Violet, mas nenhum pareceu hostil. Um deles acenou ligeiramente com a cabeça na direção de uma porta nos fundos da loja. Violet retribuiu o aceno, e passou pela outra porta.

O cômodo nos fundos era desalinhado, mas prático. Um homem corpulento de cabelos castanhos estava sentado à uma mesa, analisando a seção de esportes do jornal e marcando resultados à caneta.

– Nevasca! – disse ele quando Violet entrou na sala. – É sempre um prazer ver você.

– Bill – Violet disse, sem preâmbulo –, preciso pedir algo bastante peculiar. Sei que tinha uns rapazes... trabalhando até tarde aqui ontem. Sabe se algum deles ouviu algo esquisito acontecendo por volta da meia-noite?

– Meia-noite? – Bill estreitou os olhos. – Tá falando dos gansos?

– Gansos?

– Um bando enorme de gansos – Bill respondeu. – Ouvimos passar logo após a meia-noite. Foi a quarta noite seguida que isso aconteceu.

– Viu pra onde foram? – Violet correu perguntar.

– Passaram por cima, depois fizeram uma curva e foram direto pro centro da cidade. – Bill fitou Violet meio desconfiado. – Por que o interesse?

Trista sentiu um pinguinho de alívio. Os “gansos” que foram ouvidos só podiam ser o comboio noturno do Arquiteto, e se ele tinha voltado para o centro, então pelo menos não tirara Triss de Ellchester.

– Você não vai acreditar se eu contar – Violet fez um trejeito.

– Quero saber, porque eu fiquei bem interessado também – continuou Bill. – Os gansos não ficam circulando desse jeito sem motivo. Acho que alguma coisa os assustou no céu esses dias. Como sabe, tenho um pessoal localizado nas Velhas Docas. Contaram que há uns quatro dias alguns barcos estranhos começaram a aparecer. Pequenos, estilo antiquado. Encostaram no cais à tarde e à noite e deixaram passageiros. No amanhecer, já não estavam mais lá. Tem alguma coisa acontecendo lá. Gostaria de saber o quê.

– Como eram esses passageiros? – Pen perguntou impulsivamente.

– Essa é a parte esquisita. – Bill coçou a cabeça. – Ninguém soube descrever, nem mesmo dizer quantos eram, nem se usavam roupas velhas ou caras. Mas concordaram num ponto: nenhum dos passageiros trazia bagagem.

Coisas mal vistas e mal ouvidas. Pessoas difíceis de descrever. Pelos meandros, nebulosas, dançando leves como plumas por entre pontos entorpecidos das mentes das pessoas. E esses barcos estranhos começaram a aparecer ao mesmo tempo em que o Arquiteto pôs-se a passear pela cidade.

Trista fez contato visual com Violet. Outros, disse sem som.

Nesse momento, um dos barbeiros da loja entrou na salinha dos fundos e pigarreou.

– Sr. Siskin – ele disse a Bill –, vai ter uma caça a lebres que acho que vai te interessar.

O rapaz pegou o jornal da mesa, virou algumas páginas e devolveu-o a Bill com uma expressão cheia de malícia.

Quando o barbeiro saiu, Bill olhou para o jornal que tinha nas mãos por um bom tempo. Depois fungou e abriu-o na mesa, acenando para que Violet se aproximasse.

– Já vi fotos mais parecidas – disse.

A fotografia de Violet a mostrava uma menina de rosto angelical por volta dos dezoito anos, com uma penca lustrosa de cachos. Ninguém que visse a foto imaginaria que uns poucos anos teriam esticado aquelas feições, conferindo-lhe raiva e ângulos.

A outra imagem era uma fotografia dos Crescents tirada menos de um ano antes. Era aquela pose padrão de família que os fotógrafos adoravam: a mãe sentada, as crianças arranjadas como ornamentos dos dois lados dela, e o pai descansando uma mão proprietária nas costas da cadeira. Por entre as memórias de Triss, Trista chegou a lembrar-se de posar para a foto, tendo que ficar imóvel pelo que pareceu uma era enquanto a imagem cauterizava lentamente seu caminho até o filme.

Pen não tinha ficado completamente imóvel, é claro, então havia uma delicada mancha fantasmagórica de movimento num dos lados do rosto dela, mas estava reconhecível mesmo assim. O semblante sisudo de Triss, por outro lado, tinha uma clareza gélida por detrás do espalhafatoso lacinho branco.

“Filhas dos Crescents sequestradas” trovejava na manchete. Os olhos de Trista tropeçaram, desolados, ao longo das colunas de letras pretas. Violet Parish procurada por conexão com o desaparecimento... não foi recebido pedido de resgate... há rumores de que se trata de retaliação após disputa financeira...

– Não fomos sequestradas! – Trista protestou.

– Isso aí tá cheio de histórias inventadas! – Pen ralhou.

– Sou bom em amaciar a polícia – Bill murmurou –, mas não tão bom assim. O que está acontecendo, Violet?

– Desculpe, Bill – ela disse baixinho. – É uma bagunça. Mas não é um sequestro.

– Bom... é uma pena. – Bill suspirou e fez um tx tx baixinho. – É uma pena mesmo eu ter lido isso só uma hora depois de você ter saído. Poderia ter feito bom uso dessa recompensa. – O homem deu uma piscadinha para Violet, depois fechou um pouco a cara. – Sabe onde ficam todos os meus amigos de fora da cidade se precisar de lugar pra se esconder?

– Sei, sim. Obrigada, Bill. – Violet devolveu-lhe um sorriso curto, porém genuíno. Levantou-se para sair, mas hesitou. – Bill... se importa se eu levar esse jornal?

Quando retornaram à rua, Violet entregou-o a Trista.

– É uma foto da Triss – sussurrou ela. – Pode comê-la, caso comece a ter fome de novo?

Só de pensar, o apetite de Trista ativou-se como um tubarão ao farejar sangue. Tudo bem, a menina disse a si mesma. Sei o que é isso. Sei lidar. Ela se preparou para a onda de fome, e sentiu-se varrida por ela, mas dessa vez a sensação continuou a aumentar, consumindo-a. Tremia descontroladamente. Isso era novo. E muito pior. Ela arrancou o jornal das mãos de Violet, amassou-o numa bola e começou a enfiar na boca.

– Minha nossa! Não aqui na rua! – Violet sibilou. Ela agarrou Trista pelo braço e rapidamente a levou até um beco. – Vou ficar aqui de olho até você terminar.

Ao cambalear para os fundos do beco, a visão de Trista escureceu e formigou. Algo dentro dela crescia mais e mais. Ao crescer, tudo ficou distorcido, como se ela enxergasse através dos olhos de um peixe. Tudo foi ficando menor, pequeno o bastante para ela enfiar na boca sem dificuldade. Na verdade, teria que se esforçar para não fazer isso.

Ela engoliu o jornal, e por um segundo sentiu o gosto da fotografia, mas o teor de Triss ali contido era ralo feito sopa de aveia. Por um instante, a fome diminuiu e minguou, como uma chama num rascunho, mas no instante seguinte voltou à vida mais uma vez. Não foi o bastante. Ela precisava de mais.

Tinha que comer. Tinha que comer. Tinha que haver algo que ela pudesse comer.

Feito um gato de rua, a menina fuçou o lixo do beco, procurando por mais cópias do *Crônica* com as fotos de Triss. Não achou nenhum. Então, no frenesi da fome, ela pescou restos meio apodrecidos e os engoliu.

– O que você tá fazendo? – A voz de Pen soou logo atrás dela.

Trista não se virou, continuou agachada, só ergueu uma mão furtiva para limpar um pontinho de meleca do lábio inferior. Não queria que Pen visse seu rosto, para o caso de ter virado uma máscara monstruosa e espinhenta de fome. Se Pen continuasse falando com ela normalmente, então talvez tudo pudesse voltar ao normal.

– Eu estava... eu estava com fome, Pen. – Como soaram inadequadas essas palavras! – Estou ainda... com fome.

– Eu ainda tô com fome também – respondeu Pen, pesarosa.

Trista pôde ouvir a menina agachando ao lado dela.

– Eu... eu tô com muita fome, Pen. – Trista engoliu em seco. – Acho... acho que é porque perdi pedaços de mim nos telhados ontem à noite, enquanto

perseguiu o Arquiteto. Esses pedaços deixaram um buraco, Pen. E acho que é por isso que eu tô tão, tão... – Ela não concluiu a frase, apenas fechou os punhos com muita força.

– Então coma mais coisas! – Pen estava desolada. – Posso juntar umas folhas!

– Não adianta – disse Trista entredentes. – Tem que ser coisas da Triss.

– Não quero que você despedace! – Pen gritou, como se fosse algo em que pudesse insistir. – Eu... não vou deixar! – Antes que Trista pudesse reagir, sentiu os bracinhos de Pen ao seu redor, com a energia desesperada de um jogador de rugby. – Não pode!

Pen.

Trista fechou os olhos e abraçou Pen com força. Agarrou-se à única coisa que lhe dava calor e segurança em seu mundo estranho e imperdoável.

De repente, Pen deu um gritinho e fez uma careta.

– Ai! Triss... por que tá me espetando?

Trista baixou os olhos para as mãos. Estavam com os espinhos de fora, enrolando-se nas pontas dos dedos feito urzes de amoreira, fincando-se nos ombros do vestido delicado de Pen. A língua sentia as pontas de dentes afiados. Em seus braços envolvia algo que era um banquete, e limonada num dia de verão, e sopa quente no inverno... e havia um buraco dentro dela feito um abismo sem fundo no qual a pessoa podia cair sem querer...

Ela empurrou Pen para longe o mais forte que pôde. A menina caiu de costas, encontrando o pavimento com um grito. Ofegante, fitou Trista, e sua expressão de ultraje e choque lentamente passou para de horror e medo.

Trista não ousou ficar ali mais um instante. Afastou-se, depois girou e saiu correndo para o topo da parede seguinte. Dali, saltou para o outro lado, entrando na alameda vizinha, pousando agachada com o coração na boca. Daí saiu correndo, fugindo, a cabeça baixa para esconder seu rosto monstruoso.

Nas ruas, o ar tinha gosto de neve. Havia algo de frágil no açoitar da brisa, e o céu estava tão baixo que Trista sentia que poderia saltar e passar as garras nele. Em vez disso, ela continuou a correr, cruzando travessa após travessa, os sapatos rapidamente juntando gosma e folhas soltas do pavimento.

Onde estava? Nem sabia. Aquelas ruas não faziam sentido para a parte de sua mente que viera de Triss, com fileiras de casas formais e organizadas onde tudo era mantido modestamente atrás das portas pintadas e das venezianas. Ali, nas vias entre os quintais, todas as portas estavam abertas e um viver orgulhoso derramava-se para a rua. Era como ver uma pessoa comer de boca aberta. Crianças corriam daqui para lá com risinhos intensos feito estorninhos. Mães de cabelos presos com rede batiam papo e descascavam batatas sentadas nos batentes, e pais fumavam, sentados também.

A menina corria, ignorando as bicicletarias de quintal, as crianças amontoadas em frente às tabacarias, implorando por cartinhas de cigarro para estranhos, e o odor salgado das tendas onde se vendiam tortas de ostra.

Finalmente, Trista divisou o contorno da ponte Vitória, um arco-íris de concreto que se curvava para a terra por causa do próprio peso. Tal visão endireitou-lhe a bússola interior. Ela não mais corria por entre o labirinto retorcido de sua própria mente. Ainda estava em Ellchester, com o rio situado em algum ponto à direita, e os morros negros da cidade à esquerda.

Teve que parar para tomar fôlego num beco apertado, cheio do eco gelado de gotas pingando. A menina arquejou, soluçou, e apertou os dentes estreitos.

Machuquei Pen. E se eu a tivesse devorado?

Eu sou um monstro. Um monstro. O Sr. Grace estava certo o tempo todo. E Violet estava errada.

Mas Trista não podia pensar em Violet sem sentir uma esperança teimosa e quentinha. Lembrou-se do modo como a moça a olhara direto nos olhos com plena confiança.

Eu posso ter quase devorado Pen. Mas não o fiz. E não vou fazer. Não vou machucar Pen, não importa o que aconteça. Não vou contrariar Violet, não depois de tudo o que ela fez.

Trista respirou fundo, e com os olhos da mente pôde ver o Arquiteto. Como fora charmoso ao telefone! E quão manhoso fora ao dar a sugestão de que devorar Pen poderia salvar a vida de Trista. Talvez ele tivesse chegado a sentir

certo afeto por ela naquela hora, mas o motivo real tinha sido o desejo de atacar o coração de Piers Crescent do modo mais cruel possível.

– Mas você não pode me forçar a fazer isso, Sr. Arquiteto – Trista sussurrou em voz alta. – Você perdeu nesse jogo. Não sou sua ferramenta, e nunca serei. Sou livre e sou eu mesma, até que meus pedaços caiam na sarjeta. E não estou pronta pra que isso aconteça ainda.

A menina envolveu seu corpo improvisado com os braços, ciente do buraco faminto no centro, e abraçou aquela pequena e obscura vitória o mais forte que pôde.

Vou encontrar alguma coisa pra comer. Alguma coisa que não Pen. Algo que impeça que eu despedaça até o anoitecer.

Seus pensamentos galopavam, astutos e vorazes feito ratos. Onde poderia encontrar algo especial para Triss? Haveria algum outro lugar além da casa dela que lhe fora especial? Improvável. A vida de Triss tinha sido amavelmente cercada pelas paredes da casa dela, como uma pérola aprisionada pelas conchas da ostra. Trista quase chorou de tão frustrada.

Uma ideia ocorreu-lhe e a dominou. Era terça-feira, e Celeste dissera à cozinheira que podia tirar folga toda terça. Piers estaria no trabalho, e terça era o dia em que Celeste costumava ir jogar tênis e tomar chá com outros membros da Associação de Mães da Praça Lutero. E logo Margaret teria concluído seus serviços na casa.

Quando pensou em aventurar-se perto da casa dos Crescents de novo, as entranhas de Trista contorceram-se num rabiscar negro de sensações indescritíveis. Contudo, a fome falou mais alto. Com novas intenções, Trista pôs-se a correr mais uma vez. Seus pés mal raspavam a superfície das poças, e os ecos dormiam, imperturbáveis.

O vento era amigo de Trista, tão gelado que arrancara todos, exceto os mais corajosos, das ruas. Fazia as pessoas erguerem as golas dos casacos, e todo mundo passar apressado, não dando bola para os demais. Os donos das lojas estavam ocupados demais baixando os toldos sobre as vitrines para reparar na menina. Entretanto, ela preferia passar por becos e ruas laterais.

Começou a reconhecer pontos de referência, os nomes das ruas, dolorosamente familiares à parte de sua mente que viera de Triss. Mas agora ela via tudo através de um filtro próprio, estranho e selvagem. O familiar não a recebia bem. Fitava-a em choque. Não estava voltando para casa. Era uma sombra insidiosa invadindo a vizinhança, como uma gripe ou uma má notícia.

Então, finalmente, lá estava ela. A pracinha com a entrada no meio. Os carros brilhantes, agora incrustados de cristais pela garoa. As casas altas e pomposas, lado a lado, enfileiradas por detrás dos portões de ferro. Trista deslizou pelas paredes, esgueirando-se daqui para lá, para então se esconder atrás de um carro.

Havia um carteiro na porta. Ele bateu e esperou, bateu de novo, depois se inclinou para espiar dentro da casa.

Trista umedeceu os lábios enquanto observava o homem montar na bicicleta e partir. Ninguém atendeu a porta. A casa estava vazia.

A menina saiu às pressas do esconderijo, ligeira feito uma folha ao vento, costurando as ruas laterais até chegar ao beco logo atrás das casas. Abriu o portão do jardim e entrou, sentindo uma ponta de medo pinicar-lhe a pele. As lembranças de Triss estavam em todo canto para onde olhava, e apertavam-na como sapatos roubados. Que não serviam. Não dava para entender como ela chegara um dia a achar que serviriam.

A porta dos fundos estava trancada.

Logo acima, as janelas dos quartos chamaram sua atenção. Trista sentiu o salto como eletricidade nas pernas, mesmo antes de pular. Os dedos grudaram num dos peitoris, e a menina içou-se com facilidade.

Garatujou a janela, arranhando vidro e madeira com suas garras-espinhos. Depois conseguiu erguer a janela e abriu caminho por entre as cortinas macias cor de lavanda. O quarto cheirava a pó de arroz, *pot-pouri* e ao odor acre do vinho tônico. Era o quarto de Celeste.

Trista aventurou-se ao corredor, depois abriu a porta que dava para quarto de Triss. O coração doeu quando ela viu quão cuidadosamente o quarto tinha sido arrumado e arejado, a cama, meticulosamente feita, com a camisola de Triss dobrada sobre o travesseiro. Foi como aquela cena de *Peter Pan* em que os Darlings descobrem que seus quartos aguardavam, desolados, pelo retorno deles.

Mas aguardam o retorno de outra pessoa, não eu.

E como a fome a dominava, Trista destruiu o quarto.

Virou uma cômoda, de modo que todas as gavetas espalharam seus conteúdos no chão, depois fugou por entre as roupas que caíram, rasgando-as de tanta pressa. As pérolas falsas de Triss foram esmagadas feito açúcar. Livros foram arrancados das estantes, partidos e engolidos, suas capas de couro foram ao chão feito cascas de frutas descartadas. O chapéu de palha dura e o casaco da escola tinham sabor agri-doce e intenso e quase a fizeram engasgar. A mesa de cabeceira tombou, e os vidrinhos de remédio se quebraram. O carpete sob os pés de Trista

ficou coberto de vidro estilhaçado, pílulas coloridas e poças grudentas de tônica e óleo de fígado de bacalhau.

O tempo todo as bonecas guinchavam e clicavam, ultrajadas e amedrontadas, batendo as mãozinhas de porcelana ou madeira contra as estantes. A menina agarrou uma boneca de pano, sentindo-a contorcer-se e debater-se em suas mãos, e escutou-a berrar quando foi posta goela abaixo. Duas bonecas de pregador de roupa foram logo em seguida, depois um pierrô de porcelana. Os gritos enchiam os ouvidos de Trista enquanto ela se alimentava num frenesi, sem saber se alguma daquelas vozes era a dela. Mal reparava também na teia de aranha que incomodava seus olhos e rolava pelas bochechas. Sua mente foi tomada por uma loucura branca, e nenhum barulho importava.

A menina mal notou quando ouviu outro som em meio à confusão, o baque distante da porta da frente se fechando. Somente o trevejar de passos na escada conseguiram retirá-la do frenesi.

O medo a deixou sóbria num segundo. Trista correu para a porta do quarto e saltou para o corredor no instante em que Piers Crescent apareceu.

O homem parou, arrebatado. A cor e a força pareceram escorrer para o chão. Trista nunca o vira tão abatido, tão desesperado.

– Triss... – veio um sussurro quase inaudível. Uma faísca ínfima, miserável, de esperança acendeu-lhe os olhos, e ele deu um passo ávido adiante.

Aterrorizada, Trista retraiu-se, mostrando os dentes-espinhos. Sua mente era uma fornalha. Todos os pensamentos chamuscaram e fervilharam para o nada.

Nisso, Piers congelou no lugar. Trista aproveitou a oportunidade e fugiu para o quarto de Celeste. Tinha acabado de pular para o batente da janela aberta quando a voz de Piers a alcançou.

– Espera! Por favor! Por favor!

Trista olhou para trás, para o quarto. Piers estava parado na porta, estendendo a mão como se pudesse detê-la à distância. A menina estava ainda acororada, preparada para pular no jardim. Algo no rosto dele, contudo, a fez hesitar por um instante.

– Não vou te machucar – ele disse, com uma firmeza que evidentemente demandou certo esforço. – Por favor, quero conversar. Quero negociar.

– Negociar? – A palavra explodiu de Trista, e a voz que a proferiu não foi a de uma garotinha. – Você tentou me jogar na lareira!

Se eu pular agora, vou ter vantagem, sei que vou...

– Então o problema é comigo, não com as minhas filhas. – Piers soltou o ar lentamente. – A desavença do seu mestre é comigo também. Diga ao seu mestre,

ou seu pai, seja lá o que for, que quero fazer um trato. Vou me entregar pra ele e sofrer a vingança que ele achar apropriada. Tudo o que peço é que minhas filhas voltem pra casa a salvo.

Mestre? Pai?

Trista não sabia o que sentir. A sensação de amor, lealdade e mágoa de Triss. A sensação de raiva, ultraje e medo de Trista.

– Você não entende – ela disse, a amargura suavizada pela tristeza. Sua voz soou mais humana dessa vez, mas mais antiga que os montes. – Você não entende o Arquiteto, nem a mim, nem suas próprias filhas. Não sabe de nada. Você é um pai carinhoso, mas é cego. Cego o bastante pra ser cruel.

Piers estava imerso na pouca luz do quarto, mas Trista pensou ter visto tensão e ultraje no rosto dele. Devia fazer anos que ninguém ousava desafiá-lo, muito menos falar-lhe em tais termos. Ele deu um passo apressado para o quarto, mas parou quando Trista empertigou-se na janela.

– Então me diga, o que posso fazer para ter minhas filhas de volta? – O tom de desespero dele foi de cortar o coração, apesar de tudo. – O que o Arquiteto quer de mim?

– Quer que você sofra – Trista sibilou. Mesmo ali, ela teve receio de que as criaturinhas aladas estivessem por perto e a ouvissem falando sobre o Arquiteto. – Teve um tempo em que você foi útil pra ele. Mas aí você não cumpriu o trato. Agora ele só pensa em fazer você preferir estar morto, e sabe que o melhor jeito de te atingir é pela sua família. Se fizer um trato com ele, ele vai fingir que escuta, vai te amarrar com palavras inteligentes, mas não vai desistir da vingança.

Piers ficou encarando-a por alguns instantes.

– Por que está me dizendo isso? – perguntou finalmente.

– Tentei explicar antes – Trista respondeu, com ardor –, mas você não escutou. Eu não trabalho para o Arquiteto. Não sou filha nem serve dele. Ele me fez para ser igual à sua filha, pra que vocês não notassem a ausência dela, e me deu as memórias de Triss. Mas eu não sabia o que eu era. – Trista não conseguia falar sem demonstrar raiva e dor. – Eu achava que era a Triss. Quando olhava pra você, via o pai que eu amava. Daí tudo começou a dar errado comigo, e fiquei com medo. Pensei que estivesse louca. E tentei tanto melhorar, pra você não ter que se preocupar com a sua garotinha. E daí você tentou me jogar no fogo. Sabe o que teria acontecido se tivesse conseguido? Eu teria queimado até morrer, gritando. Só isso. Não teria trazido a Triss de volta. Por que o Arquiteto não dá a mínima para o que vai acontecer comigo.

Piers ficou parado, escutando, lábios prensados como se a verdade fosse uma pílula que ele não quisesse engolir. Queria evitar o que ela dizia, como se fosse tudo mentira, isso ficou evidente, mas a menina soube que centenas de detalhezinhos começavam a encaixar-se na mente dele com dolorosa clareza.

Por anos toda a Ellchester erguera um espelho de lisonja no qual Piers se via refletido. Um homem de visão e senso de comunidade, um líder na cidade, pai e marido ideal. Agora Trista mostrava-lhe um espelho diferente, com uma imagem distorcida que ele jamais vira. Para seu crédito, contudo, ele não desviou o olhar.

Fez, porém, duas tentativas abortadas de falar, até que conseguiu dar forma às palavras.

– Me disseram que...

– E o Sr. Grace acreditava no que dizia – Trista interrompeu. – Mas estava errado.

– Eu não sabia. – Piers passou os dedos pelos cabelos. – Eu... só pensava na minha filha. E... parecia ser o único jeito de salvá-la. É só isso que me importa: proteger a minha garotinha.

Não foi bem um pedido de desculpas. Afinal, como Piers poderia pedir desculpas à criatura feroz empoeirada na janela do quarto dele? Mas foi quase isso. Talvez a fala pudesse ter feito Trista se sentir um pouco melhor, ter mexido com seus sentimentos. Contudo, as palavras a cutucaram ainda mais.

Dessa vez não sentiu apenas raiva, mas uma turbulência de emoções: raiva, pena, frustração e dor. Sua mente foi tomada por seu outro eu, aquele que ela invejava e desprezava. Triss, a adorada. Triss e seus ataques de nervos, encapotada até sufocar...

– Eu sei. – Essas palavras amargas saíram antes que Trista as pudesse reter. – Ela é seu tesouro precioso. É por isso que você gosta de enterrá-la.

– Quê? – Piers ficou vermelho até o pescoço. – O que quer dizer?

– Você e a sua mulher – Trista respondeu, decidida – vêm enterrando Triss viva há anos. Ela é muito triste. Não tem amigos. Quase nunca sai, e nunca tenta nada novo ou difícil. Está mergulhada no tédio, que é como veneno pra ela.

– Como você ousa? – Apesar do estado de choque de Piers, o golpe foi evidentemente bastante certo. – Minha filha precisa de cuidados especiais! Se você soubesse como eu e minha esposa sofremos... a Theresa é doente!

– A Triss é doente porque você e sua esposa precisam que ela seja! – Trista atacou. – Fora a Pen, toda a família está doente! Nenhum de vocês ficou bem desde que o Sebastian morreu!

Rompeu-se o tabu e falou-se o nome sagrado. Seguiu-se um silêncio de choque. Piers parecia respirar com dificuldade. Trista sabia que suas palavras tinham sido duras, mas tinham o gosto amargo da verdade. Precisavam ser ditas, e não havia modo gentil de dizer.

– Sebastian morreu – Trista continuou. Era tarde demais para parar. – Você devia tomar conta da família, ter o controle. Mas ele morreu e você não pôde impedir. Você tentou. Fez seu trato com o Arquiteto, e piorou tudo.

Piers ficou sem resposta. As cartas atormentadas de Sebastian estavam logo ali, no quarto ao lado.

– Acho que você tentou compensar. – Trista cutucava ainda mais a fundo a ferida da família, e sabia disso. – Você deve ter prometido a si mesmo que protegeria as filhas de todo mal. Mas não podia fazer isso a não ser que elas estivessem mesmo em perigo. Por isso Triss tinha que viver doente, muito doente, pra você poder salvá-la, e salvar de novo, como não conseguiu fazer com Sebastian. Sei que você não tinha planejado isso, achou que só a estava protegendo. Mas, na verdade, esse tempo todo você só a ensinou a ficar doente. Eu sei disso, eu me lembro de tudo. Lembro de ouvir muitas vezes: *não pode, nem tente, você tá doente, vai passar mal*. E lembro de ter medo do jeito com que meus pais ficavam frios e bravos quando eu gostava de alguém além deles, ou queria alguma coisa que não tivesse em casa. – Trista teve que parar um pouco. As lembranças não eram dela, mas doíam como se fossem. – Se Triss quiser amor, presentes, bondade ou fazer suas vontades, consegue tudo se ficar doente. Pode ter tudo que quiser... contanto que não queira fazer amigos, ir pra escola, sair de casa ou sarar. Claro que ela não melhora; no fundo, tem medo do que vai acontecer se melhorar. Papai e mamãe vão deixar de amá-la se ela melhorar.

– Triss nunca pensaria isso! – Piers exclamou, escandalizado. – Ela sabe que nós a amamos!

– É mesmo? – Trista sentiu uma pontada quando viu seu não-pai empalidecer. – Ou amam a Triss de seis anos de idade que vive dentro de suas cabeças, que nunca cresce, que nunca olha pra vocês de outro modo e que vai depender de vocês pra sempre? Ela *não existe*. Sua filha de verdade tem passado a vida toda fingindo ser quem é, num jogo horrendo que ela tem que jogar para não perder o seu amor. Ninguém mais é a “sua Triss”. Só existe uma menina que atua o tempo todo, e se faz acreditar nas próprias mentiras, e atormenta Pen por tristeza e inveja. É mimada, vingativa e mentirosa, e você tem que me *prometer* que se eu a resgatar e trazer de volta, você vai amá-la de qualquer jeito, pela pessoa que ela realmente é.

Alguns momentos se passaram antes que Piers assimilasse a importância dessa fala. Então ele disse “resgatar” muito baixinho, quase sem fazer som, para si mesmo.

– Você... você pretende resgatá-la. – Isso ele disse sem muita emoção, como se não ousasse imbuir a ideia de esperança e energia.

– Se eu conseguir – Trista respondeu.

Piers ficou boquiaberto.

– Então... sabe onde ela está? – Ele estampou uma dolorosa esperança no rosto. – Onde? Me diga! Está ferida?

– Não sei onde ela está, ainda não. Está viva, pelo menos estava ontem à noite.

Piers exasperou-se, e pareceu ocorrer-lhe outra ideia.

– E Pen? Como está?

– Achei que não fosse perguntar nunca – Trista murmurou, ácida.

– Onde ela está? Diga que não a machucou!

– Machucar Pen? Depois que ela salvou a minha vida? – Trista não pôde impedir o ultraje que lhe tingia a voz. – Não. Nunca. Mas agora eu acho que está mais segura comigo. Receio que o seu querido Sr. Grace possa achar que ela também é uma metamorfa e queira jogá-la no fogo também.

Piers parecia angustiado, talvez pela ideia de não lhe confiarem a proteção das próprias filhas. A parte espinhenta do coração de Trista deu um pulo de maliciosa satisfação. Não deu pra evitar. Contudo, havia outra parte dentro dela que observava o homem com tristeza e dó. Que também não deu pra evitar.

– Se eu descobrir onde está Triss – disse ela baixinho –, e se der tempo, vou te contar, pra você poder vir ajudar a resgatá-la. Mas agora precisa me contar tudo que possa ter relevância, tudo sobre seus tratos com o Arquitecto.

Segundos se passaram, então Piers fez uma careta para o espelho cruel que lhe fora mostrado, e baixou o olhar. Engoliu seus protestos e seu orgulho, e começou a falar.

Trista escutava, e por todo o tempo a parte que pertencera a Triss sofreu ao ouvir seu altivo pai falando de modo tão humilde, miserável e destruído.

– Encontrei o Arquiteto pela primeira vez no distrito do antigo cemitério – começou Piers. – A carta sobre o... falecimento do meu filho... tinha chegado naquela manhã. Minha esposa... Levei algum tempo para acalmá-la. Quando ela finalmente adormeceu, eu saí, e caminhei pelas ruas sem nem enxergá-las. Não espero que você entenda, mas às vezes a dor tem uma energia terrível...

Trista compreendia, mas não disse nada.

– Eu estava num beco escuro quando percebi que escutava outros passos ecoando pelas paredes. Havia um homem andando junto comigo. Ele me cumprimentou como se me conhecesse, e pelo nome, então respondi sem pensar. Conheço tanta gente, sabe? Nem sempre lembro das pessoas depois. Ele sabia tudo do meu trabalho pro esforço de guerra, as defesas nos portos que ajudei a projetar em Kent, e falava com tanta propriedade que eu soube na hora que era alguém da mesma profissão, ou algo similar. Daí ele ofereceu suas condolências pela minha perda. Eu estava arrasado demais pra imaginar como ele ficara sabendo. Disse que a morte do meu filho ainda era incerta, que podia ser engano, que talvez fosse um rapaz de nome igual que tivesse morrido. Ou talvez os ferimentos dele não tivessem sido tão ruins quanto pensavam, e que ele podia ter se recuperado depois que a carta fora enviada. Eu devia estar parecendo um maluco. Ele me chamou de “pobre homem”, disse que sua casa ficava ali por perto e insistiu que eu entrasse para tomar um brandy e me recompor. Havia uma bela porta no fim do beco. Achei estranho desde aí. Lá dentro, um grande estúdio, com luz entrando pelas janelas altas. Havia desenhos de arquitetura por todo canto, nas paredes e estantes. Meu treinamento logo me avisou que havia algo de errado com os ângulos daquele cômodo, como perspectiva mal desenhada numa pintura antiga. Mas eu fiquei ali parado feito um bobo, bebendo aquele brandy amaldiçoado e contando pra aquele estranho tudo o que eu sentia. Disse que faria qualquer coisa pra ver meu filho de novo. Por um tempo ele ficou só me observando. Depois disse que “poderia fazer algo por isso”. No começo achei que ele fosse me recomendar algum espiritualista, um desses parasitas de araque que arrancam dinheiro de quem está sofrendo. Mas ele riu e disse que não tinha nada a ver com isso. Disse que podia prometer uma carta concreta do meu filho em uma semana, se eu fizesse algo em troca. Então me levou para perto dos projetos. Eles fizeram minha pele pinicar. Eram projetos de construções impossíveis tornadas possíveis.

Quando olhava para cada parte separada do projeto, via que tudo encaixava, se apoiava e fazia sentido. Sabia que daria certo. Mas inteiros, todos os desenhos eram maluquice, ilógicos. Tentar entender cada um como um prédio fez minha cabeça doer, como se alguém entortasse meu cérebro.

– Mas você concordou em construí-los mesmo assim – Trista interviu.

– No começo, não – Piers respondeu. – Doeu no meu orgulho pensar em passar o trabalho de outro homem como sendo meu. Se ele tivesse tentado me forçar, eu teria resistido. Mas ele deu de ombros, disse para que eu pensasse com calma, e sugeriu que falássemos de outra coisa. Como eu ia fazer pra banir as palavras dele da minha cabeça? No final, cedi e concordei. O Arquiteto pediu uma lista de pertences de Sebastian, e ficou interessado assim que mencionei o relógio de pulso.

– Ele disse por quê? – Trista questionou. Seus ânimos deram um pulo com a menção do relógio.

– Ele disse que os relógios são servos do tempo, mas podiam ser ensinados a serem mestres. – Piers franziu o cenho, como se forçasse a memória para recordar as palavras precisas. – Ele perguntou quando Sebastian morrera, e se o relógio estava no pulso dele no momento. Ficou feliz ao ouvir que sim. Quando o examinou, no entanto, pareceu descontente, e disse que não estava ligado com tanta força a Sebastian quanto ele queria. Suspeitava que outra pessoa o tivesse usado antes. Mesmo assim, ainda dava para encantá-lo pra controlar o fluir do tempo, mas ele precisaria de outra coisa ligada com força a Sebastian para conectá-lo ao meu filho. Voltei ao estúdio dele no dia seguinte, e trouxe um cachinho de Sebastian, de quando era bebê, que tirei de uma caixinha da minha esposa. Ele abriu o relógio e colocou os fios lá dentro. As engrenagens enguiçaram, e o relógio parou... exatamente às quatro e meia.

Trista imaginou se os fios de cabelo seriam as únicas coisas presas entre aquelas delicadas engrenagens. Talvez naquele segundo o espírito destacado de Sebastian também tivesse sido aprisionado, suspenso num instante eterno entre a vida e a morte.

– Onde fica o estúdio do Arquiteto? – ela perguntou.

– Sumiu. – Piers balançou a cabeça, desolado. – Voltei lá, mas encontrei só uma porta de madeira gasta, e atrás dela um quartinho apertado coberto de musgo e teias de aranha. Tenho tentado encontrá-lo há dias, mas sem sucesso. Obviamente, ele não tem interesse algum em falar comigo. Quando conversei com o Sr. Grace hoje de manhã, achei que ele tinha uma linha correta de investigação, mas... – Piers não completou, pareceu inseguro e duvidoso. Talvez se

sentisse incomodado de revelar as atividades do alfaiate a Trista, mesmo agora. – Mas... ele anda ferrenho na sua procura; tem rastreado a Srta. Parish por meio dos amigos dela. Achávamos que isso levaria ao Arquiteto e às minhas filhas.

– Não tem como fazer o Sr. Grace parar? – a menina perguntou. – Se contar-lhe tudo que contei agora...

– Ele não acreditaria. – Piers balançou a cabeça parecendo muito seguro disso.

– Nem se eu dissesse que acredito. Ele tem uma história terrível com os Outros.

Trista lembrou-se da faixa preta em torno do braço do alfaiate.

– O que aconteceu com ele? – ela perguntou.

– Foi antes da guerra. A esposa dele morava num vilarejo, foi criada em meio ao folclore antigo. Passou muito mal ao conceber o bebê, e disse que achava que tinha irritado “os Outros” acidentalmente. Ela implorou ao marido que deixasse uma tesoura pendurada no berço para proteger a criança. Parecia bobagem, e perigoso, então é claro que ele não obedeceu. Resultado: a mulher ficou convencida de que o bebê tinha sido substituído por um metamorfo. Um dia ele chegou em casa e a encontrou pronta pra bater na criança com uma vassoura, então chamou um médico, que a sedou. Ela implorou que ele, pelo menos, mantivesse a criança longe dela, mas o médico disse que era importante para o corpo e a mente do bebê que a mãe o amamentasse. Ele chegou em casa certa noite e encontrou a esposa morta, com o corpo parecendo, nas palavras dele, “drenado”. O berço estava vazio, balançando muito, como se alguém o tivesse chutado. Ele escutou a porta dos fundos bater, e quando correu pra olhar viu uma figura branca fugindo na escuridão. Tinha o formato e o tamanho de um bebezinho, mas saltava com agilidade sobrenatural. A criatura virou-se pra olhar pra ele, depois desapareceu na noite. Diz ele que ela sorria.

Trista ficou perdida entre o desespero e a pena. E a esperança de convencer o Sr. Grace estilhaçou-se suavemente.

– E quanto à polícia? – ela perguntou.

– Nunca quis envolvê-los, pra começo de conversa – respondeu Piers –, mas ontem à noite eu discuti com o Sr. Grace. Eu queria encontrar o Arquiteto e renegociar; ele disse que não adiantava. Disse que ia resolver as coisas sozinho pro meu próprio bem. Foi à polícia e agora a investigação ficou fora de controle.

– Faça o que puder pra impedi-lo, Sr. Crescent – Trista disse bruscamente. – Talvez a vida de Triss dependa disso.

A menina deu as costas a Piers e saltou suavemente do peitoril. Seus pés tocaram o chão leves feito sementes de pinheiro.

– Espere! – gritou Piers quando a viu correr para o portão dos fundos. – Tem tantas coisas que preciso perguntar!

Trista não esperou pelas perguntas; em vez disso, mergulhou no labirinto de ruas, cruzando travessa após travessa. Tinha que retornar para Violet e Pen.

Os pássaros de cada árvore pela qual a menina passava estavam tão inquietos quanto a brisa. Distraído, seu cérebro discerniu palavras em seu coxear e bramir, e ela reparou que não eram pássaros coisa alguma. Quando olhou para uma árvore acinzentada de asas farfalhantes, pensou ter visto rostos enrugados, cheios de pluma, olhando de volta.

Traidora! Traidora! Nós escutamos. Ajudante dos Crescents. Armando contra o Arquiteto. Espere até ele ficar sabendo! Espere até contarmos o que disse a boneca-espinho! Traidora! Traidora!

Havia uma maldade jubilosa naquelas vozes, sendo essa última palavra jogada de um lado ao outro como uma bola de criança. Talvez durante a conversa com Piers, as criaturas aladas estiveram à espreita nas calhas, pondo as orelhas maldosas para sugar cada palavra.

Com um guincho fininho de escárnio em massa, as criaturas voadoras saltaram-se das árvores na avenida, giraram em torno de Trista até parecer que o tempo do mundo ia soltar-se das tarraxas. Dispararam para o céu feito chuva reversa e sumiram.

Trista sentiu um calafrio. As criaturas iam relatar os fatos, e o Arquiteto saberia que não poderia considerá-la uma aliada, afinal. O Arquiteto, com sua raiva selvagem e tenaz, e sua vontade de vingança contra todos que o traíam.

Contudo, não havia tempo para pensar nisso agora. Era preciso encontrar as outras...

– Trista!

Ao ouvir esse seu nome peculiar, Trista virou-se e ficou admirada ao ver Violet montando na motocicleta, parada no meio-fio da avenida. Pen levantava-se do carrinho lateral, erguendo os braços. O coração da boneca-espinho inundou-se de alívio e amor, e ela foi correndo.

– Você está bem? – foi a primeira pergunta de Violet, com seus olhos cinza honestos e preocupados. Trista preparara-se para um sermão irritado, por isso apenas fez que sim.

– Trista fugiu! – Pen apontou. – Por que não vai dar bronca nela?

– Porque a culpa foi minha, não dela – Violet respondeu, muito firme.

– Como me encontraram? – Trista perguntou baixinho.

– Pen me contou o que aconteceu – Violet explicou –, então imaginei que você fosse voltar à casa dos Crescents para procurar o que comer. É o que eu teria feito no seu lugar. Embora não queira dizer que tenha sido boa ideia. Anda, entra. Não podemos ficar dando bobeira tão perto da casa de Pen.

Quando Trista retornou ao carrinho lateral, Violet pisou com tudo na partida, como se fosse ela que lhe causasse todos os problemas.

As Velhas Docas não envelheceram gentilmente. Não tinham aparência triste, como a dos banheiros vitorianos com tinta descascando que se viam em cidades costeiras nas quais a maré de sorte já tinha retornado. A negligência conferira às Velhas Docas um ar de perigo, como exala um cão que começa a passar fome.

Violet entrou numa rua paralela ao rio na qual uma fileira monótona de sobrados de três andares jazia perante a água. Durante os últimos cinco minutos, o rugido da motocicleta fora pontuado por gaguejos ocasionais, e dessa vez, quando ela desligou o motor, ele morreu com muito atrito.

– Tô ficando sem gasolina – murmurou a moça, preocupada. – E a polícia pode estar de prontidão pra me pegar, esperando eu ir comprar mais combustível.

– Por que o pai não dá um jeito neles? – Pen perguntou. – Triss... você disse que ele tá do nosso lado agora! Ele tem que impedir que prendam a Violet!

– Ele não está mais sob controle. – Trista não quis explicar mais. O rosto atormentado de Piers ainda estava claro em sua memória. – Mas talvez tente ajudar.

– E ele não estava bravo comigo? – Pen perguntou.

– Não, Pen – Trista respondeu, gentil. – Não estava, não.

– Então deve ser truque – Pen declarou, muito convencida. – Ele tá sempre bravo comigo.

– Você está sumida faz dois dias – Violet a lembrou. – Talvez ele esteja começando a esquecer de como você é chatinha.

Mesmo tendo a fome saciada, Trista ainda estremecia ao lembrar-se da última conversa que tivera com Pen. A menina, contudo, parecia ter deixado todo o episódio pra lá.

As duas usavam lenços baratos para cobrir os cabelos, na esperança de ficarem, assim, um pouco menos reconhecíveis.

Trista reparou numa sensação crescente de perturbação ao olhar ao redor. Não era somente o local abandonado que aticava seus instintos, ela compreendeu. Em seus ouvidos, a brisa chegava com um zumbido seco muito distante. O céu parecia feito de porcelana.

– Algum problema? – Violet perguntou baixinho, franzindo o cenho.

Trista hesitou.

– Há Outros aqui, em algum lugar – sussurrou de volta.

– Aqueles são os barcos? – perguntou Pen, a voz sacudindo, conforme ela saiu com dificuldade do carrinho e correu para a água.

Alguns dos diques de madeira não haviam cedido ao tempo e às águas, e ainda penetravam o rio. De fato, ancorados neles, ao redor, havia uma diversidade de embarcações. A maior de todas era uma barça meio largada, com musgo cobrindo o vidro das janelas de vigília. Havia também barcos de pesca, cada qual com seu mastro solitário, e muitos botes a remo.

Trista saiu do carrinho e apressou-se para alcançar Pen, que corria para o dique mais próximo.

– Cuidado, Pen! – gritou ela. – As bordas podem estar podres!

Para surpresa dela, Pen olhou-a com timidez e foi parando, e esperou para pegar sua mão. Pen ignorando-a, Pen gritando com ela – tudo isso era mais fácil de lidar do que com essa Pen que confiava cegamente.

Por algum motivo, a segurança de outra pessoa, mais nova, tinha sido depositada nas mãos de Trista. Dava muito medo. Ela se perguntava se as mães sentiam medo por ter tanto poder sobre seus filhos. Talvez sentissem. Talvez desejassem que houvesse outra pessoa para avisar-lhes caso estivessem fazendo algo errado. Ela sentiu um pinguinho súbito e inesperado de simpatia pelos pais da família Crescent.

Enquanto Violet escondia a motocicleta num beco, Trista e Pen chegaram ao dique, muito tensas, observando os barcos. Trista tentou ler os nomes pintados nas laterais, mas a tinta descascada tinha obliterado todos eles. Um barco se chamava, hã... Si-er Wy-m. Ao lado deste, havia o Ch---r e o Wail-g Gh--.

– Onde tá todo mundo? – Pen sibilou.

– Não sei – Trista sussurrou de volta.

Os barcos pareciam todos abandonados, como vagens vazias. E então, inesperadamente, eis que um deles não estava vazio.

Houve um momento quase imperceptível de movimento. Como naquele instante em que um pedacinho de terra se mexe e revela que é, na verdade, um pássaro marrom, ou uma folha que sacode e se torna um bicho-folha. O fato é que, entre uma mistura de espreguiçadeiras desbotadas de sol, cordas enroladas e caixotes velhos pintados com slogans encaracolados, sempre estiveram ali um homem e uma mulher sentados no deque da barça a plenas vistas. Quando os dois se levantaram, porém, ficaram mais evidentes.

Trista esforçou-se para esconder a surpresa. Pen soltou um gritinho agudo.

Nenhum dos estranhos era jovem, mas não dava para estimar suas idades. A pele deles era pálida e acinzentada, com um quê de cansaço e umidade. Os

cabelos eram da cor da areia úmida, e havia algo nos olhos deles que fazia Trista pensar em ostras.

Ambos usavam casacos marrons até o chão que fizeram sinos tilintarem nas lembranças de Trista. Após um momento, recordou-se do casaco que o Arquiteto usava na salinha atrás da tela de cinema, e reparou que aqueles eram feitos do mesmo estranho tecido fosco. As demais vestimentas que ela viu estavam *erradas*. A mulher usava um vestido púrpura antiquado com armação, como Trista vira uma senhora muito fina usando numa foto de caixa de chocolates. O homem usava calças aparentemente normais, mas com laços marrons cruzando, prendendo-as às pernas dele.

– Estamos em Ellchester, mocinhas? – perguntou o homem.

Um bando de gaivotas que passava dificultou ouvir-lhe a voz, e Trista teve que sacudir a cabeça para clarear o som. Sentiu como se tivesse alguém bem atrás dela sussurrando em seu ouvido, informando que o homem dissera algo perfeitamente normal, e que ele não tinha um sorriso igual ao de um lobo doentio.

– Isso! – Pen declarou com uma ousadia que fez Trista pensar que, na verdade, a menina estava com medo.

O olhar da mulher gotejou sobre o rosto de Trista feito óleo frio.

– A menorzinha – sussurrou ela –, é sua filha?

Novamente, o sussurro imaginário ocupou-se do ouvido de Trista, ou melhor, de sua mente, comentando o quão charmosa e inofensiva era a mulher.

– É minha irmã – respondeu a menina o mais vividamente que pôde, ao mesmo tempo dando um passo para trás. – Muito prazer em conhecê-los, mas... temos que voltar pra nossa mãe agora.

As duas deram meia-volta e correram para Violet, apressadas. O tempo todo, Trista sentiu a nuca arrepiar-se ao escutar os sons que vinham da barcaça.

– ... ótimos ossos... – ouviu a mulher sussurrar.

Trista e Pen agarraram-se, em silêncio, à barra da saia de Violet. O casal aproximou-se delas no dique, depois passou, seguindo para a via com uma marcha afetada e cautelosa. Violet fitou as meninas, bastante intrigada.

– São Outros – sussurrou Trista assim que teve certeza de que o casal não a poderia mais escutar.

A expressão de Violet quase não se alterou, a não ser por uma viradinha tensa nos cantos da boca. Ela nem chegou a olhar para trás, para o estranho casal.

– Como sabe? – murmurou muito baixinho.

Trista ficou pasma.

– Você não percebeu?

– Parecem bonecos de palha que ganharam vida! – Pen sibilou. – Você não notou?

Trista ousou dar uma olhada no casal, que havia parado em frente a uma casa de chá. O homem parecia ter certa dificuldade em manusear a maçaneta da entrada.

– Acho que estão fazendo o que o Arquiteto faz para as pessoas o verem bonito – sussurrou ela. – Deve ser o mesmo que fazem os bichos-pássaros, pra que todos pensem que são só bichos. Mentem pras mentes das pessoas sem dizer nada. Mas aqueles dois lá... acho que não são muito bons nisso.

– Eu tive uma sensação estranha com relação a eles, mas... – Violet não completou, intrigada.

– É como se estivessem vestindo a mentira, mas ela não serve direito – Trista tentou alinhar as ideias. – Não abotoaram do jeito certo, então fica largo em alguns pontos e apertado em outros.

E talvez Pen e eu possamos ver mais facilmente porque lidamos mais vezes com os Outros, ela acrescentou, apenas em sua mente. Eu sou quase um deles, e nós duas visitamos o Cômavo. É como se tivéssemos carimbado o passaporte.

– Bom, não podemos ficar aqui paradas na rua – Violet resmungou, olhando ao redor, meio circunspecta. A moça analisou a casa de chá por um momento, depois tirou as luvas e seguiu para lá, resoluta, acompanhada de perto pelas meninas.

A casa de chá parecia segura de si, mas um pouco gasta pelo tempo. Celeste teria feito careta, provavelmente, dizendo que o local era “singelo” e “frequentado por todo tipo de gente”. Comparada às belas casinhas de chá de Lyons, com aqueles bolinhos fofos na vitrine, o local parecia mesmo meio enfadonho.

Violet abriu a porta, e as meninas enfileiraram-se logo atrás. Cruzaram lentamente o andar térreo da padaria, depois subiram a escada para o andar de cima.

A casa de chá em si tinha paredes de uma cor pálida de creme de ovos, interrompida ocasionalmente por quadros com cenas bucólicas nas quais fadinhas arteiras brincavam com ratinhos. Havia cerca de vinte mesas quadradas, dois terços delas ocupados. Uma dupla de garçonetes de avental corria daqui para lá portando bandejas de bolo, preparando panelas no balcão do canto, com sua fileira de grandes urnas de ferro manchadas pelo tempo.

O cheiro de linguiça frita fez o estômago de Trista dar um pulo. Chocada, ela percebeu que já devia ser hora do almoço. O dia vazava por seus punhos feito areia seca demais.

– Tô morrendo de fome – declarou Pen, meio resmungando, meio choramingando.

Violet escolheu uma mesa no canto, perto da janela, para poderem manter um olhar discreto sobre a rua.

Enquanto Violet pedia bolo e chá para a garçonete no balcão, Trista deu uma olhada geral no recinto. Numa mesa distante ela viu o casal misterioso do barco, cabeças unidas em honesta conferência. Depois passou os olhos para a mesa seguinte, e a seguinte, e a seguinte...

Uma sacudida de cabeça rápida demais, como um gavião. Um brilho prateado nos olhos. Uma lambida furtiva na faca de geleia com uma linguona comprida. Botas que, entre as sombras, pareciam ter dedos...

– O que foi? – murmurou Violet, ao retornar à mesa.

– Mais Outros – Trista sussurrou.

Violet olhou ao redor lentamente, assimilando a informação.

– Quantos?

– Tá vendo as garçonetes? – Trista sussurrou. – E as duas senhoras comendo bacon ali no fundo? E aquele senhor de chapéu velho, e o rapaz com jornal?

Violet fez que sim.

– Bom... – Trista hesitou. – Acho que esses são os únicos que não são Outros.

Violet fez careta e respirou por entre os dentes.

A casa de chá era permeada por um zumbido de conversa, mas quando Trista prestava mais atenção, conseguia entender o que os comensais diziam de verdade às garçonetes que vinham pegar pedidos. Era como naqueles momentos em que o pai de Triss ajustava a frequência do rádio e trazia clareza às vozes magicamente.

– *Traga manteiga! Manteiga! Nem precisa de pão.*

– *Boa tarde. Não vim aqui devorar você. Agora traga uns docinhos pra eu poder fingir que sou da sua espécie.*

– *Um copo das suas lágrimas, querida. Como? Ah. Um chá, então.*

As garçonetes eram mocinhas jovens, com cara de cansaço, e Trista reparou que as duas pareciam tensas e exaustas. Erravam, contavam dinheiro errado e vez por outra derrubavam uma leiteira ou tombavam as bandejas. Os demais clientes que não eram Outros passavam a mesma impressão esquisita de desconforto.

– Devíamos ter trazido um galo! – sibilo Pen.

Trista piscou com força, e reparou que aquelas estranhas personagens sentadas às mesas tinham mais uma coisa em comum. Todas usavam casacos compridos ou longos xales de cor marrom ou cinza, feitos do mesmo tecido fosco, encrespado. Ela viu quando uma mulher numa mesa distante bocejou, e seu casaco pareceu ondular-se e encrespar-se de modo familiar.

– Repare nos casacos deles! – ela murmurou. – Sei que é difícil, seus olhos não querem enxergar, mas olhe. Acho que são feitos de penas. Penas de bichos-pássaros.

Todas as três deram um pulo quando uma bandeja de chá foi pousada na mesa com um leve tilintar. Trista retraiu-se, imaginando o quanto a garçonete tinha ouvido.

– Adoro crianças. – A garçonete piscou para Violet. – Elas sempre têm um mundinho só delas, né? – Ela distribuiu bolo, manteiga e geleia para o trio, e abriu um amplo e condolente sorriso para as meninas. – Aproveitem bastante enquanto podem, meninas, é tudo o que eu digo.

Trista e Pen fitavam a moça, olhos tristes e cansados.

– Quero uma colher, por favor – disse Pen, severa.

A garçonete mal havia dado meia-volta quando outra figura apareceu no recinto. À primeira vista, parecia uma tia muito bem vestida, de chapéu de *tweed* e casaco. Quando Trista prestou mais atenção, contudo, a ilusão partiu-se feito a casca de uma fruta podre. Ela enxergou por detrás dos círculos vermelhos pintados no rosto absorto, como as bochechas de uma boneca, e nas ondulações dos cabelos muito compridos, que mais pareciam rabinhos de gato enrolados. A mulher fluava feito um grão de poeira na brisa e parou na mesa do trio.

Olhos primaveris passaram por Violet e Pen, para então se fixarem em Trista.

– Essas duas... são suas? – perguntou a mulher. O rosto dela parecia ter sido feito juntando-se o choro de muitas crianças presas em alguma caverna distante. Olhava fixamente para Violet e Pen.

Isso foi quase a mesma pergunta que fez o casal que saiu do barco. O que significa? E por que todos ficam perguntando isso?

Só pode ser porque viram em mim algo de similar a eles. Acham que também sou uma Outra. E querem saber se Violet e Pen são minhas... amigas? Meus bichinhos?

– Isso – Trista respondeu na defensiva, esperando ter dado a resposta certa. – São minhas.

– Eu não s... – Pen começou, e deu um grito ao levar um chute de Trista. – Ai!

– Ainda estou treinando a menorzinha – Trista correu dizer, lembrando-se das palavras do Arquiteto ao telefone. Ah, você a treinou, não?

Violet passou o braço em volta de Pen, talvez para confortá-la, talvez para contê-la. Seu olhar passou do rosto de Trista para a estranha, depois franziu o cenho em concentrada frustração.

A mulher pareceu aceitar a resposta de Trista, acenando ligeiramente com a cabeça, depois pendeu a cabeça de lado.

– Onde está seu casaco? – ela perguntou, com uma voz sinistra, ecoante. – Me disseram que todos devíamos usar casacos na chegada. Para que não... causássemos comentários. – As últimas palavras foram pronunciadas com cautela, como se ela as recitasse de cor.

– Eu não preciso usar. – Trista observou a mulher com muita atenção, esperando algum sinal de reação. – Não cheguei hoje; já estava aqui.

Os olhos amarelados da mulher ficaram gordos feito manteiga de tanto interesse.

– Você estava morando nessa... cidade, então? E é verdade o que dizem sobre os sinos?

Trista fez que sim.

– Não nos machucam.

– Eu quis acreditar – bafou a mulher. E balançou a cabeça. – Não tive escolha a não ser aceitar, me arriscar. Você será uma das guias, então, no passeio de hoje à noite?

– Não. – Trista deu um golinho lento no chá para ganhar tempo para pensar. – Mas talvez eu participe do passeio... pra me divertir. O que te contaram sobre o passeio?

– Apenas que devíamos desembarcar aqui e esperar, e não ir além desta cidade, e não chamar atenção... e à meia-noite o Arquiteto vai chegar de charrete e nos levar até o refúgio.

– O refúgio é o... – Pen começou, mas calou-se, com uma exclamação de medo e frustração. Trista imaginou o que a menina quis perguntar, visto que a mesma dúvida passara-lhe pela mente. O refúgio era o Cômavo? Por causa da promessa mágica, contudo, ela não podia fazer essa pergunta, assim como Pen não pôde.

– E o que te falaram sobre o refúgio? – Trista perguntou, então, desesperada para saber se sua suspeita estava correta.

– Nada, apenas que é seguro. – A mulher estreitou os olhos e fitou Trista com muita desconfiança, obviamente convidando-a a falar mais.

– É seguro sim – Trista sussurrou, torcendo para ter parecido confiante. – Mas não devo falar mais nada sobre isso aqui. Logo você vai ver.

A mulher inclinou a cabeça e saiu andando pela casa de chá. Trista ficou tensa ao ver a estranha falando com uma porção de demais Outros que estavam sentados, e todos viraram para fitar a menina e fazer um aceno discreto, porém deferente.

– Eu... – Violet sacudiu a cabeça e esfregou os olhos. – Eu... não entendi quase nada. Foi como tentar escutar a névoa.

– Esses Outros todos acabaram de chegar a Ellchester – Trista sussurrou. – Acho que eles não entendem as cidades, e não conseguem se misturar muito bem, então mandaram ficar aqui e esperar que alguém venha buscar. É por isso que o Arquiteto tem feito passeios à meia-noite, pra poder levá-los a uma casa nova, um refúgio.

– Passeando com eles por cima dos telhados? – Violet ficou surpresa.

– Deve ser o único jeito de levar todos em segurança – Trista murmurou de volta. – Com certeza não dá pra confiar que vão saber seguir um mapa. Olhe só pra eles, alguns têm dificuldade até com as colheres. Mas o que importa é que o Arquiteto vai passar por aqui à meia-noite. Já sabemos que ele leva a Triss com ele nos passeios. Significa que vou ter uma segunda chance... se ainda estiver viva à meia-noite, posso seguir o comboio pelos telhados, e tentar salvá-la!

– Não deixa, Violet! – Pen guinchou quase de ensurdecer. As garçonetes olharam para ela com curiosidade, e ela baixou a voz de novo para misturar-se aos sussurros dos demais. – Ela vai se machucar!

– Pen tem razão... isso está fora de questão! – disse Violet, muito séria. – Trista, ontem à noite você quase se despedaçou inteira correndo atrás deles, e mesmo assim não conseguiu! Vamos... vamos ter que achar um jeito de segui-los na moto.

– Mas... não tem muita gasolina...

– Vai ter que bastar! – Violet retrucou, e dessa vez Trista captou uma pontinha de pânico misturada à determinação da moça.

Claro. Violet, sem sua motocicleta, era uma Violet de asas arrancadas. Precisava delas para não ficar parada. Seus pesadelos estavam sempre um passo atrás. A nevasca interminável, que engolia tudo, os céus ferrosos e as florestas de espinhos e hera, a tempestade faminta de gelo e escuridão e perda...

... e neve. Suave, traiçoeira, que cobria tudo, e revelava tudo também.

– Violet – Trista disse suavemente –, quando você fica num mesmo lugar, quanto tempo leva pra começar a nevar?

– Varia. – Violet tombou a cabeça para trás e estudou Trista, intrigada. – Às vezes leva até cinco horas, às vezes, cerca de duas. Por quê?

– Eu... – Trista mordeu o lábio. – Eu acabei de ter uma ideia. Você tem razão, eu perdi o comboio ontem à noite. Eles desciam, subiam, mudavam de direção rápido demais, e não consegui acompanhar, não sem correr muito, e acabei me despedaçando toda. Mas eu os vi, Violet! Alguns deles voavam, mas outros saltavam de telhado em telhado, como eu. E o Arquiteto estava num carro, subindo paredes, telhados, nas ruas. Eles tocam o chão. E se estiver nevando, vão deixar marcas.

Violet ficou boquiaberta.

– Está sugerindo mesmo que eu...? – A frase incompleta mostrou que a moça ficara, ao contrário do normal, totalmente sem fala. – Mas não dá! – ela sibilou finalmente. – Eu não controlo isso. Não consigo chamar a neve, ela só me persegue.

– Eu sei. – Trista olhou furtivamente ao redor da casa de chá, depois juntou as mãos da amiga nas suas. – Você é tão corajosa, ousada e... e eu sei que está sempre pronta pra enfrentar qualquer tipo de perigo. Sei que você enfrentaria o Arquiteto e o Sr. Grace e os bichos-pássaros e a polícia e todo mundo mais até desistirem. E sei que essa é a única coisa que você não quer enfrentar, sei que é difícil e dá medo, mas...

– Mas você quer que eu pare de fugir – Violet completou a frase para a menina até o final. – Quer que eu espere pela neve.

Trista abraçou um dos braços de Violet e enterrou o rosto na jaqueta dela.

– Sei que você quer me proteger – disse muito baixinho –, mas não tem como. Não importa o que você faça; eu só tenho um dia. Quero fazer valer a pena. Por favor, por favor, me deixe fazer algo de bom com ele. Me deixe escolher.

Violet nada disse. Nada não era um sim, mas também não era um não. Trista sentiu a mão da moça pousar gentilmente em sua nuca. Durante esses poucos segundos, o silêncio que partilharam foi como um pequeno forte defendido de todo o mundo.

– Pen – disse Violet, com afetuosa irritação –, pode por favor parar com isso?

Trista ergueu o rosto a tempo de flagrar Pen com as mãos apoiadas no vidro da janela, mostrando a língua para alguém na rua.

– Ele que começou! – a menina exclamou, atrevida. – É feio ficar olhando!

– Pen, os Outros estão olhando porque acham que eu sou um deles! – Trista apontou.

– Mas não era um dos Outros. – Pen despencou de volta à cadeira e encheu a boca de bolo. – Foi o homem que não comeu a comida dele.

– Quê? – Uma sensação de apreensão escalou as costas de Trista feito uma aranha.

– Ele estava logo ali. – Pen apontou para uma mesa próxima. – E trouxeram língua pra ele, mas ele não comeu. Só foi embora.

– Violet – Trista sussurrou, exasperada –, era ali que estava o rapaz, o que tinha um...

Um jomal. Largada na mesa abandonada, bagunçada por cima do prato rejeitado, estava uma cópia do *Ell Chronide*. O trio trocou olhares.

– Precisamos sair daqui agora mesmo – disse Violet.

A moça foi levantar-se da cadeira, mas congelou no meio do caminho. Quando olhou para a rua, Trista viu exatamente o que tinha chamado a atenção da outra. Dois policiais corriam pela via na direção da entrada da casa de chá.

Violet pressionou o comecinho das mãos nas têmporas e ficou olhando fixamente para a rua. Respirava muito rapidamente, de um modo que fazia as narinas tremerem.

– Violet... – A voz de Pen era uma onda crescente de pânico.

– Tô pensando! – a outra disse entredentes. Alguma ideia encaixou no lugar por detrás dos olhos dela, retirando-a do transe. – Sigam-me. Rápido!

As três passaram às pressas por entre as mesas para os fundos do salão, para as portas escuras dos banheiros.

– Aqui! – Violet abriu com tudo a porta mais próxima, e as meninas entraram correndo.

Imediatamente, Trista soube que estavam no lugar errado. As paredes eram de um verde-oliva sóbrio em vez de rosa claro. O cheiro era estranho também, uma mistura de colônia com creme de cabelo masculino...

– Violet, esse é o banheiro ma...

– Xiii! – Violet encostou na porta. Olhou para Trista e Pen e abriu um sorriso torto muito sinistro. – Vocês duas, me escutem. Quando eu disser pra correr, corram. Não esperem por mim. Encontrem um lugar pra se esconder. Entenderam?

– Mas...

– Cuidem uma da outra. – Violet virou-se e encostou o ouvido na porta, fechando os olhos, e escutou. – E Trista, boa sorte com a neve.

Lá de fora veio o barulho de um tumulto de passos, depois o trovejar de muito se bater numa porta, mas não na qual Violet encostara o ouvido. Trista supôs que

batiam na porta do banheiro feminino. Claro que ninguém imaginaria que elas se esconderiam no outro.

– Srta. Parish? – Era uma voz de homem, educada, jovem e um tanto ofegante. – Se puder fazer o favor de sair, podemos evitar uma cena.

A boca de Violet contorceu-se levemente num quase sorriso, e a moça passou a mão na maçaneta da porta.

– Srta. Parish? – disse outra voz de homem, esta mais grave, rude, de meia-idade. – Pelo menos deixe sair as meninas. Quem sabe assim podemos conversar com mais calma.

Uma longa pausa. Um suspiro. Depois veio o som da porta do banheiro feminino sendo arrombada e o clicar das botas no piso frio.

A reação de Violet foi instantânea. Ela abriu a porta e saltou para fora, seguida de perto por Trista e Pen. Os policiais que tinham acabado de invadir o banheiro feminino viraram a tempo de ver Violet batendo a porta na cara deles. Ela agarrou uma cadeira de uma mesa próxima e enfiou embaixo da maçaneta. A porta sacudiu nas dobradiças, e por ela passou o som de punhos que batiam e vozes iradas que trovejavam do outro lado.

– Corram! – ela gritou.

Dezenas de Outros se viraram para ver Violet, Trista e Pen correndo pela casa de chá, derrubando cadeiras ao sair. As três rolaram escada abaixo, tropeçando, deslizando e machucando os joelhos. Estavam boquiabertas de exaustão quando cruzaram o corredor e alcançaram a porta de entrada.

O rapaz do jornal fazia hora lá fora, mas, pelo visto, não esperava ver as três aparecendo na rua. Ele tentou avisar os outros, e estendeu as mãos para agarrar Pen, mas Violet usou o impulso para golpeá-lo com o ombro. Os dois caíram no chão e ali ficaram esparramados.

– Não parem! – ela gritou, cotovelando o inimigo na cabeça.

Trista segurou Pen pela mão e continuou correndo, virando aqui e acolá, sem critério. Não sabia onde estava nem para onde estava indo. Tudo o que importava é que continuassem correndo. O rio ficava aparecendo solitamente à direita, como uma babá coruja.

Os pés dela não faziam ruído, mas os de Pen ecoavam com dolorosa clareza. Como estavam chamando atenção! Diga, por acaso você não viu duas meninas passarem correndo por aqui? Precisavam se esconder logo!

– Ali! – ela sibilou, e puxou Pen para um dos deques, ao lado do qual boiava um barco a remo.

Trista desceu com cuidado para o barco e ajudou Pen logo em seguida. Então, agarrada à porção inferior do deque com toda a força, conseguiu trazer o barco para ali debaixo, de modo que ficaram escondidas da visão geral. Havia um cobertor encharcado no fundo do barco, que ela correu puxar por cima das duas por via das dúvidas.

Estavam lá as duas ofegando, tremendo, escutando. Foi quando um barulho familiar alcançou os ouvidos de Trista. Era um rugido gutural e rebelde, o som do motor de uma motocicleta não muito distante agitando-se de volta à vida.

– É a Violet! – Pen guinchou, sufocada de animação. – Ela escapou! Ela escapou!

O zumbido da motocicleta foi aumentando, acompanhado do percutir de passos e gritos. Um rugido arrastado... e então pneus cantando, e uma série de impactos repetidos, dolorosos. Ouviram o som de vidro e fragmentos que rolavam, seguido por um silêncio arrebatador.

A calma manteve-se por poucos segundos; logo ela deu lugar a um murmúrio crescente de vozes, um borbulhar de preocupação e curiosidade, pontuado por gritos alarmados.

Trista ficou deitada no fundo do barco com os braços em volta de Pen, sentindo como se todos os ossos do corpo tivessem virado geleia. Podia ouvir Pen fazendo barulhinhos que lembravam soluços.

– Violet... – sussurrou Pen. – Ela bateu... ela morreu.

– Não, não morreu, não – Trista correu dizer.

Fechou os olhos bem apertados, mas isso não adiantou para impedir o dilúvio de imagens imaginadas. Um corpo largado por cima do capô de um carro, ou talvez um para-brisa quebrado com pontas avermelhadas... Apenas por um instante ela odiou Pen por dizer em voz alta aquilo em que ela tentava tanto não pensar.

Mas Pen era pequena e triste demais para ser odiada. Em vez disso, Trista tentou juntar os poucos trapos de esperança que tinha e usá-los para confortar a menina.

– Violet não morreu – disse ela a Pen e a si mesma. – Ela tinha um plano, e o plano não envolveria morrer.

Silêncio. Snif, snif.

– Qual era o plano? – perguntou Pen, a vizinha triste temperada com uma pitada de esperança relutante.

Trista fitou a escuridão do cobertor, tentando desesperadamente lembrar-se das últimas palavras de Violet.

Boa sorte com a neve.

– Ela escolheu deixar que eles a pegassem. – Trista admirou-se com a revelação, e prendeu-se a ela. – Ela deixou acontecer, pra podermos fugir, e a colocarem numa cela na prisão. Assim, ela vai poder ficar no mesmo lugar... pra neve chegar. Agora fique quietinha, Pen, por favor, quietinha! Ou vão nos encontrar!

Por um instante que pareceu durar vários séculos, ouviram o barulho de gente correndo na rua e falando com urgência. Algumas frases e palavras eram audíveis.

– ... ambulância...

– ... duas meninas passaram por aqui?

Em certo ponto ela chegou a ouvir várias pessoas caminhando sobre o deque acima delas. Trista ficou tensa, e até os solucinhos de Pen foram abafados

propositalmente.

– Por favor, procure se lembrar, madame. – Era a voz do policial mais novo, o que tinha pedido a Violet que se rendesse. – As duas garotinhas, pra onde foram depois?

O rapaz parecia vexado e preocupado. De um modo estranho e distante, Trista ficou com pena dele. Imaginou que ele tinha um rosto bondoso, e uma esposa que o trataria muito bem quando ele chegasse em casa depois de um dia difícil. Ao mesmo tempo, imaginou como seria se ele as encontrasse, e se teria que mordê-lo para fugir.

Houve uma pausa, e então a resposta veio numa voz que soou como os soluços de muitas crianças aprisionadas numa caverna distante.

– Lembro-me muito bem. Elas saíram correndo pela rua, pra lá. Entraram num carro. Um carro amarelo. – Sem dúvida quem disse isso foi a Outra esquisita da casa de chá.

– Eu também vi – insistiu uma voz desconhecida, rouca feito casquinhas de siri roçando uma na outra. – Isso mesmo, um carro amarelo. Foi por ali.

– Isso – concordou uma voz que era como areia descendo dentro da ampulheta. – As meninas se foram. Vão procurar pra lá.

Trista escutou um roçar baixinho de lápis no papel. Perguntou-se o quanto do que diziam os Outros o policial conseguia ouvir de fato com a mente consciente, ou se anotava testemunhos aleatórios e sem sentido.

Os Outros mentiram para botar a polícia na trilha errada. Por quê? Acreditavam que Trista era um deles, então talvez estivessem tentando proteger sua espécie. Ou talvez não quisessem que os policiais ficassem de olho nas Velhas Docas enquanto havia tantos deles ali.

Para enorme alívio de Trista, o policial jovem pareceu aceitar os depoimentos estranhamente similares dados pelas testemunhas e foi andando pelo deque até sumir. Por um tempo, deu para ouvi-lo fazendo as mesmas perguntas para outros transeuntes, depois não ouviu mais nada.

Havia ainda muito barulho de burburinhos e conversas intrigadas na via acima, contudo. Talvez os Outros não as fossem entregar, mas havia um monte de pessoas comuns na rua, que sem dúvida fariam a relação entre as perguntas do policial sobre as duas meninas sumidas e as filhas dos Crescents, manchetes dos jornais.

– Temos que ficar aqui por enquanto. – Trista botou a cachola para funcionar, para formular um plano. – Vamos esperar pela neve. Vai ser mais fácil de andar por aí sem que as pessoas nos vejam quando estiver nevando.

– E se não nevar? – Pen perguntou, numa vozinha mole.

– Vai nevar.

Tem que nevar. Se não, então Violet não estará sentada numa cela, ou nem mesmo num hospital. Vai significar que ela está em movimento de novo... ou que morreu.

As horas seguintes foram as mais demoradas que Trista já vivera. Foram também dolorosas em sentido muito literal, porque Pen se debatia sem parar, suspirando o tempo todo e trocando de posição de maneiras que sempre envolviam dar uma cotovelada na outra.

E reclamava baixinho também. Pen estava entediada. Com fome. Estava tudo úmido e o cobertor tinha um cheiro esquisito. Trista tomava todo o espaço.

Esta pediu que Pen cantasse “Cem garrafas verdes” mentalmente. A menina pôs-se a sussurrar sozinha, e logo Trista arrependeu-se da sugestão. Havia algo de terrível na contagem regressiva. As últimas horas de vida que tinha estavam se esvaindo, sendo quebradas silenciosamente como tantas garrafas imaginárias, e ela estava presa num barco bolorento vendo tudo acontecer. Tentou não pensar no fato de que sua não-irmã tinha muitos anos pela frente, como sementes numa pequena maçã.

Depois de um bom tempo, contudo, ela reparou numa mudança na atmosfera. O barco que boiava alterou um pouco o ritmo, traindo um redirecionamento do vento. As pontas do cobertor se debatiam. Pen começou a reclamar de frio. Até que então Trista ousou pôr de lado o cobertor para espiar lá fora.

O céu de setembro tinha coalhado e passara para um intimidante amarelo esverdeado, refletindo manchas cor de tabaco na superfície ondulante da água. Jorros perdidos de vento rasgavam do estuário com a fúria da mordida de um tubarão e um frio de marejar os olhos. A via da margem do rio estava totalmente vazia de pedestres.

– Pen – ela sussurrou –, está frio. Está frio. Violet conseguiu! Conseguiu, Pen!

Violet está viva! Não podia falar isso alto, no entanto; não queria admitir para Pen que estivera em dúvida.

– Olha! – Trista puxou o cobertor um pouquinho para trás, e Pen espiou, relutante, ao redor sob a escassa luz do dia. – Não tem ninguém na rua. Podemos nos sentar um pouquinho. – Ela esperava que Pen fosse ficar tão contente quanto ela, e ficou surpresa quando olhou direto para o céu. – A neve vai chegar. Vai chegar logo, Pen, eu prometo. Só temos que esperar.

Pen fungou forte, e sentou-se, desarranjando o cobertor.

– Não! – ela sibilou. – Não quero! Não gosto dessas docas! Não quero que a gente fique aqui mais!

– Pen, não seja... – Trista soltou o ar lentamente e recomeçou: – Você sabe que eu tenho que estar aqui à meia-noite, pra poder seguir o Arquiteto.

– Não precisa, não! – As estrelas refletiam-se nos olhos de Pen, cujo rosto sombreado enrugava-se de ansiedade. – Vamos embora nesse bote! Vamos pra França!

– O quê? – Trista mal pôde manter a voz num sussurrar. – Pen, *dan* que não. O que vai ser da Triss?

– Não tô nem aí! – E Pen, que enfrentara carros em movimento e gritara com o Arquiteto, estava tremendo, cara fechada, lágrimas escorrendo dos olhos. – Não quero que você vá! E... não quero que ela volte!

– Pen! – Trista exclamou, pasma. – Você não pensa assim!

A menina deu uma resposta entre um resmungo e uma fungada que deve ter sido um “penso, sim”.

Ser amada, ser preferida... Só de pensar nisso Trista sentiu uma delicada e dolorosa apunhalada de alegria. No instante seguinte, contudo, pensou nas fendas tortuosas que separavam a família Crescent e sentiu apenas tristeza.

– Mas ela é sua irmã, Pen! Eu, não. Sou só um monte de gravetos que se parece com ela.

Pen não respondeu de imediato; apenas chegou mais perto para poder enfiar o rosto úmido no ombro de Trista.

– Lembra o que aconteceu depois... depois que eu desenterrei o sapo e descobri que tinha se mexido? – Pen disse isso hesitando, mas com ousadia e uma pontinha de manha.

Trista levou um ou dois segundos para ajustar-se à mudança de assunto e passar um pente fino nas lembranças de Triss.

– Hã... lembro, lembro sim. – Ela afagou a cabeça da outra. – Você ficou tão triste que não conseguiu chorar, só ficou zanzando e olhando pras coisas. Não conseguiu dormir também. E... numa noite lembro de você sentada na cama, e de te dizer que o sapo tinha ido pro céu dos sapos, onde não tinha nenhum gato, e onde todas as vitórias-régias eram macias e bonitas. E eu disse que o sapo queria que você soubesse que ele estava feliz, e que não te culpava por nada porque você só quis ajudar.

– E você me abraçou quando eu chorei – murmurou Pen. – E depois disso eu fui dormir. Né?

– Isso, Pen. – Trista suspirou, e deixou de lado o momento emprestado de seu outro eu. – Mas aquela não era eu. Era a Triss.

– Mas... – Pen afastou-se e fitou o rosto de Trista, e sua expressão era uma combinação surpreendente de determinação, desespero e súplica. – Mas e se era você mesmo? Talvez por isso você se lembre tão bem. Porque talvez... – a menina tagarelava cada vez mais rápido, como se receasse ser interrompida – talvez estávamos erradas o tempo todo, e você não foi feita de gravetos na semana passada, e talvez sempre tivesse duas Trisses, uma boa e uma má, e você sempre foi a boa, e eu só mandei embora a má...

Oh, Pen.

Exasperada e morrendo de dó, Trista começou a entender a fantasia que Pen havia construído em sua mente. Então era por isso que a menina acabava chamando a outra de Triss de vez em quando. Por isso fizera cara feia toda vez que alguém falava de resgatar a irmã verdadeira, e pelo mesmo motivo tentara negociar com o Arquiteto pela vida de Trista. O tempo todo Pen vinha sustentando uma versão fantástica da realidade na qual ela não tinha traído de verdade a irmã e a colocado num terrível destino, apenas mandara embora sua versão má...

– Pen – Trista murmurou, presa na batalha entre a ternura e a frustração –, isso não faz o menor sentido. – Ela apertou Pen mais uma vez. – A vida não é simples assim. As pessoas não são simples assim. Não dá pra cortá-las em pedaços feito um bolo, pra jogar fora as partes que você não gosta. A Triss que foi boazinha na história do sapo e a Triss que estragou o seu aniversário são a mesma pessoa.

– Mas ela me odeia! – Pen rugiu. – E se ela voltar, vai contar pra mãe e pro pai o que eu fiz, e... eles vão me mandar pra prisão ou pro orfanato ou pro colégio interno...

Nisso ela tinha mesmo razão,oras. O retorno de Triss era a realidade batendo à porta. Pen não poderia mais fingir para si mesma ou para os pais que não tinha sido responsável pelo sequestro da irmã. Teria que sofrer as consequências do que fizera.

– A Triss não te odeia. – Trista podia quase sentir os fios da afeição de Pen, e sabia que tinham sido jogados para ela por desespero, como um alpinista que sabe que vai cair. Sentada ali, com uma pontinha de tristeza, ocorreu-lhe que ela precisava soltar esses fios de si e reatá-los à verdadeira irmã de Pen, de onde nunca deviam ter se desprendido. – Quando eu falei com ela pelo telefone, ela gritou comigo. Perguntou o que eu tinha feito com você. Não estava brava com você. Estava preocupada com você.

Pen não teve resposta. Em vez disso, entrou numa torrente de soluços atropelados, atormentados.

– Não quero ir pra cadeia! – berrou, finalmente. – Quero a minha mãe!

– Eu sei – disse Trista, que não tinha mãe. – Eu sei.

Ainda estava aninhando Pen nos braços, alguns minutos depois, quando os primeiros floquinhos de neve começaram a flutuar no céu.

As fugitivas foram dando olhadelas furtivas de debaixo do cobertor conforme o céu foi escurecendo. No início, os flocos de neve eram pequenos como cinzas, morrendo assim que tocavam o chão, deixando manchas de umidade. Uma poucas pessoas abriram suas janelas um tiquinho para rir, admiradas com o borrifar fora de época. A temperatura não parava de cair, todavia, e logo as janelas tornavam a fechar-se.

O vento parou, e os flocos engordaram. Em pouco tempo o ar tornou-se um balé de tufo de gelo, cada um do tamanho de uma moeda. Os primeiros pousaram na terra e derreteram, caindo uns sobre os outros. Seus sucessores deixaram uma pele fina de gelo acinzentado. Mas chegaram mais e mais, caindo mais rápido do que podiam derreter, e logo o branco dominou a cena toda. As meninas começaram a tremer dentro do barco, e Trista ficou muito contente por terem o cobertor.

– Não tomei meu chá – Pen murmurou, pesarosa, quando o cheiro do jantar vazou das dezenas de casas ao redor.

– A gente não tem dinheiro – Trista lembrou.

– Tem neve! A gente podia ir cantar nas casas, e quem sabe as pessoas nos dessem comida se fizéssemos umas caras bem tristes.

Sem aviso prévio, Pen passou a puxar a parte inferior do deque, de modo que o barco começou a deslizar para fora.

– Espera!

– Você disse que a gente podia sair do barco quando comesse a nevar! – Pen protestou.

– Tá bom, mas toma cuidado quando for sair. E fica perto de mim! – Trista ajudou Pen a subir no deque. A menina teve um pouco de dificuldade, tão dura de frio que estava. Triss envolveu as duas com o cobertor, que as protegeu como uma grande capa. – Vamos usar o cobertor por cima, assim ninguém vai nos reconhecer.

Nos fundos da casa de chá, uma auxiliar de cozinha passou uns bolinhos que sobram de alguma mesa para as meninas através da porta da copa, dizendo que não deveria fazer isso, na verdade, mas que era uma pena, porque iriam para o

lixo mesmo. As meninas pararam num beco e devoraram os quitutes, observando o branco girar ao seu redor. As escassas lâmpadas a gás nas ruas acendiam, ganhando solene e bruxuleante vivacidade, cada qual iluminando uma auréola de flocos flutuantes.

– Tô com frio – Pen soluçou, depois da última mordida de bolo, e estreitou os olhos para enxergar além do escuro. – Aposto que eles deixariam a gente sentar perto do fogo.

Seguindo a direção para a qual Pen apontava, Trista enxergou um brilho avermelhado nas sombras de uma casa de leilões abandonada. Contra a parede, via somente uma caixa preta atarracada que tinha sido usada como braseiro. Ao redor havia três pessoas amontoadas por causa do frio.

– Tá bom – ela sussurrou de volta. – Mas vamos de fininho; vai que são Outros.

– Os Outros gostam de você, né? – Pen comentou.

– Não vão gostar mais quando ouvirem dizer que estou contra o Arquiteto. E vão descobrir isso assim que falarem com o pessoal dele. Se é que já não sabem.

Trista e Pen cruzaram a rua empoadas, escolhendo as porções mais escuras e evitando as lagoas de luz das lâmpadas. Finalmente, encontraram uma porta escura pela qual podiam observar o grupo iluminado com mais tranquilidade.

O murmurar de vozes ao redor do braseiro estava abafado, mas parecia ser humano. Não havia aquelas camadas esquisitas, nenhuma sub-voz sinistra. As pessoas pareciam usar jaquetas e casacos normais, nada dos casacos estranhos que os Outros da casa de chá tinham.

– Parece que eles... – Trista começou.

– Xiii! – Pen sibilou, furiosa.

Trista calou-se, e uma voz do grupo do braseiro flutuou até ela.

– Elas estavam aqui, com certeza. Tenho certeza.

O falante tinha o colarinho erguido e um xale em torno do pescoço para proteger do frio, escondendo boa parte do rosto. Contudo, a voz era inconfundível. Aquele era o Sr. Grace.

– As meninas estiveram na casa de chá com a Srta. Parish – continuou o Sr. Grace. – Não conseguiremos que ela nos conte nada tão cedo, claro. – O homem suspirou. – Ainda acho que foi um brinquedo inocente nessa história toda. Eu tentei fazê-la entender quando nos encontramos, mas ela não me escutou.

O coração de Trista deu um pulinho de ansiedade. O que ele quisera dizer com não conseguir que Violet contasse nada tão cedo? *Tomara que isso signifique apenas que ela está se recusando, ou que está inconsciente! Não pode ser que tenha morido!* Estivera tão certa de que a neve indicava que Violet estava viva. Agora, contudo, sentia o arrepio da dúvida.

– Mas todo mundo diz que as meninas fugiram – comentou uma menina ao lado do fogo, esfregando freneticamente as mãos sobre a brasa fraca do braseiro. – Num carro amarelo.

Chocada, Trista viu que a menina era Dot, da casa de campo. Dot, das casquinhas de ovos.

– Sim. Sim, eu sei. – Ainda pensativo, o Sr. Grace enfiou mais lenha no fogo. – Repetem isso sem parar. E sempre nas mesmas palavras. – A luz do braseiro fazia o rosto dele parecer mais estreito e assustador, uma colagem de ângulos agudos. – Tem algo de estranho nesse lugar. Já notou isso?

– Já. Está coberto de neve. Em setembro. – A terceira figura junto ao braseiro era um homem de meia-idade que Trista jamais vira. Tinha mãos trêmulas, sobranceiras grossas e um bigode que o fazia parecer um coronel. – É disso que está falando?

– Não – respondeu o Sr. Grace –, embora eu me arrisque a dizer que a neve é coisa deles também. Não, a neve parece cair sobre toda a Ellchester. Mas aqui, só aqui, sinto uma coisa...

– As pessoas aqui são de arrepiar – Dot murmurou.

– Exato, Dot. – O alfaiate abriu um sorriso fraterno. – Estamos todos incomodados por um motivo. Tem Outros aqui nas docas; aposto meu dinheiro nisso. E provavelmente nós falamos com alguns deles agora há pouco.

– Bom, se você acha que a história do carro amarelo é balela, então o que... – O homem de bigode parou abruptamente, vendo o Sr. Grace erguer a mão, alarmado.

– Charles – disse o alfaiate, muito calmo –, parece que temos visitas.

Trista ficou dura, pronta para agarrar Pen pela mão e sair correndo. Contudo, logo ela percebeu que o olhar do Sr. Grace não se dirigia para elas. Na verdade ele olhava para a rua, para duas figuras que se aproximavam numa caminhada afetada, porém firme, da luz do braseiro.

Os dois usavam casacos de pena cinza-amarronzados, e escapando por debaixo Trista viu uma bainha cor de ameixa e calças marrons. Era o casal de Outros que as meninas tinham encontrado no deque.

– Podemos nos juntar a vocês? – perguntou a mulher, e avançou para a auréola do braseiro. – Sua fogueira tem um fogo tão gentil.

Aqueles olhos úmidos piscaram, censurando a aura amarela das lâmpadas a gás. Houve breve hesitação e troca de olhares entre o trio amontoado, até que o Sr. Grace correu dar um passo à frente.

– Claro, me deixe encontrar algo em que se sentar.

O alfaiate correu para um canto e retornou com um par de caixotes que depositou como cadeiras improvisadas para as recém-chegadas “visitas”. Trista lembrou-se, incomodada, do modo como ele bancara o doce anfitrião para ela, durante sua visita à costureira.

Um nó de tensão começou a crescer nas entranhas dela. Era como ver uma cena perigosa prestes a ocorrer e querer desesperadamente avisar alguém do perigo. Naquele momento, contudo, ela não sabia muito bem a quem avisar e do quê.

Charles, o homem que lembrava um coronel, passou um frasco de brandy para todos ao redor do fogo, exceto Dot, que pareceu ficar meio desapontada. Todos comentaram a peculiaridade do clima.

– Então, por que estão aqui fora, na neve? – perguntou o Sr. Grace após uma pausa.

– Acabamos de chegar à cidade – respondeu o homem, serenamente. – Estamos esperando que nos levem à nossa nova casa. A neve não nos incomoda.

– É mesmo? – O Sr. Grace abriu um sorriso pra lá de charmoso. – Ora, bem-vindos a Ellchester! Você e sua esposa viajam sozinhos?

– Não – respondeu a mulher de vestido púrpura. – Temos... muitos... – Ela não completou a frase, trocando antes uma olhada demorada com o companheiro, comunicando-se com ele sem dizer palavra. – Amigos – soltou, finalmente. – Muitos... amigos.

Perante tal revelação, Dot disparou um olhar alarmado para os colegas. Charles parou em meio ao ato de tampar o frasco de bebida.

– Bom, pelo menos vocês estão mais bem preparados para o clima do que nós, com esses casacos quentinhos – comentou o Sr. Grace.

Os olhos de ostra dos Outros reluziram, ansiosos, perante a luz do braseiro.

– Você... você reparou? – perguntou o homem, num tom que sugeria quão surpreendente e incômodo tinha sido o comentário. – Sim. São muito úteis. – Ele inclinou-se para a frente, com muito mais intensidade e desconfiança no olhar molhado. – E o que trás vocês três nessa noite fria sem casacos tão quentinhos?

O Sr. Grace hesitou muito brevemente, como se escolhesse qual carta jogar.

– Estamos procurando umas crianças. Duas garotinhas...

– Elas entraram num carro amarelo – declarou a Outra rapidamente, sem esperar que o alfaiate terminasse.

– E foram embora – completou o consorte dela.

Houve uma pausa longa e incômoda.

– Vocês não conseguem nem ver a cidade agora, não? – disse o homem finalmente. E com razão. O redemoinho de flocos gordos, aveludados, escondia tudo que estivesse a mais de vinte metros dos olhos. Ele cutucou o fogo com um graveto, atçando as cinzas, que estalaram e cuspiram faíscas numa dança frenética. – A neve tem milhares, milhares de dedos. Já pensou se eles resolvem despedaçar a sua cidade, pecinha por pecinha? E se só sobrasse essa rua? Sozinha. No escuro.

O homem sorria, como se elogiasse alguém.

– Antigamente, as pessoas contavam histórias – comentou a companheira. – Em volta da fogueira. Pra afastar a escuridão. Mas a escuridão sempre encontra um jeito de se infiltrar nas histórias, não? Histórias que valem a pena ouvir, pelo menos. As verdadeiras mentiras.

– Todo mundo trouxe um conto pra esse fogo – continuou o consorte dela. – Dá até pra ouvi-las sussurrando.

Charles pigarreou, talvez na tentativa de aliviar a tensão.

– Nunca fui muito bom em contar histórias... nem mesmo em contar piadas no clube.

– Toda pessoa pode recontar a própria história, mesmo que não saiba contar outras – disse o Outro. Seu olhar pegajoso passou para Dot. – Qual é a sua história, minha raposinha?

Dot hesitou, bastante apreensiva. Soltoou um riso forçado e seco.

– A minha? Ah, você não iria se interessar por mim.

– Me interesse sim – insistiu o homem de calças. – Quero a sua história. Me dê a sua história.

Com essas últimas palavras, a expressão do homem mudou para uma de fome e urgência. Sua avidez rasgou a mentirosa fachada humana feito uma presa cortando a seda. Nesse instante, a tensão da cena estourou como uma corda de violino esticada demais.

Com olhos arregalados de pânico, Dot afastou-se um passo do estranho homem de calças, e Charles passou para a frente, assumindo uma pose hostil para defender a menina. Os dois Outros ficaram de pé num pulo, como se fossem marionetes puxadas pelas cordas.

Ao mesmo tempo, houve um deslizar sedoso como o de uma espada sendo puxada da bainha. Não foi uma espada o que o Sr. Grace tirou de debaixo do casaco, contudo, mas uma horrenda tesoura preta. O estômago de Trista contorceu-se quando ela reconheceu o objeto que vira na costureira.

Ao ver a tesoura, os Outros se retraíram, rosnando feito gatos. O homem brandiu o braço como quem atira semente, e os flocos de neve ao seu redor começaram a fervilhar e agitaram-se com novo propósito, voando contra os rostos dos humanos. A companhia soltou um berro silencioso que fez tilintar e pulsar os tímpanos de Trista. Charles tapou os ouvidos e caiu de joelhos.

Protegendo os olhos com o braço, o Sr. Grace lançou-se para a frente, mirando as pontas da tesoura bem no rosto do Outro. Este desviou e recuou, apenas para encontrar uma parede às suas costas. O alfaiate avançou mais uma vez, dessa vez parando no instante em que as pontas da tesoura encostaram no peito do homem. O prisioneiro soltou um chiado como de uma unha raspando na lousa e congelou contra a parede, tremendo.

– Mande aquela criatura parar de cantar! – ordenou o Sr. Grace. – Agora!

Houve uma pausa curta, e então a Outra fechou a boca, silenciando aquele barulho terrível. Ela ficou ali parada, tremendo feito uma bandeira à brisa, os olhos fixos no metal negro da tesoura. A neve pousava nas bochechas dela sem derreter.

Charles continuava de joelhos, protegendo os ouvidos com um lenço.

– É sua vez de contar histórias – continuou o alfaiate, dirigindo-se ao prisioneiro sem a menor simpatia. – Pra começar, quantos amigos seus estão aqui nas docas?

O homem abriu a boca, mas emergiram apenas gorgolejos aterradores.

– Uns quarenta – respondeu a Outra.

– E pra que servem esses casacos? – perguntou o alfaiate.

– Mandaram que usássemos. – A Outra parecia estar hipnotizada pela tesoura. – Eles confundem olhos e mentes. Deixam quem usa passar

despercebido.

– E essa casa pra onde serão levados? Onde fica?

– Não sabemos.

Um golpe curto da tesoura abriu dois furinhos no casaco do homem, tão facilmente quanto agulhas na seda. O homem soltou um urro de dor e terror.

– Não sabemos! – protestou a Outra novamente, entrelaçando os dedos com tanta força que parecia que iam estalar. – Disseram que tínhamos que esperar até agora porque... porque o refúgio ainda não estava pronto. Mas é tudo que sabemos! Tudo!

O Sr. Grace pensou por um momento, depois suspirou baixinho.

– Eu acredito – disse, simplesmente. Então, com toda a força, enterrou a tesoura no peito do Outro.

Escondida na porta do casebre, Trista ficou desesperada, sentindo-se como se todo o ar tivesse sido sugado de dentro dela. Ao seu lado, Pen soltou um gritinho abafado, e cobriu a boca com as duas mãos como se ainda pudesse prender o som lá dentro.

Não saiu sangue. O Outro partiu feito uma nuvem cedendo lugar à lua, e vazou luz, luz úmida que gritou ao vazar. O homem escancarou a boca, e lacinhos fantasmagóricos espiralaram no ar, contando lendas esquecidas. Quando estes se afastaram dele e desapareceram, ele pareceu desfazer-se, contorcendo-se. Logo não sobrou mais nada, a não ser um casaco cinza-amarronzado amontoado sobre as pedras do chão.

A Outra usou mais um de seus gritos sem som e lançou-se violentamente contra Charles. O impulso empurrou-o para o braseiro. O casaco do homem pegou fogo, e ele ficou se debatendo, desesperado, embaixo da mulher. Então o Sr. Grace veio e enfiou a tesoura nas costas dela. Uma chama prateada ergueu-se, um último grito inaudível pareceu abalar a estrutura do mundo, e a mulher também se foi. Charles tombou do braseiro, e Dot ajudou-o a bater as chamas das roupas.

Trista apertou Pen pelo ombro. A menina ainda tinha as mãos na boca e ofegava, em choque.

O Sr. Grace parou e olhou bem na direção da dupla escondida. Devia ter ouvido o grito de Pen.

Podemos fugir. Mas assim ele com certeza nos escutaria. E poderia seguir nosso rastro.

Não quero lutar com você, Sr. Grace, mas se for preciso, vou lutar. Vou lutar. Não vou deixar que machuque a Pen.

O alfaiate pareceu meio intrigado, depois deu as costas às sombras e correu para perto de Charles. Fez uma careta ao examinar os ferimentos do comparsa.

– Charles, meu velho, você vai precisar de um médico – disse, gentilmente. – Dot, pode ir com ele? Acho que o coitado não se aguenta sozinho.

– Mas e você? – perguntou Dot, o rosto aceso de preocupação.

O Sr. Grace agachou e pegou um dos casacos dos Outros. O tecido tremeu e agitou-se na mão dele feito um pássaro cativo.

– Quarenta Outros acabaram de chegar a Ellchester – ele disse, soturno –, e ficou claro que estão arrumando um forte na cidade. Tenho que descobrir onde fica, Dot. Se não o localizarmos e destruírmos, vai saber quantas criaturas mais aparecerão na semana que vem, ou na seguinte.

– O que está pensando em fazer?

Dot ajudou Charles a se levantar. Seu rosto era uma mistura de ansiedade, admiração e confiança. Por um breve momento, a mente de Trista cindiu-se, e ela quase pôde enxergar o Sr. Grace e o mundo do ponto de vista da mocinha. No instante seguinte, ela foi trazida de volta à própria perspectiva com um baque.

O Sr. Grace vestiu lentamente o casaco. O tecido ondulou por uns segundos, depois se acalmou. Vez por outra ele se debatia um pouco, ganhando matizes desiguais como veludo escovado.

– Você escutou a criatura, Dot. Alguns guias estarão aqui em breve para levar quarenta recém-chegados ao refúgio dos Outros. Vamos torcer pra que não reconheçam os novatos de vista... e apenas procurem por estranhos usando casacos que enganam a visão.

De seu cantinho escuro, Trista e Pen observaram Dot ajudar Charles a caminhar. O Sr. Grace apagou o fogo do braseiro com cuidado, depois ganhou a noite sob seu novo casaco cor de crepúsculo, deixando pegadas finas e retas feito um pontilhado num corte de tecido.

– Tô com enjoo – disse Pen, bem baixinho. – Acho que vou passar mal.

Trista flagrou-se com as mãos unidas contra o peito, talvez em busca de furinhos feitos à tesoura.

– Ele matou os dois. – Sua voz soou rouca e distante. – Não precisava ter matado.

– Eu não gostava deles. – O rosto de Pen se enrugava todo, e seus olhos brilhavam muito. – Mas... eles estavam com medo...

– ... e não machucaram ninguém – Trista completou. – Enquanto não foram atacados. – Sua mente não parava de rever a cena. – Talvez aquele homem quisesse mesmo machucar Dot. Pelo menos foi isso que o Sr. Grace pensou. Mas às vezes ele erra. Estava errado quanto a mim.

– O que vamos fazer? – Pen choramingou.

Trista respirou fundo, depois concluiu que não tinha palavras para responder. O que podiam fazer, afinal?

Se ela não fizesse nada para impedir o Sr. Grace, o que aconteceria? Se conseguisse infiltrar-se em meio aos Outros, e encontrasse o refúgio deles, o homem não desistiria enquanto não destruísse o forte e todos lá dentro. Se ela avisasse aos Outros da existência dele, contudo, estaria quase com certeza assinando sua sentença de morte. E como contatar os Outros sem entregar sua presença ao Arquiteto?

– Não sei, Pen – ela respondeu, cansada. – Não sei.

Trista fitou sua não-irmã, seu rostinho franzido, a poeira de neve nos cabelos, as pernas curtas tremendo de frio. E tudo ficou muito mais simples.

Talvez mais tarde eu venha a escolher um lado na grande batalha, mas salvar pessoas vem em primeiro lugar. Tenho que libertar a alma de Sebastian e deixá-lo escapar do inverno. E tenho que salvar meu outro eu.

Tenho que salvar Triss.

Por ela e por Piers e Celeste. Por Violet, para que não seja enviada à cadeia por assassinato. Por Pen também, ou ela vai crescer sabendo que causou a morte da própria irmã.

E por mim, seja lá o que vai me acontecer, para que a minha vida não tenha sido em vão.

Ela fechou os olhos e focou-se na voz frágil de Triss ao telefone. Triss dando a dica do sapo, aterrorizada com a possibilidade de ser enterrada viva.

Enterrada viva...

Trista abriu os olhos e ficou encantada com o girar frenético da neve.

– Pen, já sei pra onde vai o comboio! Já sei onde fica o refúgio, pra onde o Arquiteto vai levar a Triss!

– O quê? – A curiosidade de Pen abriu caminho por entre a tristeza. – Onde?

– Não é o Côncavo. Você ouviu o que disse aquela Outra senhora: é um lugar novo, as pessoas começaram a se mudar pra lá. É a nova estação de trem. Claro que sim! A gente foi tão burra! E é lá que o Arquiteto planeja enterrar a Triss viva! Ela tem formato de pirâmide, Pen. Pirâmides são tumbas. E amanhã de manhã, o seu pai vai ficar responsável pela Cerimônia de Inauguração, vai colocar a tampa na pirâmide e selar Triss lá dentro.

O sangue de Trista pulsava de certeza. O Arquiteto não poderia ter resistido à elegância e a ironia depravada de tal solução.

Dentro dos olhos escurecidos e horrorizados de Pen, Trista viu quando a menina compreendeu. No fim das contas, Triss não era mais a ameaça, o torcer do conflito nas entranhas da menina. Triss era o sapo escutando o dilúvio de terra caindo por cima da tampa da caixinha que lhe servia de caixão.

– Pen – disse Trista –, preciso que faça uma coisa pra mim. Vai ser difícil, mas é muito importante. Você tem que ir pra casa. Tem que encontrar o seu pai e contar que o Arquiteto vai levar Triss para a estação. Se ele não tiver notícias minhas nem dela até amanhã de manhã... é porque eu falhei, e ele precisa arranjar um jeito de impedir a cerimônia. Ele podia falar pra todo mundo... que a estação pegou fogo, ou que tem um cachorro preso lá dentro. Qualquer coisa pra impedir que coloque a tampa.

– Mas ele nunca me escuta! – Pen protestou.

– Ele vai escutar dessa vez! – Trista insistiu. – Todo mundo vai tentar te acalmar, e te levar pro médico, e te dar um remédio e mandar você dormir. Mas você tem que falar com o seu pai, não importa o que aconteça.

Pen olhou para trás boquiaberta, para as ruas cobertas de neve. Pareceu menor ainda, e Trista sentiu uma pontada de angústia por mandar a menina cruzar a cidade sozinha à noite. Mas as Velhas Docas, naquele momento, eram ainda mais perigosas.

– Você podia vir comigo! – Pen exclamou. – Já que a gente sabe pra onde o Arquiteto vai levar a Triss, você não precisa mais ir atrás deles...

– Preciso sim – Trista interrompeu gentilmente. – Você viu como foi complicado entrar no Côncavo! Depois que o Arquiteto esconder a Triss numa parte secreta da estação, como é que alguém vai encontrá-la? Tenho que tentar salvá-la antes que ele possa fazer isso.

Trista puxou o cobertor e envolveu a cabeça e os ombros de Pen, transformando a menina numa personagem da cena da manjedoura.

– Se você se perder ou ficar com medo, encontre um policial ou diga pra alguém que pode te entregar e ganhar a recompensa – Trista aconselhou. – Eu não quis te mandar pra casa antes por receio do Sr. Grace querer te fazer mal, mas agora ele não está mais lá. Está aqui.

– Não tô com medo – disse Pen com trêmula ferocidade, debaixo de seu cobertor-roupão. – Nunca tenho medo.

– Eu sei. – O abraço foi rápido, frio e molhado. – Então vá! Rápido!

E lá se foi a figurinha de cobertor, feito um fantasma robusto, os pés diminutos deslizando sobre a neve fresca.

Adeus, Pen.

Trista ficou só. Sentiu frio e uma estranha leveza, como se a presença de Pen fosse um casaco quentinho, porém pesado. Ela tirou os sapatos emprestados sem pensar duas vezes, e os largou numa posição desengonçada no beco.

A neve queimou-lhe a sola dos pés com seu frio, e ela se sentiu viva, muito viva, saboreando cada segundo. Abriu a boca e provou os floquinhos, sentindo a língua pinicar e os dentes arderem.

Agora não tem ninguém pra me julgar, pra me criticar. Ninguém pra impressionar, ninguém pra desapontar. Chegou o momento de descobrir quem eu realmente sou.

Ela fuçou no braseiro em busca do casaco da Outra, para o caso de ter sobrado tecido suficiente para ser usado como disfarce. Não restara nada, exceto uns farrapos chamuscados e um cheiro de pena queimada.

Trista escalou a frente de uma pensão, saltando de peitoril em peitoril, e encontrou uma fresta escondida entre as saídas das chaminés. Duas delas estavam quentinhas por causa da fumaça, atenuando a fisgada do frio, e ainda por cima dava para ficar de olho na rua sem ser avistada contra o pano do céu. Ali ela se aninhou para esperar, acorçada feito uma gárgula esguia, os cabelos úmidos cobertos pela neve que caía.

Desse ponto alto, ela via a neve como um enorme cardume branco, que desviava e tremulava a cada sopro do vento. Ela o viu acumular-se incansavelmente sobre peitoris e batentes de porta, pesando sobre as calhas com gentil malandragem, até estas ameaçarem se partir.

Veza por outra, Outros caminhavam casualmente por essa ou por aquela rua, sozinhos ou em dupla. Nenhum pareceu notá-la. As pegadas que deixavam na neve eram muito vagas; alguns deixavam sulcos duplos como os do rastro de um veado, ou a marca de uma cauda arrastada pela crosta da neve.

Os habitantes humanos se retiraram, como se notassem a presença de estranhos. O barulho diminuiu gradualmente nos prédios comerciais à beira do rio. Nenhum estalar de cascos nem gaguejar de motores interrompia o deitar-se do silêncio. Era a neve aceitando o seu domínio.

Sinos de uma igreja distante anunciavam o passar do tempo, mas suas vozes soaram abafadas e aturdidas, como vigias noturnos perdidos na nevasca.

Conforme a escuridão aprofundou-se, mais barcos chegaram aos deques, abrindo caminho por entre os montes de neve como quem afasta cortinas de gaze. Havia uma pequena balsa feita de cascas de nozes cujas velas de teia de aranha quase se rasgavam sob o peso dos flocos de neve. Em seguida veio um peculiar barquinho redondo de vime com rebordo tão irregular que lembrava uma casca de ovo quebrada ao meio. Muito timidamente aproximou-se uma jangada de troncos pintados unidos por lacinhos modeladores, lotada de crianças quietinhas vestidas de cinza.

Toda vez que Trista piscava, parecia haver mais Outros amontoados na rua, esperando, mudos, metidos em seus casacos cor de nuvem. Logo estavam todos juntinhos em cada deque, encostados em cada parede, em cada porta. Alguns pousavam levemente nos telhados próximos, dobrando as asas como quem fecha um guarda-chuva ou alisando-as com bicos dentados.

Quando estava perto da meia-noite, Trista chegou a sentir. A neve rodopiava com o seu respirar. O frio se intensificou, esticando sua sombra por toda a cidade. Por todas as Velhas Docas os Outros ergueram as cabeças para admirar a escuridão, e soltaram uma exclamação demorada de empolgação.

Em outro canto da cidade, os sinos das igrejas dispararam uma algazarra muda de badaladas. Trista quase não escutou. Sua atenção voltava-se para o bonde negro que súbita e impossivelmente apareceu do nada, plainando por sobre a ferrovia sem trilhos.

Quando alcançou o nível dos deques, o veículo parou num bater de coração sem ter que desacelerar. Os dois vagões atrás pararam do mesmo modo sobrenatural sem nem encostar um no outro.

Quando não se moviam, pareciam assustadoramente comuns. Tanto bonde quanto vagões possuíam degraus retráteis na frente e atrás. Pelas janelas dos vagões, Trista divisou a guarnição de madeira de sempre e propagandas de

sabonete. Como nos bondes normais, havia cabines abertas na frente e atrás, podendo ser conduzido de cada ponta, e vívidos faróis redondos.

Nenhum motorista de pele oleosa enfrentava bravamente o vento amargo, contudo. Não havia ninguém manuseando os controles do bonde.

Metade dos Outros subiu a bordo dos vagões, encontrando lugares dentro dos salões inferiores ou escalando a escada em espiral para a “galeria” a céu aberto do andar de cima. Outros se juntavam em torno das entradas, espreitados de ansiedade.

As portas do bonde em si não foram abertas, nem ninguém tentou entrar. Apenas por um átimo de segundo, Trista viu o Arquiteto por uma das janelas do andar inferior, acenando com a mão protegida por luva num gesto de graciosa realeza. Ao lado dele estava uma pessoa menor, o rosto pálido debaixo do chapéu...

Ting, ting. O bonde soou seu sino, uma cristalina nota misteriosa em meio a toda aquela normalidade.

Sem aviso, o bonde pôs-se em movimento mais uma vez, serpenteando-se pelos deques com crescente velocidade. Os Outros que não tinham subido nos vagões correram atrás, como uma onda de água amarronzada, subindo e descendo. De todos os telhados ao redor, criaturas ganharam o céu, algumas abrindo asas que eram como capas ou folhas gigantes, outras levitando vagarosamente como moscas de teto a teto.

Trista respirou fundo e correu do esconderijo para juntar-se aos demais. O primeiro salto quase foi seu último. Ela não considerara quão traiçoeiros a neve tornaria os declives dos telhados. A cama branca cedeu sob o peso da menina, de modo que ela perdeu o equilíbrio e quase mergulhou para o pavimento lá embaixo. Um tapa certo numa chaminé a endireitou, contudo, e ela continuou, pousando sempre nas quatro patas para que suas garras-espinhos pudessem ficar-se no sapé ou nas fendas entre as telhas.

Mais à frente, o bonde fez uma curva puxada à direita, para longe do rio, bem na direção de uma fileira de casas. Sem esforço, ele subiu pela fachada da primeira casa, trazendo consigo os próximos vagões, depois subiu no telhado, deixando duas marcas arrastadas na neve. Lá, o bonde e os vagões mudaram de curso mais uma vez, deslizando ao longo da fileira de telhados, tombados de lado pelo declive. Uma massa acinzentada, meio nebulosa, de indivíduos os seguia, feito um enxame de mosquitos gigantes.

Trista correu atrás, confiando no instinto, nos pés e nas garras. Sentia os cabelos se agitarem a cada salto, o vento batendo contra os dentes à mostra. O

coração pulsava forte, mas não importava, como um aparelho perdido numa gaveta esquecida.

A menina mal enxergava os demais membros do bando, mas estavam todos em volta dela. Batiam as asas perto de seus ouvidos. Ela pisoteava as marcas e pegadas que eles deixavam nos telhados. Vez ou outra ela captava o brilho de olhos cor de líquen, ou dentes à mostra num sorriso de camaradagem. Sentia o sabor dos flocos de neve e percebia que estava de boca aberta, estava rindo.

Muito de repente tudo se tornou brincadeira. O bonde dançava para cá, para lá, e ela acompanhava, aumentando a velocidade. Era um gatinho perseguindo um pedaço espevitado de lã. Focava toda a sua energia e sua força.

Trista saltou para a plataforma de embarque nos fundos do vagão de trás. Avaliara bem a trajetória e sabia que pousaria em segurança. Seus joelhos dobraram por reflexo, prontos para suavizar o impacto, e o braço estendeu-se para agarrar o corrimão. Antes que seus pés tocassem o piso, contudo, todo o vagão transformou-se perante os olhos dela.

O ruminar do motor passou para um estalido de cascos e um ranger de rodas de carruagem. Em vez de pousar os pés numa plataforma de metal, Trista atingiu o que parecia ser uma parede lisa de madeira, sacudindo a cabeça e ficando sem ar. Ela arranhou, tentando se agarrar, deixando marcas finas de garras na madeira pintada de preto, mas não conseguiu prender-se e caiu.

Ela atingiu o declive do telhado e rolou por cima de um montinho de neve, até tropeçar por cima da beirada.

Somente porque se agarrou à calha no último instante, a menina não capotou para a rua lá embaixo.

Ela ficou ali pendurada, sem ar, por alguns segundos, a boca seca. Abaixo de si, dava para ver alguns fragmentos de seu corpo caindo, soltos pelo impacto e pelo esforço. Folhas secas, páginas de diário amassadas, mechas de cabelo... não havia tempo para coletá-los.

Com seus dedos compridos dos pés, a menina roçou os tijolos e, com dificuldade, ergueu-se de novo para cima do telhado.

Onde o vagão tinha virado uma carruagem preta? Onde estaria seu sibilante comboio voador? Sumiram, engolidos pela nevasca. Mas por cima dos telhados ao redor havia rastros que até mesmo a neve começava a querer borrar. Patas de raposa, pés descalços de criança, passadas mais longas... e entre eles as marcas de rodas e os buracos redondos de cascos de cavalos.

Trista limpou a neve dos cílios e pôs-se novamente à caça.

Foi seguindo as marcas por cima dos telhados de casas muito simples, depois ganhou as ruas bonitas e bem cuidadas do bairro comercial.

Vez ou outra um puxão nas laterais do corpo indicava que ela tinha perdido um graveto, uma bugiganga, um pedaço de papel.

Ali na frente! Três carruagens pretas avançavam pelos telhados, envoltas por uma névoa ampla de criaturas que voavam e saltitavam.

Com as pernas tremendo, Trista arriscava saltos mais amplos e violentos na batalha para alcançar o comboio. A menina passou para o telhado do conselho da cidade, depois pulou na ponta de um monumento à guerra e finalmente saltou para a traseira da carruagem de trás de novo.

Dessa vez, os pés dela procuraram a plataforma traseira, e ela meteu as garras na estrutura de madeira da carruagem. Conseguiu ficar presa mesmo quando a “carruagem” mudou de forma de novo e de novo. Num momento, ela estava presa ao estepe de um grande Daimler preto. No seguinte estava abraçada à cauda de uma enorme cobra negra. Finalmente, o estranho veículo tornou a ganhar as dimensões do vagão. A menina pousou com um baque na plataforma traseira, agarrando-se ao corrimão para se endireitar.

Ofegando, Trista arriscou uma olhada pelo vidro da porta mais próxima, para o salão inferior do vagão.

Ela foi confrontada com uma cena suspeita de tão inocente. Luz elétrica emanava de pequenas lâmpadas arredondadas acopladas ao teto. Acima delas, pôsteres rosa e verdes anunciavam “Serviço de Mudança do Picanço” e “Ellchester, Sua Nova Casa!”. Todos os lugares estavam ocupados por passageiros bem vestidos, em silêncio, a maioria cuidando da própria vida, ou fitando os demais com muda serenidade. Todos usavam casacos marrom-acinzentados, xales marrom-acinzentados e chapéus marrom-acinzentados. Alguns liam, mas as letras dos livros e jornais formigavam e fervilhavam. Trista conseguiu enxergar a Outra esquisita que conhecera na casa de chá; ela empoava o nariz discretamente com pó compacto.

Nos fundos distantes do vagão estava o Picanço, lambendo manteiga do potinho prateado.

Não dava para arriscar-se passando pelo corredor. Os refugiados recém-chegados podiam até não saber quem ela era, mas o Picanço sabia. O único jeito de passar sem que ele a visse seria subindo no andar superior.

Assim que sumiu da janelinha, Trista teve a impressão de que uma das figuras se mexera, que um chapéu se erguera, que um rosto pálido se virara para olhar para ela.

Tremendo as pernas, a menina escalou os degraus na escada em espiral enquanto a neve soprava em seus olhos e suas roupas chicoteavam-na ao vento. No topo, a corrente de ar ficou ainda mais violenta. A “galeria” sem teto era coberta de bancos de madeira maciça, lisos de umidade. Grudados neles estava um punhado de figuras muito indistintas, que eram jogadas daqui para lá conforme o vagão fazia desvios e dava pinotes. Às vezes eles perdiam o apoio e ficavam totalmente soltos, e batiam as asas, desesperados, na tentativa de alcançar o veículo e retomar seus lugares. Nenhum deu a mínima para Trista.

A menina ficou de quatro para escapar do pior que trazia o vento cheio de neve, e foi engatinhando ao longo dos bancos, com a neve engrossando seus cabelos e queimando suas orelhas. Quando chegou lá na frente, correu agarrar-se ao corrimão de segurança, grudando-se nele com os dedos das mãos e dos pés, e preparou-se para saltar para o vagão seguinte.

A lacuna não era grande, mas abria e fechava sem aviso conforme os vagões tombavam e vergavam, então a menina hesitou, tentando avaliar a distância. Naquele momento, os vagões passavam por entre uma coluna espessa de fumaça de chaminé, cegando-a e fazendo-a tossir. Por um instante, ela pôde apenas prender-se ao corrimão, tentando conter a tosse.

Ao piscar para expelir as teias de aranha dos olhos, ela escutou o estalar distante de passos na escada em espiral. Em pânico, olhou para trás, pensando que veria o Picango vindo em sua direção.

Havia de fato alguém se aproximando dela ao longo da galeria, com um braço escondendo o rosto, a capa roubada se debatendo, o cabelo açoitado pelo vento imperdoável.

Quem vinha era o Sr. Grace.

Não! Deve ter uns cinquenta Outros aqui, por que ele tá vindo atrás de mim?

Com a energia do desespero, Trista saltou e pousou a salvo na galeria do vagão seguinte. Ela engatinhou até a frente, sem ousar olhar para trás, depois disparou escada abaixo para o andar inferior. Um deslize, um pulinho, um salto pela fenda e a menina alcançou a plataforma traseira do bonde.

Quando ouviu um andar apressado, olhou para trás e viu o Sr. Grace deslizado pela escada pela qual ela acabara de descer, piscando com a neve que lhe esbofeteava o rosto, os dentes aparecendo num sorriso maldoso.

– Pare! – ela o ameaçou, apenas para si mesma, conforme o homem descia os degraus. – Pare, Sr. Grace! Você vai estragar tudo!

Havia uma curvinha de humor no canto da boca do alfaiate.

– É esse mesmo o plano – disse o homem, e lançou-se para a plataforma na qual estava Trista.

Uma ideia ocorreu à menina no instante em que ele pulou. Um chute bem calculado ou um brandir de garras e ele seria jogado para trás e cairia. Despencaria na rua e ficaria ali quebrado como Angelina, a boneca gritona. E ninguém saberia que a responsável tinha sido ela, como ninguém nunca ficou sabendo da boneca.

Mas Trista não deixou que essa ideia controlasse seus membros. Em vez disso, ficou imóvel, e no instante seguinte o Sr. Grace pousou com um baque na plataforma de metal, ao lado dela. Tudo muito rápido, e tudo mudou. Ele ficou imenso, e ela, uma bonequinha frágil.

– Não! – ela guinchou e desviou quando o alfaiate tentou agarrá-la.

Num giro, ele sacou a imensa tesoura negra. E mais uma vez tornara-se um pesadelo, o alfaiate de pernas vermelhas das histórias de terror.

O homem avançou; Trista desviou, mas um pouco lenta demais. Uma ponta da tesoura perfurou o tecido do colarinho dela, prendendo-a ao batente de madeira da porta do bonde. A outra lâmina parou, ameaçadora, bem rente ao seu pescoço, pronta para o corte.

– Escuta, por favor! – Mais uma vez ela agia como uma criança abandonada, implorando, lágrimas de teia fluindo pelos olhos. – Eu estou do seu lado! Tô tentando salvar a Triss também! Se você me escutar, podemos derrotar o Arquiteto juntos!

O Sr. Grace fitou a menina com atenção por um segundo, erguendo um pouco as sobrancelhas. Estava esbaforido por conta da perseguição, os dedos azuis de frio. O cabelo endurecera de tanta neve, e gotinhas de água do degelo lhe escorriam pelo rosto feito lágrimas.

– Vocês monstros falam mesmo qualquer coisa pra salvar a vida, não? – ele murmurou baixinho. Seus olhos estavam negros como milhares de anos de chuva.

A morte da esposa e a perda do filho. Era isso a fenda de sofrimento infinito que cortava ao meio uma possível empatia entre os dois. Com desespero, Trista compreendeu que, mesmo com toda a sua agilidade de metamorfa, esse era um abismo que ela não poderia transpor.

– Arquitecto! – gritou o alfaiate a plenos pulmões. – Estou com sua...

Sua filha? Sua sena?

Trista não esperou para descobrir o fim da sentença. Com força nascida do pânico, a menina sacudiu-se para o lado, rasgando o colarinho e deixando somente um retalho de tecido fincado pela tesoura. Antes que o alfaiate pudesse reagir, ela saltou para o teto macio do bonde e foi engatinhando, e sumiu.

Atrás de si, a menina ouviu a porta do bonde sendo aberta, talvez pelo alfaiate, talvez por alguém de dentro. Não fazia ideia do que acontecia abaixo. Tudo o que sabia era que, até o momento, não tinha nada a ver com ela.

O ar tinha um cheiro úmido. Olhando para o lado, Trista reparou, muito alarmada, que o bonde flutuava por cima do rio, bem acima de seu próprio e inesperado reflexo borrado. Um bando de gaivotas separou-se, abobado, da frente do bonde e desviou em pânico, e uma das asas passou de raspão pela bochecha da menina.

Esbofeteada pela corrente de ar, Trista foi deslizando adiante por sobre o teto, depois desceu na porção frontal do bonde, usando o painel de destino e acessórios como apoio para os pés. Pousou suavemente perto da cabine vazia do condutor, depois espiou pela janelinha da porta, vendo o salão inferior do bonde.

O bonde era mais suntuoso do que os vagões, com assentos cobertos com o que parecia ser veludo verde, janelas com batente de madeira marrom-dourada e lâmpadas cobertas por luminárias esverdeadas. Estava vazio, a não ser por três ocupantes.

Nos fundos do carro estava o Sr. Grace, o alfaiate, com a porta aberta logo atrás. Ainda portava o casaco de penas, embora o tecido se debatesse feito louco, como se tentasse rasgar-se e libertar-se do homem. O cabelo estava emplastado na cara, o que passava uma impressão de determinação fria como o gelo. Nas mãos ele trazia aquela enorme tesoura preta.

A poucos metros do encharcado alfaiate, em pé, como se para confrontá-lo, estava um indivíduo mais alto. Mesmo de costas, Trista reconheceu o cabelo loiro macio, o casaco de corte jovial, as calças Oxford e a brilhante aura luminosa da pose indiferente. Era o Arquitecto.

Bem mais perto, sentada de costas para a janela, estava uma menina de cerca de onze anos e cabelo castanho-claro. Usava chapéu branco e casaco, e mantinha os ombros nervosamente unidos, as mãos entrelaçadas no colo.

Com muita força de vontade, Trista recolheu as garras-espinhos e baixou a mão livre para dar um tapinha no vidro da porta. A menina levou um susto, virou-se para olhar ao redor do carro, depois fitou a porta e viu Trista finalmente.

Esta viu o próprio rosto, pálido e desolado entre os arrumados cachinhos lustrosos. Sob seu olhar, a boca rosada abriu-se de choque e medo, com uma expressão que Trista sentiu os próprios lábios fazendo diversas vezes.

Triss. Triss, intimidada ao ver o próprio rosto encarando-a lá de fora, no escuro.

Trista chamou e deu instruções desesperadas apenas com a boca, sem som.

Vem pra cá!

Triss hesitou, lançando um olhar temeroso para o Arquitecto.

Por favor! Trista insistiu. Rápido!

Triss começou a deslizar furtivamente pelo banco na direção de sua cópia, olhos grudados o tempo todo no Arquitecto. Enquanto isso, Trista foi abrindo a porta muito devagar. Ao fazê-lo, a conversa de dentro do bonde ficou audível para ela.

– Sabe de uma coisa, senhor? – disse o Arquitecto com sua voz macia, musical e ligeiramente excitada. – Estou com um pressentimento engraçado. Algo me diz que você não comprou passagem para este passeio.

– Acredito que isso aqui bastaria pra qualquer inspetor. – O alfaiate ergueu a tesoura, falando num tom mais firme do que jocoso. – Quer levar a questão ao Ministro dos Transportes?

O riso do Arquitecto saiu como um serrote banhado em mel, e parou um pouco subitamente demais.

– Ah, não quero. Bom, creio que eu deveria me sentir lisonjeado por você estar tão determinado em conseguir um lugar no meu transporte. – Usava um tom perigosamente agradável. – Quem sabe você não aceitaria juntar-se a nós e relaxar... tomar um refresco?

– Só acho que seria educado informar – disse o alfaiate entredentes – que suas artes não funcionam comigo. Vejo-o como você é, Arquitecto.

– É mesmo? – Novamente veio a sensação incômoda de que algo escapava ligeiramente do controle, como um copo rachando ao tentar conter a tempestade.
– É mesmo, tesourinha?

Tanto o Sr. Grace quanto o Arquiteto pareciam absortos demais na conversa para olhar para a porção frontal do carro. Trista resolveu arriscar um sussurro:

– Triss, vim salvar você! Tire o chapéu, os sapatos e o casaco! Rápido! Enquanto estão distraídos!

Triss ficou perplexa, mas apressou-se em obedecer, os dedos atrapalhando-se com os botões.

– Então – continuou o Arquiteto –, acha que enxerga o mundo com clareza?

– Comparado com a maioria dos meus conhecidos – respondeu secamente o alfaiate –, vejo com a clareza do cristal.

O homem tinha ajeitado o pé em algo como uma pose de esgrimista, mas Trista não sabia dizer se ele planejava um ataque súbito ou uma escapada às pressas.

– E esse, receio, é o seu problema – suspirou o Arquiteto. – Porque o mundo, meu amigo, não é claro. É escuro feito chouriço. Então se você o enxerga claro como cristal, tem alguma coisa errada com os seus olhos. Ou talvez você não use os seus olhos. Talvez enxergue com sua tesoura. Que instrumentos maus, as tesouras. São feitas para apenas um propósito. Para dividir, limpa e falsamente. Zum, zum. Tudo de um lado ou de outro. Nada no meio.

Quando o Arquiteto disse a palavra “tesoura”, a melodia de sua voz se entrecortou, como uma agulha pulando ao tocar um disco riscado.

– Melhor do que se esconder atrás de um manto sujo de mentiras – declarou, abusado, o Sr. Grace.

– Mas você está usando o nosso manto! – riu o Arquiteto. – Transformou-se num pássaro da nossa estirpe! E – a voz dele ganhou um acento discordante, como se trocasse para um acorde menor – eu achei que caiu muito bem em você.

O gesto do Arquiteto para o Sr. Grace foi tão delicado, tão casual, que foi como se ele tivesse jogado fora uma guimba de cigarro invisível.

Ao fazê-lo, contudo, o alfaiate tossiu como se tivesse levado um soco, e curvou-se para a frente. A tesoura soltou-se dos dedos dele e caiu no chão. As penas do casaco farfalhavam loucamente, espirais giravam e ondulavam como desenhos traçados pelo vento no milharal. O homem tossia, e cada baforada enchia o ar de peninhas cor de poeira.

O cabelo preto foi baixando, baixando, até que sobrou apenas uma penugem grisalha no couro cabeludo. Os movimentos frenéticos da cabeça ficaram

convulsivos, rápidos como os de um passarinho. Do colarinho, das mangas e da barra das calças vazava cinzas e finas penas acinzentadas. Finalmente, até a cabeça dele começou a diminuir, e ficou do tamanho de um coco, uma maçã, um ovo...

– Triss! – Trista sibilou, vendo seu outro eu embasbacado com a transformação. – Vem pra cá! Rápido!

Ela segurou a porta aberta, e Triss disparou para lá.

A menina soltou uma exclamação quando emergiu para o rugir dos ventos e visualizou o rio fluente. Trista arrancou casaco, sapatos e chapéu das mãos abobadas da outra e correu vestir tudo.

– O que a gente faz agora? – perguntou Triss. – Pra onde vamos?

Trista sentiu o coração vir à boca quando olhou ao redor, procurando inspiração. A qualquer momento, o Arquiteto notaria o sumiço de Triss.

– Eu te mostro – ela disse, abruptamente. – Vem, fica aqui comigo.

Trista puxou sua cópia para longe da porta do salão, na direção da beirada da plataforma de embarque.

– Que foi? – Triss perguntou, os olhos marejados. – O que tenho que fazer?

O bonde começava a vergar para perto da margem. A beirada escura das Novas Docas aproximava-se pela direita.

– Desculpe – murmurou Trista.

Quando o bonde passou perto da parte mais rasa, ela empurrou seu outro eu pelas costas com toda a força. Despreparada, Triss voou para o espaço vazio. O rugido do ar engoliu o grito assustado da menina e o barulho suave de água que veio logo depois.

Ela sabe nadar, Trista disse a si mesma ao inclinar-se para ver, pesquisando freneticamente as águas escuras em busca de sinais de vida. *Sei que sabe. Lembro de ter aprendido a nadar. E a jogar no raso...*

Sim, havia um pouco de espuma, uma cabeça e braços brandindo não muito longe do deque mais próximo. Trista fechou os olhos, com a mente inundando de alívio.

– Que raios você planejava fazer? – perguntou o Arquiteto, a voz reluzindo uma malícia jocosa. – Estava pensando em pular no rio? No seu estado de saúde? Ou pretendia pedir ajuda para alguém?

Trista não disse nada, apenas manteve o rosto baixo enquanto o Arquiteto a levava para dentro do salão, para então indicar o assento de veludo verde no qual devia se sentar. Ela entrelaçou as mãos e as pousou no colo, do jeitinho que fizera Triss.

Alguma coisa esvoaçava ao redor do bonde, trombando nas lâmpadas feito uma mariposa. Era um bicho-pássaro, um dos grandes, mas ia diminuindo a cada instante conforme soltava penas e cinzas.

– Tis-tis-tis-tis! – sibilava a criatura, e zumbia, debatendo-se toda contra paredes e janelas. O rosto pálido estava louco de ódio. No canto oposto do bonde, amontoadas numa pilha, jaziam as roupas do Sr. Grace. Não havia sinal algum do alfaiate.

– Olhe só pra você, o cabelo todo molhado – comentou o Arquiteto, sentando-se ao lado da menina. – Vai morrer de gripe, Srta. Crescent.

O coração de Trista batia loucamente dentro do peito, tanto quanto o Sr.-Grace-bicho-pássaro batia nas paredes.

Eu não podia pular junto com a Triss. Não podia. Ele teria reparado que ela fugiu, e voltado atrás dela.

Além do mais, eu tenho que pegar aquele relógio.

Embora se esforçasse muito para manter a cabeça baixa, vez ou outra Trista lançava um olhar para a janela. Ellchester passava lá embaixo, fantasmagórica em seu traje branco. Janelas acesas ficavam para trás, frágeis e diminutas como vagalumes.

Então o bonde começou a mergulhar, a descer. Ele tocou o solo com um tremor, e Trista começou a reparar em todo um conjunto novo de sons. Um raspar metálico contínuo que ficava mais agudo toda vez que faziam uma curva, e um tum, tum que era como o coração batendo. Era o tipo de ruído que se ouvia num trem, o pulular abafado do vagão dormitório.

Ao ver uma placa indicando um cruzamento, Trista reparou que o bonde estava percorrendo a ferrovia incompleta que levava à nova estação. A vista lá fora foi substituída por tábuas elevadas, andaimes e cercas raquíticas. Logo o bonde desacelerou e parou.

– Você não gosta mesmo de viajar, não é, Srta. Crescent? – o Arquiteto estendeu a mão e deu um tapinha nas costas da dela. – Não se preocupe. Esta foi sua última jornada.

O homem a pegou pelo pulso, tão apertado que Trista viu seus dedos ficando rosados. Ela não resistiu quando ele a pôs de pé e a arrastou até a porta do salão. Quando saíram do bonde, a menina procurou ficar de olho no pulso do Arquiteto por detrás da cortina de cabelos que lhe cobria o rosto. Sob o punho da camisa clara dava para ver a saliência do tamanho do que devia ser um relógio de pulso.

A estação apareceu, volumosa, logo à frente, com seus declives cobertos de neve mal iluminados pelo luar. Sua silhueta estava severamente comprometida pela falta da ponta no topo. A construção era suntuosa para os andaimes que a cercavam. Observando-a, Trista não conseguia imaginar por que ninguém reparava que uma imensa tumba espectral estava sendo construída bem no meio de Ellchester.

Os demais Outros saíam dos vagões, pingando do céu, levantando nuvens de poeira e neve do chão. Não perdiam tempo, apenas apressavam-se para a estação. Ignorando todos os arcos e entradas mais óbvios, escalavam, saltavam e fluuavam pelos declives acentuados da pirâmide.

O Arquiteto levou Trista até a base da pirâmide num trote firme. Quando chegaram, um enxame de bichos-pássaros cinza voou para a frente deles e uniu-

se para formar degraus ásperos, bruxuleantes, feitos de criaturas vivas, vacilantes. Com muita tranquilidade, o Arquiteto começou a subir, forçando Trista a fazer o mesmo. Dava para sentir os degraus-pássaros amassados, resmungando sob o peso dela. Conforme cada degrau era ultrapassado, ele se dissolvia com um farfalhar, e as criaturas aladas voavam adiante formando o degrau seguinte para o caminhar ininterrupto do Arquiteto.

E assim foram subindo a pirâmide pela escadaria feita de pássaros, até o quadrado vazio no topo. Houve uma pausa, e então o Arquiteto pulou para a escuridão, puxando Trista consigo. Houve uma sensação de queda livre, um instante no qual o mundo virou do avesso. Quando a cabeça de Trista clareou, os dois ainda estavam de pé, mas dentro de uma sala fechada na qual os ângulos pareciam enfrentar um ao outro feito gatos atidos.

Uma torrente de Outros passou por eles, desaparecendo por um arco iluminado por tochas no que se parecia com uma mistura de salão de banquete e clube de jazz. Velas reluziam no cromado, trinados estridentes entrelaçavam-se com ataques de saxofone.

– Oh, aquele lugar não é pra você, minha querida – murmurou o Arquiteto, com discreta ferocidade. – Toda aquela luz, todo aquele barulho! Pense na sua dor de cabeça. Não, você precisa de um lugar quieto e escuro.

Ele estendeu a mão e abriu outra porta que a menina ainda não tinha notado, e a levou por um corredor estreito de parede de pedra. Suportes nas paredes amparavam chamas prateadas que bruxuleavam preguiçosas e mal revelavam o local, como uma triste lembrança de fogo em vez do próprio.

O corredor bifurcou uma, duas vezes. O Arquiteto escolheu uma entrada, depois outra, e mais uma com tanta velocidade, que foi costurando o labirinto.

– Mais rápido! O exercício vai fazer bem aos seus membros jovens.

O Arquiteto acelerou o passo para um trote largo, depois se pôs a correr, quase arrancando Trista do chão ao puxá-la pelas antecâmaras, por paredes cravejadas com centenas de olhos, subindo e descendo escadas tortuosas.

Finalmente, ele ganhou uma sala ampla, de teto abobadado, cujo piso declinava para um buraco redondo no centro. Brandindo o braço, o homem arremessou a prisioneira no chão, roubando-lhe o ar e derrubando o chapéu.

– Bem-vinda à sua nova casa. – Não havia mais nada de suave nem afável na fala do Arquiteto. Eram quase dois metros de malícia, os olhos prateados mais brilhantes que as tochas falsas. – Seu pai construiu-a pra você, e quando amanhecer ele vai selá-la aqui. Fique à vontade pra encontrar uma saída: vai falhar. Se quiser, pode ficar chorando aqui até morrer de fome ou secar. Se quiser

morrer mais rápido, jogue-se naquele fosso. A queda não tem fim, mas você terá. Vai arrancar gritos de você até que se desfaça, sobrando apenas a sua voz.

– Não! – A prisioneira ficou de pé num pulo, agarrando-se desesperadamente ao braço e à mão do homem. – Não me deixe aqui! Por favor!

Por alguns momentos o Arquiteto apreciou ver a menina soluçar e se humilhar, até que soltou um barulhinho de desgosto e a empurrou para longe.

– Que coisinha deplorável você é – murmurou. Então seus olhos pousaram nas mãos, melecadas de fios acinzentados em vez de lágrimas, depois para o pulso, que não apresentava nada além do punho da camisa.

Atônito e enraivecido, seu olhar prateado mirou a prisioneira, depois o relógio de pulso arranhado preso avidamente naquela mãozinha magrela. A menina ergueu o rosto, e o Arquiteto viu um sorriso cheio de espinhos.

– Oi, papai – disse o Cuco.

O guincho raivoso do Arquiteto foi como o vácuo no coração do tornado. O cômodo abobadado tremeu, abrindo rachaduras ao longo do teto côncavo. Ele avançou para sua cria, mas ela desviou do caminho num salto e pousou de quatro com as garras-espinhos estendidas.

– Cadê ela? – ele perguntou.

– Fugiu faz tempo – sibillou a metamorfa. – Sabe quanto tempo faz? Faz ideia de quanto tempo faz que sou eu do seu lado, rindo de você?

O Arquiteto jogou a cabeça para trás e soltou mais um guincho terrível e infantil, e todo o cômodo pendeu e gingou feito um sino, tentando derrubar Trista para o buraco escuro aberto no centro. O homem veio atrás dela enquanto ela lutava para manter o equilíbrio, com as lajes mexendo e virando sob suas mãos e os pés descalços. Ele parecia maior que a sala, mais escuro que a ponta retorcida de um tornado. Entretanto, ainda tinha forma de homem, com olhos pálidos que chamuscavam e mãos que vinham para agarrá-la.

O cômodo a gingou para cá e para lá, batendo a menina dolorosamente contra paredes e piso. Ela sentia as laterais do corpo rasgando feito costura mal feita. Tropeçava e se esborrachava, cuspido broches e dedais. Contudo, sempre tornava a ficar de pé, e a tempo de esquivar-se de um novo ataque do Arquiteto. O relógio, ela não soltava jamais.

Aquele era um dos locais pertencentes ao Arquiteto, no qual ele tinha mais controle do que no mundo lá fora. Mas de novo e de novo os dedos dele agarravam apenas o vazio, pois que naquele momento de raiva o Outro não tinha controle nem sobre si mesmo.

Mas estou enfraquecendo. Cada salto demandava mais esforço. E ficando mais lenta. E meu tempo está acabando...

Mais uma queda dolorida. E demorou demais para levantar. A menina sentiu dedos fortes juntarem um chumaço do seu cabelo. Ela arranhou a mão do Arquiteto em vão conforme ele a arrastava sem perdão pelo piso até o fosso...

... e então a mão dele afrouxou o contato quando o punhado de cabelo virou um montinho de folhas. Trista ficou de pé, inesperadamente encontrando-se bem atrás do imenso atacante. Ela se lançou contra as costas dele com toda a força e, conforme o cômodo se contorceu, os dois foram arremessados à frente. Trista pousou de bruços, fincando as garras dos dedos das mãos e dos pés nas rachaduras do chão para impedir que deslizesse.

O Arquiteto, contudo, tombou de lado e rolou, desaparecendo na beirada, caindo dentro do abismo escuro. Ao ouvir o grito dele, a menina se enrolou e tapou os ouvidos. O grito soou e soou, e foi afinando e diminuindo até não restar mais nada a não ser um zumbido nos tímpanos.

Trista ficou deitada, ofegante, no piso de pedra, fitando o relógio ainda preso na mão trêmula. Depois se sentou lenta e dolorosamente, ouvindo o raspar da palha que escapava por suas costuras.

Com as garras, abriu as costas do relógio. Ali, entre as engrenagens, havia uma mechinha de cabelo castanho-claro. Cuidadosamente, ela a tirou de lá, e conforme os fios foram removidos todo o mecanismo voltou a funcionar.

A menina fechou os olhos e imaginou um espírito libertando-se de sua prisão nas engrenagens, escapando do terrível peso do inverno. Pensou ter ouvido o vento soprar suavemente, como se suspirasse, e então tudo ficou quieto.

– Adeus, Sebastian – ela sussurrou.

O Arquiteto havia encantado o relógio para ser um mestre do tempo, em vez de apenas um servo. O cabelo de Sebastian, dentro do aparelho, havia ligado o rapaz a ele, e quando o relógio foi parado, aprisionara aquele entre a vida e a morte. Contudo, o relógio não se ligava somente a Sebastian. O rapaz o deixara para Violet, a mulher que amava mais do que qualquer pertence. Então o relógio a aprisionara também, ligando-a a um homem que não morria junto de seu interminável inverno.

O tique-taque do relógio significava liberdade para Sebastian, liberdade para Violet. Mas agora estava arrancando às dentadas os últimos segundos de vida de Trista.

Meu tempo vai acabar, ela pensou, vendo folhas caindo perante o rosto como confete. Meu tempo vai acabar.

E então as palavras do Arquiteto abriram caminho dentro da mente dela mais uma vez. Um relógio pode ser ensinado a ser um mestre do tempo, não somente um servo.

A menina fitou o artefato, quase não ousando compreender o que acabara de lhe ocorrer. Seu tempo estava acabando, mas em suas mãos ela tinha algo que talvez pudesse parar o inevitável. Se ela pudesse unir o relógio a si... colocar algo nas engrenagens que lhe pertencia...

Mas o que ela tinha que era de fato dela? Seu cabelo era feito de folhas, seu corpo, de fragmentos de outra vida. Tudo que tinha fora emprestado, assim como lhe dissera o Grimmer num sonho. Era apenas lixo e sobras, não uma pessoa de verdade.

– Mas eu sou uma pessoa! – ela berrou, recebendo de volta ecos ridículos das paredes. – Eu existo! Existo, sim! Eu tenho nome!

Um nome. Foi então que veio a inspiração. Com dedos que se pareciam cada vez mais com gravetos, a menina puxou o colar de contas no qual Pen rabiscara o novo nome. O ornamento tinha sido dado a ela, pelo menos, e somente a ela. Com os olhos começando a embaçar, Trista enfiou um pedacinho do fio entre as engrenagens. As pecinhas mordiscaram o algodão, foram emperrando gentilmente e... pararam.

Os barulhos a acordaram. Um rugido de motores, um trepidar e um trovejar. O sibilar da areia. Gritos e ordens. Câmbios colidindo, o ranger e o chiar de metal desafiando seus limites.

Trista abriu os olhos e descobriu que ainda tinha olhos para abrir. Tinha um relógio nas mãos, e ainda tinha mãos para segurar. Sentou-se com dificuldade, segurando uma renda na lateral do corpo. Estava com dor, fraca, mas ainda existia uma Trista para ter dor e sentir-se fraca. Tinha também uma leveza tonta esquisita na cabeça que queria virar alegria, mas não sabia muito bem o que fazer para tanto.

Foi preciso um tempinho para ela compreender que barulhos eram aqueles. Não eram feitos por Outros. Eram os barulhos da construção. Em algum lugar lá fora os operários preparavam o local para colocar o tampo da pirâmide que era a estação. O tempo estava acabando.

A menina ficou de pé com dificuldade, enfiou o precioso relógio no bolso e cambaleou até a porta, curvando-se aqui e ali para pescar importantes fragmentos de suas entranhas. Adiante se encontrava o labirinto de paredes de pedra do Arquiteto.

Fique à vontade pra encontrar uma saída: vai falhar, dissera o Arquiteto. Vai falhar.

Contudo, ele não contava com a trilha deixada por Trista, muito propositalmente, enquanto ele a arrastava corredor após corredor. Pelo trajeto ela dispersara fragmentos e folhas soltas. Agora, encostando-se nas paredes para apoiar-se, Trista os seguia.

Teria que ser muito rápida. Lá de fora chegavam discursos ao megafone e os aplausos da plateia. Em seguida veio o trepidar arranhado que devia ser o motor do enorme guindaste...

... que parou. Houve silêncio, e então uma algazarra interminável de vozes abafadas e descontentes. Mais discursos ressoaram, em tom de desculpas.

Eles pararam. Eles pararam!

Pen, que incrível! Você conseguiu! Mandou que parassem.

Finalmente, a menina encontrou a portinha pela qual o Arquiteto a arrastara. Com um assomo doloroso e incrédulo de esperança, ela a abriu, mas congelou.

A sala seguinte estava lotada de indivíduos. Uma colagem de rostos de Outros a encarava, despidos de qualquer disfarce, as feições contorcidas de raiva e pesar. Na frente do grupo estava o Picanço, os olhos ardendo sob o chapéu coco.

– O Arquiteto! – foi o sussurro que percorreu a multidão. – O Arquiteto!

Trista lembrou-se do grito longo e ressonante, e seu coração caiu nos pés. Todos tinham ouvido. Sabiam o que tinha acontecido. Lágrima alguma, apelo algum poderia apaziguar o sofrimento pela perda de seu herói, de seu salvador. Por isso, a menina não choramingou nem pediu desculpas. Em vez disso, fitou o Picanço direto nos olhos.

– Eles pararam de trabalhar lá fora; reparou nisso, Picanço? Piers Crescent não vai deixar que coloquem o tampo na pirâmide enquanto não souber que estou segura. Se isso não acontecer, a construção vai ser interrompida. O que seria péssimo pra todo mundo que vai morar aqui.

Um tremor de incerteza perpassou a multidão, e todos os rostos se viraram para o Picanço. Como Trista supusera, na ausência do Arquiteto o Picanço era obviamente o líder.

A cara de buldogue do homem contorceu-se com emoção reprimida. Novamente, a menina pensou enxergar um bico curvo, dessa vez ávido para partilha em duas, ou quebrá-la feito uma casca de noz. Tudo o que ele precisava fazer era dar a ordem, e seus comparsas a rasgariam aos pedaços. Contudo, ela reparou, isso seria a última coisa que ele faria. O homem estava comprometido por uma promessa mágica a não machucá-la, nem direta nem indiretamente.

– Se não fizer as pazes com Piers Crescent – Trista continuou, o mais calma que conseguiu, dado que estava usando uma das mãos para impedir que suas

entranhas caíssem –, a vida de todos vai acabar em desastre, cedo ou tarde. Pra ele, e pra você e o seu povo. Deixe que eu falo com ele. Ou vai cometer o mesmo erro que o Arquiteto e destruir tudo só por vingança?

O Picanço pensou por mais uns segundos, depois fez um gesto curto e irritado para os demais, que recuaram relutantes para o salão do banquete. Não era apenas ira o que reluzia nos olhos de botão do Picanço, contudo, quando ele escrutinou a criatura viva que era Trista, como alguém que analisa um truque de ilusionista.

– Como você...? – Os olhos acinzentados dele brilharam, demonstrando algo que lembrava respeito.

– Pelo visto você me fez melhor ainda do que achava.

O homem fitou a menina, depois balançou a cabeça.

– Alguém arranje uma escada pra mocinha – latiu ele, a voz embargada pela relutância. O homem passou os olhos pelos rasgos e buracos dela, e fez uma careta enfadonha, o conflito visível no rosto. No final, o impulso ganhou da repressão. – E... bom, enquanto espera, dá aqui agulha e linha! – O Picanço abriu para Trista o sorriso mais irado do mundo. – Não somos amigos, Cuco, mas já que tenho que deixar você ir, não vou deixar que saia por aí parecendo que alguma costureira iniciante te remendou de olhos fechados. Sou um artesão, e dos orgulhosos.

Passados alguns dias, a família Crescent ainda ocupava as capas dos jornais, mas as histórias eram todas muito confusas. O público sabia que as filhas sequestradas estavam a salvo e bem, mas havia relatos diversos e fantásticos acerca do resgate.

A maioria concordava que a menina mais nova fora encontrada perdida na nevaska por um policial em serviço. Ela sujeitou o homem a um estonteante dilúvio de fatos incríveis – ser a desaparecida Penélope Crescent o mais incrível deles. Felizmente o oficial teve paciência suficiente para checar a história, que acabou comprovando ser verdade.

O resgate da outra menina foi questão ainda mais sensacional. Os que se reuniram para testemunhar a Cerimônia de Inauguração que marcaria a finalização da nova estação de trem foram forçados a esperar, visto que os procedimentos foram impedidos por motivos inadequadamente explicados. Mais tarde foi revelado que Piers Crescent, o engenheiro civil que a projetara, requisitara subitamente que tudo parasse, uma vez que a neve poderia fazer do ajustamento do topo algo perigoso demais.

A plateia entrou em alvoroço, e os organizadores tentaram convencer o engenheiro, cada vez mais irado, de que seu receio não tinha fundamento. Em meio a tudo isso, uma figura solitária foi avistada bem no topo da pirâmide, acenando com fraqueza. Centenas presenciaram a cena em que uma porção de homens, Piers Crescent inclusive, escalara andaimes e retornara carregando uma garotinha de aparência muito frágil. Os que a viram a reconheceram como Theresa, a outra menina desaparecida.

Apesar de todas as evidências, contudo, ainda havia periódicos que insistiam que Theresa tinha, na verdade, sido resgatada na noite anterior, quando foi descoberta encharcada e desarrumada num deque de cais.

Houve confusão similar com relação à identidade do sequestrador. Todos os jornais naquela tarde publicaram histórias sobre a prisão de Violet Parish, com detalhes lúgubres acerca dos rumores de que a moça tinha diversos contatos no mundo do crime. Tendo pintado a jovem vermelha feito sangue, os relatos sobre ela dos mesmos jornais, no dia seguinte, foram curtos e bastante furtivos. As filhas dos Crescents e seus pais aparentemente juravam de pés juntos que Violet era inocente, e que na verdade fora ferida na tentativa de proteger as crianças.

De fato, dizia-se que uma pessoa apontara o dedo para acusar Violet Parish – um alfaiate de nome Grace, que não se encontrava em lugar algum. Conforme os dias se esticaram sem mais notícias, os jornais alternavam entre descrever os sequestradores como “misteriosos” e insinuar que o alfaiate sumido devia ser um deles.

Foi uma semana de histórias malucas. Tudo, inclusive o clima, pareceu ter enlouquecido por um tempo. Relatos doidos sobre crianças vistas em telhados, comportamentos misteriosamente destemperados, barcas fantasmas e costureiras desaparecias desfilavam par a par com a bizarra miniatura de inverno que desceu sobre Ellchester em questão de horas, e que se convertera em verão fora de época em questão de dias. Passado algum tempo, a “Semana Branca Louca”, como ficou localmente conhecida, foi relegada como tempo que não contava, um período no qual as regras de sempre foram temporariamente postas fora de uso.

Os Crescents certamente não tinham nada a dizer aos jornais. Repórteres tentaram por um tempo rastrear Violet Parish, mas Piers pagara para transferir a jovem do hospital municipal para uma clínica particular fora da cidade, e não chegavam mais detalhes sobre a localização. Os Crescents, afinal, eram capazes de discrição da mais alta qualidade.

A clínica repousava no colo de três morros, e tinha uma atmosfera pacífica e acolhedora. Gramado aparado, mas nem tanto, e havia caminhos tortuosos por entre o pequeno pomar. As macieiras sofreram durante a nevasca bizarra, tendo o peso da neve arrancado diversos galhos. A grama verdejava, viçosa, mas ainda parecia saturada, encharcada. Como os pacientes lá dentro, a clínica de paredes de pedra superava sua própria porção de tratamento a pancadas, com homens que se esforçavam para consertar um teto danificado, e canos que estouraram por causa do gelo.

Para qualquer um que a conhecia, estava claro que Violet sofria de impaciência e tédio mais do que pela perna quebrada. Os funcionários rapidamente aprenderam que sempre que ela pedia novidades ou perguntava “quando vai ficar pronta?”, estava se referindo à motocicleta, não à perna. Violet tivera sorte, sofrera apenas torções e hematomas, nada de fraturas.

– Eu quico – ela explicava para qualquer um que perguntasse, com um sorriso selvagem.

Recusava-se a acreditar que havia motivo para ter que usar gesso (“Só estão com medo de que eu corra atrás dos funcionários mais bonitinhos”) ou para que lhe recusassem cigarros (“Vou sufocar se não fumar”). A equipe tolerava as brincadeiras, mas recusava-se a ceder a qualquer uma. Violet podia, pelo menos,

receber visitas. Parecia muito contente na companhia de outra paciente, uma garotinha que fora admitida na mesma época com a queixa convenientemente vaga de “sofrer dos nervos”.

Na primeira manhã de setembro, essa mesma garotinha encontrava-se no quarto de Violet, inclinada na janela para escutar o badalar dos sinos de uma igreja.

Trista nunca se cansava de escutá-los. Os relógios passaram a fasciná-la, o modo como ticavam, contando as horas sem que ela morresse. Sóis que se punham e nasciam de novo, sem contagem regressiva. Manhãs sem os sussurros e gracejos da mortalidade.

A última badalada foi diminuindo até calar-se, e Trista voltou para dentro do quarto com um sorriso um tanto pesaroso.

– Vai fazer isso a toda hora pro resto da vida? – perguntou Violet.

Estava despenteada e de rosto brilhando, sem maquiagem. Os livros e revistas que as pessoas tinham lhe dado para aliviar o tédio caíram feito uma avalanche pelo chão e foram largados ali, espalhados.

– Ainda não me cansei – Trista respondeu, um pouco envergonhada. – Tenho apreciado as refeições também. Agora posso comer uma quantidade normal. – Então, um pouco mais corajosa: – E você, vai continuar zanzando por aí, agora que não tem nada te perseguindo?

Violet ficou pensativa, tamborilando os dedinhos que brotavam do gesso que lhe prendia a perna.

– Provavelmente – disse, finalmente. – É difícil mudar de hábito. Eu adoro o fato de que posso ficar se quiser, e dormir oito horas numa mesma cama sem causar um Ragnarök. Mas... acontece que eu amo velocidade, movimento e mudança, e sem isso vou ficar maluca. Chegou um ponto em que isso virou parte de mim. Por outro lado, agora sou eu que escolho. Posso ir pra algum lugar, em vez de só fugir de um passado que não me largava.

Violet espiou Trista por olhos bem estreitos.

– Eu... o vi naquela noite – ela disse, cautelosa. – Na noite da nevasca.

Trista não perguntou quem era “ele” nem exclamou ou protestou. Apenas veio e sentou-se ao lado de Violet na cama, dando à amiga um silêncio para completar.

– Estava um gelo no hospital, e as irmãs não tinham mais cobertores pra cobrir a gente. E então as janelas se abriram com tudo, e a nevasca invadiu todos os quartos. Não entraram só uns floquinhos, entrou uma tempestade mesmo, tão intensa que pareceu que estávamos todos lá fora. Foi como se o mundo tivesse

derretido, e só tivesse sobrado o inverno, e eu e minha cama bem no meio. Foi então que vi alguém vindo até mim, do meio da neve. E era... – Violet não terminou, e riu baixinho.

Houve uma longa pausa, e Trista reparou que não havia mais história para contar. Havia apenas uma página em branco para ela mesma completar.

– E... ele parecia... feliz? – foi tudo o que quis perguntar.

Violet fez que sim, e abriu um sorriso delicado que a fez parecer mais jovem e um pouquinho tímida.

– Disse que gostou do meu cabelo curto – disse baixinho.

– Andei pensando no relógio. – Trista mordeu o lábio, mas logo desmordeu. O maneirismo lhe causava uma sensação estranha, tendo visto Triss fazer o mesmo. – Era ligado a... a ela principalmente pelo cabelo. Mas tinha se ligado a você por ser seu, e porque ele quis que fosse dado a você. O que significa que continua ligado. Eu parei o tempo que estava acabando pra mim, mas é possível que tenha feito o mesmo pra você. Eu... não sei o que vai acontecer.

Violet ponderou, cenho franzido, mãos na nuca, até que finalmente deu de ombros.

– Bom, não tá impedindo que eu me cure. Pelo visto, vamos ter bastante tempo pra pensar no assunto, de qualquer maneira. – Ela sorriu. – E uma possível imortalidade não foi o pior problema com que tivemos que lidar recentemente, certo?

Alguém bateu na porta.

– Srta. Parish? – Uma enfermeira enfiou a cabeça pela fresta. – Aquelas visitas que você estava esperando... chegaram.

Meio sem querer, Trista flagrou-se endireitando-se e vestindo uma armadura mental conforme a família Crescent entrou no quarto. A armadura foi quase imediatamente desmontada quando Pen saltou pelo quarto e jogou os braços em volta dela.

– Trista!

Esta pegou a menina e a girou para os lados, sacudindo-lhe as pernas no ar, depois reparou que estava demonstrando força incomum para uma menina de onze anos. Os outros três membros da família Crescent esperaram perto da porta, rostos pálidos e inseguros como e achassem que poderia haver lava debaixo do piso.

Foi Piers, é claro, quem enfrentou a lava primeiro. O homem puxou uma cadeira para a esposa se sentar, depois foi cumprimentar Violet com um aperto de mão e perguntar se estavam cuidando bem dela.

Foi Piers também quem se pôs a falar e falar, preenchendo o silêncio que esperava que algo acontecesse. Sua voz parecia confiante, mas Trista o conhecia bem demais para acreditar. O homem avançava com cuidado, sabendo que caminhava ao longo da margem de um rio lotado de crocodilos adormecidos. O tempo todo, Violet escutava com um sorriso de crocodilo, ajudando o homem com um comentário torto aqui e ali.

Trista não escutava nada. Apenas observava os Crescents, em busca de pistas e sinais. Seu quebra-cabeça familiar fora remexido, e todas as peças passaram por estranhas aventuras, evoluindo para novas e inesperadas formas. Entretanto, lá estavam eles, sentados na mesma pose da foto do jornal, da família clássica. A mãe sentada recatadamente, uma filha de cada lado, o pai em pé atrás com a mão confiante pousada na cadeira da esposa. Teriam as peças sido enfiadas de volta no lugar, forçadas a assumir as mesmas formas e compor a figura antiga? Seria possível fingir que não tinha acontecido nada?

Não. Trista achava que não. Pequenas mudanças chamaram sua atenção.

Pen estava ousada e impulsiva como sempre, é claro, mas não a mandavam ficar quieta a cada minuto. Os pais ocasionalmente murmuravam uma palavra para contê-la ou censurá-la, mas não mais com aquela força do hábito, aquela exasperação cansada. As rédeas pareciam ter sido afrouxadas, e a explosividade da menina era entusiasmo, não irritação.

Celeste parecia envelhecida. Havia algo ligeiramente fora de ordem com ela, como se tivesse perdido o equilíbrio e não soubesse muito bem como recuperá-lo. Ela tentou abrir um sorriso para Trista, mas entortou-o e não deu certo, e baixou os olhos. Ao olhá-la no rosto, Trista conseguiu somente se lembrar de Celeste saindo da cozinha da casa de campo, fechando a porta ao passar, que todos os horrores aconteçam livremente.

Não sei por que acho isso mais difícil de perdoar do que Piers pronto para me jogar no fogo. Bom, pelo menos ele teve coragem de assumir o que estava fazendo. Mas tenho pena dela. Será sempre a pessoa que saiu por aquela porta... e sabe que nunca mais vai poder voltar por ela.

Surgiu então um buraco na confiança de Piers. Ele se continha vez ou outra, fitando os demais para medir seus sentimentos, a aprovação ou a censura.

E havia também o quarto membro da família, de vestido azul-claro e chapéu, aninhada junto ao braço da mãe, a pontinha do nariz rosada e xale grosso sob o queixo.

Como é que todo mundo pôde confundir nós duas? Sou mais alta que ela! Não, talvez eu apenas ande mais endireitada.

Continuava esquisito ver um rosto que era tão similar ao dela, e, no entanto, animado por outra mente. Triss obviamente considerava a experiência bastante incômoda. Seus olhos brilharam quando ela fitou sua cópia, depois a menina baixou o rosto e deu uma tremelicada involuntária.

Trista sentiu uma fisdada de dor, mas reagrupou-se. Ela me viu sair do Grimmer, lembrou. Eu assustei a família dela, e destruí seu quarto, e comi suas bonecas, e fiz a irmã gostar de mim e a empurrei no rio. Não é de estranhar que tenha medo de mim.

Então Triss ergueu o rosto, cruzou o olhar de Trista e, hesitante, foi abrindo um sorriso. Saiu um pouco nervoso e tenso, mas foi um sorriso de verdade, nada de um sorria-para-ficarem-amigas forçado pelos pais.

Trista devolveu o sorriso, supondo que o dela fosse igualzinho àquele.

– Obviamente, tem uns problemas – Piers dizia. – Se você e a jovem... Trista ficarem em Ellchester, as duas serão assediadas pelos jornais. Pessoas à toa, perguntas bobas... sabe como essas coisas podem ser desagradáveis.

– Entendo como pode ser embaraçoso ter que explicar como você criou uma filha extra de um dia pro outro – comentou Violet, com finíssimo ar de simpatia. – Talvez possa alegar que uma delas era um rascunho?

– Srta. Parish, você entende como as cabeças das pessoas funcionam, o tipo de escândalo...

– Oh, acho que entendo com o que você está preocupado, Sr. Crescent – a moça retrucou com um sorriso não tão simpático.

– Nossa família deve muito a vocês duas – Piers prosseguiu. – E queremos garantir que a jovem Trista tenha os melhores recursos. Existem excelentes escolas...

– Um colégio interno? – perguntou Trista. Sua recompensa cheirava muito a ser trancafiada longe e tirada de vista.

Sem nem pensar duas vezes, a menina procurou a mão de Violet, sabendo que a encontraria ali. Lá estava ela, e envolveu-a carinhosamente.

– Nada de colégio interno – disse Violet. – Ela precisa de um lar. De pessoas que entendam quem e o que ela é.

O casal trocou olhares consternados. Puseram-se a tecer retratações terríveis, apologéticas, tentando explicar sem explicar. Claro que adoraríamos ficar com Trista, mas... mas... mas...

– Por quê? – Pen perguntou. – Por que ela não pode ir com a gente pra casa?

– Porque ela vai ficar comigo – respondeu Violet.

Houve mais conversa depois disso, é claro. Piers ajudaria. Advogados, adoção, uma história – quem sabe Trista era filha órfã de um dos colegas de Sebastian? Se

Violet fosse procurar trabalho em Londres, Piers poderia contribuir com referências, contatos, possivelmente uma posição em algum lugar. Trista só conseguia pensar na mão forte, manchada a nicotina, que segurava a dela.

– E... se pudermos ajudar com dinheiro... – Piers sugeriu.

O não de Trista saiu ao mesmo tempo em que o sim de Violet. A menina fitou a moça e trocou o não por sim.

– Bom, é melhor deixarmos vocês descansarem um pouco mais.

Celeste levantou-se da cadeira. Seus dedos sempre ocupados fizeram alguns ajustes nas roupas de Triss, ajeitando o xale apertado em torno do pescoço da menina, puxando-a para proteger de perto...

... e sem maldade, Triss afastou-se lentamente da mãe. Nem pareceu notar que o fazia.

– Mãe – disse, tímida. – Posso... falar a sós com Trista? No jardim?

As duas saíram lado a lado, lançando apenas olhares ocasionais uma para a outra. Num impulso sem palavras as gêmeas deram as mãos para deixar o prédio, conectando-se confortavelmente. Às vezes Trista sentia Triss tentar se afastar, e apertava a mão por reflexo. Noutras, a estranheza da situação a fazia querer soltar, então era Triss quem prendia, teimosa.

– Obrigado por me salvar – Triss disse finalmente.

– Não tem de quê. – Trista olhou a outra de relance. – Desculpa por ter te empurrado no rio.

– Você podia ter me mandado pular – Triss respondeu baixinho. – Eu teria pulado.

– Teria mesmo?

A Triss que Trista se lembrava de ter sido não teria pulado. Teria vacilado, se agarrado em alguém e pedido que a levassem para casa. Mas essa era a Triss antes de ser sequestrada pelo Arquiteto, não a menina que estava ali no jardim.

Eu só me lembro da Triss que fui, não da Triss que ela é agora. E as pessoas mudam muito – às vezes em questão de uma semana.

– Não importa – Triss correu dizer. – Eu queria muito perguntar uma coisa. Quando você chegar a Londres, podemos começar a nos corresponder?

Trista ficou surpresa, assustada com a ideia de receber cartas escritas com a sua própria letra.

– Sim – ela disse, assim que recobrou as ideias. – Eu... não posso prometer que não vou comer algumas das cartas. Perdi bastante enchimento, e não sei o que vai acontecer se mais cair fora. Mas eu gostaria, sim, de escrever pra você também. – Ela hesitou, depois prosseguiu: – Já prometi a Pen que vou escrever.

– Pen sente a sua falta. – Triss baixou os olhos. – Toda vez que olha pra mim, sei quem ela queria que eu fosse.

A expressão da menina era de pesar muito mal velado.

– Pen só precisa de uma irmã mais velha – Trista disse baixinho.

– Mas... mas eu sou a irmã mais velha dela! – Triss exclamou, os olhos brilhando com lágrimas de frustração e tristeza.

– Então a roube de volta pra você. – Trista sorriu seu sorriso espinhento. – Seja a irmã mais velha. – As duas foram andando, e Trista fitou mais uma vez a outra com curiosidade. – Será que seus pais vão se importar se eu ficar me correspondendo com vocês?

– Não sei. – Triss fez que não. – Eles não vão dizer que se importam, mas... acho que eles querem esquecer o que aconteceu e voltar tudo como era antes. – A menina mordeu o lábio. – A gente não pode, né? Ficou tudo diferente... não como eu pensava... partido.

No fundo do coração, Trista sabia que teria sido muito mais fácil para Piers e Celeste se ela tivesse morrido. Tudo ficaria mais simples e certo. Ninguém desejava isso para ela, é claro, mas teria sido uma história mordaz com um final. Seria possível fechar o livro, desprendê-la em suas mentes de sua amada Triss e tentar retornar ao conforto de sua rotina.

Contudo, ela não morrera, e não tinha nada de simples. Ela continuava respirando, por mais difícil que fosse, e ninguém teria o luxo de esquecer-se dela. Havia uma estranha peça nova no quebra-cabeça da família Crescent, moldando-a em novo formato, e eles teriam que lidar com isso dali em diante.

Teria sido mais fácil para os Crescents se Trista tivesse morrido. Só que mais fácil, ela pensou, não é o mesmo que melhor.

– Acho que eles não sabem o que fazer – Triss prosseguiu. – Eu não sei o que fazer.

– Você devia pedir para seus pais te colocarem de volta na escola – Trista respondeu num impulso. – Peça agora, enquanto eles não podem te dizer não.

– Quê? – Triss empalideceu. – Mas faz anos que não vou à escola! Não sei como eu... enfim... não posso!

– Escuta – disse Trista, virando-se para ficar de frente para seu outro eu. – Triss, estou mandando você pular.

Os hematomas de Violet se curaram, e ela zanzou irritada com uma bengala até que os médicos cederam e a liberaram. Piers pagou pelo conserto da motocicleta, e quando a moça deixou a clínica com Trista ao seu lado, lá estava a máquina esperando por ela, brilhante e gloriosa, um perigo.

Trista entrou no carrinho lateral. Parecia uma caverna sem Pen sentada dolorosamente no colo dela. Mas eu vou crescer e ocupar o espaço, ela se confortou. Ou será que não? Talvez eu fique com essa idade pra sempre, que nem o Peter Pan, mas com dentes mais afiados.

– Típico – Violet resmungou, depois fitou Trista e riu. – Presa num hospital por um mês. Somos as esquisitas, as que estragam tudo e não servem pra nada. Então nos escondem e dizem que estamos doentes.

Em sua mente, Trista lembrou-se de outros desajustados. Os Outros deslocados, sob a liderança maliciosa e pragmática do Picango, que tinha chegado a uma trégua apreensiva com Piers. E Jack, que recebera a notícia da partida iminente de Violet de Ellchester com calma solene, dizendo-lhe que já passara da hora de “despedir-se”.

O que vai acontecer com os desajustados? Somos como frutos maduros, e vamos apodrecer depois que caímos da árvore?

– Somos como fantasmas – ela disse em voz alta, um pouco triste. – O mundo real segue em frente. Empregos e famílias e histórias de jornal. E nós ficamos de fora.

– Não somos, não – disse Violet, com ríspida ousadia. – Eles são os fantasmas. Piers e Celestes e outros como eles. Tentam prender-se ao passado, ao modo como as coisas eram, fingindo que nada mudou. Tudo muda e parte e para de caber... e nós sabemos disso, mesmo com nosso relógio parado. O mundo quebra o tempo todo, e muda, e dança. Sempre mudando. É isso mesmo. É assim que tem que ser.

E Violet meteu um chute para acionar a motocicleta, feito um touro pisando para desafiar. Inclinou-se para a frente quando o motor soltou seu rugido feio e crepitante, e então a dupla ganhou movimento e velocidade, deixando para trás ultrajadas cercas e paisagens.

O céu estava um azul sem risco, pintado apenas pelos pontinhos que eram os pássaros. O sol ardia impiedosamente sobre os campos dourados, onde trabalhadores faziam o máximo que podiam para aproveitar a colheita devastada pela neve. Carros faziam curvas sem aviso, buzinando aqui e ali, os para-brisas sujos de poeira. Placas brilhavam em branco, prometendo Londres.

Os olhos de Trista ardiam com a poeira, com alegria, e com as teias de aranha que ela começava a aceitar. Seus pulmões e mente estavam cheios de vida – a vida como era mesmo, não como alguém lhe dizia que tinha de ser.

Este segundo é meu, e este, e este, e este...

Havia um colar invisível de agoras, esticando-se na frente dela ao longo da estrada curva e maluca, cada conta um segundo dourado. Não fazia ideia de quantos tinha. Talvez cem milhões, talvez menos de dez.

E ria, sabendo que a cada risco, a cada curva que faziam a toda velocidade, o colar podia ser quebrado, e suas contas, dispersas, perdidas na sarjeta. Tudo era possível. Nada era certo.

E isso, isso era maravilhoso.

SAIBA MAIS, DÊ SUA OPINIÃO:

Conheça - <http://www.novoseculo.com.br>

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta -  /NovoSeculoEditora

Siga -  @novoseculo

Assista -  /EditoraNovoSeculo

